



Cláudia Medeiros de Araújo

*A Representação da Mulher e as Questões de Gênero na Toponímia
Urbana de Caicó – RN*

*Natal – RN
Agosto / 2013*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PRÓ-REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA E ESPAÇOS
LINHA DE PESQUISA II: CULTURA, PODER E REPRESENTAÇÕES
ESPACIAIS

**A representação da mulher e as questões de gênero na
toponímia urbana de Caicó – RN**

CLÁUDIA MEDEIROS DE ARAÚJO

NATAL -RN
2013

FICHA CATALOGRÁFICA

CLÁUDIA MEDEIROS DE ARAÚJO

**A representação da mulher e as questões de gênero
na toponímia urbana de Caicó – RN**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, no Programa de Pós-Graduação em História, área de concentração em História e Espaços, Linha de Pesquisa II, Cultura, Poder e Representações Espaciais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do professor Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior.

NATAL – RN
2013

CLÁUDIA MEDEIROS DE ARAÚJO

A representação da mulher e as questões de gênero na toponímia urbana de Caicó – RN

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História, Área de Concentração História e Espaços, Linha de Pesquisa II: Cultura, Poder e Representações Espaciais, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pela comissão formada pelos professores:

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior
Departamento de História – CCHLA/UFRN
(Orientador)

Prof. Dr. Muirakytan Kennedy de Macêdo
Departamento de História – CERES/UFRN
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Manoel Pereira da Rocha Neto
Escola de Comunicação e Artes - Curso de Comunicação Social - UNP
(Examinador Externo)

Prof. Dr. Raimundo Nonato Rocha
Departamento de História – CCHLA/UFRN (Suplente)
(Examinador)

NATAL - RN
2013

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por sempre ter me dado força e inspiração de prosseguir na minha trajetória.

À minha família, especialmente meus pais, que depositam em mim todas as certezas e expectativas. Sei que vocês se orgulham imensamente por, apesar das minhas limitações físicas, ter conseguido ingressar numa pós-graduação. Saibam que sem o apoio de vocês esse projeto e tantos outros jamais teriam se concretizado.

À minha tia Margot e às meninas da Simetria, pela acolhida e solidariedade.

Ao professor Durval Muniz de Albuquerque Jr., com quem dividir opiniões, dúvidas e aflições. Seus conselhos e esclarecimentos foram fundamentais durante a realização dessa pesquisa. Também não posso deixar de destacar aqui, que antes de conhecê-lo pessoalmente já o admirava por ele ser um dos grandes nomes da historiografia brasileira e inspiração para as novas gerações de historiadores, por meio de seu profissionalismo. Hoje digo que o admiro também pela pessoa carinhosa, compreensiva e bem humorada que ele é.

A todos os professores do Programa de Pós- Graduação em História da UFRN, especialmente aqueles com quem tive aula. Vocês, mesmo sem saberem, me deram significantes e admiráveis contribuições para meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A todos os alunos que ingressaram no Programa de Pós- Graduação em História da UFRN, no ano de 2011, que tantas vezes envolvidos em fichamentos, seminários, pesquisas e artigos nos estressávamos, mas tudo terminava em alegria.

Aos funcionários da Escola Estadual Padre Edmund Kagerer, onde trabalho, que com compreensão e desapego, me estimularam em todos os sentidos para eu ingressar e permanecesse no Curso.

Aos bolsistas do LABORDOC (Laboratório de Documentos Históricos), cujo auxílio no trabalho foi imprescindível.

Aos professores Manoel Neto e Muirakytan Macedo pelas indicações e comentários, durante a banca de qualificação e defesa desse trabalho. Suas indicações de leitura e empréstimos de livros abriram-me novos horizontes de crítica e reflexão.

Ao geógrafo Carlos Medeiros, que me ajudou com a elaboração dos mapas e croquis; ao meu amigo Edilson Pedro, que me ajudou com a transcrição das entrevistas e com a busca de algumas fontes e a professora Ana Aline, pela revisão do meu trabalho.

A Yelbo e Pedrinho, com os quais sempre me deslocava de Caicó para Natal. A Patty, Ana Larissa e Seu Manuel com quem sempre ia e voltava da Universidade; que Deus sempre os protejam nestes caminhos cheios de curvas.

Aos meus amigos e amigas que sempre me estimularam e compreenderam as minhas ausências em momentos importantes.

A Fabio Cunha, pela paciência e carinho nos momentos difíceis desta pesquisa.

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela bolsa de estudo, sem a qual não realizaria este trabalho. Anseio retribuir à sociedade brasileira.

RESUMO

Este trabalho busca realizar uma investigação a respeito das relações entre identidades de gênero e a toponímia da cidade de Caicó. Para isso, discutiremos o porquê dos lugares serem nomeados, a prática de nomear os lugares, como também discutiremos o processo de escolha dos nomes dos bairros, ruas e praças da cidade. Desse modo, investigaremos as mudanças espaciais na cidade de Caicó desde sua formação, como vila, até a década de 1970. Esse recorte temporal foi escolhido com o objetivo de discutirmos o processo toponímico da cidade, além de termos verificado que os locais e logradouros públicos de Caicó com denominações femininas só surgiram a partir da segunda metade da década de 1960 e início dos anos 1970. Nesse sentido, optamos por investigar quem foram as primeiras mulheres caicoenses que tiveram seus nomes instituídos no espaço urbano; porque as mulheres só passam a ser homenageadas a partir da década de 1960; qual a importância e localização dos espaços que foram batizados com os nomes femininos; e que imagens de gênero estão presentes nessas homenagens.

Palavras-chave: Toponímia – lugar – espaço – gênero - Caicó

ABSTRACT

This piece wants to investigate the relations between gender identities and the toponymy in Caicó city. To do so, we will discuss the reason why places are named, the practice of naming places, so as the process of choosing the names of neighborhoods, streets and city public squares. Thereby, we will investigate the space changes in Caicó city since its formation, as a village, until the decade of 1970. This period of time was chosen in order to discuss the toponymic process of the city, besides having noticed that public places and locations in Caico with the feminine nominations only appear from the second half of the 60s decade and in the beginning of the 70s. This way, we preferred to investigate who were the first Caicó women to have their names in the urban space; why women only begin to have homage from the decade of the 60s on; what is the importance and the location of the places with feminine names; and what gender image is there on this homage.

KEY WORDS: toponymy – place – space – gender - Caicó

LISTA DE ILUSTRAÇÕES, MAPAS E QUADROS

MAPAS:

Mapa 1- Arraial do Queiquó.....	32
Mapa 2- Vila do Príncipe, século XIX.....	40
Mapa 3- Planta Circular, Século XIX.....	41
Mapa 4- Caicó-RN, Início do século XX.....	56
Mapa 5 - Caicó-RN, Primeira República.....	61
Mapa 6- Caicó –RN, 1950.....	71
Mapa 7- Caicó- RN, Décadas 1950-1960.....	81
Mapa 8- Caicó –RN, Anos 1970.....	85

FIGURAS:

Figura 1- Construção do Açude Itans (1932 -1935).....	63
Figura 2- Planta do complexo escolar, década de 1940.....	68
Figura 3– Arco do Triunfo.....	73
Figura 4- Chapa do Concurso de Sympathia (1916).....	122
Figura 5- Primeiro voto das norte-rio-grandenses	130
Figura 6 -Alistamento eleitoral de Martha de Medeiros.....	131
Figura 7- Júlia Medeiros votando em Caicó.....	132
Figura 8- Título de eleitor de Júlia Medeiros.....	133

SUMÁRIO

Introdução	13
A Toponímia Urbana da Cidade de Caicó: Para além de seu significado e importância como item de identificação	23
Formação e transformação da futura cidade de Caicó.....	26
Reflexões acerca dos novos tempos, novos lugares e novos topônimos.....	46
A presença da Igreja e das lideranças políticas no espaço urbano de Caicó.....	67
As Primeiras Mulheres Homenageadas na Cidade de Caicó	88
As mulheres do sertão seridoense em questão.....	89
As mulheres de / em Caicó a partir das vidas das homenageadas.....	101
O Lugar de Mãe Quininha, Generina Vale e Júlia Medeiros na Toponímia Caicoense	145
A ausência das mulheres na toponímia urbana de Caicó.....	146
Topônimos femininos de Caicó: suas interconexões e relações com o contexto histórico e cultural.....	149
A presença das mulheres na toponímia urbana da cidade de Caicó.....	162
Mãe Quininha.....	166
Generina Vale.....	169
Júlia Medeiros.....	170
Considerações Finais	174
Acervos, Fontes e Referências	180

INTRODUÇÃO

Introdução

Este trabalho surgiu como decorrência da leitura do artigo *Espaço e Memória nas 'Balas de Estalo' de Machado de Assis*¹, no qual a autora analisou de que maneira o cronista Machado de Assis destacou as alterações de denominações de ruas realizadas no Rio de Janeiro, entre os anos de 1883 e 1886, momento em que escreveu suas crônicas na seção *Balas de Estalo*, do jornal *Gazeta de Notícias*. Neste sentido, após a leitura desse artigo começamos a observar através das andanças por Caicó – RN² e tomando a leitura de jornais, revistas, fotografias, lista telefônica, livros e o mapa da cidade que a maioria dos nomes dos logradouros da cidade possuem nomes de políticos e pessoas abastadas que compõe as famílias tradicionais. Ainda conforme minhas andanças, observamos que as principais praças, avenidas e ruas consideradas de grande importância para o fluxo viário e atividades comerciais da cidade possuem nomes masculinos (Avenida Coronel Martiniano, Rua Renato Dantas, Avenida Otávio Lamartine, Praça José Augusto, Praça Eduardo Gurgel, Praça Dinarte Mariz, Praça D. José Delgado e Praça Monsenhor Walfredo Gurgel). Com isso, é perceptível ao consultarmos a lista telefônica e o mapa de Caicó, poucos antropônimos femininos.

Conforme dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Tributação e Finanças no ano de 2006, Caicó possuía, naquele ano, 616 logradouros públicos, sendo 89 com denominação feminina. É importante destacar que as discriminações de gênero são produzidas e reproduzidas nas mais diversas esferas, sendo a nomenclatura dos logradouros públicos uma delas. Nesse sentido, objetivamos realizar uma investigação a respeito das relações entre identidades de gênero e a toponímia da cidade de Caicó. Segundo Cláudio João Barreto dos Santos “a nominação de lugares acompanha a atividade humana desde tempos imemoriais. Nomeiam-se tanto os seres humanos quanto os lugares, permitindo-se a individualização e a consequente identificação unívoca das pessoas e dos lugares³”. O autor ainda enfatiza que os nomes dos lugares se constituem em documentos históricos que revelam acontecimentos

¹ CALLIPO, Daniela Mantarro. Espaço e Memória nas Balas de Estalo de Machado de Assis. In.: *Revista TriceVersa*. nov.2008-abr.2009.

² Caicó fica a 269 Km da capital do Estado do Rio Grande do Norte. Com 135 metros de altitude, sua localização geográfica corresponde a 6° 27' 28" de latitude sul e 37° 05' 52" de longitude oeste. Com uma área de 1220,4 Km², sendo o maior município em extensão territorial do Seridó. Conforme sua localização geográfica, Caicó se encontra em absoluto semi-árido nordestino, especificadamente no sertão seridoense, região marcada pela irregularidade das chuvas, precipitação pluviométrica média anual de 400 mm a 600 mm, temperatura média anual de 33 °C, baixa umidade e uma região delimitada pela vegetação de caatinga do tipo xerófito, onde encontram-se pereiro, macambira, xique-xique. MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Desvendando a Cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. Brasília, 1999.

³ SANTOS, Cláudio João Barreto dos. *Geonímia do Brasil: a padronização dos nomes geográficos num estudo de caso dos municípios fluminenses*, p.27

ocorridos em outros períodos. Ou seja, podemos afirmar que os nomes presentes nos mapas apresentam aspectos da história, simbolizam grandes feitos, homenageiam os ditos “heróis”, representam nossa identidade cultural; enfim, podemos assegurar que o tempo e a memória se inscrevem através desses nomes no espaço.

Também é importante enfatizar que a prática de nomear lugares deu origem à toponímia⁴ que possibilita reconstruir aspectos do passado histórico e de valores culturais de um grupo social, que residiu ou reside numa determinada área. Conforme Alexandre Melo de Sousa, a língua conjectura as expressões sócio-culturais, as perspectivas e os ideais de um povo. Assim o estudo da língua, possibilita descobrirmos acontecimentos históricos.

Sendo os topônimos concebidos como sendo bens patrimoniais, eles estão sujeitos às implicações do tempo: às permanências, às mudanças, ao esquecimento do seu sentido original, uma vez que se esquia dos acordos e da memória do povo. Esses aspectos possibilitam afirmar que a Toponímia possui duas dimensões: uma que se refere à nomeação de dado espaço geográfico (função toponímica) e outra no que diz respeito ao tempo (memória toponímica).

A prática de nomear locais públicos gerou uma tradição que ganhou importância, fazendo com que os locais deixem de ser simplesmente equipamentos utilizados pela população, para tornarem-se monumentos, espaços de celebração e inscrição de uma dada memória, fabricada em certo período. A memória

(...) é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; (...) a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, cesuras ou projeções⁵.

E o monumento tem o papel de reavivar as lembranças do morto, afastando da possibilidade do esquecimento, aquilo que é tão transitório que são os seres humanos tranquilizando-os no tempo. Busca-se com isso, legitimar determinado passado homenageando personalidades políticas como presidentes, governadores, coronéis, deputados e exaltados como heróis nacionais.

A palavra latina *monumentum* remete para a raiz indo-européia *men*, que exprime uma das funções essenciais do espírito (*mens*), a memória (*memini*). O verbo *monere* significa 'fazer recordar', de onde 'avisar', 'iluminar',

⁴ Toponímia (*Topos*: lugar + *Onyma*: nome). Disciplina que estuda a origem e a significação dos nomes de lugares, a qual compete à disciplina Onomástica, que é uma seção da filologia que pesquisa os nomes próprios. Localiza-se no âmbito da Lingüística designado Lexicologia.

⁵NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. In.: *Rev. Projeto História*. p.09

'instruir'. O *monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. Quando Cícero fala dos *monumenta hujus ordinis* [Philippicae, XIV, 41], designa os atos comemorativos, quer dizer, os decretos do senado. Mas desde a Antiguidade romana o *monumentum* tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura: arco de triunfo, coluna, troféu, pórtico, etc.; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte⁶.

Entende-se que os logradouros públicos se tornam monumentos, visto que recordam práticas dos indivíduos que um dia teriam colaborado para a edificação de uma dada localidade. O logradouro público, por ser uma obra pública, dificilmente se desliga de seu caráter monumentalizante, tanto para quem fica como responsável pela sua construção, como para quem ele pode servir de tributo com sua designação.

Percebe-se deste modo, a partir do exposto acima que quem é, e o que é significativo para um país, estado, região ou cidade é, de certa maneira aludido na toponímia. Daí, o estudo dos nomes dos lugares possibilitar a investigação do modo de vida, a ideologia e os valores culturais dos indivíduos que viveram ou vivem num certo espaço. No que se refere aos topônimos, eles funcionam como representantes ou símbolos da identidade de um dado grupo. Ainda é importante lembrar que

o topônimo não pode ser considerado apenas como uma unidade léxica genérica porque recobre funções sintagmáticas, de verdadeiros enunciados modais. Vários fatores concorrem para sua manifestação e fixação como vetor, ou seja, o tempo da enunciação e a efetivação do uso, quando o nome entra, de fato, na corrente onomástica. Passa-se, assim, do plano expressivo ao cognitivo propriamente dito, que conduz aos planos informativo e afetivo; este estágio garante a manutenção do emprego, num *continuum*⁷.

Desse modo, os nomes estão intensamente associados com o trajeto de vida dos homens que edificam e residem nos lugares, com a ocupação e o desenvolvimento socioeconômico desses lugares e com a origem etnolinguística dos indivíduos. Assim, Lévi-Strauss observou que no Estado de Santa Catarina as cidades de Joinville e Blumenau possuíam ruas com nomes alemães. Ou seja, podemos afirmar que os nomes desses lugares se constituem em testemunhos históricos do povoamento dessa região. E ele ainda deixou registrado em *Tristes Trópicos*, a prática dos fazendeiros doarem:

⁶ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*, p.1213

⁷ DICK, Maria Vicentina P. do Amaral. Aspectos de etnolinguística a toponímia carioca e paulistana contrastes e confrontos. In.: *Revista USP*, p.03.

(...) terras a uma paróquia. Assim nascia um patrimônio, aglomeração colocada sob a invocação de um santo. Outros patrimônios têm um caráter laico, quando um proprietário decidia fazer-se povoador e mesmo plantador de cidade. Batizava, então, a cidade com o seu nome: Paulópolis, Orândia; ou, por cálculo político, punha-a sob o patrocínio duma personalidade celebre: Presidente Prudente, Cornélio Procópio, Epitácio Pessoa...⁸

Nesse sentido, podemos dizer que Lévi-Strauss, observou que diferentes vilas ou cidades nasceram ao redor de capelas, igrejas ou monumentos de religiosidade e, no decorrer do tempo, vieram a gerar municípios, revelando o feitio antropológico da fé de nossos antepassados, como também a importância e o poder da Igreja, poder esse que excede aos domínios religiosos. Além disso, podemos afirmar que o ato de conceder terras aos bens de um santo era mais uma expressão dos vínculos entre as elites rurais - com seus negócios políticos e econômicos - e as construções materiais e simbólicas do catolicismo. No imaginário popular, enriquecer os santos era uma forma de garantir amparo diante de doenças, de epidemias, casuais insurreições de escravos ou assaltos de indígenas. Nesse sentido, “o santo é uma entidade que se basta e que não se esgota na dialética do significante e do significado⁹”.

Segundo Serge Gruzinski¹⁰, o imaginário não é precisamente alguma coisa ilusória, distinto do caráter científico, do mundo real. É alguma coisa que está em ligação com o mundo real e com as práticas e conhecimentos cotidianos, contudo ao mesmo tempo, não se liga apenas a elas. É uma dimensão na qual as sociedades estabelecem o modo por meio do qual observam o mundo e a si mesmas; é no campo do imaginário que convivem os problemas de ordem histórico-antropológicos. O imaginário é constituído - de maneira bem geral - de noções que dão significados, percepções e importância aos nossos saberes, práticas e experiências sensíveis. Enfim, podemos dizer que toda sociedade têm seus imaginários.

Devemos ressaltar que, particularmente no século XVIII, há uma diminuição na prática de batizar as localidades com nomes de santos, passando esses a evocar a realeza, o indígena, a natureza, a mitologia e os “heróis” nacionais. Isso se explica em razão do processo de formação da identidade nacional, por meio da construção do que seria uma memória e reconhecimento de uma cultura nacional. No período pós-independência, com implantação do Estado Nacional, estabelece-se a tarefa de esboçar uma representação para a "Nação brasileira", visando elaborar uma identidade própria no conjunto mais vasto das "Nações", conforme as novas idéias organizadoras da vida social do século XIX. Para isso foi criado

⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*, p.116

⁹ GRUZINSKI, Serge. *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner*, p. 265.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

Em 1838, tendo como modelo o Institut Historique, fundado em Paris em 1834 por vários intelectuais, entre eles dois velhos conhecidos do Brasil — Monglave e Debret —, forma-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (o IHGB), congregando a elite econômica e literária carioca. É justamente esse recinto que abrigará, a partir da década de 40, os românticos brasileiros, quando o jovem monarca d. Pedro II se tornará assíduo freqüentador e incentivador, com a maioria, dos trabalhos dessa instituição. A partir dos anos 50 o IHGB se afirmaria como um centro de estudos bastante ativo, favorecendo a pesquisa literária, estimulando a vida intelectual e funcionando como um elo entre esta e os meios oficiais¹¹.

No entanto, a edificação de um projeto nacional para uma sociedade assinalada pela escravidão e pela existência de sociedades indígenas abarcava problemas peculiares, tais como: a invenção de um discurso homogeneizador que veiculasse as demandas das minorias e o imaginário das elites. O discurso delineado para a Nação brasileira, que os poetas, músicos, pintores e cientistas vinculados ao Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) tomaram o cuidado de fortalecer, tende a produzir uma homogeneização da diversidade étnica e cultural do Brasil, reduzindo-o as suas elites e a cultura letrada que professavam.

D. Pedro e a elite política da corte se preocupavam, dessa maneira, com o registro e a perpetuação de uma certa memória, mas também com a consolidação de um projeto romântico, para a conformação de uma cultura ‘genuinamente nacional’¹².

O objetivo era o de inventar um passado e procurar permanências temporais e uma antiguidade para o país. Deste modo, a prática de nomear locais públicos gerou uma tradição que ganhou importância fazendo com que os locais deixem de ser simplesmente equipamentos utilizados pela população, para tornarem-se monumentos.

O primeiro monumento histórico construído no Brasil, na esteira do processo de "estatuamania", ocorreu no Rio de Janeiro, então capital do império, no ano de 1862. Trata-se da estátua equestre do imperador D. Pedro I, localizada na Praça Tiradentes. Sua construção e, principalmente, inauguração foram tumultuadas, o que bem revela a disputa simbólica de diferentes grupos sociais na constituição da imaginária urbana¹³.

Entretanto, conforme José Murilo de Carvalho¹⁴, com a Proclamação da República são inventados novos símbolos e monumentos para a formação de um novo imaginário. Portanto, o governo republicano, ao ser instaurado, buscará garantir-se por meio da imposição de uma

¹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: dom Pedro II, um monarca nos trópicos*, p.178

¹² Idem, *ibidem*, p.199.

¹³ ORÍ, Ricardo. *A História em Praça Pública: os monumentos históricos de Fortaleza (1888-1929)*, p.3

¹⁴ CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*, 1990.

nova simbologia. Desta maneira, em todo o país os governantes modificaram a denominação de ruas e cidades, substituindo os que continham relação com o Império, por outros associados à República. Sendo assim, é possível afirmar que quando acontece alguma modificação significativa na trajetória do país, os espaços são batizados e/ou rebatizados com a intenção de narrar essa modificação.

Nesse sentido, Anderson Dantas da Silva Brito¹⁵ se dedicou em compreender os imaginários que assinalaram o processo de denominação das espacialidades do estado do Rio Grande do Norte, nos momentos finais do Império e durante a primeira fase da República. Para isso, foi observado, por meio das denominações de algumas cidades, como o espaço norte-rio-grandense estava alinhado com a dinâmica imaginária da República. Dessa forma, percebeu-se um processo de redefinição das práticas nominativas em conformidade com a organização familiar Albuquerque Maranhão, o qual se manteve no poder entre 1890 a 1918. Essa família, sabendo que os nomes dos lugares operam como espécie de legalizares do poder político, se preocupou em afirmar seu poder político e econômico e construir uma memória que atendesse aos seus anseios. Para isso, buscou-se imortalizar a família batizando cidades, vilas, ruas, escolas e edifícios, entre outros, com o nome de seus membros. Na sequência, foi constatada uma nova dinâmica denominativa que ajudou a entender o processo de transição política do Litoral para o Sertão, ao mesmo tempo que afirmou o poder da elite política e econômica seridoense, a qual dominou o poder estadual nas duas últimas décadas da Primeira República.

Também na cidade de Mossoró, há a família Rosado que há décadas tem o controle político e do poder local. Esse clã visando autenticar o poder e a apropriação política daquele território,

(...) fazem da cidade uma geografia de uso político – uma geografia cuja apropriação também se dá pela nomenclatura – uma marca que cartografa a cidade: levando o nome dos Rosados para nomear ruas, praças, bairros, logradouros, conjuntos habitacionais, escolas, auditórios, instituições e monumentos.

Essa marca que se apropria da cidade não se fez só, ela se apoia e divide a nomenclatura que se lê nessa geografia, com a história – a memória- as rugosidades que sustentam o imaginário social. Essa geografia expressa nas formas da cidade se completa com o nome dos heróis, os fundadores da cidade, os comerciantes – sua primeira elite os abolicionistas, aqueles que retomaram o ‘sonho cosmopolitano’ e os que resistiram ao bando do cangaceiro Lampião.

¹⁵ BRITO, Anderson Dantas da Silva. *Em Nome(s) dos Interesses: Imaginários toponímicos do Rio Grande do Norte na Primeira República*. Dissertação. Natal, 2012.

Um lugar mitológico que escreve suas ‘legendas’ que, como lendas, requer uma narrativa que conte, por meio de tudo que está grafado no território da cidade essa história de liberdade, bravura, resistência¹⁶.

Percebe-se pelo exemplo dos dois clãs políticos que um grupo social é suscetível de determinar o discurso do memorável. Também Ricardo Tupiniquim Ramos¹⁷, ao analisar a toponímia do estado da Bahia, nos informa que o distrito interiorano de Mimoso do Oeste teve seu nome alterado, no ano de 2000, para Luís Eduardo Magalhães. O mesmo era filho de Antônio Carlos Magalhães e morreu no ano anterior. Seu pai era uma liderança política do oeste baiano daí

(...) uma liderança do oeste baiano propôs à Câmara de Vereadores do município de Barreiras a alteração, por Lei, do nome do seu principal distrito fora de sede, de Mimoso do Oeste para Luís Eduardo Magalhães, sugestão prontamente aceita. Em menos de seis meses, essa mesma liderança propôs à Assembléia Legislativa a emancipação do distrito, o que foi votado e aprovado em março do ano seguinte, numa onda de homenagens menos ao filho que ao pai, que incluiu a atribuição do nome daquele ao aeroporto da capital baiana, a inúmeras escolas estaduais e a parques metropolitanos, ruas, praças, avenidas, etc. Após a emancipação, Luis Eduardo Magalhães passou a ser o município que mais cresce na Bahia, não só pelo seu dinamismo econômico e populacional, como também por sua capacidade de atrair investimentos externos e pela prodigalidade de investimentos estaduais aí alocados¹⁸.

Nesse sentido, a toponímia exerce a função de afirmação do poder, de reprodução social e de homenagem. Ou seja, os nomes dessas pessoas passam a fazer parte da história oficial; bem como aquilo que eles representaram em vida é congregado à identidade da sociedade a qual ele serviu para receber a homenagem. Assim, pelo que foi discutido acima podemos afirmar que os espaços construídos e nomeados pelo poder público são capazes de contar histórias. Nomes de ruas, avenidas, praças, espaços públicos se tornam privados pela imposição de um nome. O discurso do crível, ao nomear a cidade, transforma seus espaços em habitáveis. Os nomes são outorgados pelo governo da cidade que fixa códigos, leis, propaga projetos e tenta desempenhar atos circunspectos nesses espaços urbanos, ou seja, eles são imaginados para a consolidação de práticas supervisionáveis. Em outros termos, “satura de significados alguns lugares e os reduz a eles, a ponto de os tornar irrespiráveis¹⁹”. A nomeação dos logradouros públicos acaba estimulando uma relação de poder, a qual nos

¹⁶ FELIPE, José Lacerda. A (re)invenção do lugar: Os Rosados e o “país de Mossoró”. In.: *Revista Território*, p.46.

¹⁷ RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios da Bahia: descrição, história e mudanças*. Tese, Salvador, 2008.

¹⁸ Idem, ibidem, p.219-220.

¹⁹ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano I*, p.187.

ajudará a interpretar a procedência do nome de um lugar, bem como o propósito e o poder que se encontra por trás do ato de nomear um logradouro público. Nesse sentido, a cidade é um lugar de recordações, memórias, ausências e poderes.

Para o filósofo Michel Foucault²⁰, uma sociedade sem relações de poder é uma ilusão. Para ele, a estrutura social seria percorrida por inúmeras relações de poder, as quais não se centram somente em um local particular, pois são como uma força que permeia todo o corpo social. O poder não é apenas uma instância negativa, mas também uma força produtiva capaz de produzir coisas, gerar prazeres, construir saberes e produzir discursos. As relações de poder se acham nas mais diferentes práticas sociais, a exemplo da nomeação dos lugares, aqui entendidos no aspecto de estarem atravessados por relações de poder. Neste sentido, a existência do componente poder se encontra na ação de escolher o nome dos lugares.

Ainda podemos dizer que a toponímia se institui como um lugar estratégico para o poder pois, o mesmo “(...) é toponímico, e instaura a sua ordem de lugares dando nomes²¹”. Entretanto, tão interessante quanto a análise das estruturas de poder que tendem a influência de determinado grupo social, é assinalar suas transformações, circunscrições e conflitos.

É também significativo destacar que a seleção de um nome próprio não se dá de forma casual, existe um sistema de idéias, valores e interesses, isto é, existe um propósito por trás de cada nome. O espaço, a partir do instante em que é denominado, reflete tudo aquilo que simboliza, cumulativamente, costumes, atitudes, modos, ética, crenças e emoções. Daí, Cláudio João Barreto dos Santos²² nos lembrar que há uma relação sentimental entre o lugar e o ato de nomear. Possibilitando-nos pensar as origens psicossociais dos nomes dos lugares. Assim Francisco Foot Hardmann nos relata que:

Num mapa de cidades fugazes e errantes [encontrou] nomes que designavam também sonhos renovadamente dissipados pelos naufrágios fluviais e demais desastres da mãe-natureza, como Remate dos Males, Novo Lugar, Forte de Veneza, Talismã, Novo Amparo, Boa Esperança, Novo Destino, Novo Triunfo, Silencio de Cima, Novo Mirador, ultrapassada a tênue linha demarcatória daquelas ‘ilhas da Consciência’, já não havia mais espaço-tempo para as ilusões do progresso evolutivo²³.

Posto isso, nossa idéia inicial era catalogar e analisar os antropônimos femininos da cidade de Caicó, do ponto de vista quantitativo e qualitativo. Entretanto, em razão de uma

²⁰ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*, 2003.

²¹ CERTEAU, Michel de. *Op. Cit.*, p.216.

²² SANTOS, Cláudio João Barreto dos. *Op. Cit.*

²³ FOOT HARDMAN, Francisco *A vingança da Hileia*: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna, p.80

reforma no prédio da Câmara Municipal de Caicó, alguns livros de atas desapareceram, outros acabaram se deteriorando. Nesse sentido, ficou inviável analisar os mecanismos de nomeação abrangendo o sexo feminino, atentando para as relações entre o número de denominações e o contexto sócio-histórico- cultural do denominador.

Diante desse impasse, optamos por analisar os primeiros lugares públicos da cidade de Caicó que foram batizados com nomes de mulheres caicoenses. Esses lugares são a Maternidade Mãe Quinha, nomeada no ano de 1966, e as ruas Generina Vale e Júlia Medeiros, batizadas no ano de 1973. Nesse sentido, tomaremos aqui os nomes das homenageadas com o objetivo de investigar o contexto histórico e social das homenageadas e das homenagens.

Ainda é importante sublinhar que o conceito de gênero será utilizado aqui como pano de fundo, pois o mesmo diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais estabelecidas a partir da diferença biológica dos sexos. Ou seja, enquanto o sexo se refere a características biológicas; o conceito de gênero diz respeito ao desenvolvimento das idéias de ‘masculino’ e ‘feminino’ como construção social. Desse modo, podemos afirmar que gênero representa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não resultado da anatomia de seus corpos. Também devemos ressaltar que o conceito de gênero surgiu de um diálogo entre o movimento feminista, teóricas e grupos de pesquisadoras em universidades.

Além disso, é significativo sublinhar que o feminismo foi um movimento social que “(...) constituiu as mulheres como atrizes na cena pública, que deu forma a suas aspirações, voz a seu desejo. Foi um agente decisivo de igualdade e de liberdade. Logo de democracia.²⁴”. O feminismo surgiu no final do século XIX, vindo se fortalecer entre as décadas de 1960 e 1970; período em que Caicó ganha suas primeiras ruas com denominações femininas.

Desse modo, podemos afirmar que o nosso trabalho poderá favorecer uma maior conscientização social a respeito da seleção de nomes de locais públicos, na medida em que se compreende que a ação de denominar locais públicos como uma ação política e social. A prática de nomear lugares está relacionada à memória que se quer construir para uma dada comunidade, mas ela está atravessada por relações de poder, uma vez que estes nomes não são escolhidos fora do domínio do poder local. Conforme, o Artigo 29 da Lei Orgânica do Município de Caicó²⁵, é atribuição da Câmara Municipal, inciso “XVI - autorizar a alteração da denominação de prédios municipais, vias, bairros e logradouros públicos”; sendo da

²⁴ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*, p. 162.

²⁵ Lei Orgânica do Município de Caicó, 1990, p.11

competência do prefeito conforme artigo 57, inciso “XIX - oficializar as vias e logradouros públicos, mediante denominação aprovada pela Câmara²⁶”.

Consideramos assim, que o objeto de nossa dissertação se situa no campo da relação entre História e Espaço e se associa à linha de pesquisa Cultura, Poder e Representações Espaciais, na medida em que todas as cidades do planeta têm seus locais públicos, e eles ressoam na existência dos indivíduos dos mais diferentes modos: tecem a identidade de uma urbe, dão racionalidade logística e possibilitam que seus habitantes olhem-se perante a si próprios e de sua história.

Assim, no tocante às fontes além de obras de historiografia local, realizamos uma investigação em atas presentes na Câmara Municipal de Caicó, também buscamos alguns jornais presentes no Laboratório de Documentação Histórica –LABORDOC- UFRN- Campus de Caicó, além do mais, realizamos entrevistas com o Senhor Francisco de Assis Medeiros, na época prefeito de Caicó e que nomeou a primeira rua de Caicó com denominação feminina. Ainda entrevistamos familiares, amigos e estudiosos das personalidades homenageadas, procurando discutir a representatividade desses nomes para a história da cidade.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado *A toponímia urbana da cidade de Caicó: para além de seu significado e importância como item de identificação* discutiremos as mudanças espaciais na cidade de Caicó desde sua formação, como vila, até a década de 1970. Esse recorte temporal foi escolhido com o objetivo de discutirmos o processo toponímico da cidade, além de termos verificado que os primeiros espaços públicos de Caicó com denominação feminina só surgiram entre o final da década de 1960 e início da década de 1970.

Já no próximo capítulo, denominado *As primeiras mulheres homenageadas na cidade de Caicó*, dedicaremos atenção à história das mulheres caicoenses, tomando as vidas de Joaquina Dantas Gurgel, Generina Vale e Júlia Augusta de Medeiros, como fio condutor. Pretendemos contextualizar a história das mulheres homenageadas no período em que elas nasceram e cresceram. Para isso, discutiremos o imaginário social instituído a respeito da mulher dentro da sociedade brasileira, discutindo a relação existente entre a modernidade e a emancipação das mesmas, como também os lugares ocupados pelas mulheres na cidade de Caicó.

E no último capítulo, intitulado *O lugar de Mãe Quininha, Generina Vale e Júlia Medeiros na toponímia caicoense* objetivamos investigar os três primeiros antrotopônimos

²⁶ Ibidem, p.19

femininos que homenageiam três caicoenses, com a finalidade de descobrir as razões que influenciaram na denominação desses lugares. Para isso, buscaremos inicialmente descobrir o porquê da ausência das mulheres caicoenses na toponímia urbana de Caicó. E depois buscaremos perscrutar como o movimento feminista refletiu na vida das mulheres caicoenses e que conceito de mulher são representados a partir dos antrotopônimos Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale.

Capítulo I

*A Toponímia Urbana da
Cidade de Caicó: Para além
de seu significado e
importância como item de
identificação*

Capítulo I

A Toponímia Urbana da Cidade de Caicó: Para além de seu significado e importância como item de identificação

Esse capítulo trata da nomenclatura dos logradouros públicos da cidade de Caicó. Para isso relacionaremos o léxico da toponímia urbana da urbe à cultura e à história desta sociedade buscando compreender os sentidos e a função da toponímia na formação e transformação do espaço urbano da cidade de Caicó, considerando o contexto histórico e social em que os espaços da cidade foram nomeados.

Neste sentido, dividiremos esse texto em três tópicos, o primeiro tópico intitulado *O espaço e a transformação urbana da futura cidade de Caicó*, discutiremos os significados e a função dos topônimos na formação e modificação da urbe. Assim sendo, buscaremos perceber por meio dos nomes dos lugares a relação simbólica que os habitantes do Príncipe, desenvolveram com esses lugares, pois segundo Yi-Fu Tuan, uma pessoa pode experimentar um lugar tanto de forma íntima como conceitual. Neste ponto de vista, a forma íntima relaciona-se com os que vivem no lugar, e o conceitual, com os que chegam a este lugar. Nessa perspectiva, faremos uso das idéias de espaço, tempo, lugar, técnica entre outros; para isso, se tornou necessário dialogarmos com autores como Milton Santos e Yi -Fu Tuan.

Já no segundo tópico, intitulado *Reflexões acerca dos novos tempos, novos lugares e novos topônimos*, é importante ressaltar que com a mudança do sistema político, o Brasil passou a ser uma república dependente da exportação de produtos primários, o poder ficou nas mãos das oligarquias, as cidades passaram a sofrer transformações e as elites passaram a defender que o país deveria se modernizar e buscar o progresso conforme o modelo europeu. Nesse contexto, os ideais de progresso e civilização moveram a elite de Caicó as quais passaram a transformar a configuração urbana da cidade e alterar sua toponímia. Desse modo, buscaremos interpretar o sentido e o universo de cada nomeação. Ou seja, procuraremos identificar o que se encontra articulado com o processo de escolha de cada nome de rua, prédio e outros espaços que foram sendo construídos e reconstruídos na cidade de Caicó.

Já no terceiro tópico intitulado *A presença da Igreja e das lideranças políticas no espaço urbano de Caicó*, almejamos analisar a relação entre toponímia e poder, demonstrando como o tributo aos detentores do poder secular do Estado e do poder religioso da Igreja e à própria Instituição religiosa, estarão presentes nas estátuas, monumentos e na toponímia de

Caicó, entre 1950-1970. Ainda é importante destacar que muitos membros de famílias tradicionais ocuparam o poder político, econômico e religioso na cidade e no Estado.

Ainda devemos frisar que ao longo do capítulo vamos fazer uso de uma série de croquis²⁷ e plantas, no entanto, é importante destacar que os mesmos não serão pensados aqui simplesmente como uma representação que mostra um conjunto de bairros, ruas, praças e logradouros públicos, os quais se reúnem em um mesmo espaço geográfico. Para Jeremy Black²⁸, a função do espaço, sua produção e emprego em termos humanos e para fins humanos, é cada vez mais considerado como digno de análise, e como pressuposto de questões examinadas. Assim, o autor define o espaço por meio de suas representações cartográficas, concebendo as transformações que as formas espaciais vão adquirindo ao longo do tempo, pois para o autor o caráter “(...) de nossa interpretação do espaço e das relações espaciais é relevante e os atlas históricos, fornecem meios para avaliar como isso mudou através do tempo.²⁹”. Nesse sentido, a partir da leitura desses croquis e planta, juntamente com outras fontes, buscaremos enfatizar as transformações no traçado e na aparência da cidade.

Formação e transformação da futura cidade de Caicó

Segundo Milton Santos³⁰, o espaço é um conjunto de fixos (tudo aquilo que se encontra estabelecido em um lugar), e fluxos (produto das ações realizadas no espaço). Ele também chama atenção para as relações sociais presentes em um território formado e por último, ele afirma que o espaço “(...) é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais.³¹”. Nesse sentido, o autor defende que o espaço geográfico deve ser apreciado como um conjunto do qual não pode ser independente, onde há, de um lado, certa disposição de objetos geográficos, naturais e sociais e, de outro lado, a vida que os completa e anima, isto é, a sociedade em circulação.

Milton Santos ainda defende que o espaço é a união de diferentes tempos. Segundo o autor, o espaço e o tempo são categorias inseparáveis, as quais possibilitam cogitar acerca do espaço como coexistência de tempos. Estabelece-se assim, diversas formas de coexistir,

²⁷ Elaborados pelo geógrafo Carlos Medeiros em parceria com a autora, possuindo como base uma planta da cidade, disponível na Prefeitura Municipal de Caicó.

²⁸ BLACK, Jeremy. *Mapas e História: construindo imagens do passado*, 2005

²⁹ Idem, *ibidem*. p.11

³⁰ SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*, 1988.

³¹ Idem, *ibidem*. p.22

consolidações distintas e por decorrência espaços geográficos complexos. Devemos ainda priorizar que as paisagens reproduzem os usos que as pessoas fazem do espaço e são a materialidade dos sinais e inscrições humanas. Na realidade, os homens sempre ocuparam e se moveram no espaço. Assim, a natureza é sempre modificada, pois é dela que tiramos o nosso sustento.

Ainda é importante destacar que o ambiente físico sempre foi o celeiro do homem e que a superfície da Terra é um dos meios de produção do ser humano. Também é significativo ressaltar que a apropriação da superfície da Terra, como meio de produção, constitui as relações que as sociedades humanas estabelecem entre si. Desse modo, a extração do ambiente físico dos bens que atendem às necessidades humanas, depende dos fatores naturais, das relações sociais e do nível de desenvolvimento tecnológico alcançado.

Para Milton Santos³², em qualquer momento histórico o espaço humano é resultado da produção. Produzir significa extrair do meio natural os elementos imprescindíveis à reprodução da vida. Para existir produção, o homem se relaciona com o meio natural por meio de técnicas, que se constituem na forma essencial de relação entre o homem e o meio natural e é representada por meios instrumentais e sociais, e faz parte de forma ativa na produção e reprodução do espaço. Também é importante ressaltar que a técnica se estabelece e se sobrepõe de diversas formas, criando espaços distintos; entretanto, não independentes entre si.

Assim, a partir das leituras de Milton Santos podemos afirmar que as relações homem e meio natural se transformam conforme o tempo e o espaço. O autor ainda destaca que os objetos e a disposição de objetos são construídos, reconstruídos e desconstruídos para atender à dinâmica produtiva, social e espacial de um determinado período. Desta maneira, as formas de produzir se modificam; as relações entre o homem e o meio natural se alteram e a distribuição dos objetos elaborados pelo homem se transforma. Com isso, há uma nova organização do espaço geográfico, transformando a área onde se vive.

Milton Santos ainda afirma que, para se compreender a produção do espaço em qualquer momento, é vital tomar em conjunto a forma³³ (objetos e arranjos de objetos os quais formam o espaço), a função³⁴ e a estrutura (a inter-relação de todas as partes de um todo), pois os movimentos da totalidade (sociedade) alteram as relações entre os elementos, modificam

³² SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*, 1996.

³³ Utilizamos o conceito de forma a partir da idéia de que a mesma se constitui em uma "(...) estrutura técnica ou objeto responsável pela execução de determinada função. As formas são governadas pelo presente, e conquanto se costume ignorar o seu passado, este continua a ser parte integrante das formas. Estas surgiram dotadas de certos contornos e finalidades- funções." SANTOS, Milton. *Espaço e Método*, p.51

³⁴ O conceito de função é utilizado aqui a partir da idéia de que a mesma "(...) está diretamente relacionada com sua forma; portanto, a função é a atividade elementar de que a forma se reveste (...)" Idem, *Ibidem*, p.51.

métodos e estimulam incumbências. Para o autor, os lugares³⁵ se transformam em uma disposição de mudanças que se distinguem no decorrer do tempo. Também para o autor na relação homem–natureza, o emprego da técnica, da ciência e da informação implica no aparecimento da segunda natureza. Essa transformação do meio natural em artificial demanda a imposição de sentidos e intencionalidades ao mundo vivido. Ou seja, os vínculos entre a sociedade e a natureza é a da passagem de um meio natural dado a um certo grupo social, através de um meio transformado por esse mesmo grupo.

Portanto, a distinção entre as mudanças é fruto ao mesmo tempo da periodização histórica e de seus modos de espacialização. Nesse sentido, a percepção elementar de movimento da totalidade no tempo e no espaço justificam a idéia de que o espaço é formado no e pelo movimento da totalidade social, a qual “(...) sofre uma mudança, as formas ou objetos geográficos (tanto os novos como os velhos) assumem novas funções; a totalidade da mutação cria uma nova organização espacial.³⁶”

Assim sendo, a partir das discussões de Milton Santos, devemos ressaltar que o conjunto de técnicas empregadas em tempos anteriores não era o mesmo em todo o mundo. Entretanto, a expansão do sistema capitalista implicou na grande propagação das técnicas, passando a ter características especiais. Nesse sentido, no final do século XV, a navegação desenvolveu-se, o mar se tornou mais seguro, o comércio se ampliou, a América foi encontrada e invadida pelos europeus. Todos esses fatores reunidos acarretaram uma transformação radical do espaço geográfico.

Desta maneira, no final do século XV, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Tordesilhas, que dividindo o Novo Mundo em duas partes: o leste ficou com Portugal e o oeste com a Espanha. Na área portuguesa passou a se desenvolver a monocultura de açúcar, a qual passou a ser produzida no século XVI, no litoral da região que conhecemos hoje por Nordeste. A colônia Portuguesa se submetia a uma série de compromissos em relação à metrópole. Desse modo, a colônia só podia manter relações comerciais com a metrópole e era proibida de possuir indústrias. Deste modo, esse tipo de exclusivismo colonial era de extrema importância para a economia da metrópole. No começo eram exportados para a Europa matérias primas de clima tropical, a exemplo da cana de açúcar. Com isso, empregava-se abertamente na colônia americana um pacto colonial. Portanto, essa atividade econômica se transformou na atividade hegemônica e fundamentou os alicerces da exploração e da

³⁵ “O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam (...) mas que não tem autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem.” Idem, *Ibidem*, p.17-18.

³⁶ Idem, *ibidem*, p.49

estabilidade social e política da colônia. Nesse sentido, a colônia portuguesa agregava-se ao sistema Mercantilista, o qual teve como

(...) conseqüência imediata desta forma de extração de lucro na colônia foi o quase desprezo pelas atividades acessórias ao modo de vida dos colonos, relegadas ao setor de subsistência. Poucos produtos adviriam do solo brasileiro para consumo na própria colônia, somente aqueles que Portugal não poderia abastecer. O gado fornecedor de carne e ruminante força motriz dos engenhos foi um deles³⁷.

O gado era utilizado nos engenhos de açúcar como força de tração e como fornecedor de carne para o consumo da população. Entretanto, sua criação passou a ser inviável, pois a empresa açucareira passava a requerer cada vez mais terras para a produção da cana-de-açúcar. Também é importante destacar que o gado, além de ocupar as terras, também destruía as plantações. Assim, a Carta Régia de 1701, passou a proibir o criatório a menos de 10 léguas do litoral. A pecuária aparece, por sua vez, como atividade complementar aos canaviais, sendo expulsa do litoral pela expansão da monocultura canavieira. Desta forma a partir do começo do século XVII, a pecuária torna-se mais autônoma, ocupando terras cada vez mais para o interior, pois o aumento dos rebanhos demandava vastas áreas de terras para os pastos. E é nesse momento que a pecuária pode ser vista como o fator motivante

(...) da ocupação e do povoamento de Caicó confunde-se com a própria história do Seridó (...) A estrutura mercantil de produção (...) fez emergir (...) uma divisão social e territorial do trabalho, em que a Zona da Mata (litoral) especializou-se na produção de cana-de-açúcar, enquanto o Sertão (interior), cuja ocupação transcorreu pelos séculos XVI, XVII e XVIII, tornou-se, pelas suas condições naturais, a região ideal à criação de gado³⁸.

Essa atividade econômica trouxe para o interior técnicas diferentes daquelas conhecidas pelos indígenas. Enquanto os indígenas possuíam uma forma de viver e utilizar o território, assinalado pela caça, pesca, coleta, agricultura, artesanato, os colonizadores passaram a formar seus pastos e construir seus currais nas ribeiras dos rios. “A sobreposição de um modo de produção sobre o outro vai aos poucos se perfazendo e as mudanças, nas divisões territorial e social do trabalho, vão também se configurando, isso tudo como resultado de novos usos e (ab)usos do território.³⁹” Com isso, devemos destacar que para Milton Santos o território é uma expansão do espaço, expansão consolidada com a interação,

³⁷ MACEDO, Muirakytan Kennedy. *A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense*, p.31

³⁸ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.35

³⁹ FARIA, Carlos Eugênio. *Eventos geográficos e a expansão urbana de Caicó: Desigualdades e coexistências na urbe*. Dissertação, Natal, p.88.

revelada por meio de um outro elemento significativo: as ações que acopladas aos objetos articulados e atos associados em um sistema, criam o espaço. Deste modo, a categoria território nos remete à ideia de lugar, que para Milton Santos, é consequência de uma dialética entre razão global e razão local. Daí podemos afirmar que técnica e território vivem uma relação mútua de formação.

Vale sublinhar que o colonizador português e depois, pernambucanos, paraibanos e baianos passaram a construir seus currais, em enormes glebas do semi-árido, às margens dos rios e fontes de água e praticar a pecuária extensiva, nas terras que antes eram ocupadas pelos indígenas. No período colonial, raro era o centro urbano que não se encontrava associado a um curso d' água. E várias foram as razões dessa prioridade: o abastecimento d' água para o uso doméstico e/ou para os rebanhos, a obtenção de gêneros alimentícios, seja por meio da pesca, da caça e da agricultura, bem como facilitava a comunicação entre os contatos regionais.

Desse modo, os currais se transformaram em 'verdadeiras' sementes de construção de fazendas, as quais iriam marcar a paisagem da organização socioespacial seridoense, e esta ocupação possuía o objetivo de ocupar o sertão com pessoas e animais, construir habitações e currais. A ideia era ocupar os espaços com amplas áreas de pastagens e vastos currais, com a finalidade de abastecer de carne e seus derivados as cidades coloniais do litoral. Desse modo, devemos afirmar que Caicó nasce profundamente atrelada ao processo de colonização do espaço litorâneo/sertanejo dos séculos XVI ao século XIX, possuindo como primeira atividade econômica as fazendas de gado, a técnica do criatório e uma embrionária agricultura.

A pecuária que exigia um baixo nível técnico, passou com isso a se estabelecer no espaço indígena, entretanto esse estabelecimento não se deu de forma pacífica, pois, os colonizadores acabaram desbravando, subjugando e se apossando das terras dos indígenas. Os indígenas sentindo-se desprovidos da pesca, da caça e da coleta abatiam os bois e cavalos dos colonos, que não aceitando a morte de nenhum animal de seu rebanho, pediam autorização ao rei de Portugal para exterminar populações inteiras de indígenas, além do direito de se apossarem de suas terras, com isso a luta pela posse e o uso da terra correspondia a única chance dos indígenas sobreviverem surgindo as Guerras dos Bárbaros (1683-1713).

No ano de 1676, quando os ânimos não deviam ser amistosos entre brancos e índios Tapuias, o sesmeiro Manoel Gonçalves Diniz aparece como expoente de toda a região, no Acauã, Acari e Currais Novos. 'A concessão ocorreu aos

23 de março de 1676, começando a extensão das terras a partir da barra do rio Acauã abrangendo uma área equivalente a quinze léguas, em quadra⁴⁰.

Conforme Douglas Araújo, o Seridó potiguar foi um dos principais palcos de luta entre os colonizadores e os indígenas Tapuia. Esses combates se iniciaram com os ataques dos Tapuias, no ano de 1686. Ainda segundo Helder Alexandre Medeiros de Macedo, no decorrer desses combates duas pequenas fortificações foram edificadas no solo do sertão do Rio Grande, com a finalidade de defender os colonos e as tropas militares dos ataques dos indígenas. Uma das edificações se localizava na confluência do Rio das Espinharas com o Piranhas, entre os municípios de Serra Negra do Norte e Jardim de Piranhas. Já a segunda fortificação foi edificada, no ano de 1683, e se denominava Casa Forte do Cuó⁴¹ às margens do rio Acauã (atual rio Seridó)⁴².

Durante o período das Guerras dos Bárbaros foi celebrado um tratado de paz entre os janduís e o Capitão-Mor do Rio Grande, Bernardo Vieira de Melo. Como consequência, começou a ser edificada a Capela da Senhora Sant'Ana⁴³, do Vale do Acauã⁴⁴, nas proximidades do chamado Poço da Casa Forte do Cuó⁴⁵. Ainda devemos lembrar que a Casa Forte do Cuó se localizava “(...) à beira do poço de Santana (...) local escolhido pela excelência da posição estratégica⁴⁶”. Daí Carlos Eugênio de Faria ter sublinhado que, a exemplo dos povoados do interior do Norte, a futura cidade de Caicó possuía como ponto de

⁴⁰ ARAÚJO, Douglas. *A Morte do Sertão Antigo no Seridó: o desmoronamento das fazendas agropecuárias em Caicó e Florânia (1970-1990)*, p.49

⁴¹ Termo utilizado pelos “(...) tapuias janduis e canindés ao grande rio que, proveniente das vertentes da atual Serra de Santana, descrevia no seu itinerário um longo arco, desaguardo após cerca de vinte e cinco léguas de curso, no Rio Piranhas.” MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal. p. 5-6.

⁴² MACEDO, Helder de Alexandre de Medeiros. *Ocidentalização, territórios e populações indígenas no sertão da Capitania do Rio Grande*. Natal, 2007, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. p.163

⁴³ “A história oficial nos conta que essa primitiva Capela foi erguida em 1695, nas proximidades da Casa Forte do Cuó (ou Acauã), mais ou menos entre os anos de 1683 e 1697, pelo comandante das tropas militares e seus ajudantes que combatiam alguns índios que haviam se rebelado. Segundo a cultura local, foi um milagre que motivou a entronização da Senhora Sant'Ana naquela capelinha, erguida sem ostentação, em meio a pedras e cactos da vegetação nativa, já os estudiosos referem-se à popularidade da santa entre os colonos brasileiros, com culto público celebrado em templos religiosos e devoção privada dentro dos lares, em volta dos oratórios domésticos. Modelo de Mãe e Mestra exemplar, Sant'Ana era tida como padroeira dos mineiros, marceneiros, proprietários de terras (esparcando benções sobre as fazendas) e defensora das mulheres casadas, ao protegê-las da morte súbita de seus maridos. Essa devoção venerável foi introduzida no Seridó pela fé do vaqueiro e do senhor (sesmeiro e comandante de tropas) que adentraram nessas terras pelos “caminhos das águas,” rasgando as distâncias para desafiar o intrincado da caatinga e o solo de pedregulhos, áspero e cortante.” BRASIL. Ministério da Cultura. *Dossiê IPHAN [Festa de Sant'Ana]*, p.13

⁴⁴ “O território, atualmente representada pela cidade de Caicó, estava localizado ‘(...) à margem do então denominado RIO QUEIQUÓ, que significava, na linguagem própria dos tapuias, janduis e canindés, o mesmo que o rio Acauã (este, no idioma tupi)” ARAÚJO, Marcos Antonio Alves. *Sobre pedras, entre rios: Modernização do Espaço urbano de Caicó (1950/1960)*. Dissertação, Natal, p.56

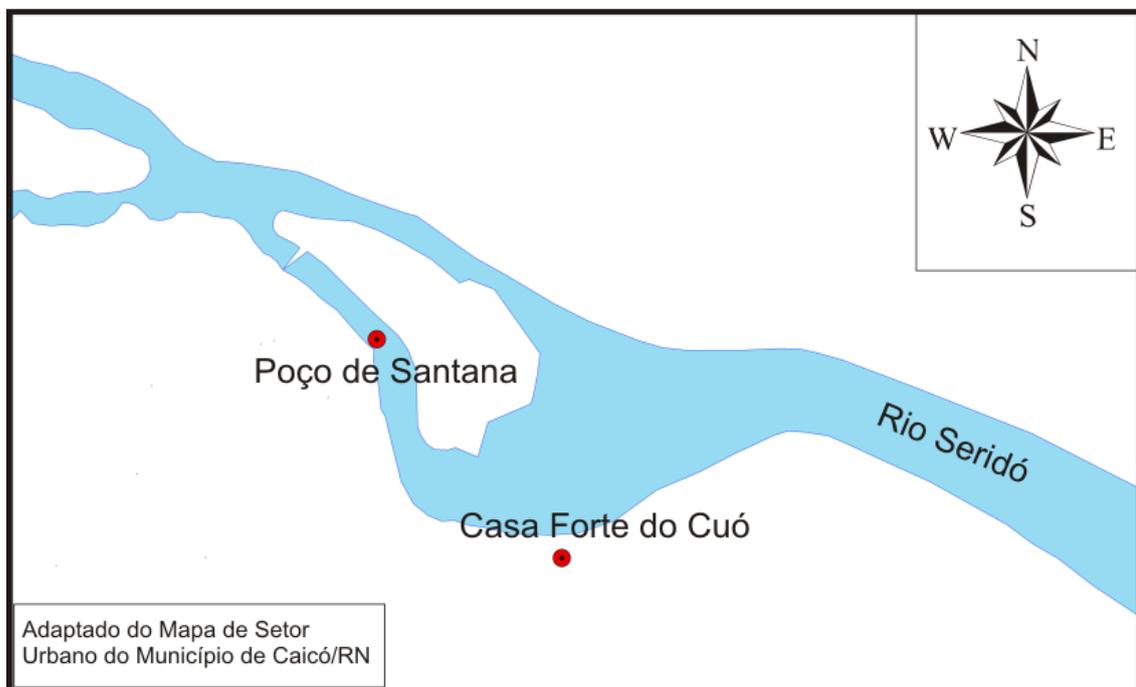
⁴⁵ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.41

⁴⁶ MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Op.Cit.* p.5

partida uma capela, construída em uma parte mais alta, sem esquecer-se da proximidade com um poço⁴⁷ no leito do Rio Seridó, principal elemento na escolha do sítio. No que diz respeito à capela

(...) se constituiu na origem de uma formação territorial, que se expandiria e ascenderia a categorias mais elevadas, como é o caso do nascimento de uma povoação e logo, em seguida de uma vila, a Vila do Príncipe. Assim, tudo começou, de fato na vila do Príncipe, por volta de 1788, mas foi no dia 15 de dezembro de 1868, que o governador da Província Manuel José Marinho, assinou a Lei Provincial nº 612, que elevou a ‘Vila Nova do Príncipe’ à categoria de cidade, com o nome de ‘Cidade do Príncipe’. A partir e diante de uma edificação erigida em honra a Nossa Senhora de Sant’Ana, umas poucas casas ergueram-se e se constituíram em um tímido ensaio da futura cidade.⁴⁸

Croqui 1- Arraial do Queiquó



Assim, devemos destacar, conforme o croqui 1, que a atual cidade de Caicó apresentou primeiramente a função militar ao ser edificada no sítio Penedo, no ano de 1683, uma casa fortificada denominada Casa Forte do Cuó com a finalidade de abrigar os soldados que lutariam contra os indígenas e a Capela da Senhora Santana. Deste modo, no ano de 1700, foi

⁴⁷ Conforme, a lenda “(...) o surgimento do lugar Caicó está associado à construção de uma capela (...) erguida por um vaqueiro que, ao adentrar numa densa mata sagrada (...) se viu repentinamente atacado por um touro bravo. Diante de tão grande perigo, o tal vaqueiro fez um voto à Senhora Sant’Ana de erguer uma igreja, se ela o livrasse da fúria incontida daquele animal selvagem. Salvo milagrosamente pela Santa, tratou logo de cumprir sua promessa. Os trabalhos de edificação foram iniciados. Ano de seca sob sol escaldante, a única fonte de água disponível era a de um poço no leito do Rio Seridó. Novamente, o vaqueiro clamou pela intercessão da Santa, que operou mais um milagre: impediu que o poço secasse. Agradecido, passou a denominá-lo de Poço de Sant’Ana”. BRASIL. Ministério da Cultura. *Op. Cit.* p.12-13

⁴⁸ FARIA, Carlos Eugênio. *Op. Cit.* p.90.

fundado oficialmente o Arraial do Caicó (corruptela de Queiquó⁴⁹), considerado como o primeiro núcleo urbano do Seridó norte-riograndense. O topônimo demonstra o encontro entre o colono (arraial) e o indígena (Queiquó). Conforme Cláudia Damasceno Fonseca, ao discutir o significado da palavra arraial destaca que:

Nas décadas de 1720 e 1730, as rotas comerciais terrestres e fluviais (pelo rio São Francisco) se intensificaram, passando a interligar as diferentes regiões econômicas da colônia.

Em torno desses pontos de comércio formaram-se muitos arraiais. Em 1749, quando de sua viagem do Rio de Janeiro a Vila Rica, o ouvidor português Caetano da Costa Matoso fez uso de vários estabelecimentos. Segundo as descrições do seu diário, eles compunham-se de um espaço coberto para abrigar as mercadorias dos viajantes, de uma capela rústica e de um punhado de habitações modestas (palhoças, choupanas), feitas de madeira e de barro, e quase sempre cobertas de folhas e ramagens; algumas vezes, notava-se ainda a presença de um engenho de cana ou de um moinho para milho ou mandioca. (...) Ainda pouco familiarizado com o léxico local – e visto que, em Portugal arraial referia-se então apenas aos acampamentos militares –, ele recorre a diversos termos e expressões distintas: ‘uma povoação ou rancho de choupanas’; ‘um sítio ou aldeia’, ‘uma pequena aldeia ou rancho de duas ou três casas’⁵⁰

Ainda em 07 de julho de 1735 o Arraial foi elevado à categoria administrativa de “Povoação do Caicó”, em um cerimonial realizado na Fazenda Penedo, a qual constou da instalação do pelourinho e celebração da missa na Praça da Capela da Senhora Santana. Conforme Macedo, a povoação se constituía numa

(...) tímida mancha urbana surgida a partir do Arraial do Caicó e às margens do rio Seridó, cujas edificações dos moradores iam sendo construídas no largo da Capela da Senhora Santa Ana ou nas proximidades. No povoado as Companhias de Ordenanças da ribeira assumiam a função de administração civil, disciplinando o povo e conclamando a todos para a observância das normas de conduta social, ate mesmo as previstas na legislação. De outro lado, os sacerdotes que celebravam missas na Capela da Senhora Santa Ana

⁴⁹“Ha tradição secular que associa o nome da cidade de Caicó a uma tribo de mesmo nome que habitava suas ribeiras. No entanto, embora seja flagrante a homonímia, é também provável que o gentio Caicó, encontrado na verdade ‘no município cearense de Milagres, em território habitado pelo gentio icó, da nação Cariri (...) nenhuma relação parecem ter tido com os indígenas que ocupavam o território, presentemente representado pelo Caicó, no Rio Grande do Norte’. O ‘Caicó’ que nomeia o município derivaria, nesta última hipótese, da palavra tarairiú Queiquó (quei= rio, quó= Acauã). MACEDO, M. K. *A Penúltima Versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense*, 2005.p.81-82. Uma outra teoria afirma que o nome Caicó vem dos nomes "Acauã" e "Cuó", que indicam dois acidentes geográficos (rio e serra, simultaneamente). CASCUDO, Luís da Câmara. *Nomes da Terra: História, Geografia e Toponímia do Rio Grande do Norte*, 1968.

⁵⁰ A autora buscando desmitificar o nascimento dos espaços urbanos no Brasil, investiga os sentidos do léxico de territorialização e de urbanização nos primeiros anos de formação das Minas, destaca a relevância da religião na companhia colonizadora, tratando da construção de capelas particulares, do estabelecimento de freguesias avaliando a ação da Coroa nesta questão. Para isso, a autora destaca as datas de construção dos templos como referência do aparecimento de núcleos de povoação e as variações demográficas. FONSECA, Cláudia Damasceno. *Arraiais e vilas d’el rei: Espaço e poder nas Minas setecentistas*, p.70-71.

convocavam os fieis para o respeito, o recato, a observância dos costumes pios da religião.⁵¹

O autor ainda enfatiza que no momento que o Arraial foi elevado ao status de Povoação, esse espaço vai passar a se tornar visível aos olhos da Coroa, já que além da instalação do pelourinho, que se constituiu em um marco da autoridade monárquica, foram reproduzidas e remetidas ao Governo da Capitania, ao Vice-Rei do Brasil e ao Rei de Portugal, sua ata de instalação. Ainda na condição de Povoação, foi fundada em 15 de abril de 1748, a freguesia do Seridó, tendo sido em 26 de julho de 1748⁵², iniciados os trabalhos de construção da Matriz de Santa Ana. Olívia Morais de Medeiros Neta, em sua tese, atenta para o fato que a Matriz foi erguida em um terreno doado pelo casal Tenente Antônio Francisco dos Santos e sua esposa Dona Ana Teresa de Jesus. No tocante, “a geografia das terras pertencentes à Matriz de Santa Ana sofria alteração, comumente, a partir dos aforamentos e das doações(...)⁵³”. Assim, em 1785 a Matriz já estava edificada e levaram a imagem da Capela do Arraial para a Matriz de Santa Ana; aquela foi provavelmente reduzida à condição eclesiástica de Capela de Nossa Senhora do Rosário, cujo desaparecimento ocorreu entre o período que se estende entre 1789 a 1800. Sendo encontrados ainda hoje seus vestígios junto à Casa-Forte do Cuó, os quais simbolizam as primeiras edificações do Seridó.

Em 1788, a Povoação de Caicó (Queiquó) foi elevada à condição de vila, passando a ser denominada de Vila Nova do Príncipe⁵⁴, em tributo ao nascimento do futuro príncipe D. João VI, e, no ano de 1868, foi elevada ao status político de cidade, sendo chamada de Cidade do Príncipe. Nesse sentido, Anderson Dantas da Silva Brito e Olívia Morais de Medeiros Neta afirmam:

(...) que espaço e poder estão imbricados na denominação da cidade (...). Seja à vila ou à cidade foi à denominação Príncipe que permaneceu como elemento nomeativo ao espaço. Celebrar o Príncipe era também associar a cidade e seus equipamentos e instituições ao quadro político-administrativo da Colônia e do Império⁵⁵.

⁵¹ MACEDO, H. A. M. de. Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó: historicidade e produção do território. *Revista Espacialidades*, p.09.

⁵² Dia dedicado a Santa Ana.

⁵³ MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. *Cidade, sociabilidades e educabilidades (Príncipe, Rio Grande do Norte século XIX)*. Tese, Natal, 2011, p.57.

⁵⁴ “[...] A Vila Nova do Príncipe em 1788, [...] se enquadrava nos dispositivos de controle da administração dos municípios coloniais [...]” MACEDO, M. K. *Op. Cit*, 2005, p. 142

⁵⁵ BRITO, Anderson Dantas da Silva; MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. Em Nome(s) de Caicó: a toponimização espacial sob os olhares da República e dos republicanos. *XXVI Simpósio Nacional de História*, p.05

Ainda no tocante à Matriz de Santa Ana, a mesma só será concluída durante a administração do padre Francisco de Brito Guerra (1802-1845). Também é importante destacar que a organização “(...) de seu núcleo urbano, com a construção de casas e conformação de ruas, foi deslançando, de fato a partir da construção da Matriz de Sant’Ana, localizada em área bastante próxima à margem esquerda do rio Seridó.⁵⁶”

Deste modo, devemos destacar que a atual cidade de Caicó apresentou primeiramente a função militar ao ter sido fundado o arraial, no ano de 1700, este ao ser elevado, em 1735, à categoria de povoação passou a exercer a função administrativa civil. Ainda como povoação se transformou em freguesia, - unidade de administração eclesiástica -, com a construção da Igreja Matriz. Posteriormente a povoação foi elevada à condição de vila, no ano de 1788, e noventa anos depois foi elevada à condição de cidade. Ou seja, no tocante às funções urbanas Caicó foi um acampamento de tropas, que logo depois passou a ter um caráter civil e estável, vindo posteriormente se transformar em vila e depois cidade.

A vila apresentava as funções político-administrativa, comercial, religiosa, de moradia e cultural. Olavo de Medeiros Filho, ao analisar os aspectos urbanos da Vila do Príncipe, nos informa que o Padre Manuel Aires de Casal a descreveu no ano de 1817 da seguinte forma:

Vila do Príncipe, noutro tempo Caicó, medíocre, e bem situada sobre o Rio Seridó, oito léguas acima da embocadura. Sant’Ana é a padroeira da sua matriz; e seus habitantes, de várias compleições, bebem o rio, em cujas margens cultivam feijão, hortaliças, milho e tabaco⁵⁷.

Também Frei Caneca, quando da sua passagem pela Vila do Príncipe, no ano de 1824, nos deixou o seguinte registro a respeito da vila:

A vila tem uma igreja não pequena, nova e bem paramentada. A casa do vigário é de sobrado e boa. Todas as casas são novas de pedra e cal fazendo um círculo, com diâmetro de trezentos passos em uma chã. Por detrás das casas o terreno é plano, mas pedregoso. Tem o rio três grandes poços de boa água que nenhum verão por mais forte, é capaz de secar.⁵⁸

A Igreja era a grande força catalisadora cuja autoridade ninguém se aventurava contestar; principal fator de reunião da população urbana e rural. Esta última não media esforços para assistir às missas nos dias de domingo e participar das festividades do calendário católico, com ênfase para o mês de julho, período no qual era celebrada a Festa da

⁵⁶ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.43

⁵⁷ MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Op.Cit.* p.41

⁵⁸ Idem, *ibidem.* p.41

Gloriosa Senhora Santa Ana. Podemos dizer que a mesma se confunde com a instalação da Freguesia de Nossa Senhora Santa Ana, em 26 de julho de 1748.

A celebração repetida ano-a-ano evidencia, igualmente, a aplicação de uma pedagogia católica da festa, garantidora da afirmação de valores cristãos e renovadora da sensibilidade para com Senhora Sant’Ana, avó de Jesus (...) a Festa de Sant’Ana de Caicó — como patrimônio cultural, carrega em si uma pedagogia católica que opera em ambiente urbano, onde acontecem redes de sociabilidades indispensáveis à educação, à instrução, à socialização de adultos e crianças, homens e mulheres, sítiantes e habitantes da cidade. (...) Na verdade, a pedagogia católica da festa se revela na elaboração / reelaboração de um conjunto ritual constituído por procissão, novenário, missas, e ainda na linguagem oral, expressa nos cânticos, preces, orações, ladainhas, jaculatórias, sermões⁵⁹.

Assim, em um período de vida social tão limitado, a festa “(...) instaura[va] um novo tempo dentro do cotidiano da cidade⁶⁰”, sendo por isso ansiosamente aguardada. Ainda conforme Olívia Morais de Medeiros Neta

O zelo com as casas no mês de julho reforça o entendimento que, no Príncipe, estruturou-se em torno do religioso uma vida comunitária que prescrevia modos de sociabilidades e práticas específicas, pois, o *modus vivendi* dos homens e mulheres da Freguesia da Senhora Santa Ana era envolto pelo ordenamento espiritual dos fregueses. Mas, cabe lembrar que a vida espiritual católica confundia-se também com a vida civil, cabendo a Igreja registrar os nascimentos, homologar os casamentos, lavrar óbitos e em muitos casos abrir testamentos⁶¹.

Neste âmbito, podemos afirmar que a igreja se constituiu como elemento essencial no processo de arranjo espacial, tendo em vista que era em torno da igreja que se formaram as primeiras ruas organizadas de forma irregular. Também é importante destacar que a igreja também era a medida de direção, localização e distância. Desse modo, conforme “(...) informações prestadas pelo Monsenhor Antenor Salvino, até por volta de 1800, ‘a Matriz era tudo’ na vila. Daí em diante é que surgiram outros lugares de importância para a vida social (...).⁶²” Assim, é importante destacar que o sobrado do padre Francisco de Brito Guerra e a Casa da Câmara e Cadeia Pública foram construídas em terrenos pertencentes à freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana.

O sobrado começou a ser construído no ano de 1810 e foi concluído em 1811, pertencendo ao padre e Senador do Império, Francisco de Brito Guerra. Ele nasceu em 18 de

⁵⁹ ARAÚJO, Marta Maria de; MEDEIROS, Maria das Dôres. Investigando a história da festa da Senhora Sant’Ana de Caicó (1695-1968). In: Encontro Regional da ANPUH-RN, p.218.

⁶⁰ MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. *Cidade, sociabilidades e educabilidades (Príncipe, Rio Grande do Norte século XIX)*, p.47.

⁶¹ Idem, ibidem, p.47

⁶² MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.45

abril de 1777, se ordenou padre, em dezembro de 1801 e em 02 de fevereiro de 1802, celebrou na Povoação de Campo Grande, hoje Augusto Severo, sua primeira missa e no primeiro domingo do Advento de 1802, “(...) foi consagrado vigário da Freguesia da Gloriosa Senhora Sant’Ana do Seridó da Vila do Príncipe⁶³”. Em 1803, ele criou a Escola de Gramática Latina voltada para educar e instruir os filhos das elites pecuarísticas. Também é importante destacar que, além de ter participação ao mesmo tempo na história religiosa e educacional da zona seridoense e especialmente da Vila do Príncipe, ele participou da história política, sendo deputado geral na Câmara do Império (1831-1833 e 1834-1837), deputado provincial (1835) e o primeiro Senador da província do Rio Grande que chega à Corte, ocupando o cargo de 1837 à 1845.

Conforme Olívia Morais de Medeiros Neta, a casa do padre foi “(...) provavelmente, o primeiro sobrado construído no território da Vila do Príncipe (...). O sobrado tinha sessenta palmos de frente e cinco varandas de ferro. A edificação fora construída ao lado da Matriz da Gloriosa Senhora Santa Ana.⁶⁴” O sobrado possuía vinte cômodos (incluindo os aposentos da Escola de Gramática Latina e da senzala) e foi construído em um terreno da Igreja, e se localizava na Rua de Baixo, e o mesmo foi legado “(...) aos dois sobrinhos padres: Francisco Justino Pereira de Brito e José Modesto Pereira de Brito. Com essa construção, Brito Guerra (de)marcava um espaço de vivência e de representação na urbe.⁶⁵” É ainda importante destacar que a Escola de Gramática Latina “(...) atraiu alunos da zona do Seridó e também das províncias vizinhas. Os ‘alunos de fora’ ficavam hospedados na residência do padre Guerra, (...)”⁶⁶. Também devemos destacar que a concepção educativa nessa instituição dava-se na área das humanas clássicas.

Ainda em terrenos pertencentes à freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana, foi construída a Casa da Câmara e Cadeia Pública⁶⁷. O terreno onde foi construído o prédio pertencia à Petronila Fernandes Jorge, proprietária fundiária, localizando-se ao norte da Matriz de Santa Ana, e foi vendido ao padre José Antônio Caetano de Mesquita, no ano de 1793. É ainda importante destacar, que com a promoção à condição de vila, no ano de 1788, e

⁶³ ARAÚJO, Marta Maria. Padre Francisco de Brito Guerra: um educador ilustrado em Caicó no começo do século XIX. ARAÚJO, Ausônio Tércio; DANTAS, Eugênia Maria; MEDEIROS, Maria das Dôres; MACÊDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Mestres do Seridó: Memórias*, p.15

⁶⁴ MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. Francisco de Brito Guerra e a Vila do Príncipe (Rio Grande do Norte, Século XIX). In: *XXV Simpósio Nacional de História ANPUH*, p.04

⁶⁵ Idem, *ibidem*, p.04.

⁶⁶ ARAÚJO, Marta Maria. Padre Francisco de Brito Guerra: um educador ilustrado em Caicó no começo do século XIX. In: ARAÚJO, Ausônio Tércio; DANTAS, Eugênia Maria; MEDEIROS, Maria das Dôres; MACÊDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Op. Cit.* p.16

⁶⁷ TEIXEIRA, Rubenilson Brazão; TRIGUEIRO, Edja Bezerra Faria. A igreja, a casa de câmara e a praça: símbolos e relações de poder no espaço urbano colonial. *Mneme- Revista de Humanidades*, set/out. 2008.

a emancipação político-administrativa foi instituído o primeiro Senado da Câmara. Entretanto, naquele período, não existia um espaço apropriado para a realização das assembléias. O modelo da época estabelecia a edificação de uma Casa da Câmara e Cadeia Pública, e ela só foi inaugurada no ano de 1812, com a cooperação da própria sociedade, sem o subsídio do poder público. No tocante ao edifício da Câmara da Vila do Príncipe a mesma se localiza “(...) numa rua paralela a um dos lados da praça onde se localiza a igreja Matriz (...).⁶⁸”

Desta forma, a Casa da Câmara e Cadeia Pública, foi um lugar de destaque na vida e no destino do aglomerado urbano. Ela exprimia o poder local e a respectiva autonomia municipal, concorrendo com o prédio da igreja pela evidência no espaço urbano. Essa representação pode ser ainda promulgada no fato dela denominar a rua, na qual se encontrava o prédio. Assim, a estreita rua era conhecida como Rua da Cadeia⁶⁹. No tocante, ao prédio esse possuía um formato retangular, sendo formado por dois pisos. No primeiro piso funcionava a Cadeia Pública, já o piso superior era dedicado às atividades relativas à Câmara dos Vereadores. Ainda é importante destacar que

(...) a Câmara Municipal constituía para a cidade e seus moradores uma pedagogia respaldada pelo Título 7º (Da Administração e Economia das Províncias), Artigo 169 da Constituição política do Império do Brasil, de 25 de março de 1824, que determinava que cabia as câmaras “O exercício de suas funções municipais, formação das suas Posturas policiaes, applicação das suas rendas, e todas as suas particulares, e uteis attribuições, serão decretadas por uma Lei regulamentar.” (BRASIL, 2001, p. 101). Em outros termos, essas atribuições versariam sobre uma dada pedagogização que articulava as práticas socioculturais à ordem nos espaços⁷⁰.

No Príncipe ainda existia a Igreja do Rosário, essa foi construída a noroeste da Catedral de Santa Ana, na mesma rua onde foi construída a Casa da Câmara e Cadeia Pública. É importante também lembrar que a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos foi criada no ano de 1771, e reunia-se

(...) no consistório da Matriz de Santana, provavelmente seguindo um costume geral entre essas irmandades, ou seja, dispendo apenas de altares laterais nas igrejas matrizes para a realização de seus cultos, mas buscando angariar bens que garantisse a construção de um templo próprio. Quanto à igreja do Rosário de Caicó, não há registros específicos que comprovem a data de construção de sua igreja (...). A primeira referência a ela dada, não como igreja, mas como capela, consta do registro de óbito de

⁶⁸ MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de. *Op. Cit*, 2011.p.76.

⁶⁹ Rua Amaro Cavalcanti, atual denominação desse logradouro.

⁷⁰ MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de. Uma pedagogia da cidade e seus sentidos: o Príncipe (Rio Grande do Norte) e suas posturas municipais no século XIX. In.: *VI Congresso Brasileiro de História da Educação - Invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil*, 2011, p.2-3

Ludovina Correia, sepultada no dito local, em 1788 (...) Além deste, segue outros três registros de batismo de 1866 e dois de 1879, referindo-se a ela, ainda como capela (...)⁷¹

É também importante mencionar que, conforme aparece no frontispício (fachada principal) do templo, no ano de 1864, esse foi remodelado pelo tesoureiro Luiz Chermont Brito⁷². Além disso é interessante destacar que ainda hoje

(...) a Irmandade do Rosário de Caicó mantém boa parte de suas tradições originais, principalmente no que se refere às comemorações a sua padroeira. Essas comemorações, realizadas em fins de outubro, representam o momento em que os irmãos demonstram sua adoração a Nossa Senhora do Rosário, sendo isso feito através de missas, da dança, da música, e principalmente da coroação de seus reis⁷³.

Outro atrativo de grande importância no Príncipe era a feira “(...) onde se realizavam a compra e a venda de mercadorias; era um evento social, uma ocasião para encontros de familiares e amigos, era um momento de celebração⁷⁴”. Ela acontecia aos sábados, na Praça do Mercado⁷⁵, que se encontrava a leste da Matriz de Santana. Ganhou esse nome pelo fato de ter sido estabelecido e inaugurado em 1870, o Mercado Público que se constituiu no centro comercial da cidade, sendo a feira um autêntico encontro sócio-econômico de todos os grupos sociais. Daí podemos afirmar que a Igreja era um lugar de todos, já o Mercado era um lugar para todos.

Lá se localizavam os quartos de comércio da cidade (...) estabelecimentos como a Loja do Braz que ofertava fazendas miudezas, molhados, ferragens e outros artigos, a Meira & Araújo, a Estrela do Seridó com seu sortimento de fazendas e molhados, a Casa Apolo dentre outros comércios situados à praça do mercado (...)⁷⁶

Portanto, com a reconstrução da igreja, e conseqüentemente, da edificação do sobrado do Padre Francisco de Brito Guerra, da Casa da Câmara e Cadeia Pública e da Praça do Mercado nas imediações da Matriz de Santa Ana, o Príncipe foi se transformando e novas casas foram sendo construídas em torno desses espaços. Assim, a partir dos estudos de Ione Rodrigues Diniz, Muirakytan Kennedy de Macedo, Carlos Eugênio de Faria, Olívia de Moraes

⁷¹ BORGES, Cláudia Cristina do Lago. A Cor da Oração: Uma Irmandade Negra no Sertão do Seridó no Século XVII. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. *Mneme- Revista de Humanidades*, 2008.

⁷² Idem, ibidem.

⁷³ Idem, ibidem, p.11

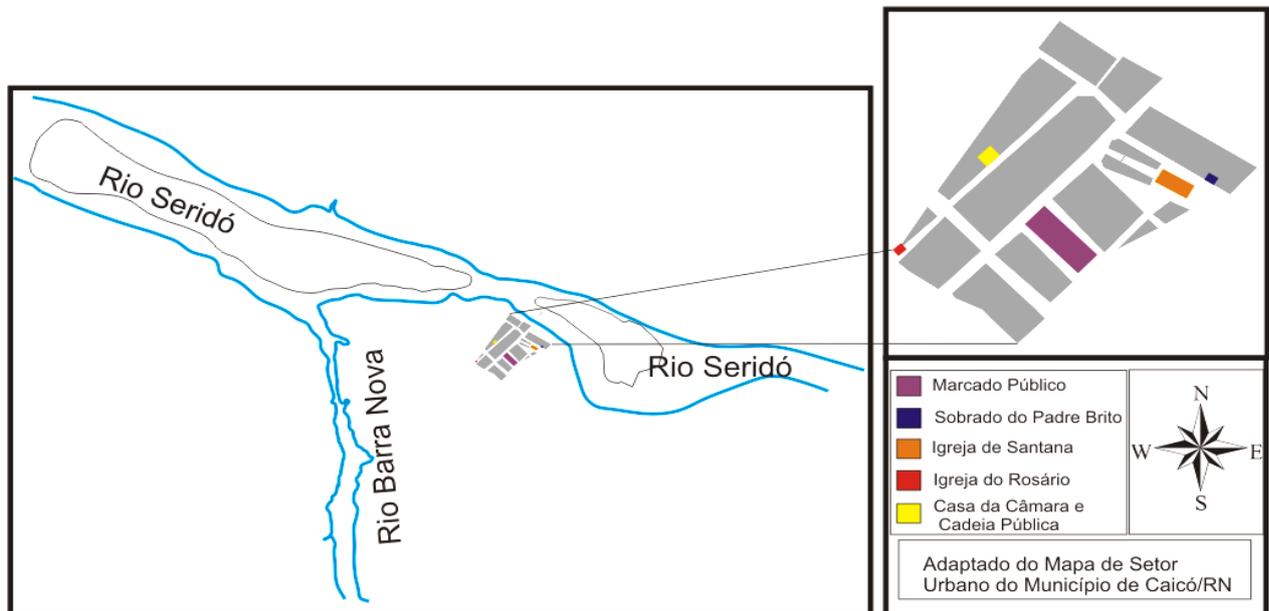
⁷⁴ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.47.

⁷⁵ Praça Senador Dinarte Mariz, atual denominação desse logradouro.

⁷⁶ MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. *Cidade, sociabilidades e educabilidades (Príncipe, Rio Grande do Norte século XIX)*, p.61-62

Medeiros Neta, entre outros, podemos afirmar que o Príncipe foi se formando entre os rios Seridó e Barra Nova, conforme demonstra o croqui 2.

Croqui 2- Vila do Príncipe, século XIX



Ainda buscando fazer uma leitura mais minuciosa do espaço urbano da Vila do Príncipe, no século XIX, podemos observar a partir do croqui 2, que a Casa da Câmara e Cadeia Pública se posicionava diante da Igreja da Matriz, estando esses dois monumentos separados por um quarteirão de casas. Além disso pudemos observar que o Príncipe era formado por ruas pequenas e traçadas de forma irregular e que os quarteirões em torno da Matriz de Santa Ana apresentavam um formato circular.

Planta Circular, Século XIX



Fonte: MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. *Cidade, sociabilidades e educabilidades (Príncipe, Rio Grande do Norte século XIX)*. Natal, 2011, Tese (Doutoramento em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Também podemos dizer que os processos históricos, políticos ou sociais deixam sinais no tempo e no espaço materializando a identidade dos lugares. Conforme Yi Fu-Tuan, o espaço se transforma em lugar à medida que adquire significado e nesse sentido, o lugar se constitui em “(...) um mundo de significado organizado⁷⁷.” Dessa forma, para entendermos os sentidos e a função da toponímia urbana do Príncipe, ao longo do século XIX, buscaremos perceber que pela denominação dos lugares é possível entender a relação simbólica que os mesmos desenvolvem ou desenvolveram em outras épocas.

Para entendermos os significados dos topônimos é essencial que os observemos a partir dos diversos sentidos, já que por se constituírem de forma dinâmica se (re)inventam no tempo e no espaço, justapondo valores sociais, econômicos, políticos, religiosos e culturais. Trata-se de uma combinação de sentidos, os quais na esfera do vivido, se reajustam ou não às necessidades materiais do indivíduo os quais possuem as denominações dos lugares como orientadores do ir e do vir. Daí, os lugares serem nomeados buscando promover a sua orientação.

Yi Fu-Tuan, nos lembra que o homem “(...) é a medida de todas as coisas. O corpo é uma ‘coisa’ e está no espaço ou ocupa espaço. (...) [que] é um constructo do ser humano.⁷⁸”.

⁷⁷ TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*, p.198

⁷⁸ Idem, *ibidem*. p.39-40.

O homem como fruto de sua experiência com seu corpo e com outras pessoas atua no espaço com a finalidade de atender às necessidades biológicas e relações sociais. Ainda conforme Yi Fu Tuan “(...) dominar o espaço e sentir-se à vontade nele (...) significa que os pontos de referencia reais no espaço, como os referenciais e as posições cardeais correspondem à intenção e as coordenadas do corpo humano⁷⁹”. Ao mesmo tempo, devemos destacar que as polaridades básicas fruto dos processos mentais vertical - horizontal, alto - baixo, como também a forma e a postura do corpo humano determinam o seu ambiente espacial como frente e atrás e direita e esquerda. Isso porque a percepção e a experiência se constituem nas “(...) diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade⁸⁰” levando as pessoas a se relacionarem com os lugares tornando constantes as sensações que as pessoas comunicam nas espacialidades. A experiência dos espaços constrói os modelos de identificação do sujeito com o meio ambiente. Para Yi- Fu Tuan, “(...) experienciar é aprender, compreender; significa atuar sobre o espaço e poder criar a partir dele⁸¹”.

Assim, na primeira metade do século XIX, as denominações das ruas da Vila do Príncipe eram determinadas por assimilações simbólicas, as quais objetivavam promover as deambulações das pessoas. Dessa forma, percebemos que os moradores ao se apropriarem do espaço, o transformaram em lugar o qual era formado pela união de objetos naturais (hidrografia, vegetação, relevo) com objetos artificiais (igreja, residência, prédio), demonstrando também que, quanto maior o envolvimento com os objetos, mais o espaço se transforma em lugar. Desse modo, a toponímia urbana da Vila do Príncipe era discriminada em signos lingüísticos, os quais faziam alusão a um aspecto do logradouro. Portanto, até a primeira metade do século XIX a vila possuía

(...) ‘à Rua de Baixo ou Rua do Sobrado’, à esquerda da Matriz de Sant’ Ana, à ‘Rua dos Medeiros’, por trás da Matriz; à ‘Rua de Cima’ (provavelmente, por trás da Rua dos Medeiros), à ‘Rua da Fortuna’, que devido à passagem do Riacho da Fortuna possuía calçadas bem altas; e à ‘Rua do Sol’ (distanciava-se um pouco da Matriz). Havia ainda duas ruas próximas à Praça do Mercado: eram as ruas do ‘Nascente’ e do ‘Poente’, onde realizava-se o comércio; a ‘Rua Nova’ era um ponto extremo do vilarejo, onde estava localizado o cemitério; nos fundos da Igreja do Rosário ficava a Rua Sete de Setembro⁸².

Observa-se a partir da citação acima, que os nomes dos pequenos logradouros de serventia às habitações recebiam o nome ou o sobrenome do proprietário cuja casa dava

⁷⁹ Idem, ibidem. p.41

⁸⁰ Idem, ibidem. p.9

⁸¹ Idem, ibidem. p.10

⁸² MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.44-45

acesso, a exemplo da espaçosa Rua dos Medeiros⁸³, localizada por trás da Matriz. Também observamos que os topônimos desse período sugeriam os espaços públicos mais frequentados pela população, como a Praça do Mercado. Ainda podemos constatar a existência de topônimos diferentes que designavam a mesma rua, como Rua de Baixo ou Rua do Sobrado. Essa já existia antes mesmo do sobrado ser construído e se localiza, como já mencionamos anteriormente, à esquerda da Matriz de Santa Ana. Nesse núcleo urbano não existia a dicotomia centro X periferia, e sim alto X baixo, nascente X poente, cujas denominações acabavam se tornando nomes como Rua de Baixo⁸⁴, Rua de Cima⁸⁵, Rua do Nascente⁸⁶ e Rua do Poente⁸⁷. A Rua de Cima se localizava ao Sul da Matriz, bem próximo às margens do Rio Seridó, e nessa rua residia

Manoel José Fernandes, membro do Santíssimo Sacramento, (...), era Visitador e Delegado do Crisma do Rio Grande do Norte e da Paraíba e a partir de 1849, Cônego Honorário da Capela Imperial. (...) Enquanto visitador, (...) tinha direito a brasão e armas, os quais mandou abrir na fachada de sua residência (...) que hoje corresponde a parte do prédio do Educandário Santa Teresinha⁸⁸.

Havia também ruas que faziam menção a elementos da natureza, a exemplo da Rua do Sol⁸⁹, a qual se localizava diante da Praça do Rosário e a Rua da Fortuna⁹⁰, essa última faz menção a um riacho, cujas águas corriam diante do Largo da Matriz de Santa Ana e é paralela à Rua da Cadeia. Já no tocante à Rua Nova⁹¹, essa faz alusão a uma nova via que tinha sido aberta em um ponto bem distante da Matriz de Santa Ana, onde se situava o cemitério⁹². E a Rua Sete de Setembro⁹³ era uma rua situada a oeste da Casa da Câmara e Cadeia Pública, paralela à Rua Nova e que se localizava por trás da Igreja do Rosário. É importante

⁸³ Rua Padre Sebastião, atual denominação desse logradouro.

⁸⁴ Rua Pe. João Maria, atual denominação desse logradouro.

⁸⁵ Rua Visitador Fernandes, atual denominação desse logradouro.

⁸⁶ Destruída no século XX.

⁸⁷ Destruída no século XX.

⁸⁸ MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de. *Cidade, sociabilidades e educabilidades (Príncipe, Rio Grande do Norte século XIX)*, p.84-85.

⁸⁹ Rua Felipe Guerra, atual denominação desse logradouro

⁹⁰ Avenida Seridó, atual denominação desse logradouro

⁹¹ Otávio Lamartine, atual denominação desse logradouro

⁹² “A implementação de cemitérios no Seridó envolve um longo processo e, de acordo com os relatórios dos presidentes da província do Rio Grande do Norte, arrastou uma longa discussão acerca da importância dessas edificações. A documentação que consultamos contém indícios de que, desde 1850, quando toda a província sofria com os efeitos dos surtos de varíola e sarampo, foram designadas verbas para obras públicas a favor da higienização, em alguns municípios. Nesse sentido, também foi possível perceber que existiu a preocupação de retirar os mortos do espaço dos vivos. O afastamento deles do espaço sagrado das igrejas para os cemitérios extra-urbe foi então, aos poucos, processando-se em toda a província”. Conforme: SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. Cemitérios Seridoenses: culto e memória. In: *Inter-legere: Educação e Sociedade*, p. 353

⁹³ Rua Professor Coutinho, atual denominação desse logradouro

lembrarmos que, de 1822 a 1889, o país teve a monarquia como sistema político. Assim, essa rua faz referencia ao fim do sistema colonial e início do governo monárquico. Dois outros logradouros que também referenciam a passagem do fim do sistema colonial e início do governo monárquico eram a Praça da Independência, na qual existia um “Cemitério Velho” que funcionou até o ano de 1913, quando passou a ser construído o Cemitério São Vicente de Paula⁹⁴; e a Rua da Independência⁹⁵ que durante muito tempo foi conhecida por Rua de Cima, teve seu nome alterado ainda no século XIX. No entanto, pela falta do denominador e pelo espaçamento temporal da denominação é impossível determinar com precisão quando a rua foi renomeada.

Além dessas ruas também existia a Rua da Matriz que fazia referencia à Matriz e a Rua dos Italianos que faz menção aos italianos que migraram para o Seridó na segunda metade do século XIX, estes

(...) vieram para o território do Príncipe através do comércio e fizeram desta sua principal atividade ao longo de sua permanência nesse território. O comércio de tecidos ficava localizada na rua conhecida na memória popular dos que hoje moram na cidade de Caicó como ‘Rua dos Italianos’, oficialmente chamada de Av. Cel. Manoel Vale⁹⁶.

É assim oportuno destacar que o léxico da toponímia urbana do Príncipe refere-se a heranças sócio-culturais, demonstrando como as pessoas se relacionam com os seus lugares, ou seja, como elas pensavam, vivenciavam e experimentavam o espaço em sua plenitude. Além disso, podemos afirmar que os nomes dessas ruas nos possibilitaram compreender o ambiente no qual a população do Príncipe vivia. Portanto, entendemos que os moradores, ao se apropriarem do espaço, o transformaram em lugar o qual era formado por logradouros, cujos topônimos faziam referencia a elementos da natureza (sol, riacho), com topônimos que faziam referencia a elementos construídos pela sociedade (igrejas, prédios). Assim, constatamos que os topônimos urbanos do Príncipe desempenhavam a finalidade de promover a sua identificação, especificação e menção a elementos espaciais.

A partir desses topônimos podemos observar as marcas da forma como os habitantes do Príncipe se localizavam na cidade, mapeavam os espaços, produzindo significados. Além disso, podemos dizer que a grande maioria dessas ruas foram nomeadas pela população

⁹⁴ Se localizava entranhado numa propriedade rural, no extremo sul da cidade, “(...)depois do mufumbal e do Riacho das Salinas.”(Sem Autoria). Saudade não tem idade. *Revista Caicó*, Natal:Clima Artes Gráficas Publicidade LTDA,1978, p.26.

⁹⁵ Rua Visitador Fernandes, atual denominação desse logradouro.

⁹⁶ FARIA, Erivan Ribeiro. Memória de Italianos na Vila do Príncipe. In.:MORAIS,Grinaura Medeiros de; DANTAS Eugenia Maria. (Org.). *Livro de Memorias*, p.161

anônima, e entranhava-se de tal maneira ao lugar que passava a congregar o significado do local, como se um e outro fossem a mesma coisa, uma espécie de representação mimética do referente. Ainda podemos afirmar que a espacialização dos topônimos demonstrou que estes agregam as diversas etapas do processo de formação e transformação do Príncipe. Ou seja, por um lado, reuniu-se os processos espaciais e temporais, e por um outro lado, simbolizou uma justaposição dos valores, dos sentidos e das experiências dos sujeitos que organizam no espaço suas percepções de mundo.

Enfim, podemos afirmar que o processo de nomeação das vias públicas do Príncipe se iniciou a partir do núcleo central da cidade, cujos logradouros eram batizados com nomes que faziam alusão a uma construção ou a um detalhe da toponímia. Entretanto, esses antigos topônimos, com o passar do tempo, não mais interessavam, pois esses nomes se apresentavam como denominações estranhas, já que os nomes de ruas de caráter prático vindos de tempos arcaicos, não eram mais patentes em razão das novas obras que surgiam e em razão da queda do Império e a conseqüente Proclamação da República, que ensejou em todo o país os governantes a modificarem a denominação de diversas cidades e ruas, substituindo as denominações que continham relação com o Império por outros associados à República. Assim, com a finalidade de apagar os sinais do Império presentes no nome da cidade, no mês de fevereiro de 1890, a cidade do Príncipe passa a se chamar Cidade Seridó,

‘(...) Seridó foi o nome do rio; passou depois a toda zona sertaneja cujas águas descambam para o mesmo rio. (...) Hoje Seridó compreende um conjunto de municípios que formam a porção territorial desse Estado, onde mais atrativo e laborioso é o trabalho por ser a parte mais vitimada pela seca’. O articulista se encarregava de justificar a escolha desse nome que considerava ‘preferível ao de Caicó’, nome de significação pouco extensa, que não daria conta da importância que tinha a cidade para toda a *região*. Sendo assim, competia-lhe ‘o nome de Seridó’. Não é preciso que se diga que era no território do município que residiam as principais forças políticas do 2º Distrito. Portanto, renomeando-se essa cidade, aproveitava-se o intento para se legitimar também a sede do domínio político da ‘zona sertaneja’, seqüestrando-se o nome da própria *região*... do nome dos lugares, o nome do poder!⁹⁷

Todavia no mesmo ano, no dia 07 de julho, “(...) ocorre um retorno à expressão pioneira que se referia à implantação do Arraial do Queiquó. Passando neste momento de Seridó para Caicó, topônimo que permanece até os dias atuais⁹⁸.” Devemos ainda destacar que uma das hipóteses para tal rápida alteração foi que “(...) o termo Seridó não encontrou, na

⁹⁷ MACEDO, M. K. *A Penúltima Versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense*, p.142-143.

⁹⁸ BRITO, Anderson Dantas da Silva; MEDEIROS NETA, Olívia Moraes de. *Op. Cit.* p. 5-6.

acepção de BACKZO (1978), *uma comunidade de sentido*, uma audiência receptiva e identificada com a renomeação ⁹⁹.” É importante também ressaltar que a exemplo do espaço a toponímia também é marcada pelo dinamismo, assim, o nome de um lugar além de organizar o espaço geográfico, o qual é dinâmico se constitui em monumento, em um documento histórico, em memória. Desse modo, nos questionamos que transformações foram essas? Que nomes foram esses? Que passado passou a ser narrado através dos nomes das ruas, avenidas, bairros e logradouros públicos da cidade de Caicó, quando do advento da República?

Reflexões acerca dos novos tempos, novos lugares e novos topônimos

O Seridó e conseqüentemente a cidade de Caicó são apresentados por autores como José Augusto Bezerra de Medeiros e Juvenal Lamartine de Faria como criadouro de chefes políticos, pessoas que se destacaram tanto no âmbito regional como nacional. Conforme Anderson Dantas da S. Brito, parafraseando Olívia Moraes de Medeiros Neta, esses autores descendiam “(...) das famílias que teriam participado do processo de colonização e povoamento da região. E além da proximidade existente a partir da linhagem genealógica, é interessante ressaltar que ambos exerceram papel de destaque na política estadual.¹⁰⁰” É também importante destacar que a memória política – a que as elites políticas e econômicas reivindicam – deu entrada no campo simbólico da política estadual na última eleição do Império. Conforme Muirakytan Kennedy Macedo, nessa eleição o Seridó ganhou visibilidade política própria. O autor ainda nos lembra que nesse período a Província do Rio Grande do Norte era dividida em dois distritos eleitorais: o primeiro distrito no Litoral e o segundo, no Interior ou Sertão. No litoral, se destacava a liderança de Amaro Bezerra¹⁰¹ que estabeleceu o diretório do partido Liberal, já no interior sobressaía o liberal José Bernardo de Medeiros¹⁰², o

⁹⁹ MACEDO, M. K. *A Penúltima Versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense*, p.143.

¹⁰⁰ BRITO, Anderson Dantas da Silva. *Op. Cit.* p.189

¹⁰¹ Amaro Bezerra Cavalcanti, nasceu em 15 de agosto de 1849 na zona rural, então pertencente a Caicó, atualmente município de Jardim de Piranhas. Filho do casal Amaro Soares Cavalcanti de Brito e Ana de Barros Cavalcanti, estudou na Escola de Direito da Union University; foi Diretor de Instrução Pública no Ceará e professor de Latim no Colégio Pedro II. Na área da política, atuou como Senador (1890-1893); Prefeito do Rio de Janeiro (1917 – 1918); Deputado Federal no Ceará (1897). Em 1868, organizou o diretório do Partido Liberal no Litoral.

¹⁰² José Bernardo de Medeiros, nasceu em 20 de agosto de 1837, na zona rural do atual município de São João de Sabugi. Filho do casal João Felipe de Medeiros e Joana Porfíria de Medeiros, ainda criança um dos sobrinhos de Porfíria de Medeiros, o Padre Joaquim Félix de Medeiros, Capelão de São João de Sabugi e político conduziu José Bernardo, com 11 anos de idade, para a Povoação para que o mesmo tivesse acesso as primeiras letras. Dois anos depois, o padre Félix o enviou para Vila do Príncipe para que o mesmo estudasse latim. Assim, o mesmo foi estudar com Joaquim Apolinar Pereira de Brito, o mesmo era sobrinho do Padre Francisco de Brito Guerra, o professor que fazia parte da elite social da terra no ano de 1858 se tornou genro de José Bernardo. Deste modo, o aprendizado do traquejo da política com o seu primo padre somado com a influência do seu sogro abriram-lhe

mesmo foi eleito “(...) deputado à Assembléia Provincial, sendo, em seguida, reeleito seis vezes (...) Numa dessas eleições galgou a presidência da Assembléia, de 1883 a 1885 (...)”¹⁰³. Ainda no ano de 1883, passou a ocupar o cargo de sub-chefe do Partido Liberal e juntamente com Amaro Cavalcante passaram a conduzir o futuro do Partido. Entretanto, o chefe do Partido Liberal teve que fazer uma viagem a Corte, ficando a política da província nas mãos de José Bernardo. Todavia, o mesmo foi avisado por Amaro Cavalcante que nas próximas eleições do ano de 1886, últimas eleições do Império, que se realizariam para a Câmara dos Deputados deveriam ser eleitos “(...) dois deputados – um pelo primeiro distrito, o do litoral, outro pelo segundo, o do sertão, (...)”¹⁰⁴. Ou seja, Amaro Cavalcante determinou que o mesmo deveria ser eleito para o litoral, já José Bernardo deveria ser eleito para o sertão.

Vêm as eleições. José Bernardo, declinando o convite, apresenta aos eleitores, conforme, aliás, entendimento anterior com Amaro Bezerra, o nome Miguel Joaquim de Almeida Castro.

Amaro, porém, não ficou satisfeito com o novo candidato.

Já estava comprometido com Francisco Luiz de Gama Rosa. Mas, José Bernardo manteve a candidatura apresentada, estabelecendo uma cisão entre ele e o seu amigo de outrora: José Bernardo e Amaro Bezerra estavam rompidos¹⁰⁵.

Amaro Bezerra, ofendido, retorna da Corte e decide se candidatar pelos dois distritos, buscando derrubar, politicamente José Bernardo. A disputa foi exacerbada e entusiasmada pelo jornal *O Liberal*, cujo proprietário era Amaro Bezerra e o jornal *O Povo*, pertencente a José Bernardo. Esse último consegue eleger o seu candidato indicado assinalando deste modo o seu comando irrefutável no Seridó. E ao mesmo tempo, ele apresentou essa região como um significativo espaço político no Rio Grande do Norte. Essa transformação, apesar de ter se dado de modo progressivo, possibilitou ao Seridó permanecer entre o final do Império e começo da República, no palco da política, tendo José Bernardo e todo o grupo que lhe seguia como protagonista.

Com a proclamação da República os grupos dominantes oligárquicos assumiram o domínio político de seus estados sendo criadas e consolidadas as oligarquias na primeira República. Muitos governadores de estados vão necessitar delas nas campanhas eleitorais.

aos poucos as portas para o mundo da política. Portanto, um ano após seu casamento José Bernardo se torna Subdelegado de Polícia em Caicó, em 1860 se torna Administrador da Mesa de Rendas e Vereador, em 1861 Suplente de Juiz Municipal, em 1862 Coletor Provincial, em 1867 Deputado Provincial e Ten-Cel. Comandante de Batalhão da Guarda Nacional, e de 1890 até 1907 foi Senador da República.

¹⁰³ MONTEIRO, Pe. Eymard L’E. *Caicó* (Subsídios para a história complementar do município), p. 79

¹⁰⁴ Idem, *ibidem*.p.163.

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*.p.164.

Nesse momento era comum a adesão de coronéis às oligarquias republicanas objetivando fazer com que o grupo hegemônico continuasse no poder. José Antônio Spinelli destaca que:

A instauração da República, em 1889, pondo fim ao centralismo monárquico, inaugurou uma nova fase na política nacional que permitirá às frações regionais das classes dominantes uma maior autonomia na condução dos negócios referentes à direção dos aparelhos regionais de Estado (os governos de Estado). Isto interessava, sobretudo, à burguesia comercial e à classe dos grandes proprietários rurais que produziam para os mercados externo e interno¹⁰⁶.

O autor ainda nos lembra que as idéias republicanas¹⁰⁷ não foram muito aceitas pelos norte-riograndenses, um exemplo disso foi a tardia fundação do Partido Republicano do Rio Grande, o mesmo somente foi fundado em 27 de janeiro de 1889. Pedro Velho de Albuquerque Maranhão foi promulgado presidente do comitê executivo do partido, “O jornal *A República*, órgão oficial do novo partido, começou a ser editado a 1º de julho do mesmo ano, fazendo circular vinte números até a proclamação¹⁰⁸.” Pedro Velho, após a proclamação da República tornou-se governador provisório do Rio Grande do Norte. A partir de então, a política do estado se divide em dois eixos: os representantes da descentralização oligárquica (liderados por Pedro Velho) X os representantes da linha centralizadora e industrialista (liderados por Amaro Cavalcante).

Pedro Velho toma certas cautelas entre elas a aliança com os coronéis do Seridó e do Oeste, entretanto, seu governo durou pouco tempo, já que “(...) a orientação centralizadora do governo Deodoro impôs um nome de fora, estranho aos quadros políticos estaduais, preterindo o grupo republicano local¹⁰⁹”. Assim, Adolfo Gordo assume o poder em 06 de dezembro de 1889, mas entra em conflito com as correntes oligárquicas locais, ficando no poder até 08 de fevereiro de 1890, sendo o mesmo substituído por Xavier Silveira, que assumiu o poder em 10 de março de 1890.

Devemos frisar que nesse período a política era caracterizada pela constante troca de interesses e de benefícios pessoais e pela constante substituição de governadores no estado. Desse modo, depois de Xavier da Silveira o cargo de governador do Rio Grande do Norte foi ocupado por mais quatro nomes entre eles João Gomes Ribeiro, Nascimento Castro, Amintas

¹⁰⁶ SPINELLI, José Antonio. *Coronéis e oligarquias na Primeira República*, p.08

¹⁰⁷ “Embora tenham existido manifestações republicanas isoladas durante todo o período do Segundo Império, parece que o primeiro núcleo efetivamente organizado foi o Centro Republicano Seridoense (em Caicó, na zona sertaneja algodoeira), fundado em 1886 por um jovem acadêmico de Direito, Janúncio da Nóbrega, sob o influxo das idéias republicanas agitadas nos círculos estudantis de Recife, onde Nóbrega estudava (...)” Idem, ibidem, p.09

¹⁰⁸ Idem, ibidem, p.09

¹⁰⁹ Idem, ibidem, p.13

Barros e Miguel Castro. Entretanto, a conjuntura se modifica quando Floriano Peixoto passa a ocupar o cargo de presidente do Brasil e Pedro Velho volta a ser governador, estabelecendo conforme defendeu Anderson Dantas da Silva Brito, a organização familiar Albuquerque Maranhão. Buscando possuir uma base de sustentação política, Pedro Velho indica seu irmão Augusto Severo para ocupar uma vaga na Câmara Federal o qual,

(...) enfrentou a oposição de Jose Bernardo¹¹⁰ e dos ‘históricos’ do Seridó. Nascimento Castro, (...) também se insurgiu. Janúncio da Nóbrega, ‘histórico’ seridoense, apresentou-se como candidato da oposição sendo derrotado por Augusto Severo. O Congresso Nacional, todavia, anulou a eleição¹¹¹.

Pedro Velho ainda vai incitar a quebra de relações com Floriano Peixoto, desse modo o Rio Grande do Norte ficou dividido em dois grupos os florianistas¹¹² X antiflorianistas¹¹³. Ele vai apoiar a campanha eleitoral de Prudente de Moraes para a presidência. Floriano Peixoto, que tinha pretensões continuístas, tentou depor Pedro Velho, mas o mesmo sai vitorioso. Contando com o novo presidente Prudente de Moraes, “(...) o domínio de Pedro Velho tornou-se absoluto. Em 1897 o ‘coronel’ José Bernardo reaproximou-se, garantindo o apoio do Seridó. Pedro Velho, chefe do partido, impôs sua vontade à política estadual (...)”¹¹⁴. No ano de 1895, Ferreira Chaves foi eleito governador do estado, o mesmo pertencia a facção pedrovelhista. Ele foi sucedido por

(...) Alberto Maranhão, que governou até 1904. Para sua eleição a Constituição estadual foi modificada, reduzindo-se para 25 anos a idade

¹¹⁰ O Cel. José Bernardo de Medeiros, o qual dominava politicamente o Seridó e era chefe do Partido Liberal, ostentava o comando político durante o segundo Império. No litoral, se destacava Amaro Bezerra que estabeleceu o diretório do partido, já no interior sobressaía José Bernardo de Medeiros. Ocorre que o Partido Liberal encarara no último pleito durante o Império uma divergência gerada pela contenda entre Amaro Bezerra e José Bernardo no tocante à indicação dos candidatos à Câmara dos Deputados. Controlando os eleitores do interior, José Bernardo conseguiu eleger o seu candidato indicado assinalando deste modo o seu comando irrefutável no Seridó. E ao mesmo tempo, ele apresentou essa região como um significativo espaço político no Rio Grande do Norte. Essa transformação, apesar de ter se dado de modo progressivo, possibilitou ao Seridó permanecer no final do Império e começo da República, possuindo como ator principal, José Bernardo e todo o grupo que lhe seguia. Conforme Pery Lamartine, com a República Pedro Velho “(...) assume o Governo Provisório e José Bernardo é desde logo nomeado membro do Conselho Executivo, encarregado dos Negócios Interiores. Sobrevém com a eleição para a Constituinte Nacional então Miguel Castro e José Bernardo são eleitos respectivamente Deputado e Senador Federais. Com a morte de José Bernardo de Medeiros em 1907, o —sistema político do Seridó, foi desarticulado. Entretanto, seu neto José Augusto foi preparado desde tenra idade, para enveredar pela política. Assim, foi iniciado aos cinco anos nas primeiras letras pela sua mãe. E concluiu seu curso primário em Acari, onde estudou música com Antônio Tonheca Dantas. No ano de 1897, ingressa no Atheneu Rio-Grandense para cursar o ensino secundário e teve como tutor o seu tio Manoel Dantas que foi redator do semanário *O Povo* de propriedade de José Bernardo. Conforme: LAMARTINE, Pery. *Coronéis do Seridó*, p.62-63.

¹¹¹ SPINELLI, José Antonio. *Op.Cit*, p.15

¹¹² Liderados por Amaro Cavalcanti e José Bernardes

¹¹³ Liderados por Pedro Velho, Miguel Castro, Antônio Garcia e Oliveira Galvão .

¹¹⁴ SPINELLI, José Antonio. *Op.Cit*, p.17

mínima de acesso ao cargo. Augusto Tavares de Lyra (genro de Pedro Velho) sucedeu-o e governou até 1906, quando renunciou para assumir o ministério da Justiça no governo Afonso Pena. Em 1908, Alberto Maranhão foi reconduzido ao governo do Estado para um mandato de seis anos (mais uma vez a Constituição fora modificada, ampliando-se o período governamental). A solidez da oligarquia Maranhão parecia inabalável (...) ¹¹⁵

É importante ainda lembrar que os mais conhecidos representantes da família Albuquerque Maranhão, foram Pedro Velho e Alberto Maranhão. Esta organização familiar governou o Rio Grande do Norte de 1892 a 1913. Anderson Dantas da Silva Brito também nos informa a respeito de que:

(...) os investimentos feitos na memória e na construção heróica de Pedro Velho, através de imaginário que se fez prevalecer na historiografia, já existia a prática habitual de reconhecê-lo através da denominação de espaços e a edificação de monumentos. Reconhecimento este não restrito à figuras de Pedro Velho, mas, estendido a vários componentes da mesma organização familiar. Dessa forma, o mundo da organização familiar Albuquerque Maranhão passou a ser (re)conhecido no Rio Grande do Norte, inicialmente, pelos atos da toponimização criados a partir da primeira administração estadual de Alberto Maranhão, quando empreendeu seus esforços em torno do Reconhecimento a alguns membros da família e depois, na sua segunda administração, passou às auto-homenagens contidas nos nomes das espacialidades e condecorações ¹¹⁶.

Ainda é oportuno destacar que a Primeira República é caracterizada pelo desejo de modernização e urbanização. Assim, a partir do ano de 1908, Alberto Maranhão iniciou “(...) à expansão e a qualificação da educação do estado e a edificação de grupos escolares (...) marcado pelo interesse em fazer efetivar-se uma remodelação urbana, direcionada a partir de parâmetros característicos de uma cidade moderna”. ¹¹⁷ Deste modo, no segundo mandato de Alberto Maranhão (1908-1913), foram construídos vinte e quatro grupos escolares no estado que visavam

(...) responder ao jogo de interesses dos Albuquerque Maranhão. Jogo esse que também se ramificava pelos redutos eleitorais de seus correligionários políticos, objetivando (...) agradar as lideranças locais, através (...) da denominação de uma edificação para fins educacionais, que em algumas situações homenageava o próprio líder da política local (...) ¹¹⁸

Dentro dessa conjuntura é oportuno destacar que Caicó foi uma das primeiras cidades a ingressar na campanha de expansão da oferta de ensino, sendo contemplada com a

¹¹⁵ Idem, ibidem, p.17.

¹¹⁶ BRITO, Anderson Dantas da Silva. *Op. Cit.* p.103.

¹¹⁷ Idem, ibidem. p.135.

¹¹⁸ Idem, ibidem. p.141.

construção do Grupo Escolar Senador Guerra que foi criado pelo Decreto nº 189 de 16 de fevereiro de 1909. Alberto Maranhão atendeu o pedido do Cel. Joaquim Martiniano Pereira, então prefeito de Caicó. “Coube ao Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, na época exercendo interinamente o cargo de Diretor-Geral da Instrução Pública do Estado, instalá-lo solenemente¹¹⁹”. O Grupo Escolar Senador Guerra teve como primeiro diretor o Professor Pedro Gurgel¹²⁰, tendo sido no ano de “(...) 1910 (...) nomeado professor efetivo para reger a cadeira do sexo masculino (...) Desta forma, dirigiu o Grupo Escolar Senador Guerra durante nove anos, assistido pelas professoras Filomena Dantas e Alzira Monteiro¹²¹.”

O Grupo Escolar Senador Guerra recebeu esse nome em homenagem ao padre Francisco de Brito Guerra, tio-avô de José Augusto Bezerra de Medeiros, começando a funcionar em 25 de março de 1909, em três dependências da Prefeitura Municipal. No tocante ao prédio da Prefeitura Municipal, esse começou a ser construído no ano de 1889 utilizando como mão de obra os flagelados da seca. O Jornal *O Povo*, noticiou que no dia 01 de outubro de 1889, foi instalada uma

(...) comissão de socorros desta cidade, que está tratando de uma Câmara, no largo existente entre a igreja do Rosário e casa do cap. Janúncio da Nóbrega. (...) A planta do edifício (o desenho) é do Dr. J.S.Pires Ferreira; está sentada sob as regras d’arte, e se for elevada a efeito será um dos principais da província¹²².

O Jornal *O Povo* noticiou no dia 07 de dezembro de 1890 que “tiveram começo essa semana os serviços da conclusão da casa do *forum* deste município¹²³”. Com a conclusão da construção do edifício, esse passou a corresponder à sede municipal de Caicó e em 1908, o prédio foi ampliado e adaptado aos padrões do Grupo Escolar, que foi fundado no ano posterior.

No ano de 1913, os nomes para a candidatura ao cargo de governador passaram a ser indicados. Conforme José Antônio Spinelli, nesse período a família sentiu a necessidade de “(...) indicar alguém fora do círculo familiar, porém confiável, a fim de iludir a opinião pública e, ao mesmo tempo, conservar as rédeas do poder. Com essa manobra, tentava-se, em

¹¹⁹ MEDEIROS, Maria das Dores. O Grupo Escolar Senador Guerra e a Praça Dr. José Augusto de Medeiros. In.: MACEDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Caicó: uma viagem pela memória seridoense*, p. 38

¹²⁰ MORAIS, Grinaura Medeiros. Pedro Gurgel do Amaral Oliveira: o professor e seus múltiplos ofícios. In.: ARAÚJO, Ausônio Tércio; DANTAS, Eugênia Maria; MEDEIROS, Maria das Dôres; MACÊDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Mestres do Seridó: Memórias*, 2006.

¹²¹ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.31

¹²² (Sem Autoria). *Jornal O Povo*, Seridó, 12 de out. de 1889. In: MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Op.Cit.*, p.43.

¹²³ Fórum, *Jornal O Povo*. Seridó, 7 de dez. de 1890. In: Idem, ibidem, p.44.

última análise, preparar o caminho para um Maranhão no mandato seguinte (...) ¹²⁴”. Entretanto, algumas dificuldades começaram a surpreender a facção no poder; já que nesse mesmo ano surgiu a “política das salvaçãoes” ¹²⁵. Nesse contexto, surge a figura do Deputado estadual do Ceará mas, norte-rio-grandense de nascimento, o Capitão José da Penha Alves de Souza, liderando a campanha ‘salvacionista’ e conseqüentemente trazendo o nome do militar Tenente Leônidas ¹²⁶, como candidato ao governo do estado.

Nestas condições, Alberto Maranhão envia José Augusto ao Rio de Janeiro para consultar o senador Pinheiro Machado, chefe do Partido Republicano Conservador, ao qual o Partido Republicano do Rio Grande do Norte era afiliado. O senador Pinheiro indicou Joaquim Ferreira Chaves “(...) a quem se ligava pela amizade pessoal. Não restava ao governador outra saída, a não ser aceitar essa candidatura ¹²⁷”. Nesse sentido, Ferreira Chaves passa a ser apoiado pelos coronéis do Seridó. Nesse período, José da Penha lançou um manifesto ao eleitorado, no qual denunciava a apropriação da máquina estadual pela família Albuquerque Maranhão, o monopólio econômico do estado, a corrupção eleitoral, entre outros. O Capitão José da Penha, impedido de fazer um comício na cidade de Nova Cruz, retorna a Natal, onde aconteceram alguns incidentes na estação ferroviária e na casa do Professor Clementino Câmara, onde o Capitão José da Penha ficou sitiado até conseguir um *habeas corpus* impetrado pela Assembléia Legislativa do Ceará para sair do Estado. Assim, em 14 de março de 1913, Joaquim Ferreira Chaves foi reeleito para o segundo mandato, suscitando uma transição com a atenuação do poder dos Albuquerque Maranhão e a ascensão gradual dos coronéis do Seridó. Assim, ele

(...) quebrou a fidelidade que o mantinha ligado à família de Pedro Velho; no poder, dedicou-se a montar seu próprio esquema de sustentação e a desarticular as bases políticas dos Maranhão. Uma de suas primeiras medidas neste sentido foi à rescisão do “contrato do sal”, que representou um profundo golpe no poder econômico da facção até então dominante (...) ¹²⁸

Ferreira Chaves ainda promoveu reformas na Constituição Estadual; em 1915 regulamentou o serviço eleitoral do Estado, em 1916, e promoveu uma campanha militar contra o cangaceirismo. Estas medidas serviram de referencial para o novo poder oligárquico,

¹²⁴ SPINELLI, José Antonio. *Op.Cit*, p. 18

¹²⁵ A política do presidente Hermes da Fonseca objetivava desfazer a tradicional política "café com leite" substituindo lideranças das oligarquias tradicionais por uma aliança constituída por parte do Exército e representantes de oligarquias locais menores.

¹²⁶ Leônidas Hermes da Fonseca era filho do Presidente Hermes da Fonseca

¹²⁷ SPINELLI, José Antônio. *Op.Cit*. p.19.

¹²⁸ Idem, *ibidem*. p.20

representados pelos coronéis do Seridó. Além dessas reformas, a decadência¹²⁹ da economia açucareira prejudicou as finanças da família Albuquerque Maranhão. Enquanto isso, o preço do algodão seridoense subia de cotação no mercado exterior promovendo um forte aumento dos tributos públicos com o decorrente fortalecimento do aparelho regional do estado. Nesse sentido, “o centro da política estadual começa a deslocar-se da região litorânea, açucareira (ou açucareiro- têxtil) para a região sertaneja do Seridó, algodoeiro-pecuária¹³⁰. O algodão mocó¹³¹ se desenvolveu muito bem no Seridó, pelas condições naturais da região: clima semi-árido, com altas temperaturas e o solo pertencente à classe dos Bruno Não-Cálcicos, assinalados pela escassa profundidade e suscetível à erosão.

No ano de 1920, Ferreira Chaves indicou para governador do estado, o nome de Antônio de Souza, enquanto que os Albuquerque Maranhão optaram pelo nome de João Dionysio Filgueira, que perdeu a eleição. Em 1923, Ferreira Chaves se candidatou mais uma vez ao cargo de governador do Estado e conseguiu se eleger pela terceira vez; entretanto, houve uma forte oposição dos coronéis do Seridó. Como os deputados José Augusto Bezerra de Medeiros e Juvenal Lamartine gozavam de certa influência junto ao presidente Arthur Bernardes, obtiveram um pacto, pelo qual José Augusto foi nomeado, em 1924, governador do estado, pondo fim ao domínio da família Albuquerque Maranhão, ligada a economia açucareira promovendo ao poder os coronéis ligados à economia algodoeiro-pecuarista que “(...) exercia o poder agora sem intermediações, na pessoa de seus representantes diretos, homens afeitos à produção e ao comércio do algodão e à discussão de suas questões técnicas. Foi este o sentido da reviravolta de 1923/24¹³²”.

Já no ano de 1927, começaram a ser especulados os nomes para as eleições do Senado e da Câmara Federais, existindo, como sempre, discrepâncias entre os pretendentes apoiados pela situação e os da oposição. A partir de um pacto feito à revelia, José Augusto sucedeu Juvenal Lamartine no Senado, enquanto que Juvenal Lamartine se tornou governador do

¹²⁹ O declínio da cana-de-açúcar foi motivado pela competitividade nos mercados externos, tecnologia obsoleta, a falta de mão-de-obra(motivada não só pelo fim da escravidão , mas, pela enchente do Rio Ceará-Mirim). A carência de mão-de-obra, particularmente grave, foi determinada não só pela Abolição, mas principalmente pela emigração em razão das secas constantes,além do um fascínio desempenhado pelo ciclo da borracha no Norte do país. Também o declínio na produção açucareira, facilitou a cultura do algodão, na qual foi consolidada durante a primeira Guerra Mundial (1914-1918).

¹³⁰ SPINELLI, José Antônio. *Op.Cit.* p.21

¹³¹ “Essa variedade ficou conhecida internacionalmente pela qualidade se sua fibra longa e resistente, sendo, por isso, bastante procurado pelos centros consumidores , principalmente os produtores de tecidos de qualidade superior . Em função dessas características, apresentava cotações mais altas no mercado que qualquer outra variedade (...)” MORAIS, Ione Rodrigues Diniz.*Op.Cit.* p. 54

¹³² SPINELLI, José Antônio. *Op.Cit.* p.25

estado. Assim, nos termos políticos e econômicos, o Seridó foi impondo-se cada vez mais, atenuando a participação de outras facções.

Dentro dessa conjuntura “(...) Caicó vivia, essencialmente, em função das atividades do campo baseados no binômio algodão – gado. O fortalecimento e expansão da cotonicultura, a partir da última década do século XIX, dinamizou a vida citadina e marcou, (...) o espaço urbano (...)”¹³³. Ione Rodrigues Diniz Moraes ainda nos lembra que em 1920, a população total de Caicó era 25.366 habitantes, enquanto que a população urbana contava com 3.950 habitantes, a população rural era de 21.416 mil. Essa maior quantidade de famílias vivendo na zona rural é explicada em razão do algodão nesse momento ser o principal produto e conseqüentemente a principal fonte de renda. Foi também no campo que começou o processo de beneficiamento do algodão¹³⁴, por meio de descaroçadores, conhecido por “bolandeiras”, instituídos no interior das grandes propriedades rurais. Os territórios que antes serviam à pecuária e a agricultura de subsistência, se transformaram em cenário para o aparecimento de novas técnicas, de um novo sistema de produção caracterizado pelo cultivo, colheita e descaroçamento do algodão. Já na cidade, a economia girava em torno de

(...) um comércio (...) composto por lojas de tecidos, miudezas como *A Loja Avenida de E. Gurgel de Araújo na Avenida Seridó, nº 69, A loja de Fazenda de Pedro Militão, completo sortimento de fazendas grossas e finas, chapéus, meias, toalhas, colchas, redes, etc.; papelarias como a Casa Lebarre, livraria e papelaria; farmácias como a Pharmacia e Drogeria Gurgel, na Avenida Seridó nº 17 e 61; casas de ferragens como J. Severiano & Filhos, grande sortimento de Ferragens, Estivas e Miudezas; e, hotéis e hospedarias como o Hotel Avenida: um grande e confortável hotel situado a Avenida Seridó, nº 80; cafés, cigarros, bares, etc. que propunham facilitar a vida das pessoas que buscavam o comércio de Caicó*¹³⁵.

A rua onde se localizavam as lojas em geral, perfumaria, chapelaria, hotéis e pousadas que sofreu alteração física e toponímica, no início do século XX, era a Avenida Seridó. Essa era denominada anteriormente de Rua da Fortuna em menção “(...) ao riacho da Fortuna, que

¹³³ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.54

¹³⁴ O nordeste brasileiro, com ênfase para o Seridó, possuía clima e solo apropriado para a cultura do algodão arbóreo (chamado de mocó), caracterizado “(...) por uma excepcional resistência, sedosidade, bela coloração e grande comprimento de fibra, que ultrapassa não raro 36 milímetros. Ao contrário das outras variedades, o algodão do Seridó é perene, é arbóreo e resistente às mais longas estiagens.”MEDEIROS, José Augusto Bezerra. *Seridó*, p. 27. O algodão é uma planta nativa da América e se sobressaiu pelo fato do mesmo poder ser cultivado de forma harmônica com outras atividades econômicas, como a pecuária e a agricultura de subsistência. Assim, a cotonicultura passou a utilizar a mesma área física da pecuária, e em algumas áreas, passaram a coexistir. “Isto porque o restolho e o caroço de algodão, obtidos após o beneficiamento da pluma, eram usados na alimentação do gado bovino.”Conforme: MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.53.

¹³⁵ ANDRADE, J. B. F. *Caicó, RN: Uma cidade entre a recusa e a sedução*, Dissertação. Natal, 2008, p.67-68.

corria no mesmo local onde, presentemente, acha-se construída a avenida Seridó¹³⁶.” Essa avenida foi planejada pelo Dr. Augusto Monteiro e ligava o rio Seridó ao rio Barra Nova. Em razão do Riacho, a mesma possuía as calçadas muito altas, niveladas e ligadas. Entretanto, na década de 1940, o Prefeito Sr. Aldo Medeiros, cuidou “(...) de um plano de rebaixamento geral destas calçadas, bem como do futuro calçamento de Caicó¹³⁷.” Nesse sentido, observamos que houve a substituição de um hidrotopônimo¹³⁸ que faz menção ao Riacho da Fortuna por outro hidrotopônimo que faz menção ao Rio Seridó, o qual representou “(...) o nome da região e da cidade. A região inclusive é reforçada, certa vez que também já foi a denominação anterior à Caicó.¹³⁹”.Constata-se assim, que o nome Avenida Seridó foi apropriado simbolicamente pelos proprietários desses estabelecimentos, com a finalidade de facilitar sua localização. Assim, além dessa rua ter se tornado uma das principais atrações da cidade, a Avenida Seridó também educava os sentidos dos caicoenses com a publicação de novos códigos de consumo. Esse espaço de consumo a exemplo, da cidade de Recife nos anos 20 do século XX é “(...) negador do perfil familiar que se apega às práticas e discursos do campo, da sociedade escravista do Império brasileiro, ao mesmo tempo que participam da produção de subjetividades como mediadoras da reprodução do capital¹⁴⁰.” Ione Rodrigues Diniz Morais Morais, ainda vai destacar que

(...) a ocupação do solo urbano foi objeto de outro redirecionamento em função da construção do novo Mercado Público. O deslocamento do Mercado (29-2-1918) da antiga Praça da Liberdade para o local onde até hoje se encontra (cruzamento das Avenidas Coronel Martiniano e Seridó), intensificou as construções naquela direção. A rua que depois veio chamar-se Avenida Seridó foi projetada e iniciada um pouco antes da construção do Mercado, na segunda metade da primeira década deste século. Naquele período, sua peculiaridade encontrava-se no fato de que sua extensão, de quase 1 km, servia de ligação entre os rios Seridó e Barra Nova (...) Com o passar dos anos, a cidade foi crescendo e novos equipamentos urbanos instalados¹⁴¹.

Deste modo, no ano de 1918, a antiga construção do Mercado foi derrubada, e em seu local, foi edificada uma praça. A praça que, como já discutimos anteriormente, se denominava Praça do Mercado, foi rebatizada com o nome de Praça da Liberdade, por ter sido palco do

¹³⁶ MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Op. Cit.* p.49

¹³⁷ MONTEIRO, Pe. Eymard L’E. *Op. Cit.* p.27

¹³⁸ Topônimo que faz menção a acidentes geográficos em que, a designação toponímica, é um elemento hidronímico.

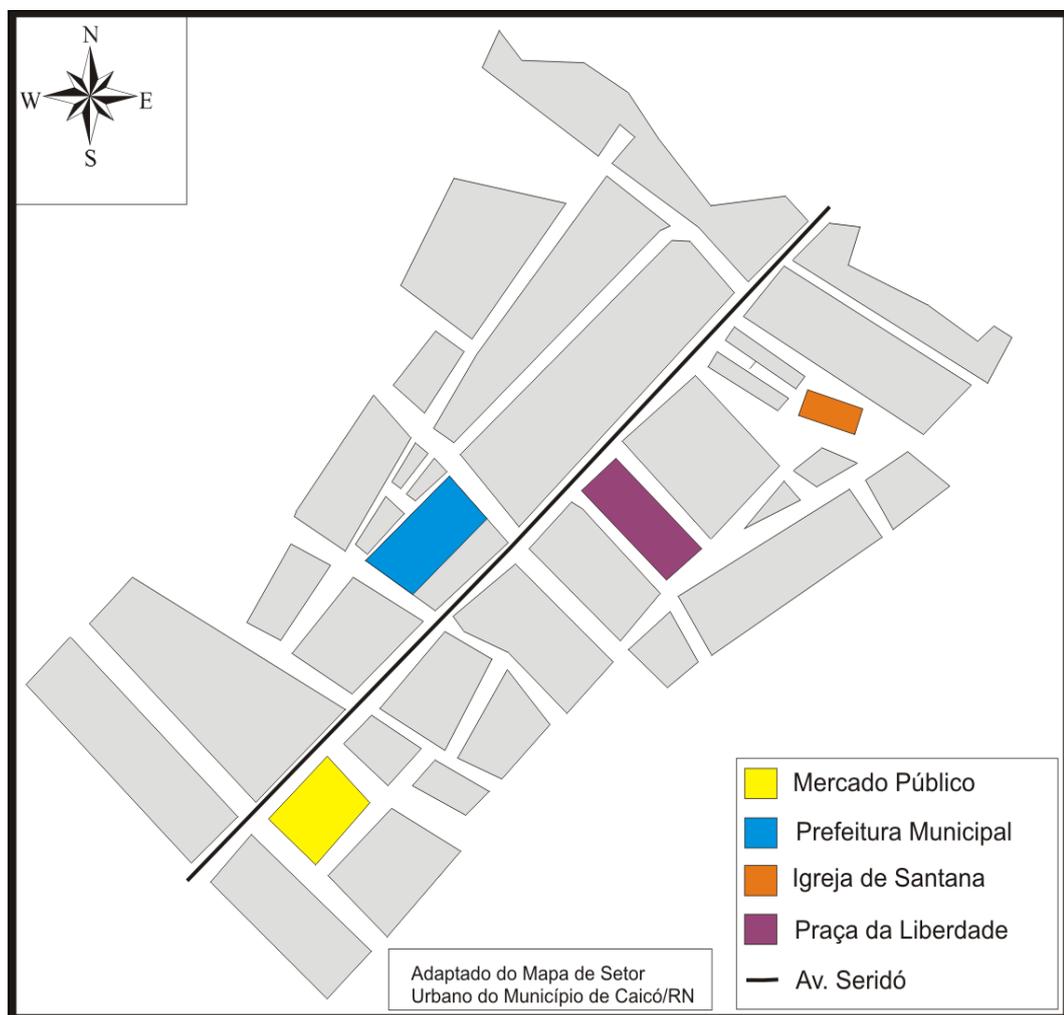
¹³⁹ BRITO, Anderson Dantas da Silva; MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. *Op. Cit.* p.12

¹⁴⁰ OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. Temp(1)os de consumo: Memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX). *Saeculum – Revista de História*, p. 61

¹⁴¹ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.50-51.

movimento abolicionista no final do século XIX. Ali os abolicionistas representados pelo clube abolicionista de Caicó fundado pelos “(...) maiores fazendeiros da região entre eles, (...) Clementino Monteiro de Faria, o presidente do clube, Antônio Gomes Monteiro, o vice-presidente e José Evangelista de Medeiros, major Manoel Álvares de Faria, José Félix da Silva, capitão Josué Alvares de Faria e outros¹⁴², se concentravam e conferiam cartas de alforria, aos escravos. A atuação desse movimento foi intensiva, de modo que, na ocasião da assinatura da Lei Áurea, não havia mais nenhum escravo no município.

Croqui 3- Caicó, início do século XX



No lugar do Mercado foi construído um coreto de madeira no centro, com um formato hexagonal, em cujo interior se encontravam alguns assentos de madeira, provavelmente para alojar os membros da banda de música municipal, que já existia desde 1909. As modificações na composição física da praça prosseguiram. “O coreto de madeira foi substituído por um de

¹⁴² ARAÚJO, Douglas. *Op. Cit.* p.77-78

alvenaria em 1931, permanecendo intocado até 1943, quando foi substituído pelo que existe até hoje¹⁴³.” Também no ano de 1919, conforme Eunice Ariston, a Biblioteca Olegário Vale foi fundada e instalada em um salão da Prefeitura Municipal. E com um ano depois foi transferida para sua sede própria, localizada na Praça da Liberdade, ficando lá até o final dos anos 40, quando foram demolidas duas ruas da Praça, local onde a biblioteca se localizava. Assim, o poder municipal mandou construir um salão localizado à rua 7 de Setembro, para instalar a biblioteca. Sendo anos depois transferida para um prédio, ao lado da sede da prefeitura, à Rua Felipe Guerra reinaugurando-se no dia 14 de setembro de 1971.

Olegário Gonçalves de Medeiros Vale nasceu em 06 de março de 1858, esteve à frente do Poder Executivo de Caicó entre 1882- 1890, foi Comandante do Corpo da Polícia Militar, delegado, advogado, jornalista, abolicionista e republicano. Nesse sentido, o mesmo buscava convencer os proprietários a libertarem os escravos seja através de visitas às fazendas, seja através do Jornal *O Povo*, do qual o mesmo era redator. Esse jornal era de propriedade de José Bernardo de Medeiros. Em 1884, Olegário Vale fundou juntamente com alguns membros da sociedade caicoense, “(...) a Sociedade Literária Santa Cecília [que] criou com apenas 200 volumes a primeira biblioteca de Caicó, denominada Biblioteca ‘Club 20 de Janeiro’, que foi dirigida pelo Delegado Escolar Olegário Gonçalves de Medeiros Valle.¹⁴⁴”

A partir do discutido acima, identificamos topônimos que homenageiam datas, acontecimentos, lugares ou uma personalidade da história. Apesar dos topônimos que fazem alusão às datas e os acontecimentos não fazerem parte da história local; eles se constituem em referências com as quais a cidade se identifica. Desse modo, a elaboração da identidade da cidade se configura nos usos do passado, no caso, a toponímia urbana. Assim, as datas, os acontecimentos, os lugares e os personagens da história se transformam em topônimos urbanos e se relacionam com a história local através de uma operação historiográfica

(...) que elabora um discurso afetivo e sacralizador acerca da história (...) pode-se indicar que essa operação organiza uma estrutura narrativa (...) Essa escrita estabelece uma ligação entre a ordem espacial e a ordem temporal (...) Essa escrita peculiar da história é operada a partir da afirmação do princípio da gratidão que estabelece o vínculo simbólico entre a sociedade atual e o passado histórico, representado pelo personagem ou o evento (...) representado. Esse princípio, atualiza o passado no presente (...)¹⁴⁵

¹⁴³ ARAÚJO, Radilson Costa. Praça da Liberdade ou Praça Senador Dinarte Mariz. In.: MACEDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Caicó : uma viagem pela memória seridoense*. p.34

¹⁴⁴ ARISTON, Eunice. *Olegário Vale: O idealista*, p.64.

¹⁴⁵ KNAUSS, Paulo. Estudo da imaginária urbana. *Encontro Regional de História*. p.1

Assim, podemos dizer que nas primeiras décadas do século XX os topônimos buscavam construir, de forma simbólica, a identidade caicoense relacionando-a com o movimento abolicionista e republicano. Assim, devemos destacar que Olegário Vale também foi um abolicionista que percorria as fazendas, tentando convencer os fazendeiros a libertarem seus escravos. Anderson Dantas da Silva Brito, ao analisar uma Carta de Aforamento, do ano de 1919, destaca que existia nesse período em Caicó um terreno localizado à Rua 15' de Novembro. Essa rua se situava entre o Mercado Público e os terrenos de Janúncio da Nóbrega, e sua denominação se constituía em um tributo à data da Proclamação da República.

Ainda conforme os autores Anderson Dantas da Silva Brito e Olívia Morais de Medeiros Neta, havia na cidade “(...) uma argamassa imaginária que levava a que se nomeasse os logradouros e espaços conforme o dia da Proclamação, com a idéia de Liberdade, presente na Praça da Liberdade em referência à abolição dos escravos, e com a valorização da região (...)”¹⁴⁶.”Nesse sentido, ao escolherem esses nomes para denominarem uma rua, uma praça e uma biblioteca, os sujeitos que comandavam a política local, naquele momento, estavam colaborando para a produção de uma identidade que fazia menção ao mesmo tempo ao movimento abolicionista e republicano e à afirmação da região.

No tocante à economia o desenvolvimento da cotonicultura transformará Caicó em “(...) um importante centro regional para as demais cidades do Seridó Potiguar e algumas do vizinho Estado da Paraíba (...)”¹⁴⁷. Nesse período, deu-se início em Caicó um incipiente processo de urbanização caracterizado pelo estabelecimento de empreendimentos comerciais, de lazer, de educação, de saúde e segurança todos consequentes da diversificação da aquisição do capital algodoeiro e da ascensão política da oligarquia seridoense a qual era representada por José Augusto e Juvenal Lamartine de Faria. Essa elite voltou sua política para o:

(...) aprimoramento da produção algodoeira e à melhoria das cidades do interior, situadas nas zonas econômicas mais dinâmicas, que a região do Seridó e a cidade de Caicó foram contempladas com obras importantes¹⁴⁸.

Assim, no governo de José Augusto Bezerra de Medeiros o Grupo Escolar que funcionava desde 1909, nos salões da Prefeitura Municipal, ganhou sede própria. Em 22 de setembro de 1925 foi inaugurado o prédio do Grupo Escolar Senador Guerra. O referido estabelecimento de ensino se localiza com os seus fundos voltado para a Avenida Coronel Martiniano, mesma rua onde foi construído o Mercado Público, onde permanece até o

¹⁴⁶ BRITO, Anderson Dantas da Silva; MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. *Op. Cit.*, p.12

¹⁴⁷ FARIA, Carlos Eugênio. *Op. Cit.*, p.100

¹⁴⁸ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.*, p.58

presente momento. Apesar de ter sido um empreendimento do Prefeito Cel. Joel Damasceno (1924-1926), a construção viabilizou-se através de recursos estaduais.

Também nesse mesmo ano se deu a substituição dos “(...) velhos lampiões de querosene pelo serviço de energia elétrica¹⁴⁹”. A chegada da energia acarretou transformações no tocante à sociabilidade noturna, já que o Cine-Theatro Avenida, espaço de exposição cinematográfico-cultural se tornará o lugar de entretenimento e encontro da juventude caicoense, onde as moças passeavam, namoravam. Ou seja, o Cine-Theatro Avenida se constituía em um

(...) lugar de cultura e espaço de conquista, apresenta o que tem de mais romântico e sonhador para os jovens. Espaço destinado à apresentação cinematográfico-cultural, com a direção do Sr. Enico Monteiro, também é palco de encontros, desencontros e paqueras¹⁵⁰.

É importante destacar que o primeiro cinema de Caicó funcionou durante a festa de Santa Ana, no ano de 1910, no prédio da Prefeitura Municipal e 15 anos depois no dia “(...) 23 de julho de 1925, Enico Monteiro inaugurou, num prédio próprio, pertencente a uma sociedade, um cinema de sua propriedade¹⁵¹.” Esse se localizava na Avenida Seridó com a Praça da Liberdade. No tocante às exposições cinematográficas do cinema Avenida, o “Jornal das Moças” (1926-1932) anunciava em suas páginas resumos do filme que estavam sendo expostos na cidade.

O cinema Avenida apresenta um drama que sensibiliza, pelo enredo tocante e pelo desempenho magistral, tornando, assim, digno de nossa seleta platéia. “Amor de mãe”, cinco maravilhosas partes de uma produção especial da renomada fábrica Nordisk. “Amor de mãe” é um drama onde predomina o sentimento, pelo que tem sido constantemente aplaudida esta película em todos os cinemas onde é exibido¹⁵²

Também no ano de 1926, o governador José Augusto auxiliou na fundação e manutenção do Ginásio Santa Teresinha (GST), denominado hoje de Educandário Santa Teresinha (EST). “Fundado pela Congregação do Amor Divino, foi o primeiro educandário feminino da cidade (...)”¹⁵³. No tocante ao prédio, como já discutimos anteriormente, se encontra localizado na antiga Rua da Independência por trás da Igreja da Matriz de Santa

¹⁴⁹ Idem, ibidem, p.60

¹⁵⁰ OLIVEIRA, Patrícia Cristina. *Lendo o Masculino pelo feminino: A construção de gênero masculino no “Jornal das Moças”*, p.22

¹⁵¹ MONTEIRO, Pe. Eymard L’E. *Op. Cit.* p.99.

¹⁵² (Sem Autoria). *Jornal das Moças*. Caicó.07 de março de 1926.

¹⁵³ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.*p.59

Ana, bem próximo às margens do rio Seridó; sua localização atual corresponde à Rua Visitador Fernandes – Centro. Ainda no que diz respeito ao prédio o mesmo “(...) foi construído no ano de 1842, pelo Visitador Pe Manuel José Fernandes (...)”¹⁵⁴ e remodelado tempos depois pelo Monsenhor Walfredo Gurgel, juntamente com as freiras da Congregação das Filhas do Amor Divino. O primeiro “(...) conseguiu dos amigos dinheiro emprestado para o término dos trabalhos”¹⁵⁵. Já as freiras se responsabilizaram por “(...) sair, no princípio da semana, pelas cidades vizinhas, pedindo esmolas para o pagamento dos trabalhadores”¹⁵⁶. Ainda conforme o site da escola, a mesma recebeu a designação de Santa Teresinha em homenagem àquela santa francesa, que foi canonizada no ano de 1925.

Manoel Pereira da Rocha Neto ainda nos informa que, no mesmo ano em que a escola foi fundada, o Presidente Washington Luís, último presidente da República Velha (1889-1930) a visitou sendo “(...) saudado pela talentosa educanda mademoiselle Octávia Medeiros que, em nome do colégio, ofereceu ao ilustre visitante diversos brindes”¹⁵⁷. Ainda nessa mesma visita a cidade, o Presidente Washington Luís inaugurou oficialmente o Hospital do Seridó. Percebemos aqui que mais uma vez o nome da região será garantido na cidade de Caicó. Ainda conforme, nos informa Ione Rodrigues Diniz Moraes, o hospital começou a funcionar ao norte do Mercado Público de Caicó, mais exatamente em uma rua paralela à Avenida Coronel Martiniano.

(...) no local onde hoje se encontra a Rodoviária Manuel de Neném. O espaço à sua frente, atualmente ocupado entre outros prédios pelo BB e pela Caixa Econômica Federal (CEF), era a antiga Praça Washington Luís. O Hospital foi inaugurado em 1926, reinaugurado em 1929, mas só começou, de fato, a funcionar em 1934¹⁵⁸.

Também é importante destacar que, após a inauguração do hospital, o presidente Washington Luís inaugurou a praça que ficava localizada em frente ao mesmo, a praça recebeu a denominação de Washington Luís. É conveniente lembrar que a oligarquia seridoense, representada por José Augusto e Juvenal Lamartine eram afiliados ao Partido Republicano, ou seja, Washington Luís e a oligarquia seridoense defendiam o mesmo sistema político. Também destacaremos que foi inaugurada a Praça Dr. José Augusto em “(...) 22 de setembro de 1929, aniversário de José Augusto, sendo orador oficial o Dr. Juvenal Lamartine, Presidente do Estado. Falaram também Pedro Matos, Djalma Marinho, Renato Dantas e

¹⁵⁴ MONTEIRO, Pe. Eymard L’E. *Op. Cit.* p.111

¹⁵⁵ Idem, *ibidem*, p.113

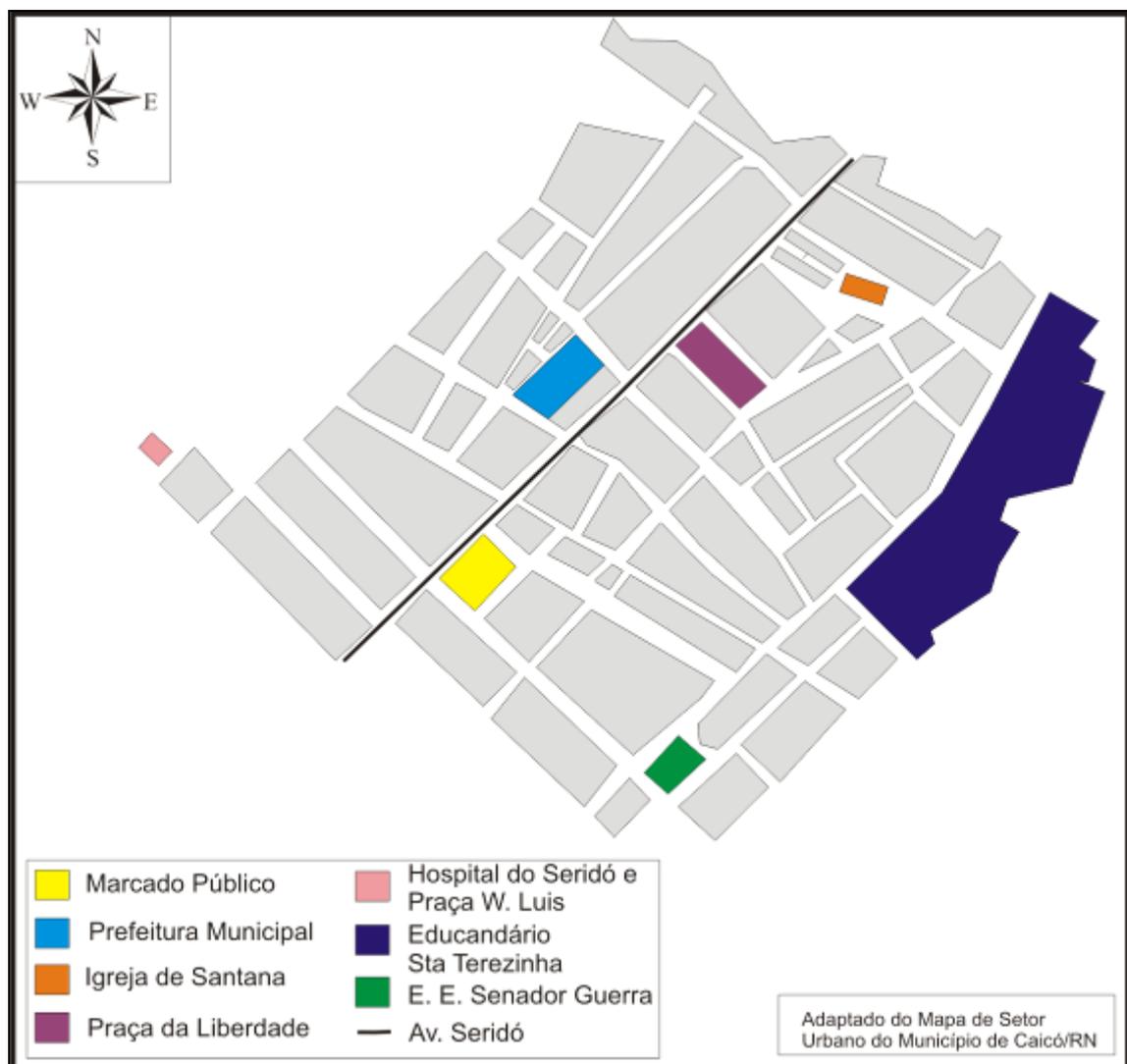
¹⁵⁶ Idem, *ibidem*, p.113

¹⁵⁷ Dr. Washington Luís. *Jornal das Moças*, Caicó, 15 ago. 1926.

¹⁵⁸ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p.80

Otacílio Alecrim.¹⁵⁹ Ela foi edificada no largo do Grupo Escolar Senador Guerra. Na praça, construída no governo do prefeito Eduardo Gurgel de Araújo (1928-1930), foi levantado um busto do Governador José Augusto diante do Grupo Escolar Senador Guerra, cuja parede recebeu uma placa. Assim, o Grupo Escolar passou a ter como endereço a Praça José Augusto. Percebemos assim, que os caicoenses estavam sendo impelidos por meio da toponímia a se habituar ao novo sistema político, a República, e conseqüentemente a seus representantes.

Croqui 4- Caicó, Primeira República



¹⁵⁹ MONTEIRO, Pe. Eymard L'E. *Op.Cit.* p.141

Com a Revolução de 1930, o jovem “coronel” Dinarte Mariz, primo de José Augusto e delegado de polícia de Caicó, agropecuarista e comerciante de algodão em Caicó, foi nomeado prefeito da cidade, entre outubro de 1930 e março de 1932, o mesmo além de ter ocupado a prefeitura de Caicó, foi eleito Senador da República, no ano de 1954 e em 1955 foi eleito Governador do Estado do Rio Grande do Norte. Ainda é conveniente destacar que o mesmo se identificou com o regime militar, tornando-se Senador biônico¹⁶⁰ no ano de 1978, vindo a falecer no ano de 1985, em Brasília, tendo sido seu corpo trasladado para ser sepultado em Caicó ficando assim “(...) patente a sua influência na (...) região do Seridó¹⁶¹”. E foi durante sua gestão na prefeitura que se iniciou a construção do açude Itans, a seis quilômetros de Caicó, no sítio Itans, situado sobre o leito do Rio Barra Nova, o qual representa cerca de 3000 hectares de bacia hidráulica.

O açude Itans foi construído com a finalidade de servir, ao mesmo tempo para irrigação e como fonte de abastecimento d’água, para a cidade de Caicó, minimizando assim as consequências das estiagens; este possuía no seu projeto uma capacidade de 81.750 milhões de m³ e apresentou “(...) benefícios imensuráveis tanto à cidade como a zona rural, e até mesmo aos municípios circunvizinhos, especialmente nos períodos de estiagens prolongadas¹⁶².” No que alude aos benefícios geomorfológicos, a escolha do sítio Itans se deveu à existência “(...) de água doce e piscosa e terras fertilíssimas às margens¹⁶³.” O espaço no qual foi estabelecido o Açude Itans foi submetido pela primeira vez à avaliação em 1920. Contudo, as resoluções para a construção daquele açude se deram de forma vagarosa. Até que no ano de 1932 foi iniciado de fato as obras do referido açude.

¹⁶⁰ Denominação com a qual ficaram reconhecidos os parlamentares eleitos de forma indireta, durante a ditadura militar.

¹⁶¹ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.*, p.62

¹⁶² MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.*, p.67

¹⁶³ DANTAS, Celso. Açude Itans. *Jornal Seridoense*, Caicó. 09 de março de 1920. In: ARISTON, Eunice, *Negras de uma cidade: Caicó*, p.17.



Figura 1- Construção do Açude Itans (1932 -1935)
 Fonte: ALBUM Fotográfico – Caicó, Ontem e Hoje. Caicó, 1994

O sítio¹⁶⁴ Itans foi modificado pela infra-estrutura montada para a construção do açude. Em torno da obra foram edificadas várias casas, caminhões passaram a transitar com “(...) operários, muitos deles com seus familiares¹⁶⁵”, gêneros alimentícios e material de construção. Por fim, o Itans foi inaugurado em 03 de fevereiro de 1936, com uma grande festa em praça Pública . Conforme o Jornal *A República*: “No dia 2, véspera da inauguração um grande curso de automóvel recebeu a comitiva do Governador do Estado, junto ao **Itans**, com banda de música e uma grande salva de foguetões¹⁶⁶”.

Na opinião do Governo, a construção do açude denotava resistir às sequelas das secas recorrentes das irregularidades das chuvas. Tal açude foi feito para fornecimento de água a população e aos animais, irrigação agrícola, regularização de vazante e piscicultura.

Quando o Itans foi construído era o maior açude do Estado; ainda hoje está entre os primeiros. Para a cidade de Caicó sua construção reservou-lhe o credencial de ser a primeira cidade do interior do Rio Grande beneficiada com o serviço de abastecimento d’ água (1953). Da aglomeração inicial em volta do canteiro de obras para a construção do açude, teve origem o atual bairro Itans, incorporado ao perímetro urbano de Caicó mediante Lei nº 3580, de 6 de julho de 1995¹⁶⁷.

¹⁶⁴ Propriedade rural

¹⁶⁵ ARISTON, Eunice. *Op.Cit.* 2010.p.24

¹⁶⁶ (Sem Autoria). A Inauguração do Itans e as homenagens do Seridó ao governador do Estado. *Jornal A República*. Natal. 06 de fevereiro de 1936. In: ARISTON, Eunice. *Op.Cit.* 2010.p.27

¹⁶⁷ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.*p.68.

A nomenclatura que batiza o açude e o posterior bairro, localizado em seu entorno, provém do nome de um molusco (itan) parecido com uma ostra, visível em grande quantidade, após o inverno, no poço das itans, localizado no Rio Barra Nova, local onde os primeiros estudos para a construção do açude foram realizados. Embora não existam mais indícios de ocorrências da espécie animal que lá outrora existiu, ficou o nome como um tipo de fóssil linguístico, a provar e conservar de certo modo, a memória da existência daquele molusco que em certa época perdida no espaço-temporal, por lá deixaram inapagáveis seus sinais no território.

Um fato que devemos atentar é que na década de 1930 o poder público municipal buscou alterar o nome da cidade de Caicó¹⁶⁸ para Amaro Cavalcante, entretanto, a população reagiu por meio de abaixo-assinado. Essa tentativa de alterar o nome da cidade nos demonstra que a denominação de um lugar se constitui em um objeto de manipulação e de poder além de ser capaz de se converter numa questão polêmica. Assim, provavelmente diante da impopularidade do projeto de mudar o nome da cidade, o poder público decidiu rebatizar a Rua da Cadeia para Rua Dr. Amaro Cavalcante. Conforme Anderson Dantas da Silva Brito

(...) a defesa do nome de Amaro Cavalcanti deve ter sido construída a partir do manto de solidez que pairava sobre sua trajetória de sucesso nos campos pessoal e político, já que havia sido inclusive prefeito da cidade do Rio de Janeiro (...) a população foi contra a alteração da denominação (...) naquele momento do Seridó, e mais especificamente de Caicó já lhes eram oriundas inúmeras pessoas também dignas de nomear a cidade, mas não era interessante a uma coletividade envolvida pela tradição do nome original e secular suprimir tal denominação para dar lugar a uma homenagem individual, tendo em vista que o imaginário prevalente agora era outro, que atribuía maior importância à valorização e a afirmação do nome da região¹⁶⁹.

A Rua Amaro Cavalcante antes era denominada de Rua da Cadeia a qual como já discutimos acima fazia alusão a Câmara Pública. Como já discutimos anteriormente o prédio da Câmara e Cadeia Pública era composto de dois pavimentos: no superior eram realizadas as reuniões da municipalidade e o pavimento inferior funcionava como cárcere. Contudo, como já debatemos anteriormente em 1889 um novo prédio começou a ser construído para sediar o poder municipal sendo concluído em 1890. Nesse sentido, o prédio da Câmara e Cadeia Pública deixou de ser sede do Poder Municipal. Com a mudança da Câmara do Senado a força

¹⁶⁸ É importante destacar que Caicó será o único topônimo que fará menção à memória indígena, esses serão rememorados através de lendas e da historiografia local como bárbaros que foram derrotados pelos colonizadores. Sendo esses últimos e os seus descendentes considerados os vencedores, os civilizados, aqueles que souberam sobrepujar todas as dificuldades e transformaram aquele espaço em uma cidade forte e desenvolvida

¹⁶⁹ BRITO, Anderson Dantas da Silva. *Op.Cit.*, p.251-253

policial passou a ocupar a parte superior da “Cadeia Velha” – expressão pela qual a Casa de Câmara e Cadeia, com o passar do tempo passou a ser conhecida pela população da cidade. Entretanto, com o passar do tempo, foi construído um prédio mais apropriado para exercer a função carcerária. Deste modo, a cadeia foi desativada e a força policial e o sistema prisional foram levados, em 1935, para o novo Quartel de Polícia onde hoje se localiza o Centro Administrativo de Caicó, localizado entre a atual Avenida Coronel Martiniano e Renato Dantas, nas imediações do Grupo Escolar Senador Guerra. Nesse sentido, com a transferência das funções do prédio o nome da rua foi alterado, pois não possuía mais aquilo que a munia de sentido. A escolha dos novos nomes pelos administradores públicos estabeleceram o abandono de um passado para recordar um outro, havendo a substituição de um arquétipo¹⁷⁰ descritivo pelo arquétipo comemoração, o qual enquadra as categorias que homenageiam pessoas, datas, eventos ou lugares. No entanto, pela falta do denominador e pelo espaçamento temporal da denominação é impossível determinar com precisão quando a rua foi renomeada. Assim, no *Jornal A Folha* há uma nota que menciona que “(...) a Rua Dr. Amaro Cavalcante (antiga Cadeia Velha) (...) [se encontra com as] (...) calçadas incompletas do lado da numeração par. No lado ímpar as calçadas estão completas e bem conservadas (...)”¹⁷¹”

A partir dessas citações podemos dizer primeiramente que, apesar da rua ter tido sua nomenclatura alterada, os caicoenses em meados do século XX, ainda a conheciam como Rua da Cadeia Velha¹⁷². Também percebemos que o antigo topônimo, Rua da Cadeia, permanecia ainda arraigado no cotidiano das pessoas. É como se para elas as alterações do nome dos lugares as desnortheastassem no espaço e no tempo, pois os nomes dos lugares assinalam suas identidades e expõem a dinâmica dos lugares. Ou seja, os lugares estão carregados de valores culturais e históricos já enraizados na cidade. Daí muitos lugares que tiveram seus nomes alterados continuarem por força do hábito a ser avocados pela sua antiga denominação. Conforme Reginaldo Benedito Dias

Quando a via pública é rebatizada, há a necessidade de um longo período para a sedimentação do novo nome. Somente os moradores mais antigos e os pesquisadores sabem [da mudança] Entretanto, não é difícil os moradores

¹⁷⁰ “(...) é possível identificar dois processos gerais de atribuição toponímica, identificados por Dick (1999) como arquétipos toponímicos: descrição e comemoração. No arquétipo descrição se enquadram categorias referentes ao meio ou em torno do topônimo.(...) O arquétipo comemoração refere-se a categorias que homenageiam pessoas (antropotopônimos, axiotopônimos e hagiopotônimos) ou relembram eventos ou lugares históricos”. BASTOS, Gelyce Ramos. *Microtoponímia de Santa Maria da Vitória: os logradouros públicos*. Monografia, Barreiras, 2010, p.36

¹⁷¹ Um morador. A pedidos o leitor reclama. *Jornal A Folha*. Caicó. 15 de maio de 1954. Ano I. Número 11

¹⁷² Em razão da existência na cidade do Quartel de Polícia, ou seja, de um novo prédio onde funcionava a cadeia, a Rua da Cadeia ganhou o termo Velha.

locais citarem (...) os dois nomes (...), havendo o cuidado de se referir ao mais recente como a “antiga Rua Fulano de Tal”¹⁷³.

Enfim, as ruas, praças e prédios públicos de Caicó, foram campo para a perpetuação de nomes e sobrenomes de personalidades e acontecimentos da história oficial, nacional e local. Ainda podemos afirmar que a cidade de Caicó passava por um processo de transformação e que seu espaço urbano foi redefinido e ampliado a partir da edificação do Mercado e conseqüentemente de outros prédios públicos. Além disso verificamos que os topônimos urbanos derivados de tempos antigos, não eram mais evidentes. Eram indispensáveis novos nomes para os logradouros de uma nova cidade. Os antigos nomes que se constituíam em resquíços da forma como os ancestrais localizavam-se na cidade, mapeavam os espaços e imprimiam organização passaram a ser substituídos por denominações que fazia menção a um passado de glórias. Passado descrito nas ruas de Caicó a partir dos nomes de grandes homens e ações, datas inesquecíveis e episódios significantes. Um passado que deveria ser recordado tanto no presente, quanto no futuro, através da toponímia urbana.

É significativo ainda notar que o domínio da oligarquia seridoense no poder estadual, foi fundada pelo caicoense José Bernardo de Medeiros o qual fundou uma genealogia de influentes políticos seridoenses. É importante também enfatizar que, com a Revolução de 1930, essas lideranças políticas não serão anuladas. “Elas se recomporão no Estado Novo, ao se alinharem a Dinarte Mariz, (...), que ganha visibilidade apoiando a Revolução¹⁷⁴”. Ainda devemos mencionar que

(...) entre 1940-1970, um outro seridoense conquistou proeminência na esfera política. Trata-se do Monsenhor Walfredo Dantas Gurgel, figura de reconhecida probidade e destaque na sociedade, tanto pelos seus trabalhos sacerdotais, quanto pelas suas ações no magistério.

Nestes decênios em que se projetou politicamente compartilhou a liderança regional com Dinarte Mariz, tráfegando em campos opostos. Este último era partidário da União Democrática Nacional – UDN e o Monsenhor, do Partido Social Democrata PSD. Na única eleição em que se enfrentaram nas urnas, Walfredo Gurgel deflagrou uma vitória memorável sagrando-se Governador do Estado¹⁷⁵.

Ainda é importante afirmar que entre as décadas de 1940-1970, a cidade de Caicó começou a passar por um lento processo de expansão e transformações urbanas, as quais acarretaram o surgimento de novos bairros, ruas, praças, avenidas e logradouros públicos,

¹⁷³ DIAS, Reginaldo Benedito. A História além das placas: os nomes de ruas de Maringá (PR) e a memória histórica. *Hist. Ensino*, p.116

¹⁷⁴ Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região do Seridó, p.179

¹⁷⁵ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op. Cit.* p. 204-205.

provocando a evolução da nomenclatura urbana. Nesse sentido, os novos bairros, ruas, praças e logradouros públicos que foram surgindo foram sendo batizados. Desse modo, nos questionamos quais as razões que levaram a cidade a se expandir e se transformar? Que novos elementos passaram a fazer parte da paisagem urbana de Caicó? Que nomes esses elementos receberam?

A presença da Igreja e das lideranças políticas no espaço urbano de Caicó

Conforme Ione Rodrigues Diniz Moraes, a “(...) expansão do seu sítio urbano e de incremento de sua população urbana, entre os anos 40 e 50, é atribuído (...) ao desenvolvimento do setor educacional. Essa situação tornou-se mais explícita a partir da criação da Diocese de Caicó, em 1940, quando foi incrementado o setor socioreligioso e educacional da cidade¹⁷⁶.” O desempenho do primeiro bispo de Caicó, D. José de Medeiros Delgado¹⁷⁷, foi marcante. Conforme Paula Sônia de Brito, seu plano pastoral em Caicó foi caracterizado por um programa sócio-educativo. Assim, é fruto de seu trabalho a fundação, no ano de 1942, do Ginásio Diocesano Seridoense¹⁷⁸ (GDS), posteriormente rebatizado de Colégio Diocesano Seridoense (CDS). Esse ginásio será uma referência regional de distinção educacional.

Paula Sônia de Brito nos lembra que, para construir o Ginásio Diocesano Seridoense, o Bispo Dom José de Medeiros Delgado “(...) adquiriu o “Sítio Soledade” (ainda no ano de 1941, do proprietário Ambrósio Pereira e sua esposa Alice Dantas Pereira), medindo ‘105 braças de terra de largura (...) com três casas de tijolo, um barreiro, roçados, cercados e demais benfeitorias (...)’¹⁷⁹”. Nesse sentido, enquanto a Catedral de Santana se localizava no extremo norte, o GDS será edificado no extremo sul da cidade, tendo como vizinho o Cemitério São Vicente de Paula, esse último era considerado como o “(...) fim do mundo, depois do mufumbal e do Riacho das Salinas¹⁸⁰.” Nesse sentido, o GDS teve como cenário “(...) a vegetação nativa e o riacho das Salinas, que corria livre à frente do colégio (...) Um

¹⁷⁶ Idem, *Ibidem*, p.87

¹⁷⁷ Ele foi vigário da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campina Grande – PB, entre 1931 e 1941. Em 15 de março de 1941, o primo de Dinarte Mariz, foi designado pelo Papa Pio XII, para ser o primeiro bispo da Diocese de Caicó, tomando posse no dia 26 de julho do mesmo ano. O período de seu bispado durou dez anos, tendo sido o mesmo transferido, novamente pelo Papa Pio XII, para cidade de São Luís no Maranhão, para ocupar o cargo de arcebispo.

¹⁷⁸ No dia 1º de março de 1942, foi inaugurado o Ginásio Diocesano Seridoense (GDS), hoje Colégio Diocesano Seridoense.

¹⁷⁹ BRITO, Paula Sônia de. *A luta do Bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos (Caicó-RN, 1941-1951)*. Dissertação, Natal, 2004, p.51

¹⁸⁰ (Sem Autoria). *Revista Caicó*, Natal:Clima Artes Gráficas Publicidade LTDA,1978, p.26

pouco atrás do imponente prédio está o rio Barra Nova (...) ¹⁸¹. Ainda no que diz respeito ao prédio do GDS, esse foi desenhado

(...) pelo engenheiro João Borba Carvalho Filho, e sua construção foi acompanhada por Dom Delgado conjuntamente com o então Cônego Walfredo Dantas Gurgel, levando todo um complexo escolar formado pelo próprio GDS, a Escola Prevocacional de Caicó e o Seminário Santo Cura d’Ars. No centro desse complexo escolar seria erguida a Capela São José, atualmente Igreja Matriz de São José ¹⁸²

Figura 2- Planta do complexo escolar



Fonte: BRITO, Paula Sônia de. *A luta do Bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos (Caicó-RN, 1941-1951)*. Natal, 2004, Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

O prédio do GDS foi inaugurado no dia 02 de agosto de 1942 e se constituiu em “(...) um novo marco na paisagem urbana de Caicó e, mais ainda, na vida cultural da pacata cidade ¹⁸³”. Assim, enquanto o Ginásio Santa Teresinha do Menino Jesus tinha como função educar as meninas, o GDS tinha como missão educar os rapazes, sendo a grande maioria deles “(...) oriundos de famílias mais remediadas, embora houvesse a distribuição de bolsas de estudos com famílias carentes da região. ¹⁸⁴”.

¹⁸¹ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.88

¹⁸² BRITO, Paula Sônia de. *Op.Cit.* p.53.

¹⁸³ Idem, *ibidem*, p.54

¹⁸⁴ ARAÚJO, Sérgio André de. *Colégio Diocesano Seridoense*. MACEDO, Muirakytan Kennedy (Org.).*Op.Cit.* p. 42

Compreende-se aqui, o quanto se comunicam, o elemento religioso com o educacional. Ainda é importante destacar que a criação da Diocese de Caicó, além de ter impulsionado a educação, também estimulou a cultura e as obras de assistência sócio-religiosas. Deste modo, será fruto do trabalho do Monsenhor Walfredo Gurgel em parceria com o bispo Dom José Delgado de Medeiros a criação no ano de 1949, do Abrigo Dispensário Prof. Pedro Gurgel, cuja finalidade era abrigar e sustentar idosos desamparados, crianças desfavorecidas, doentes, entre outros. De acordo com o Pe. José Tadeu de Araújo, o Abrigo era um espaço sócio-religioso-cultural localizado no Bairro Paraíba e era administrado por freiras que exerciam as funções de “(...) enfermeiras, conselheiras, assistentes sociais e muito mais, sempre atendendo a tantos que as procuravam (...)”¹⁸⁵. Portanto, as freiras atendiam às necessidades dos indivíduos internos do Abrigo, bem como da comunidade do bairro. O abrigo recebeu esse nome em homenagem ao pai¹⁸⁶ do Monsenhor Walfredo Gurgel.

Ainda conforme Ione Diniz Rodrigues Morais, o bairro Paraíba possui sua origem atrelada à edificação do Abrigo Dispensário Prof. Pedro Gurgel, próximo dele foram sendo construídas

(...) casas pequenas de pessoas pobres. Em função disso, essas pessoas cada vez mais procuravam ajuda no Abrigo, que recebia doações em roupas e alimentos de países estrangeiros para distribuir aos pobres. A instituição ainda proporcionava outros benefícios a essas famílias: as crianças estudavam, recebiam aulas de trabalhos manuais e orientação moral e religiosa. A vida dos moradores do bairro organizava-se em torno do abrigo, e dessa forma, a maioria das crianças passava a maior parte do tempo em suas instalações, envolvidas em brincadeiras típicas das crianças da época e também, em atividades culturais. Eram animados e participativos os eventos culturais como festas juninas e peças teatrais, organizados pelas *irmãs* envolvendo os moradores do bairro¹⁸⁷.

No tocante ao topônimo do bairro existem duas versões a respeito de sua denominação. A primeira é defendida pelo Monsenhor Antenor Salvino, o mesmo coloca que a área localizada próximo ao Abrigo era considerada distante da Catedral de Sant’Ana¹⁸⁸, daí quando alguém desejava ir a essa área da cidade, dizia que ia ‘lá na Paraíba’, devido à distância, fazia referência ao vizinho estado da Paraíba. Devemos destacar que Caicó, é cortada de leste a oeste pela BR- 427, essa rodovia federal liga a cidade de Caicó ao Estado da

¹⁸⁵ ARAÚJO, José Tadeu. As irmãs do Abrigo. In: ARAÚJO, Lidiane, LUCENA, Lindomar Vale (Coords.). *Rastos Caicoenses III*, p.107.

¹⁸⁶ O qual será apresentado no próximo capítulo.

¹⁸⁷ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.105-106.

¹⁸⁸ Na época era considerado o centro da cidade

Paraíba, pela parte sul. Já a segunda versão, ainda no que diz respeito ao topônimo, é defendida pela Irmã Lúcia Vieira que ressalta que

(...) o bairro surgiu em função de uma família originária do Estado paraibano que veio ali se estabelecer, desenvolvendo atividades de criação e matança de bodes. Devido a atividade desenvolvida os moradores do centro da cidade, quando queriam comprar carne de bode diziam vamos comprar no Paraíba, referindo-se ao Sr. Silvino Pereira da Costa, também conhecido como Silvino Bodeiro¹⁸⁹.

No que se refere à dinâmica populacional a população rural predominou sobre a urbana até a década de 1950 “(...) visto que o perfil econômico do município era eminentemente agrário, sutilmente a cidade de Caicó sobressaiu-se no setor de educação e cultura¹⁹⁰”. Nesse sentido, na década de 1950 Caicó se restringia a algumas casas, que iam da

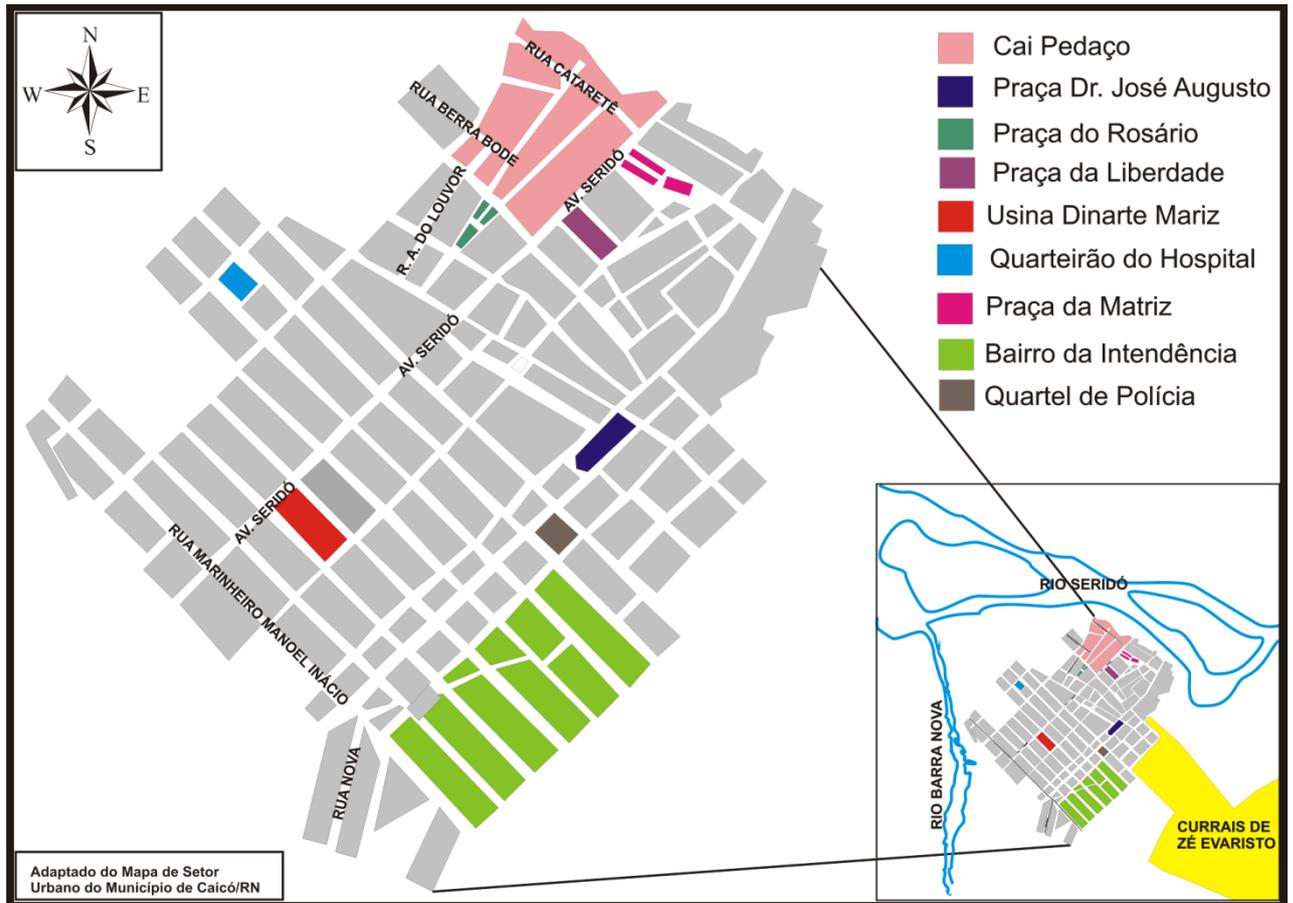
Catedral de Sant’Ana, que se estendia um pouco mais com as ruas do ‘Cateretê’, ‘Berra Bode’, ‘Alto do Louvor’, ‘Do Pinto’, que formavam o nosso ‘Cai Pedaco’, que começava em Pedro Casé [o dono do cabaré mais cobiçado da cidade] e terminava pro’s lados de Ciço Vieira. Havia também as casas perto da ‘Ladeira de João de Cândido’, as da família Capitão (Rua Pires Ferreira), o quarteirão do Hospital, casebres no ‘Salitre’(...) que ia dali contornando a usina de Dinarte Mariz até o bairro da Intendência, onde tinha um açude com esse nome margeando a estrada que ia para o Itans, na faixa quase urbana que se estendia dos cercados de ‘Zé Evaristo’, por trás do Quartel de Polícia e da bodega de Manoel Maria. Mas da bodega de Dona Rosa pra lá, poucos moradores faziam companhia ao CDS, começando a Paraíba, uma ‘rua nova’ que ia até o Abrigo dos Velhos. Também já existiam as pracinhas; Dr. José Augusto, da Liberdade e de Sant’Ana, batizada pelo povo ‘da Catedral’ e ‘da Matriz’. A do Rosário era apenas um areial (...) ¹⁹¹

¹⁸⁹ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.106

¹⁹⁰ Idem, *ibidem*, p.79

¹⁹¹ (Sem Autoria). Saudade não tem idade. *Revista Caicó*, Natal:Clima Artes Gráficas Publicidade LTDA,1978, p.25

Croqui 5 - Caicó – RN, 1950



A partir da citação acima podemos dizer que os cercados de Zé Evaristo, ou seja, do senhor José Evaristo de Medeiros, foram loteados e vendidos pelos seus herdeiros. Deste modo, a antiga fazenda Penedo deu origem ao bairro Penedo, o qual se expandiu com a chegada no ano de 1957 do 1º Batalhão de Engenharia de Construção¹⁹². Ainda é oportuno lembrar que nesse período Caicó possuía o bairro denominado Intendência, cujo nome fazia menção ao açude, que se localizava por trás do Quartel de Polícia, e foi totalmente aterrado

¹⁹² Apesar do Penedo ter se estabelecido “(...) ainda na década de 50, foi nos anos 60 que ganhou maior impulso a ocupação da área que ficou conhecida como bairro *Penedo*, na qual o Batalhão (...) está inserido. O impulso provocado pelo mesmo começou a partir de sua instalação, pois prescindia de um amplo terreno para construção de sua unidade de trabalho (Quartel) e também de uma outra área de dimensões razoáveis, que pudesse abrigar a *Vila dos Oficiais*. Diante disso, a Prefeitura Municipal de Caicó, em 1955, fez doação à União de um amplo terreno a ser destinado ao então Ministério da Guerra, com o fim de cumprir esse intento. Nesse terreno, já existia uma imponente edificação que havia sido inaugurada, em 1948, com o objetivo de servir ao funcionamento da Escola Normal Regional de Caicó, finalidade jamais concretizada. As dependências da antiga escola foram aproveitadas e adaptadas às novas necessidades, correspondendo, atualmente, ao pavilhão central, onde situa-se o Gabinete do Comando, além de outros setores burocráticos da unidade. Em 1957, ano em que passou a ser denominado 1º Batalhão de Construção, teve início a edificação da vila dos sargentos, em terreno anexo ao quartel, chamada *Vila Brasil*. No ano de 1958, em uma área mais próxima ao centro, foi iniciada a construção da vila dos oficiais, que recebeu o nome de *Vila América*”. Conforme: MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. Op. Cit p.102

após a construção do Itans. Ainda no tocante ao Bairro da Intendência, o mesmo se situava na parte baixa da cidade e se estendia das imediações do Quartel de Polícia ao Bairro Paraíba.

Também para o bairro Paraíba foi solicitado no dia 02 de abril de 1952,“(…) a designação de uma comissão para tratar com o prefeito em exercício relativamente à homenagem da Praça Dom José Delgado¹⁹³”. Bem como também em relação à terraplanagem da mesma Praça que foi edificada ao largo do Ginásio Diocesano Seridoense. Nesse sentido, o GDS passou a ter como endereço a Praça Dom José Delgado. Assim, com a finalidade de rememorar um personagem que faz parte da história de Caicó, no dia 04 de março de 1953, o Presidente da Câmara Municipal de Caicó endereça ao homenageado um despacho telegráfico comunicando-o que seria inaugurada uma estátua de bronze do Arcebispo D. José Delgado, como uma homenagem prestada pelo povo caicoense aquele que é reconhecido como um benfeitor da “(…) nossa gleba querida¹⁹⁴”.

É significativo destacar que além do busto ao bispo, foi edificado na década de 1950 um outro monumento que homenageia a Igreja como instituição, com a finalidade de desempenhar um forte prestígio na vida e na identidade local. Dessa maneira, o Arco do Triunfo se constituirá em um dos locais mais conhecidos da cidade. O monumento foi idealizado pelo bispo de Caicó, D. Adelino Dantas, em comemoração à passagem da imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, em 22 de novembro de 1953. A sua devoção

(…) foi amplamente divulgada nos fins da primeira metade do século XX, quando foi reconhecida oficialmente pela Igreja a partir da aparição da Virgem Maria a três crianças na pequena aldeia de Fátima, em Portugal, no ano de 1917. A sua venerável imagem, desde então, tem peregrinado pelo mundo inteiro levando a mensagem de Fátima¹⁹⁵.

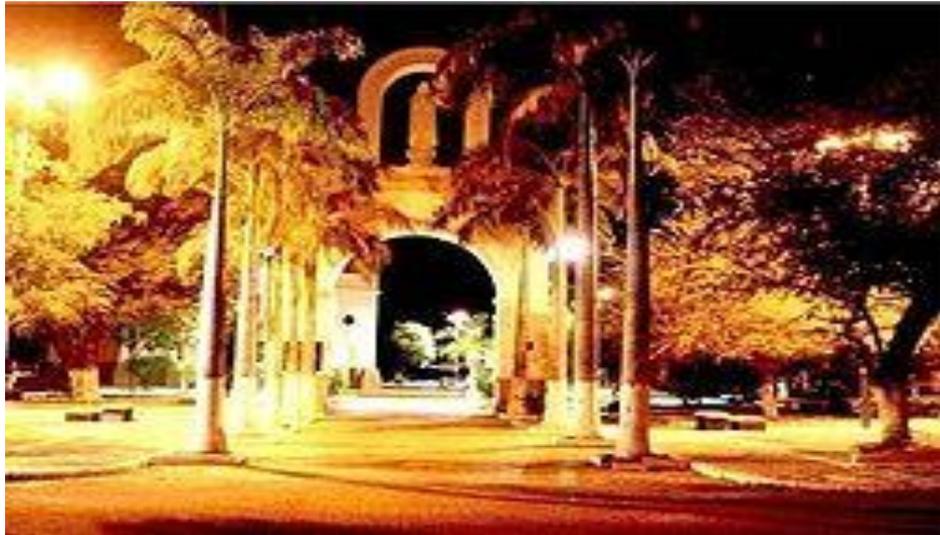
O monumento possui o formato de um arco, mede 16 metros de altura e 8 metros de largura, situado na Praça da Matriz, bem de frente a Catedral. O Arco está voltado para a Avenida Seridó, onde constitui uma espécie de corredor guardado por palmeiras imperiais. Em cima do Arco se encontra a imagem de Nossa Senhora de Fátima, envolta por várias lâmpadas.

¹⁹³ Ata da segunda Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas*. (manuscrito). Caicó. 02 de abril de 1952

¹⁹⁴ Ibidem.

¹⁹⁵ MEDEIROS, Francisco Canindé. *O Arco do Triunfo- Um Tributo à Nossa Senhora de Fátima*. In: MACEDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Op.Cit.* p.24

Figura 3- Arco do Triunfo



Fonte: Arco do Triunfo (Caicó).Disponível

em:<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Arco_do_Triunfo_\(Caic%C3%B3\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arco_do_Triunfo_(Caic%C3%B3))>. Acesso em: 05 jan.2012

Ainda no tocante a construção do monumento, podemos dizer que apesar da ideia de construir o Arco ter partido do Bispo D. José Adelino Dantas, ele não foi o único responsável pelo monumento, conforme nota de 17 de agosto de 1957, presente no Jornal *A Folha*, o bispo recebia “(...) donativos e esmolas dos católicos caicoenses e de todo o Seridó¹⁹⁶”. Para isso, o bispo percorria sítios e fazendas com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Nesse sentido, podemos dizer que os católicos caicoenses e de todo o Seridó, ao realizarem suas doações, também podem ser vistos como sujeitos construtores do monumento.

Devemos enfatizar que o Arco do Trinfo não tem simplesmente o objetivo de comemorar a passagem da imagem de Nossa Senhora de Fátima. Ele também tem a função de celebrar em público a grandeza da santa e afirmar a identidade católica, pois, não podemos esquecer que a religião é um fator de vulto na formação do povo caicoense. Conforme José Lucena de Medeiros,

A Igreja Católica é a base religiosa da região Seridó. Exemplo disto são as festas dos padroeiros e das padroeiras, cultuadas em todos os municípios da região, sendo elas uma das mais importantes do ano em cada município. As mais conhecidas são as Festas de Santa Ana: Currais Novos e Caicó. Com exceção de fevereiro, abril e maio as festas religiosas distribuem-se pelos 12 meses do ano¹⁹⁷.

¹⁹⁶ (Sem Autoria). Campanha pró-Monumento de N.S. de Fátima. *Jornal A Folha*. Caicó.17 de agosto de 1957. Ano IV. Número 18.

¹⁹⁷ MEDEIROS, José Lucena. *Capital Social e Igreja Católica: expressões e práticas no sertão do Seridó*. Dissertação, Natal, 2007, p.44

Jailma Maria Lima ainda nos lembra que Currais Novos e Caicó eram as principais cidades do Seridó marcadas por uma intensa tradição católica. A historiadora Jailma Maria Lima também menciona que as relações entre Igreja e política eram tão intensas que no ano de “(...) 1952, a sagração do bispo de Caicó foi paraninfada por próceres da UDN e do PSD no Seridó, Dinarte Mariz, José Augusto e Tomaz Salustino.¹⁹⁸”

No que diz respeito a política Dinarte Mariz, que se encontrava no Rio de Janeiro, retornou em julho de 1945 ao Rio Grande do Norte e “(...) assumiu o comando da página política da UDN, publicado no jornal “O Diário”, negociada por ele e José Augusto com Assis Chateaubriand¹⁹⁹.” A UDN possuía um significativo espaço na região do Seridó, atado à família Bezerra de Medeiros, sendo José Augusto o nome mais respeitável. Assim, não é de se estranhar que a Praça José Augusto tenha sido reinaugurada, no dia 22 de setembro de 1955, dia do aniversário do patrono com festa animada pelas “(...) retretas da Banda de Música Recreio Caicoense, dirigidas pela batuta do Maestro José Mario, embalaram a festa de reinauguração, com serviço de bar e salgados organizados pelos discentes do GDS²⁰⁰.” A praça ganhou bancos, postes de iluminação de energia elétrica, arborização, parque infantil e uma estátua em tamanho natural doada por Dinarte Mariz, “(...) a qual se encontra na praça até os dias atuais²⁰¹”.

Devemos assim afirmar que essas duas praças, a Praça Dom José Delgado e a Praça José Augusto, serão conforme podemos observar pelo mapa abaixo, ligadas pela Avenida Senador José Bernardo, a qual faz menção a José Bernardo (avô de José Augusto e Dinarte Mariz). Apesar de não termos achado nenhuma informação precisa a respeito de quando a mesma foi edificada, nem quando foi nomeada, nem quem os homenageou, somos informados por meio de Marcos Antônio Alves de Araújo, ao analisar as mudanças em Caicó nas décadas de 1950 e 1960, que no ano de 1961 o calçamento da Avenida Bernardo de Medeiros vinha sendo prolongado.

Também a UDN, “(...) tinha força na região Oeste, onde Mossoró era a principal cidade, e nela ascendia como grupo político a família Rosado²⁰².” Dix Huit Rosado foi eleito em 1947, Deputado estadual pela UDN e em 1950 juntamente com seu irmão Dix-Sept Rosado participam da cisão udenista que compôs o Partido Republicano (PR), o qual

¹⁹⁸ LIMA, Jailma Maria. *Partidos, Candidatos e Eleitores: O Rio Grande do Norte em Campanha Política (1945-1955)*. Tese, Niterói, 2010, p.243

¹⁹⁹ Idem, *Ibidem*, p.54

²⁰⁰ ARAÚJO, Marcos Antonio Alves. *Op.Cit.* p.179

²⁰¹ VALE, Júnior. Curiosidades: A Praça Dr. José Augusto. *Caicó: Revista Diga X Magazine*. Caicó. 02. Julho de 2007. Ano I, p.24

²⁰² LIMA, Jailma Maria. *Op. Cit.* p.55

concorrerá ao governo estadual, tendo sido eleito governador Dix-Sept Rosado no ano de 1950. Entretanto, o mesmo morrerá no ano seguinte, vítima de um acidente de avião próximo ao estado de Sergipe. E assim, no dia 01 de abril de 1952 foi aberto na Câmara Municipal de Caicó a solicitação de “(...) créditos especiais de Cr\$ 5.000,00 (...) para fazer face às despesas com a contribuição da Prefeitura relativamente a ereção de uma estátua em homenagem ao Ex-Governador Dix-Sept Rosado Maia (...)”²⁰³. Nas nossas pesquisas e entrevistas não encontramos nenhum sinal que nos comprove que a estátua do governador foi erigida, entretanto, a memória do ex -udenista Dix- Sept Rosado foi perenizada em uma praça da cidade de Caicó. Assim, no ano de 1955 era anunciada na imprensa local a existência da Casa Viana situada à Praça Gov. Dix-Sept Rosado, 155. Vale destacar aqui que diferentemente de outras praças da cidade, como a Praça José Augusto, que foram construídas com o objetivo de se tornar um espaço de lazer com bancos, jardins e parques a Praça Dix-Sept se constituiu em uma rua, localizada a esquerda do prédio do Mercado Público paralela à Avenida Seridó e cortada pela Avenida Coronel Martiniano e pela Avenida Manoel Vale.

Ainda buscando demonstrar como a disputa pela memória incidiu no processo de nomeação dos logradouros públicos de Caicó, entre 1950 e 1970, o ex-prefeito Francisco de Assis Medeiros (1969-1973) nos relatou em entrevista que o pai dele possuía uma bodega²⁰⁴ denominada “Casa Vencedora”, situada dentro do Mercado Público²⁰⁵ e por influência de Julia Medeiros passou, nos anos 1950, a se chamar “Casa Medeiros”; em homenagem a família Medeiros da qual a mesma fazia parte. Podemos afirmar com isso que, a vereadora Júlia Medeiros buscou imortalizar o clã Medeiros do qual ela fazia parte. Mas, porque a “Casa Vendedora” passou a ser chamada de Casa Medeiros? Conforme o senhor Francisco de Assis Medeiros nos relatou

na década de 1950 (...) Getúlio Vargas é quem nomeava os governadores de cada estado, (...) [e] foi nomeado um prefeito pra Caicó do PSD; meu pai (...) [foi] um dos fundadores da UDN em Caicó. [Já] Chico Medeiros, (...) que era dono de farmácia em Caicó era do PSD; e a política de antigamente era perseguir. Qual foi a maneira que Chico Medeiros encontrou de perseguir meu pai? Ele pegou aquela porta lateral [do Mercado Público] que bota pra o nascente e construiu o que? Um sanitário. Você calcule o que é um sujeito construir um sanitário num lugar que não tem água encanada para limpeza; Caicó hoje é outra, mas naquele tempo Caicó botava-se água em jumento,

²⁰³ Ata da Primeira Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas*. (manuscrito). Caicó. 01 de abril de 1952

²⁰⁴ Pequena mercearia que vendia gêneros de primeira necessidade.

²⁰⁵ Conforme Francisco de Assis Medeiros a bodega se localizava dentro do Mercado Público e possuía “(...) uma porta voltada para o nascente, outra porta voltada para o poente, uma que bota para Av. Cel. Martiniano e outra que bota pra Dix-sept Rosado(...)” MEDEIROS, Francisco de Assis. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Acari, 06 de abril de 2011.

nas casas comprava-se latas d'água (...) você imagine na maior imundice que ficava esse sanitário, por exemplo, num dia de feira, era uma coisa triste. Meu pai pegou fechou, mandou fechar de tijolo as duas portas do estabelecimento; no estabelecimento dele tinha duas portas que botava pra cá e pra lá; as portas que ficavam para o lado do sanitário ele mandou fechar também. Ou seja, meu pai perdeu três portas do estabelecimento dele, foi uma represália de meu pai contra... E o povo ia pro sanitário e passava pela bodega de meu pai (que era vizinho ao sanitário) e pedia papel a meu pai pra se limparem, meu pai pegou todos os papéis e botou folha de lixa e saia aranhando “tudo”, era negócio para fazer ferida mesmo. (...) Então meu pai com o jeitão dele (...) mandou fazer uma placa mandou tirar o nome “Casa Vencedora” e mandou botar “Casa da Merda”; foi quando entrou dona Júlia e disse “seu Adelino, tire isso e bote ‘Casa Medeiros’.” Dona Júlia foi quem sugeriu, foi lá com aquela paciência dela... e ficou até ele morrer com o nome “Casa Medeiros”²⁰⁶

Pelo que podemos observar até aqui, a existência de tributos a pessoas que ocupam lugares na política e na Igreja, nos faz compreender o prestígio que essas pessoas desempenharam na vida e na identidade da população local. É ainda evidente afirmar que a preferência em batizar os logradouros públicos com denominações de políticos, de famílias tradicionais, membros da Igreja, ou aos próprios santos da Igreja está nitidamente integrada à posse de poder, ou seja, quem tem e o que tem evidência na cidade é o que está conforme os padrões do poder econômico, político e religioso e isso é traduzido culturalmente.

Ainda é digno destacar, que entre os anos de 1940 -1970, além do impulso dado pela Diocese à educação, à cultura e às obras de assistência sócio-religiosas, houve também os empreendimentos governamentais e privados, e a expansão da cotonicultura que acarretou a instalação de unidades de beneficiamento de algodão e fabricação de óleo comestível as quais refletiram na disposição espacial da cidade. Dessa forma, as usinas também foram responsáveis pela geração de empregos, circulação de capital e expansão urbana.

Nesse sentido, entre os anos 1950 - 1960, existiam em Caicó três usinas de beneficiamento de algodão. A mais antiga era Diniz & Dantas S.A e pertencia a José Rocha Diniz e localizava-se na atual Rua Felipe Guerra nas imediações da Praça da Liberdade. Essa usina foi fundada no ano de 1938 e pertencia a Joel Dantas. Quatro anos depois a usina foi vendida a José Diniz e Francisco Assis Dantas.

Trabalhava com o beneficiamento de algodão e produção de óleo. Em janeiro de 1964, um grande incêndio destruiu a maior parte do algodão e danificou várias máquinas, provocando enormes prejuízos. Nesse ínterim, já

²⁰⁶ MEDEIROS, Francisco de Assis. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Acari, 06 de abril de 2011.

estava em andamento a construção das novas instalações da usina, em local denominado de *Nova Descoberta*²⁰⁷.

Exatamente um ano após o incêndio foi concluída a transferência de todo o maquinário “(...) da Rua Felipe Guerra (centro) para a Rua Nova Descoberta, na época periferia sul da cidade. (...) Com a transferência do local, ocorreu a mudança do nome da firma para Diniz & Dantas S.A Industrial²⁰⁸.” Ainda conforme, Marcos Antônio Alves Araújo, o atual bairro Nova Descoberta se localizava às margens da BR-427, que liga Caicó a cidade de Jardim do Seridó, era apenas uma série de casebres de taipa e de palha, edificadas nas adjacências da cerca do 1º Batalhão Rodoviário que se implantou em Caicó, entre os anos de 1953-1954. Desse conjunto de casebres habitado por sujeitos que tinham migrado do campo para a cidade, foi se constituindo de forma espontânea uma rua que em razão do elevado número de brigas, foi batizada pela população como Rua do Cacete. Atendendo à proposta de Frei Damião, missionário nordestino, o nome da rua, foi alterado para Nova Descoberta. Todavia, a rua se expandiu e o termo que na década de 1950 correspondia a uma rua no ano de 1963 já representava o nome do bairro. O Poder Público Municipal, representado pelo Presidente da Câmara, Ridalvo Costa, ciente da importância da usina para aquele bairro decidiu no dia 18 de julho de 1963

(...) convidar os outros membros desta Casa, para em conjunto, indicarem o nome de cada rua. Aceito o convite por unanimidade, passou o sr. Presidente a receber sugestões, ao mesmo tempo, submetendo-as a aprovação com resultado unânime, passando a receber as seguintes denominações : primeira rua a começar do lado da rodovia Caicó- Jardim do Seridó: Tonheca Dantas; segunda, Cap. Antonio Martins; terceira, Joaquim Vicente; quarta, Joaquim Apolinar; quinta, Professor Guerra; sexta, Manoel Tomaz de Aquino; sétima, Câmara Cascudo; oitava, Cel Courobert Pereira da Costa; nona José Cândido e décima, Pe Manoel da Costa²⁰⁹.

Já a segunda usina de beneficiamento Exportadora Dinarte Mariz S.A, fundada por volta do ano de 1944, se localizava na esquina da atual rua Generina Vale com a Avenida Seridó. Mas, naquele tempo era como já discutimos anteriormente uma

(...) área praticamente desocupada. Era considerada *fora da cidade*, sendo lembrado apenas o caminho que levava ao GDS e algumas casas de uma área conhecida como *Salitre*. A (...) usina pertenceu a vários proprietários, sendo

²⁰⁷ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.94.

²⁰⁸ Idem, *ibidem.* p.94

²⁰⁹ Ata da Décima Quarta Sessão Ordinária da Quinta Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 18 de julho de 1963.

vendida a Emídio Germano (1957), que a repassou a Adjuto Dias, que revendeu à Firma Inácio Gabriel & Filhos²¹⁰.

É significativo ainda lembrar que a terceira usina de beneficiamento “Algodoeira Seridó, Comércio e Indústria S.A- ALSECOSA”, se instalou em uma área de 1,5 ha área localizada “(...) além da ponte do Rio Barra Nova. Raramente, alguém mais decidido construía uma casinha p’ra aquelas bandas, no meio do mufumbal que se estendia ribeira acima até o Sabugi. Era tudo um sítio (...) entre os dois rios (...)”²¹¹. Contudo, em 22 de novembro de 1962, a família Torres deu início ao processo de instalação nessa área da usina de beneficiamento Algodoeira Seridó, Comércio e Indústria S.A que passou a “(...) ser responsável por 70% do algodão beneficiado em Caicó predominantemente destinado a exportação.”²¹²

Com a instalação da Algodoeira Seridó, Comércio e Indústria S.A-ALSECOSA, a área norte da cidade passou a ser rapidamente ocupada por famílias que passaram a construir casebres de taipa e barro. Assim, no dia 04 de novembro de 1965 a Comissão de Justiça da Câmara Municipal aprovou a “(...) Planta de Loteamento de terrenos encravados na propriedade denominada ‘ Barra Nova’ situada na zona suburbana desta cidade e leitura do projeto de lei que dispõe sobre denominação de vias públicas do bairro ‘Barra Nova’, de autoria dos vereadores Raimundo Alves Viana e Inácio Pereira de Medeiros.”²¹³ Assim, em pouco menos de três anos a área norte da cidade, onde a ALSECOSA se instalou já havia se constituído em um bairro cuja denominação fazia menção ao Rio Barra Nova. Ainda devemos enfatizar a exemplo do bairro Nova Descoberta, a preponderância de uma toponímia planejada caracterizada pelo arquétipo toponímico de homenagem. Nesse sentido, o Presidente da Câmara

(...) convocou os senhores vereadores depois de aprovado para que sugerissem nomes de pessoas filhas de Caicó ou de outras que aqui residiram por muitos anos e que tenham prestado benefícios ao município, para a denominação de (...) rua do bairro ‘Barra Nova’. Recebida as sugestões de cada um vereador, no final ficou registrado as seguintes denominações b) Manoel Garcia de Medeiros; c) Júlio Alves da Costa; f) Clementino Monteiro de Farias; i) Dr. Hilarino Amancio Pereira; j) Presidente Vargas; k) Manoel Cezário de Medeiros e ainda as já registradas na respectiva planta: a)

²¹⁰ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.96

²¹¹ (Sem Autoria). ALSECOSA: uma força no desenvolvimento de Caicó. *Revista Caicó*, p.71

²¹² MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.98.

²¹³ Ata da segunda Sessão Ordinária da Quinta Legislatura Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 04 de novembro de 1965.

André Sales; c) Major Totonho; g) Manoel Gonçalves de Melo; h) José Alves da Silva e praça Dr. Rui Mariz²¹⁴.

Percebe-se aqui que existe uma nítida correlação entre o ato de nomear logradouros públicos e tributos em relação a pessoas e ocupantes de postos do governo civil, militares e lideranças políticas locais; nomes em geral escolhidos pelos vereadores sem consultar anteriormente os moradores dessas ruas, que são os principais interessados. Também devemos atentar que mais uma praça da cidade de Caicó foi lugar de homenagem a um membro de família tradicional e que ocupava lugar na política. Assim, a Praça Rui Mariz se constituiu em uma homenagem ao irmão de Dinarte Mariz, Rui Mariz, prefeito eleito em Caicó no ano de 1952 e que se suicidou dois anos depois.

Ainda devemos destacar que as décadas de 1950-1960, foi um período de grande importância econômica para a cidade, pois gerou dividendos políticos os quais se transformaram em políticas públicas, as quais trouxeram o benefício e a melhoria de alguns aspectos urbanos. Segundo, Marcos Antônio Alves de Araújo

O desenvolvimento da cotonicultura, juntamente com a implementação de políticas públicas, o aumento do setor terciário e o crescimento do ramo educacional, veio fortalecer o processo de modernização da cidade, intensificando a urbanização de Caicó, alicerçada num movimento crescente e acelerado de êxodo rural para a cidade (...)²¹⁵

Como fruto dessas políticas públicas foi construída uma ponte sobre o rio Seridó a qual

(...) traria para a cidade muitos proveitos e melhorias, sobretudo para aquelas pessoas que residiam do outro lado do rio (...) facilitando a vinda desses sujeitos aos eventos que aconteciam em seu centro e eliminando (...) as dificuldades e os empecilhos na passagem do rio (...)²¹⁶.

A ponte sobre o Rio Seridó começou a ser construída no mês de maio de 1954, pelo Batalhão Rodoviário, o atual 1º Batalhão de Engenharia e Construção. No dia 18 de agosto de 1956, o soldado Francisco Dias, que trabalhava na construção da ponte sofreu um acidente e veio a falecer. E exatamente quatro meses depois do ocorrido, em 18 de dezembro de 1956, os trabalhos na ponte foram concluídos. Tendo sido inaugurada no dia 06 de fevereiro de 1957 “(...) sob os aplausos unânimes da população caicoense (...)²¹⁷”.

²¹⁴Ibidem.

²¹⁵ ARAÚJO, Marcos Antônio Alves. *Op.Cit.* p.165

²¹⁶ Idem, *ibidem*, p.95

²¹⁷ (Sem Autoria). A ponte. *Jornal A Folha*. Caicó. 09 de fevereiro de 1957. Ano III. Número 154.

Em homenagem ao soldado Francisco Dias, o Batalhão no qual o soldado pertencia, batizou a ponte com o seu nome. Conforme, nota presente no Jornal *A Folha* o soldado deu “(...) o vigor de sua mocidade ao trabalho penoso pelo progresso da Pátria.²¹⁸”. A escolha do nome da ponte pode ser interpretado com base no enunciado do reconhecimento a uma pessoa ligada ao Batalhão, aludindo que a história deste e da sociedade caicoense foram compartilhadas e que esta deve ser agradecida aquele que representa o Batalhão e que é capaz de dar a própria vida de um dos seus membros pelo bem da cidade.

Também é importante enfocar que a construção da ponte expandiu a malha urbana para a parte norte, a qual passou a ser ocupada dando origem ao bairro Boa Passagem cuja “(...) denominação remete-se a uma área de boa passagem devido à sombra das oiticicas e a água fresca existentes (...)”²¹⁹. Ainda devemos ressaltar que o bairro Boa Passagem se estruturou “(...) às margens da Avenida Dr. Rui Mariz, principal artéria do bairro (...)”²²⁰. Assim, podemos dizer que Rui Mariz, além de ter seu nome gravado em uma praça localizada no bairro Barra Nova, também teve sua memória cultuada no bairro Boa Passagem.

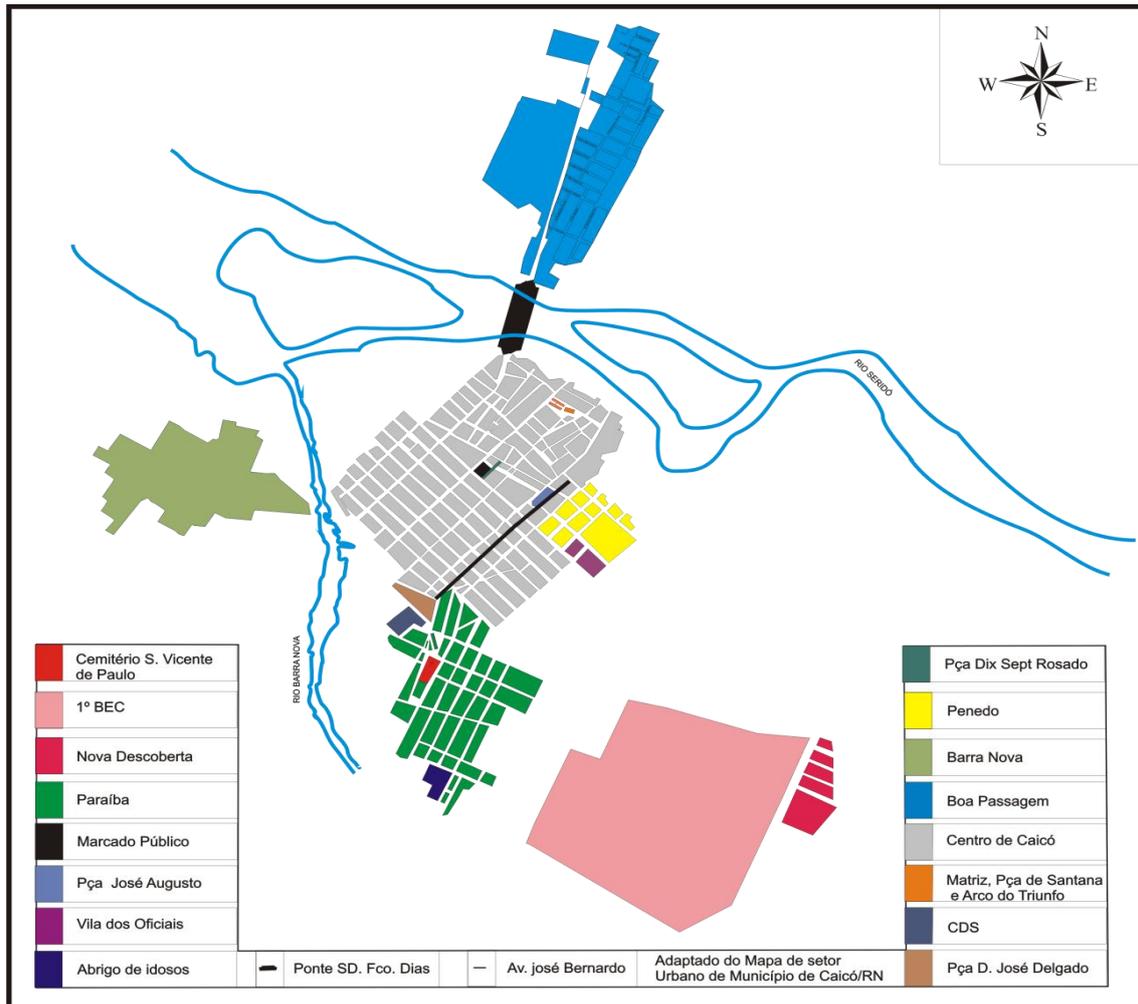
]

²¹⁸ Idem, ibidem.

²¹⁹ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.100

²²⁰ Idem, ibidem. p.100

Croqui 6 -Caicó- RN, Décadas 1950-1960



Também nesse período surgiu o bairro Acampamento, esse se situa “(...) entre o centro da cidade e a margem direita do Rio Barra Nova (...) A origem desse nome está vinculada ao período em que essa área era ainda desocupada e servia de acampamento para andarilhos (...) ciganos ou (...) circenses²²¹.” Na década de 1950, esse nome foi estipulado com a instauração do canteiro de obras do Primeiro Batalhão para a construção da ponte sobre o Rio Seridó . A partir daí a ocupação

(...) foi sendo intensificada e entre 1967/68 recebeu um forte estímulo com a construção da Vila Capitão Inácio Vale , destinada aos servidores civis do Batalhão. (...) Aos poucos, os barracos foram dando lugar às casas de alvenaria, e o traçado de uma malha urbana tipo xadrez foi surgindo com a estruturação das ruas. Com a expansão urbana, esse bairro foi inserido na chamada área central da cidade²²².

²²¹ Idem, ibidem, p.100

²²² Idem, ibidem.p.100

Verificamos a partir dos nomes dos bairros Barra Nova, Nova Descoberta e Boa Passagem uma conexão sentimental entre o lugar e o ato de nomear, relação denominada de topofilia²²³. A ideia de topofilia está relacionada a um elo eficaz entre o indivíduo e o ambiente físico em que vive e age; são muitas as formas como os indivíduos apreendem e valorizam a superfície terrestre. Deste modo, os termos Nova e Boa nos levam a concluir pela atitude otimista e grandiloquente da psique.

Ainda é importante ressaltar, que à medida que a cidade foi se expandindo o padrão toponímico de homenagem também começou a predominar nos bairros. Assim, o primeiro bairro de Caicó que avoca uma personalidade ilustre foi o bairro João XXIII, o mesmo surgiu em meados da década de 1960, na outra margem do rio Barra Nova e homenageava o Papa João XXIII, que morreu no ano de 1963. Esse bairro era formado por

(...) um segmento muito pobre da população, geralmente oriunda do meio rural, surgiu a designação de *favela*, em épocas passadas. Seus moradores estão entre as primeiras levas de migrantes vindas para Caicó, vítimas de condições adversas que (...) provocaram o êxodo rural²²⁴.

Conforme Ione Diniz Rodrigues Morais, o bairro surgiu a partir da interferência do Prefeito José Josias Fernandes (1962-1966) junto ao bispo Diocesano, que doou um terreno pertencente a diocese nas vizinhanças da margem esquerda do Rio Barra Nova, visando construir cerca de 400 casas para a população pobre.

Atingido o objetivo, o Governo Municipal articulou o pessoal a ser beneficiado e *cada um tirou um chão de 7 m²*. As casas deveriam ser *casas de taipa* construídas pelos próprios moradores, mas a Prefeitura conseguiu que 10 pessoas fossem trabalhar na fabricação de tijolos *dentro do rio* (sic). Porém, sucedeu-se que, em um mês, já tinham mais de 100 pessoas nessa atividade, e assim logo foram surgindo as casas de tijolos. Após a construção das primeiras casas, o terreno da Diocese começou a ser ocupado pela população que chegava a Caicó, e dele se apossava. Os migrantes vinham à procura de trabalho nas olarias e nos serviços de construção civil, principalmente, mas com um forte argumento para ter saído da zona rural: *era gente que chegava para botar os filhos na escola (...)*²²⁵

Segundo Ata da Câmara Municipal de Caicó as primeiras ruas do bairro João XXIII foram identificadas por números o que não caracterizava uma nomeação, dando apenas a localização. Entretanto, no dia 08 de julho de 1970, o vereador Salatiel Costa solicitou “(...) a oposição dos nomes de Manoel Fernandes Jorge, fundador de Caicó, e do Pe. Francisco Alves

²²³ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, 1983.

²²⁴ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.103

²²⁵ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.104.

Maia, primeiro vigário de Caicó e do Seridó, as avenidas nº1 e nº 2, respectivamente, situadas no bairro João XXIII, desta cidade²²⁶.” Ainda conforme palavras do vereador Salatiel Costa

Neste mês de julho, quando nos preparamos para tributar as nossas homenagens à querida e excelsa Padroeira Santana, mãe de todos os caicoenses, justiça se faz lembremos, em meio aos momentos de alegria e de confraternização, as figuras imortais do Pe. Francisco Alves Maia e de Manoel Fernandes Jorge. Ao primeiro devemos a instalação da Freguesia de Sant’Ana do Seridó, exatamente no dia 26 de julho de 1748, duzentos e vinte e dois anos, portanto. Despercebido, durante todos esses anos, chegou o momento de trazê-lo a imortalidade, batizando uma das nossas Avenidas com o seu nome, para que na posteridade, as gerações não esqueçam os grandes vultos da nossa história . O segundo, Manoel Fernandes Jorge, fundador de Caicó, queremos reverenciar o seu nome, lembrando o apelo de Dom Jose Adelino Dantas em seu livro “Homens e Fatos do Seridó Antigo”, dirigido a esta augusta Casa Legislativa, a 22 de novembro de 1957, no sentido de que, uma das avenidas de Caicó viessem a ser batizada com o nome do fundador desta cidade²²⁷.

Partindo do discurso do vereador, podemos afirmar que ele ao escolher o mês de julho, mês em que é comemorada a Festa de Nossa Senhora Sant’Ana para homenagear o Pe. Francisco Alves Maia e Manoel Fernandes Jorge, teve a intenção de agradar à Igreja Católica, reafirmando “a fé e a confiança na força sobrenatural da avó de Jesus (...)”²²⁸”. Ainda devemos destacar que no dia anterior do discurso proferido pelo vereador, 07 de julho de 1970, tinha sido completado 235 anos em que o Arraial do Acauã “(...) foi elevado à condição de Povoado, sendo (...) instalada a “Povoação do Caicó” na Fazenda Penedo pelo Cel. da Cavalaria Manoel de Souza Forte (...)”²²⁹”. Já no que diz respeito ao Pe. Francisco Alves Maia, Helder Alexandre Medeiros de Macedo destacou que

Corria o ano de 1748 e a cerimônia presidida pelo padre Francisco Alves Maia naquele distante 26 de julho – dia dedicado, no calendário da Igreja Católica, a Santa Ana – consubstanciava a instalação de mais uma freguesia no sertão da Capitania do Rio Grande, com título e invocação à Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó. Somente entenderemos com clareza o surgimento dessa freguesia se a enxergarmos como sendo parte integrante de um movimento mais amplo, o de colonização do sertão da Capitania do Rio Grande, possibilitado pelo alargamento da fronteira da pecuária [...]”²³⁰

²²⁶ Ata da Sexta Sessão Ordinária da Sexta Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas*. (manuscrito). Caicó. 08 de julho de 1970.

²²⁷ Ibidem.

²²⁸ BRASIL. Ministério da Cultura. *Op.Cit.*p.15

²²⁹ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.41.

²³⁰ MACEDO, H. A. M. de . Percepções dos colonos a respeito da natureza no sertão da Capitania do Rio Grande, p.38.

É importante ainda ressaltar que no dia 26 de julho do mesmo ano, dia de Sant' Ana, o Pe. Francisco Alves Maia "(...) abençoou uma cruz, símbolo do martírio de Cristo, para que servisse de marco do local onde deveria ser 'fundada e erecta a Matriz com a invocação de Senhora Sant' Ana (...)"²³¹. É também conveniente destacar que nome do Pe. Francisco Alves Maia evoca

(...) a primeira regionalização do espaço seridoense que se desenhava. Partindo da divisão administrativa da Igreja Católica na Colônia, o Seridó ganhou existência no plano cartográfico como território fiscal (...); como território espiritual; (...) e como território político (...)²³²

Outrossim, é essencial lembrar que as terras onde foi construído o bairro pertenciam à Igreja e que ao doá-las ao poder público municipal para construir o bairro, esta praticamente estabelecia uma homenagem à ela mesma; e a toponímia se constitui em um desses tipos de homenagem. Isso porque a toponímia pode ser entendida conforme defende Roberto Lobato Corrêa, como uma forma simbólica da Igreja consagrar seu domínio e poder. É ainda significativa afirmar que os laços que uniam a Igreja e a política eram bastante fortes. Assim, não é de estranhar que o Monsenhor Walfredo Gurgel, além de ocupar um lugar na esfera do poder político, também ocupou um lugar na Igreja Católica. Além disso, devemos lembrar que com a deposição do presidente da República João Goulart, em março de 1964, a Igreja Católica passou a apoiar "(...) os militares temendo o 'perigo vermelho' dos comunistas. (...) Muitos foram os que se colocaram a favor da ditadura em seus primeiros anos."²³³

Assim, um bairro que vai fazer menção ao governo dos militares foi o bairro Castelo Branco, o qual começou a ser construído no ano de 1966, no governo do Monsenhor Walfredo Gurgel, e se localiza a sudeste da cidade, na margem esquerda da BR-427. Em 1972, ele foi inaugurado e parcialmente ocupado e dois anos depois ele passou a ser ocupado de forma mais ativa pelas famílias que habitavam as áreas próximas do Rio Barra Nova, que tiveram suas moradias destruídas por uma enchente desse rio. No tocante à designação do bairro, esse foi oficializado pela Lei Municipal nº 403 de 09 de abril de 1968, sendo uma homenagem ao Presidente da República, Humberto Alencar Castello Branco.

Mais um bairro que surgiu na década de 1970, que faz alusão a um representante da elite político- religiosa, foi o bairro Walfredo Gurgel. Sua população possui similaridade com o bairro João XXIII, no tocante à origem da população de baixa renda que geralmente

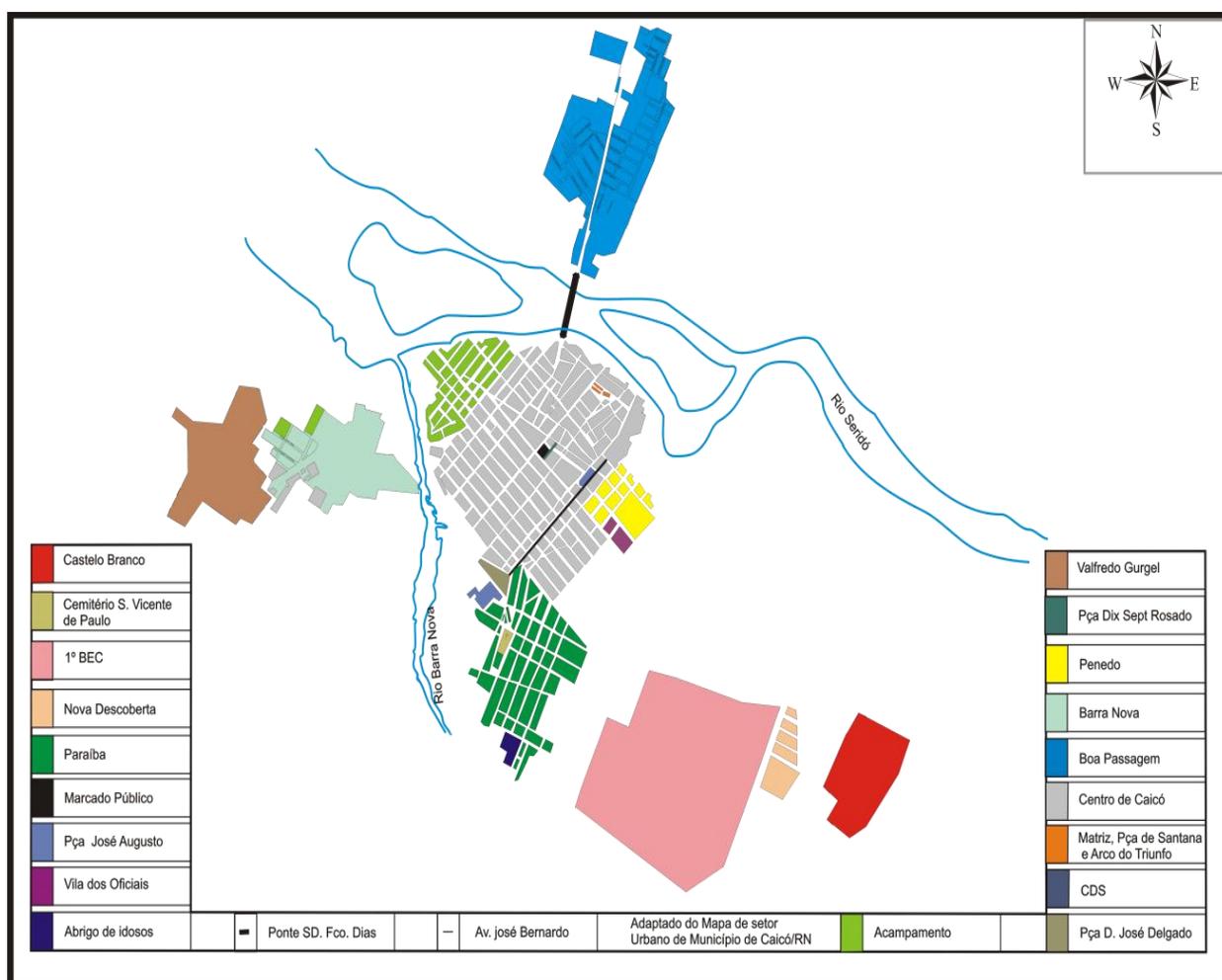
²³¹ Idem, ibidem. p.38.

²³² Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região do Seridó do Rio Grande do Norte. p.177

²³³ MEDEIROS, José Lucena. *Op.Cit.* p.77.

provinha do campo e exercia trabalhos temporários ou se encaixavam no setor da economia informal. O bairro se localiza ao longo do eixo da BR-427, na extensão da rodovia que liga Caicó à cidade de Jardim de Piranhas. Sua designação constitui um tributo ao Mons. Walfredo Gurgel, que tinha morrido no ano de 1971. Ainda é significativa mencionar que a sua denominação oficial deu-se por intervenção do Decreto nº 606, de 05 de novembro de 1971. Sua “(...) ocupação do solo urbano (...) procedeu de forma espontânea resultando em ruas de traçado bastante confuso, situação esta agravada pela topografia²³⁴.

Croqui 7- Caicó –RN, Anos 1970



Enfim, a partir do exposto acima percebemos que com a expansão da malha urbana aumentou o número de bairros e ruas e conseqüentemente de topônimos. Além disso, percebemos que os nomes dos logradouros públicos de Caicó estão dispostos em duas classes, os que representam denominações descritivas e denominações de homenagem aos

²³⁴ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.208.

detentores do poder secular e do poder religioso da Igreja Católica, por meio de seus santos e religiosos. Além do mais, devemos afirmar que dentro do grupo de homenagens é percebida uma maior expressividade de denominações masculinas nos logradouros públicos da cidade.

Capítulo II

As Primeiras Mulheres Homenageadas na Cidade de Caicó

Capítulo II

As Primeiras Mulheres Homenageadas na Cidade de Caicó

No segundo capítulo dedicaremos especial atenção à história das mulheres caicoenses tomando as vidas de Joaquina Dantas Gurgel, Generina Vale e Júlia Augusta de Medeiros, como fio condutor. Elas foram as primeiras caicoenses que tiveram suas memórias perpetuadas na toponímia urbana da cidade de Caicó. Segundo Mariana Pereira Nunes Várzea²³⁵, muitas vezes, quando se pretende representar idéias importantes, como a natureza, a liberdade, a República, a justiça, apela-se a alegorias femininas, ou seja, utilizam a mulher de modo figurado, metafórico, que encarnariam dados valores morais ou qualidades subjetivas atemporais. Ainda se baseando nas idéias de Mariana Pereira Nunes Várzea podemos afirmar que a exemplo dos bustos, os antropônimos também se constituem em biografias monumentais, nos quais “(...) há uma dupla possibilidade de memória, a do tempo vivido e a do tempo celebrado²³⁶”. Ou seja, nos antropônimos femininos haveria uma dupla temporalidade, a primeira remetendo para a vida privada de cada uma das homenageadas e a segunda fazendo alusão à vida pública que as transformou em símbolo para aquela dada sociedade.

Nesse sentido, podemos afirmar que no caso dos antropônimos estudados neste trabalho eles se constituem numa poética que exprime memória, história e feminino, na medida em que se misturam com o tecido urbano. É ainda importante destacar que o ato de nomear um espaço se constitui na fabricação de uma memória. Dessa forma, um antropônimo é rico de possibilidades de percepções de um determinado contexto, de uma dada época por meio de suas representações, já que os homenageados são representantes dos costumes, modos, ideias e imaginário de um período.

Nesse sentido, temos por objetivo no primeiro tópico intitulado *Mulheres do sertão seridoense em questão*, fazer uma breve discussão a respeito dos costumes, comportamentos e mentalidade das mulheres do Sertão seridoense, na segunda metade do século XIX. Esta discussão será feita, a partir da historiografia local e acadêmica e se faz necessária porque

²³⁵ A autora ao analisar os bustos de Ana Amélia Carneiro de Mendonça, Carmem Gomes, Carmem Miranda, Chiquinha Gonzaga, Clarisse Índio do Brasil, Júlia Lopes de Almeida, Vera Janacopoulos e a estátua de Ana Nery localizados nos logradouros públicos da cidade do Rio de Janeiro buscou identificar que memória feminina foi construída a partir desses monumentos urbanos. Conforme: VÁRZEA, Mariana Nunes Pereira. *Mulheres de bronze*. Dissertação, Rio de Janeiro, 1995.

²³⁶ Idem, *ibidem*.p.37-38.

Joaquina Dantas Gurgel, Generina Vale e Júlia Medeiros nasceram no final desse século. Para isso, iniciaremos fazendo uma rápida discussão a respeito do lugar da mulher no decorrer do tempo.

Já no segundo tópico intitulado *As mulheres de / em Caicó a partir das vidas das homenageadas*, buscaremos discutir que memória feminina foi fabricada na e para a cidade de Caicó, por meio desses antropônimos femininos. Para isso, nos questionamos quem eram essas três caicoenses? Que conflitos, oposições e tramas se instituíram entre elas e a sociedade na qual estavam inseridas? Que lugares e espaços elas ocuparam em Caicó? Qual a importância delas para a cidade de Caicó?

As mulheres do sertão seridoense em questão

Investigações atinentes às mulheres são algo atual na historiografia e incidiu em decorrência do aparecimento da Escola dos Annales. Esta Escola está coligada à revista dos Annales denominada de: *Annales, économies, sociétés, civilisations*; que lutava por uma história total e se opunha ao paradigma tradicional da historiografia. A Nova História é um termo bem popular na França e conforme Peter Burke, surgiu no começo do século XX “(...) como uma reação deliberada contra o ‘paradigma’ tradicional (...)”²³⁷ ainda é importante destacar que a antiga história dizia respeito essencialmente à política; era pensada como uma narrativa dos acontecimentos; se concentrava nos feitos dos grandes homens como estadistas, generais ou/e eclesiásticos; era baseada em documentos os quais expressavam o ponto de vista oficial; é explicada através da vontade do indivíduo histórico; e é objetiva. Já a nova história se interessa por toda a atividade humana, ou seja, tudo tem uma história, toda atividade humana é mensageira de uma história. Assim, a escola dos Annales criou o termo "história total"; a qual se interessa pela análise da estrutura que permeia as mudanças; oferece uma visão de todos os ângulos; se preocupa ao mesmo tempo com as tendências e com os acontecimentos; existência de um relativismo cultural nas ações humanas.

Roger Chartier²³⁸ destacou que a Nova História buscava identificar a forma como, em diversos lugares e períodos, uma determinada realidade social é construída e/ou pensada. Com isso, a Nova História se volta para a análise das representações e das práticas. Daí o interesse em pesquisar o homem comum e a cultura popular os quais se transformaram em

²³⁷ BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*, p.10

²³⁸ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*, 1995.

objetos de estudo. Deste modo, os historiadores passaram a se preocupar com aquilo que antes era marginal. Nesse sentido, Peter Burke observou que

Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo (...), a feminilidade (...), a leitura (...), a fala e até mesmo o silêncio²³⁹.

Podemos assim, afirmar que A Nova História proporcionou mudanças no estudo da História e com a inclusão de novos objetos nas pesquisas é possível hoje fazermos a História das Mulheres. E um elemento determinante para o surgimento da História das Mulheres foi a segunda onda do movimento feminista²⁴⁰ que ocorreu a partir da década de 1960, nos Estados Unidos, e na década de 1970, na França, a partir das universidades em acordo mútuo com os movimentos sociais, por meio de conferências, palestras, análises, publicação periódica e periódicos voltados à questão das mulheres.

Segundo Mary Del Priore²⁴¹, as pesquisas a respeito das mulheres só foram instituídas no Brasil, a partir do final dos anos de 1970, quando a Fundação Carlos Chagas de São Paulo começou um trabalho de coleta de material a qual permitiu a elaboração de pesquisas voltados para o tema feminino. Além disso, a fundação estimulou concursos nos quais se oferecia bolsas de estudo para pesquisas. Dessa forma, múltiplas pesquisas foram desenvolvidas na qual foi edificada uma nova idéia das mulheres (escravas, negras, meretrizes, indígenas, brancas, entre outros), contando os conhecimentos e as práticas das mesmas a partir da análise de processos da Inquisição, processos-crime, crônicas de viagens, atas de batismo, leis, certidões de casamento, atestado de óbito, cartas, fotografias, diários, entre outros. E como decorrência da leitura dessas fontes foi possível dar início ao resgate das vozes dessas mulheres que durante muito tempo foram caladas pela historiografia; passando assim as ações delas serem reconhecidas ante o processo histórico.

Devemos ainda enfatizar, que o tema que mais se destaca nas pesquisas acerca das mulheres é que a natureza e o meio cultural definem os espaços das mulheres e estabelecem determinadas fronteiras em seu caminhar, evidenciando deste modo, o quanto é sutil a polêmica de sua função social. Ainda é significativo lembrar que a supressão das mulheres da vida pública advém dos discursos masculinos dominantes, já que foram os médicos, pais,

²³⁹ BURKE, Peter. *Op. Cit.* p.11

²⁴⁰ Será melhor discutido no próximo capítulo.

²⁴¹ DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*, 1998.

juristas, legisladores e religiosos que, ao longo do tempo, representaram socialmente suas esposas e filhas.

Nesse sentido, podemos afirmar que as diferenças sociais sempre foram a marca das sociedades ao longo da história da humanidade. Nesse sentido, se conclui que as diferenças sociais não são naturais e sim historicamente construídas. Conforme Richard Sennet, na Atenas de Péricles as mulheres eram vistas como lentas de entendimento e inabilitadas de falarem, ficando limitadas ao espaço doméstico. Esses sujeitos não possuíam espaço na cidade e poucas vezes saíam em público. Conforme Richard Sennet

A fisiologia grega justificava direitos desiguais e espaços urbanos distintos para corpos que contivessem graus de calor diferentes, o que se acentuava na fronteira entre os sexos, pois as mulheres eram tidas como versões mais frias dos homens. Elas não se mostravam nuas na cidade. Mais: permaneciam confinadas na penumbra do interior das moradias, como se isso fosse mais adequado a seus corpos do que os espaços à luz do sol. Em casa, elas vestiam túnicas leves que as cobriam até os joelhos, ou linhos rústicos e opacos, até os tornozelos, quando saíam à rua. Similarmente, o tratamento dado aos escravos (...) ²⁴²

Além disso, é significativo destacar que para os gregos a idéia de cidadania era vista como uma qualidade de homens livres, ou seja, pessoas capazes de desenvolverem atividades políticas, sendo as mulheres e os escravos colocados à margem das questões e da vida pública. Nesse contexto, a esfera privada se constituía no lugar de trabalho e de vida das mulheres e escravos. Assim, qualquer questão que estivesse associada com a vida dos sujeitos ou a sobrevivência da espécie era assunto familiar. Nessa conjuntura, a posição do homem na *pólis* fundamentava-se, no trabalho dos escravos e no serviço das mulheres, essas últimas continuavam presas a esfera privada. Isso porque,

(...) a riqueza privada era a condição básica para que um homem fosse admitido na vida pública, não pelo fato de poder acumulá-la, mas sim, porque era a garantia de que ele não teria que prover para si mesmo os meios de uso e de consumo, e portanto, era livre para exercer a atividade política. A propriedade era a família, no sentido mais amplo, incluindo-se aí não só os parentes, mas também os escravos, seu dinheiro ²⁴³.

Durante a Idade Média essa dicotomia entre público e privado perde um pouco esse sentido. A ascensão da Igreja Católica e conseqüentemente do poder secular e religioso corresponde à ascensão do privado e do público. No feudalismo, o poder secular passa a significar o mesmo que a esfera privada representava na Grécia antiga.

²⁴² SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, p.32.

²⁴³ COSTA, Ana Alice Alcantara. *As donas no poder: Mulher e política na Bahia*, p.53.

O padrão doméstico de organização se estendeu a todas as outras formas de organização (os grêmios, as companhias mercantis, as organizações profissionais etc.) (...), e o próprio feudo se estrutura como base do poder patriarcal e, dentro dele, a organização econômica e social do trabalho. Diluindo-se, assim, de certa forma, a dicotomia rígida do público e do privado dominante na Idade Clássica²⁴⁴.

Ainda é importante lembrar que nesse período praticamente não existia o sentimento de família e de infância e a cultura patriarcal, defendia a superioridade masculina. Desse modo, a mulher ocupava uma posição inferiorizada sendo conferida a elas pouco ou nenhum valor. Mas, com a chegada da modernidade surge a burguesia a qual

(...) será a responsável por profundas transformações na estrutura do poder, trazendo à esfera pública o próprio processo da vida, emergindo o que ARENDT chama 'sociedade'. (...) Com a sociedade, as atividades relacionadas com a sobrevivência, por exemplo, do trabalho, adquirem um caráter público. A família já não define a propriedade, como na Grécia antiga; agora é a propriedade que a define²⁴⁵.

Desse modo, com o surgimento da sociedade burguesa é abolida a antiga diferença entre público e privado, modificando seu sentido. Assim, o privado passa a se constituir numa esfera da intimidade. Enquanto,

O público, na sua acepção moderna, passou a significar não somente um espaço social separado da vida íntima e familiar, mas também um espaço em que o contato com conhecidos e estranhos abrangia cada vez mais grupos diversos.

Em contrapartida, a esfera do privado, no século XVIII, não correspondia mais ao domínio da necessidade ditada pelas exigências da sobrevivência, mais representava o espaço da subjetividade, na esfera íntima da pequena família ela deixava de possuir caráter de 'privação', propriamente dito, para servir de equilíbrio entre a vida individual e a vida social (...)²⁴⁶.

Além disso, devemos lembrar que por meio do controle da propriedade, o homem compra a dependência dos filhos e conserva a mulher dominada. Nesse sentido, Ana Alice Alcântara Costa destaca que a cidadania liberal universal é uma categoria masculina, apoiada

(...) na exclusão feminina a partir da definição do privado como o lugar da mulher, o lugar das diferenças, da paixão, da natureza. A *pólis* sobreviveu através das esferas de representação pública da sociedade iluminada, como o lugar dos homens livres, livres por serem proprietários. Para as mulheres, no pensamento liberal não existe igualdade, fraternidade e muito menos

²⁴⁴ Idem, *ibidem*.p.53.

²⁴⁵ Idem, *ibidem*.p.55

²⁴⁶ RONCAGLIO, Cynthia. *Pedidos e Recusas: mulheres, espaços, espaço público e cidadania*.(Curitiba, 1890-1934). Dissertação, Curitiba, 1994, p.11.

liberdade, permanecem fechadas no campo das necessidades, onde prevalecem a paixão, o instinto, a irracionalidade e, principalmente, a reprodução da espécie²⁴⁷.

Nesse sentido, podemos afirmar que a família passou a representar ao mesmo tempo um lugar separado da esfera pública, um refúgio contra a impessoalidade e um lugar onde o domínio e a ordem estavam assegurados. Cynthia Roncaglio ainda nos lembra que para manter essa divisão entre as duas esferas contribuíram as interpretações diferenciadas dos papéis masculinos e femininos na esfera pública. Assim, para as mulheres do século XIX, o público se constituía no lugar onde elas podiam perder seu valor se desgraçando para sempre. Já para os homens, a esfera pública se constituía no lugar onde o homem podia “(...) se despojar das características repressivas e autoritárias de respeitabilidade que se impunham à sua pessoa, quando no papel de marido e pai no lar.”²⁴⁸

No que concerne ao Brasil, o contexto familiar de certo modo, formado por uma sociedade colonial de base escravista predominantemente oligárquica e excludente estabeleceu normas em relação a estilos, sinais, costumes e indumentárias aceitos pela sociedade. Essas normas constituíam o procedimento da sociedade e sua relação com os espaços públicos e privados. Também a cultura política resultou no paternalismo e no mandonismo que gerava dependência pessoal destruindo com isso, o sentido de cidadania.

Também Roberto Da Matta, ao questionar e a refletir a respeito da construção da identidade nacional, ou seja, ao buscar entender como um aglomerado de gente se transformou num país como o Brasil. Ele propôs que o espaço da casa e da rua giram em torno da concepção do “espaço moral”. A moral e os bons costumes estavam associados ao espaço da casa. Esta representava – e representa até hoje – o espaço íntimo e privado da sociedade brasileira desde a época colonial. Na casa se poderia ter opinião, chamar a atenção, ter expressão; atos que, na rua seriam condenados e negados.

Já a rua é lugar de oposição, tensão constante e movimentos, formada por indivíduos anônimos, onde se fortalece nesse ambiente o discurso da impessoalidade. Também a rua é o lugar que nos liga ao trabalho, o qual é visto e dito como um castigo, uma tortura, um suplício. “Entre a casa (...) e a rua, o trabalho duro é visto no Brasil como algo bíblico. Muito diferente da concepção anglo-saxã que equaciona trabalho (work) com agir e fazer, de acordo com sua concepção original²⁴⁹.”

²⁴⁷ COSTA, Ana Alice Alcantara. *Op.Cit.* p.64

²⁴⁸ RONCAGLIO, Cynthia. *Op.Cit.* p.14

²⁴⁹ DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasis?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p.31

A casa se constitui numa linguagem para analisar o mundo, ou seja, o espaço da sociedade brasileira que apresenta laços de simpatia, lealdades, complementaridades, compensações, bondades. Já o código da rua se baseia em mecanismos impessoais (modo de produção, luta de classes, subversão da ordem, lógica do sistema capitalista, onde as leis são os pontos centrais e dominantes). Existe assim, uma tensão entre o mundo da casa (espaço privado) e o mundo da rua (espaço público). Nas palavras da historiadora Lilia Moritz Schwarcz:

(...) o local do público e do privado. Para além de se tratar de concepções polares – a afirmação de um depende da realidade do outro -, o que se verificou foi a singularidade de sua utilização no Brasil longe de um modelo fechado, no país o privado foi se afirmando (...) mediante (...) do desconhecimento sistemático da esfera pública (...)²⁵⁰

Assim, a partir dessa discussão, nos questionamos que lugar(es) as mulheres do Sertão seridoense ocupavam na segunda metade do século XIX? Antes de respondermos esse questionamento devemos destacar que a inserção de mulheres não-nativas no sertão seridoense reporta ao século XVIII. Até então elas representavam um pequeno contingente. Isso é justificado pelo fato de “(...) que no início da conquista e desbravamento dos sertões no final do século XVII, a população da região era marcada significativamente pela presença masculina.²⁵¹” Conforme o senhor Francisco de Assis Medeiros ²⁵² nos relatou em entrevista, “Quem fez o Seridó foi o boi. Então quem veio para cá foi o macho, chamado vaqueiro”

Ainda segundo a historiografia local, as mulheres sertanejas eram submissas aos homens. Elas eram proibidas de propagar suas idéias, atos e planos. Sendo sua função social ser mãe de uma prole significativa. No tocante à educação, as filhas dos fazendeiros começavam desde a infância a serem habilitadas para exercerem o papel de mãe para isso, elas aprendiam as chamadas ‘prendas domésticas’ que se constituíam em cuidar dos filhos, cozinhar, costurar e bordar²⁵³. No Seridó, quando as meninas se apresentavam hábeis a desenvolverem bem os afazeres domésticos – preparar os alimentos, bordar, costurar -, elas eram consideradas aptas para casar. Assim, enquanto as mulheres se dedicavam aos afazeres domésticos os homens se dedicavam a “(...) domar o gado, amaciar o couro, cultivar a terra e

²⁵⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre semelhanças e diferenças. In_: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. p.09

²⁵¹ FALCI, Miridan Knox . Mulheres do Sertão Nordestino. In_: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. p.243.

²⁵² MEDEIROS, Francisco de Assis. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Acari, 06 de abril de 2012

²⁵³ FALCI, Miridan Knox. *Op.Cit.* p.249.

dela criar alternativas para o sustento de sua família.²⁵⁴ Isso porque as relações de gênero reservaram aos homens a função de manutenção da família enquanto a mulher ficou encarregada da reprodução.

Já no que concerne à educação formal, Muirakytan Kennedy de Macedo ressalta que no ano de 1830, na Vila do Príncipe na escola das primeiras Letras só haviam 28 meninas matriculadas. É importante ainda destacar que a Lei Imperial de 15 de outubro de 1827 determinava que fossem criadas Escolas de Primeiras Letras em todas as cidades, vilas e lugares populosos. Essas Escolas deveriam educar meninos e meninas, por meio de conteúdos escolares específicos. Assim, conforme o Art. 6º da Lei era função dos professores ensinar aos alunos:

(...) ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; proferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil. (BRASIL, 1827)²⁵⁵

Ainda é significativo destacar que os conteúdos escolares específicos para as meninas deveriam ser ministrados por Mestras, e elas deveriam excluir noções de geometria, limitar a instrução de aritmética às quatro operações, e ensinar as habilidades que servissem à economia doméstica. Ou seja, o currículo das meninas ressaltavam uma educação voltada para o aprendizado dos afazeres domésticos e quando muito, algumas noções de conteúdo escolar, não as capacitando para o ingresso no ensino superior, o qual, aliás era para elas inacessível.

Também devemos destacar que no ambiente doméstico, os espaços para o sexo masculino e para o sexo feminino eram bem definidos, isso porque a casa enquanto espaço social ocupava um lugar distinto no desenvolvimento das moças do sertão seridoense. Para termos uma ideia, no ambiente interno da casa do sertão seridoense existiam duas salas uma destinada aos homens, chamada ‘copiar’, e outra destinada às mulheres denominada de *sala de mulheres*, local onde ficavam a esposa e as filhas envolvidas com os afazeres domésticos. Ainda no tocante à *sala de mulheres* Juvenal Lamartine de Faria cita que :

Ali, em muitas, havia um oratório onde à noite, todos os dias, era tirado o terço, com a participação de toda a família do fazendeiro e seus dependentes.

²⁵⁴BRITO, Thaís Fernandes Sales de. *Bordados e bordadeiras: um estudo sobre a produção artesanal de bordados em Caicó/RN*. Tese, São Paulo, 2010, p.58.

²⁵⁵ MACEDO, M. K.; Garcia, Tânia Cristina Meira ; BRITO, P. S. ; MEDEIROS, M. D. ; FELIX FILHO, F. . *Colégio Diocesano Seridoense: imagens do tempo e do espaço escolares*, p.72

Junto a esta sala ficava o quarto do casal e ao lado deste, o das moças, tapando de janela para fora.²⁵⁶

O quarto das moças geralmente não possuía janelas para evitar que elas fugissem. Juvenal Lamartine de Faria ainda destaca que as refeições dos homens e das mulheres eram realizadas em ambientes diferentes. Enquanto os homens faziam suas refeições na sala de jantar, as mulheres eram servidas em uma pequena saleta, vizinha à cozinha. É importante ainda mencionar que no que se refere à clausura feminina esta se encontrava relacionada à preservação da virgindade das solteiras e essas depois de casadas deveriam ser fiéis ao esposo. Isso porque a reputação de todos os homens da família dependia da virgindade e da pureza das mulheres.

Era na casa que se operavam os significados das funções concernentes aos homens e às mulheres e se perpetuavam as relações de dependência e poder, por meio da reprodução dos papéis de gênero, baseadas numa educação sexista, onde as meninas geralmente seguiam o modelo da mãe e os meninos do pai. Assim ao dialogarmos com Roberto DaMatta, é possível afirmar que a casa se constituía em um dos espaços exclusivos para a formação das identidades de gênero. Portanto, é plausível assegurar que a casa é o espaço privado, onde está “alguém”, - parentes e amigos -, os quais devem ser protegidos, auxiliados e ajudados. Já o espaço da rua é o espaço público, espaço de “ninguém”, caracterizado pela agressividade, infortúnio, hostilidade e combates onde para poder se coexistir nesses espaços é necessário uma relação constante entre o “alguém” e o “ninguém”.

Nesse sentido, o espaço público admitido às mulheres da elite seridoense era a igreja, quando havia cerimônias religiosas, casamentos, batizados. Entretanto, apesar da igreja ser o espaço permitido às mulheres mesmo assim, existia segregação.

Na igreja, as mulheres sentavam do lado esquerdo, não podendo ter nenhuma atuação no que se referisse a ler, a distribuir comunhão, e auxiliar o padre nos rituais. Sua função era de zeladora, cantora, catequista, cuidando ainda dos objetos de cultos e paramentos²⁵⁷.

Também é importante destacar que quando solteiras, elas eram dependentes do pai, o qual escolhia com quem elas deveriam casar-se. Na ausência paterna, o irmão mais velho assumia esse papel; as jovens que não casavam eram enviadas para o convento. O matrimônio representava para a mulher, uma provável emancipação, a qual, na verdade, significava

²⁵⁶ LAMARTINE, Juvenal. *Velhos costumes do meu sertão*, p.24

²⁵⁷ ROCHA NETO, Manoel Pereira da. *A Educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930)*, Tese, Natal, 2005, p.49

somente uma permuta de tutelas, do pai para o marido. Quando alguma mulher, considerada de classe social inferior, praticava relações sexuais antes do casamento, geralmente, caía no mundo da prostituição. Já as mulheres de classes mais abastadas, passavam a ser discriminadas na sociedade e na família, constituindo-se como um ser infame.

A maior parte dos casamentos era “(...) antes de tudo um compromisso familiar, um acordo, mais do que um aceite entre esposos.²⁵⁸” Ou seja, o casamento era antes de tudo um acordo entre duas famílias, no qual os pais dos noivos buscavam conservar os bens das famílias e consolidar os laços de amizade entre elas. Assim, os casamentos aconteciam, na maioria das vezes, sem sentimento algum “(...) ocorrendo dos noivos se avistarem pela primeira vez no dia da cerimônia²⁵⁹”. A beleza não era condição para que o homem a namorasse, contudo o dote dado pela família da moça era o motivo principal para que existisse o namoro. No tocante, as cerimônias de casamento

(...) das filhas dos fazendeiros mais abastados eram celebrados na fazenda dos pais e nunca na igreja da freguesia em que residiam.

Determinado o dia da cerimônia, os preparativos para a festa começavam com bastante antecedência. Eram convidados pelos pais dos noivos todos os parentes próximos e amigos (...)

Na véspera matava-se uma novilha gorda, carneiros, porcos (para a fabricação de lingüiça), perus e galinhas – ocupando toda uma legião de cozinheiras e doceiras afamadas que comandavam várias auxiliares. Na sala, era armado o altar e enfeitado a capricho pelas mãos mais prendadas. Os agregados providenciavam o corte da lenha da cozinha e jarras e mais jarras abarrotadas d’ água.

Uma ou duas horas depois era servido o banquete, com uma variedade imensa de pratos e bebidas, inclusive o aluá, fabricado de milho fermentado. Durante o banquete, faziam-se ouvir alguns oradores onde muitos repetiam discursos decorados (...)

Terminadas as refeições, depois de um ligeiro descanso, começavam-se as danças (...)

O baile começava sempre com uma quadrilha, dançando o noivo com a noiva e costumava se prolongar até o amanhecer do dia (...)²⁶⁰.

O casamento só poderia ocorrer com a autorização dos pais, entretanto, muitas jovens casavam sem essa permissão e perdiam o direito à herança. Já outras moças, não aceitando casarem com o conjugue escolhido pela família e com receio de ser deserdada, encontraram no “rpto consentido” a resolução para o empecilho. Nesse sentido, tudo era combinado,

(...) quase sempre por intermédio de uma mucama ou escrava da casa. Raptada a moça, era depositada pelo noivo na casa de um amigo da família

²⁵⁸ FALCI, Miridan Knox. *Op.Cit.* p.256.

²⁵⁹ FARIA LAMARTINE, Juvenal. *Op.Cit.* p.59.

²⁶⁰ FARIA LAMARTINE, Juvenal. *Op.Cit.* p. 59-61.

que ao amanhecer do dia, dirigia-se à casa do pai da noiva para comunicarlhe o ocorrido. Neste caso o casamento era realizado na casa da pessoa onde se encontrava a moça.²⁶¹

Assim, encontramos no Jornal *O Povo* que uma moça, de 14 anos, foi raptada no dia 16 de julho de 1890, em Caicó, e levada para a casa do major Salviano Batista pessoa importante da cidade. O rapaz que raptou a moça era “(...) um alugado do mesmo major (...)”²⁶². Ainda conforme nota do Jornal, o tio da moça era seu tutor e não autorizava o

(...) casamento, porque o rapaz não lhe merece a sobrinha, requereu ao juiz de órfãos, dr. José de Sá, que lhe mandasse entregar. O juiz, depois de muito *cogitar*, escreveu no requerimento – *indeferido* – e por isso ficou a moça no depósito, sem se efetuar o casamento. Agora o major Salviano ameaça o tutor de o demitir (!) para nomear outro, e fazer-se o casamento. Teremos esta demissão – *ex-informantará conscientiá?*²⁶³

É ainda oportuno destacar, como discutimos no capítulo anterior, que a maioria da população vivia nas fazendas, indo à cidade só por ocasião das festas religiosas. “Famílias ricas tinham uma casa na cidade só para passar a Semana Santa e os festejos de fim de ano.”²⁶⁴. No sertão seridoense as esposas e filhas dos fazendeiros vinham para a cidade “(...) durante as festas religiosas (...) da Padroeira, Natal e Ano Bom”²⁶⁵. Nessas ocasiões elas tinham a oportunidade de aparecerem em público trajando

(...) vestidos de sêda e xales custosos, que eram trazidos da ‘praça’ Recife, enfeitavam-se de jóias, sendo rara a que não trazia, ao pescoço um pesado crucifixo de ouro, preso a um trancelim do mesmo metal. O rosário e o terço que levavam à igreja era, comumente de Padre-Nossos de ouro. Raras as senhoras que usavam chapéu, preferindo prender os cabelos enrodilhados em cocos e presos com marrafas – grandes pentes de tartaruga, encrustados de ouro – os chamados ‘tapa-missa’. Cabelos longos e bem tratados eram distintos nas mulheres e só as viúvas ousavam cortá-los.²⁶⁶

Já as mulheres de camadas populares possuíam maior facilidade de transitar pelos espaços públicos e se submetiam a regras distintas. Assim, Almir de Carvalho Bueno e Ariane de Medeiros Pereira, buscando discutir os aspectos da vida cotidiana do Seridó, no final do século XIX, analisaram um processo de 1881, movido pelo soldado do Corpo de Polícia do destacamento da Cidade do Príncipe, Sebastião Gomes Cajueiro contra a engomadeira e costureira Luisa Idalina de Souza, a qual foi acusada de tentar envenenar o soldado. A partir desse processo,

²⁶¹ Idem, *ibidem*, p.59.

²⁶² Rapto. *Jornal O Povo*, Seridó, 24 de agost. de 1890. In: MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Op. Cit.*, p.82.

²⁶³ Idem, *ibidem*, p.82.

²⁶⁴ FALCI, Miridan Knox. *Op.Cit.* p.246.

²⁶⁵ FARIA LAMARTINE, Juvenal. *Op.Cit.* p.16

²⁶⁶ Idem, *ibidem*, p.29-30.

Almir de Carvalho Bueno e Ariane de Medeiros Pereira, ao investigarem indícios da cultura seridoense constataram

(...) que a mulher seridoense no final do século XIX ao ser inserida num contexto em que procurava obter uma determinada fonte de renda apresentasse desempenhando atividades domésticas, como por exemplo, era costureira, engomadeira, ou seja, ainda não desenvolve atividades além daquelas para as quais eram ensinadas, para serem boas donas de casa e cuidar de sua família. A não ser quando a mulher é referida (...) como uma meretriz, sendo assim passa a ser vista como inferior as demais, tornando-se uma pessoa na qual não se deve confiar e nem ser detentora de respeito. Mas quem seriam essas mulheres que “trabalhavam fora”? Seguindo a dinâmica da época provavelmente eram mulheres que não possuíam boas condições financeiras e necessitavam ajudar suas famílias, já que as mulheres “abastadas” eram preparadas apenas para cuidar da casa, do marido e dos filhos²⁶⁷.

Nesse sentido, se por um lado as mulheres e filhas dos fazendeiros vivenciavam alguns tipos de reclusão, só aparecendo em público em certas épocas do ano ou em certas ocasiões como nas festas de casamento, por outro lado, as mulheres negras, livres ou libertas, escravizadas e/ou pobres possuíam mais liberdade pois, muitas delas “[...] constituíam famílias que dependiam de seu trabalho. Como chefes de famílias que incluíam os filhos e agregados (avós, comadres, e até escravos), elas contavam com esses membros da família para auxiliar nas tarefas²⁶⁸”. Nesse contexto, podemos afirmar que nas camadas populares, o padrão de família da elite, na qual o homem é o provedor material e a mulher exclusivamente responsável pela educação e orientação dos filhos, não possuía espaço. Ainda é importante registrar que essas mulheres pobres eram segregadas do mercado de trabalho formal e buscavam garantir o seu sustento, executando nos espaços públicos do Príncipe, as atividades de lavadeiras, costureiras, rendeiras, bordadeiras, prostitutas, domésticas além daquelas que cultivavam pequenas hortas e apanhavam feijão ou algodão nos períodos de safras. Assim, essas mulheres eram vistas nas margens dos rios, nas cacimbas,

(...) à porta da casa ou no alpendre às vistas de quem por ali passasse. Por vezes, cozinhavam ao ar livre, catavam piolhos nos filhos aproveitando o momento para trocar informações com outras pessoas. Costuravam, cerziam, bordavam, faziam bilros enquanto conversavam nos quintais de suas casas, por vezes minúsculas e desconfortáveis²⁶⁹.

²⁶⁷ BUENO; Almir de Carvalho; PEREIRA; Ariane de Medeiros. Processos-crime e micro-história: perspectivas e limitações um estudo de caso. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História* – ANPUH, p.6-7.

²⁶⁸ ASSIS, Sandra Maria de. Mulheres da Vila, Mulheres da Vida Vila do Príncipe (1850 – 1900). In: *Mneme-Revista de Humanidades*, p.139.

²⁶⁹ Idem, ibidem, p.142.

Ainda conforme Sandra Maria de Assis, os rios e as cacimbas eram locais onde costumava se concentrar as mulheres. Era assim visando abastecerem suas residências com o precioso líquido e lavando roupas, que esses espaços se transformavam em lugar de sociabilidade

(...) onde se podia saber das novidades, obter receitas de remédios caseiros, exercitar a assistência mútua (consolar aquelas que “perderam” o homem, dividir os alimentos, solidarizar-se com a perda de parentes etc.). Ali as mulheres se encontravam várias vezes por semana e fortaleciam os laços de amizade e companheirismo, unidas pela mesma pobreza e desesperança²⁷⁰.

Também os jornais se constituíam em um meio de difundir a oferta de trabalho feminino. É oportuno ainda lembrar que apesar da maioria da população ser analfabeta, isso não significava um empecilho para as pessoas tomarem conhecimento a respeito das mulheres que viviam do trabalho manual, já que por meio de diálogos em lugares públicos o que era noticiado no jornal se espalhava pela cidade. Assim, encontramos estampado no Jornal *O Povo*

Teodora Rosalina da Nóbrega dá cores em todas as fazendas e roupas feitas. O freguês escolherá a cor a seu gosto. São muito baratos os preços porque faz dos serviços da sua arte, que já está muito conhecida tanto neste como nos municípios vizinhos.

Preços: Vestidos a 1\$ 000. Bicos, rendas e fitas (vara)-\$100. Algodão e madapolão (vara)-\$100. Tinge uniformes por preços baratíssimos assim como corta e cose-os a 1\$500. Os objetos para serem tingidos podem ser entregues na casa de Braz Cezarino, nesta cidade. Garante-se a entrega da fazenda recebida com muita brevidade.

Caicó, 1º de novembro de 1890²⁷¹.

A partir dessa nota de jornal, podemos afirmar que a casa representava não só o espaço privado e familiar no qual a mulher desempenhava suas atividades domésticas, mas, também, era um espaço produtivo para as mulheres que exerciam habilidades profissionais, como o trabalho de corte e costura. Ainda é importante frisar que em vários domicílios dirigidos por mulheres, essa atividade constitui a única renda financeira. Para as mulheres da camada popular, a máquina de costura poderia significar um aumento nas suas atividades de trabalho, já que a utilização desse aparelho possibilitava rapidez na hora de fazer as encomendas. Ainda, não é de estranhar que mulheres como Teodora Rosalina da Nóbrega e demais costureiras da cidade tivessem que sair de sua casa para solicitar os serviços do Sr. Manuel Tomás de Araújo, já que o mesmo “(...) conserta[va] máquinas de costuras, botando qualquer

²⁷⁰ Idem, ibidem, p.141.

²⁷¹ Tinturaria. *Jornal O Povo*, Seridó, 02 de nov. de 1890. In: MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Op. Cit.*, p.96.

peça que falte, garantindo o bom desempenho do seu trabalho, podendo para isso ser procurado em casa de sua residência à Praça do Mercado.²⁷²»

Assim, diferente das mulheres da elite, as mulheres do povo sempre tiveram que romper com os limites da casa. Desse modo, é possível assegurar que, para essas mulheres pobres, as ruas eram lugar de trabalho. Contudo, como lembrou Maria Emília Vasconcelos dos Santos, dois tabus pesavam sobre o trabalho feminino: a aversão pelas tarefas manuais e a rua como espaço de escravas e “moças de vida fácil”. Isso porque, permanecer na rua significava para a mulher ficar livre da vigilância dos seus familiares e amigos e consequentemente ficar exposta às ameaças que existiam no espaço público. Maria Emília Vasconcelos dos Santos, ainda destaca que

(...) para se manter ou ajudar no sustento da família, as mulheres pobres (...) tinham que se expor aos perigos existentes no espaço público. A reclusão feminina não cabia na vida da maior parte das mulheres pobres livres. Tal reclusão constituía modelos de comportamento feminino elaborados para as mulheres da elite, os quais serviam como parâmetro de honestidade também, para as meninas pobres. Isso criava contrastes, para as mulheres pobres, porque o estilo de vida dos segmentos mais abastados em muitos momentos não podia ou não queria ser seguido à risca²⁷³.

Portanto, após termos contextualizado a história das mulheres seridoenses, durante o século XIX, buscaremos explicar a trajetória trilhada por Joaquina Dantas Gurgel, Generina Vale e Júlia Medeiros, ao longo da vida das mesmas de modo a perceber a condição social delas, suas relações com a cidade de Caicó a formação intelectual e profissional delas como meio de entender quais costumes, modos e idéias sobre as mulheres permaneceram e se transformaram com o novo sistema político que estava surgindo: a República.

As mulheres de / em Caicó a partir das vidas das homenageadas

Em 1883, seis anos antes da República ser proclamada, nascia Joaquina Clementina Dantas popularmente conhecida como Mãe Quininha, na Casa Grande da Fazenda Oiticicas. Filha do segundo casamento do Coronel José Calazâncio Dantas, conhecido por todos como Coronel Bembém das Oiticicas, com a Senhora Enedina Maria de Sant’Ana. Seu pai

²⁷² *Jornal O Povo*, Seridó, 30 de mar. de 1890. In: MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Op. Cit.*, p.97.

²⁷³ SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos. “*Moças honestas*” ou “*meninas perdidas*”: um estudo sobre a honra e os usos da justiça pelas mulheres pobres em Pernambuco imperial (1860-1888). Dissertação, Recife, 2007, p.143.

(...) desenvolveu atividades agropecuárias muito bem sucedidas na sua Fazenda Oiticicas. Daí lhe adveio o tratamento popular de Coronel Bembém das Oiticicas. Em 1892, utilizou um plano de irrigação a vazante do açude que construía na sua propriedade, iniciativa essa pioneira no município. Introduziu também, o uso do arado na agricultura, no início do século XX. Oiticicas possuía Capela, grande engenho, alambique, dispositivos para a preparação da farinha de mandioca, descaroador de algodão²⁷⁴

O coronel José Calazâncio Dantas, além de ter se dedicado às atividades agropecuárias, também desempenhou no período do II Império, a função de Vereador, na cidade de Caicó. Ainda devemos destacar que Joaquina Clementina Dantas nasceu e cresceu em um período de dúvidas e muita hostilidade entre conservadores e liberais. É importante salientar que no Brasil, o final do século XIX e início do XX, será um período marcado pela ascensão dos valores burgueses. Essa mentalidade burguesa iniciada ainda no período imperial, foi marcada pela Lei de Terras, seguida pela extinção do comércio internacional de escravos, pela aliança do Brasil com a Inglaterra, durante a Guerra do Paraguai, no ano de 1870, o qual fortaleceu o movimento republicano. Nesse ano foi difundido no Rio de Janeiro o Manifesto Republicano, o qual possuía como idéias fundamentais o fim da monarquia e o abolicionismo. Assim, em 1873 foi fundado o Partido Republicano, constituído por jovens intelectuais, artistas, políticos e militares.

Estes intelectuais lutavam por uma sociedade mais igualitária, o que no processo político brasileiro se configurava como uma ilusão. Já que em um país de sociedade agrária e patriarcal era difícil mudar o pensamento da época. Além disso, é significativo destacar que esses jovens intelectuais descendiam de famílias abastadas, as quais enviavam seus filhos para estudar na Europa, onde se identificavam com as idéias promovidas pela Revolução Francesa. Também muitos jovens passaram a ocupar

(...) às cadeiras da Faculdade de Direito de Recife, a única escola de estudos jurídicos do norte do Brasil (...) [nesta] Faculdade, estavam os editores, do Jornal *O Povo* Diógenes Celso da Nóbrega, Janúncio Nóbrega e Manoel Dantas. Estes três intelectuais tinham entrado em contato com os ares de tudo aquilo que era conhecido como 'ciência moderna' e seu desenvolvimento terem conhecido as escolas filosóficas, políticas e jurídicas mais em voga na Europa do final do século XIX²⁷⁵.

Nesse sentido, eles entraram em contato com o darwinismo social, o monismo alemão e o positivismo de Comte. Assim, enquanto o filho varão era enviado para estudar na Europa, a filha, mulher, a exemplo de Joaquina Dantas Gurgel estudava

²⁷⁴ MELO, Gleiber Dantas de. Família Dantas das Oiticicas. *Revista Monsenhor Walfredo Gurgel: 100 anos*. Edição Comemorativa, 2008, p.14

²⁷⁵ SANTOS, Rosenilson da Silva. *O desejo, o relato e a prática da cidade: de como são produzidos territórios marginais na Cidade do Príncipe (1880-1900)*. Dissertação, Natal, 2011, p.45.

(...) muito pouco, aprendendo apenas a ler e escrever, como também as quatro operações fundamentais de aritmética. Naquela época, o antigo curso primário dava um embasamento razoável. Falava-se bem o português devido à influência da educação jesuítica fruto do Brasil-colônia.²⁷⁶

Assim, dentro desse contexto não é de se estranhar que Joaquina Clementina Dantas tenha vivido as contradições, os conflitos e rupturas em relação a muitos dos valores e ideologias do século XIX. Os setores social, político, econômico, cultural e tecnológico sofreram transformações que mudaram a visão de mundo do homem moderno, o qual passava a viver uma vida dinâmica, voltada para o futuro e de combate ao passado histórico; elementos responsáveis por abrir as trilhas para uma nova arte²⁷⁷, a qual representaria a formação de um “novo” Brasil sintonizado com as descobertas da era da medicina, da máquina e da velocidade.

É também importante destacar que é na passagem do século XIX para o século XX, que as discussões de intelectuais e políticos sobre a modernidade começam a constituir o imaginário brasileiro. Esses intelectuais e políticos defendiam que o país deveria entrar no ritmo dos países europeus, realizando a passagem de uma sociedade dita tradicional, agrária e escravista para uma sociedade definida como moderna, urbana e capitalista. Mas, o que é ser moderno? Conforme, o autor Marshall Berman, no texto *Ontem, Hoje e Amanhã*:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (...) Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, ‘tudo o que é sólido desmancha no ar’²⁷⁸

Conforme Marshall Berman, a modernidade pode ser entendida como uma série de experiências contrárias, uma mistura de ações, dilemas, impasses, incertezas diante das garantias do mundo antigo e as inseguranças do novo, nesse movimento de rompimento com o passado e de arriscar no futuro. Le Goff²⁷⁹, também destaca que a modernidade surge desse anseio de ruptura com o passado e sugere novas condutas, atitudes e mentalidades.

²⁷⁶ DINIZ, Elizabeth. *Mãe Quininha*: a poderosa mulher do Seridó, p.13.

²⁷⁷ Arrebatados pelas transformações por que vivia a sociedade brasileira, um grupo de artistas e intelectuais realizou na cidade de São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, a Semana de Arte Moderna, nesse evento foram realizadas exposições de artistas plásticos, sessões de poesia e conferências onde os artistas objetivavam (re)criar uma cultura “naturalmente” brasileira, ou seja, era preciso criar uma cultura adaptada à realidade do país com a finalidade de fazer com que os brasileiros entendessem melhor eles mesmos e o próprio Brasil.

²⁷⁸ BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar*, p.15

²⁷⁹ LE GOFF, Jacques. *Op. Cit.*, p.175.

Desta forma, não é de se estranhar o fato das famílias também estarem se modernizando, ou seja, as famílias estavam criando novos modos de se constituírem. E apesar de ainda predominar na grande maioria as famílias extensas, o caráter de família nuclear – pai, mãe e filho - começava se constituir com a crise da família extensa, demonstrando assim, que a modernidade tem o poder de adentrar e transformar a privacidade doméstica, já que as famílias extensas passaram a ser substituídas por famílias compostas por cinco, seis, sete filhos, além da disparidade na idade dos cônjuges ter diminuído.

Nesse sentido, o casamento de Joaquina Dantas Gurgel se insere nesse contexto de mudanças e paradoxos. Assim, é importante destacar que os jovens Joaquina Clementina Dantas e Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira casaram-se em 27 de janeiro de 1900 e ela com apenas 16 anos passou a assinar-se Joaquina Dantas Gurgel. Devemos ressaltar que, ao casarem, as mulheres se tornavam dependente juridicamente do esposo, e perdiam seu sobrenome.

Também devemos lembrar que o casamento começou a produzir uma espécie de contrato, o qual garante aos homens o direito político sobre as mulheres e sobre seus corpos. Tais prerrogativas foram instituídas pelo contrato social original, e dessa maneira, ele é ao mesmo tempo um contrato sexual. Como enfatizou Cláudia de Jesus Maia,

(...) a história do contrato social teria colocado fim ao patriarcado (entendido como direito político do pai), assegurando a liberdade civil aos homens, salvaguardada pelo Estado. A sociedade civil é, assim, ‘criada pelo contrato de modo que contrato e patriarcado, parecem ser irrevogavelmente contrários’. Contudo, (...) há outras coisas em jogo na formulação desse pacto original, que são a ‘dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas’. O contrato social seria então uma história de liberdade e o contrato sexual, uma história de sujeição²⁸⁰.

Dentro dessa conjuntura, Joaquina Dantas Gurgel e Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira casaram-se na Matriz de Sant’Ana de Caicó e tiveram como testemunhas Manoel Gonçalves Vale e Joaquim Vicente Dias de Araújo. É importante lembrar que com a Proclamação da República, o Brasil passou a ser um país laico e a Igreja só podia realizar uma cerimônia religiosa após o Casamento Civil. Devemos destacar que para a realização da cerimônia civil, era necessário que os noivos caicoenses procurassem com uma certa antecedência o senhor Manoel Gonçalves de Medeiros Vale, que além de ser comerciante, também era advogado e preparava certidões de casamento pelo valor de cinco mil réis. Depois

²⁸⁰ MAIA, Cláudia de Jesus. *A Invenção da Solteirona: Conjugalidade moderna e terror moral Minas Gerais (1890-1948)*. Tese, Brasília, 2007, p.90.

dos papéis prontos os noivos poderiam casar-se diante do Juiz de Paz e de testemunhas, acontecimento que se realizava, de forma pública. Nesse sentido, podemos afirmar que as cerimônias de casamento, que antes eram realizadas no meio rural, começaram no final do século XIX e início do século XX, a serem transferidos para o espaço urbano.

No que concerne às cerimônias de casamento, Eunice Ariston ressalta que essas “(...) sempre foram acontecimentos que marcaram a sociedade caicoense.²⁸¹” É ainda importante destacar que, com a Proclamação da República, o Brasil passou a ser um país laico condicionando, o registro e o casamento. No começo, “(...) a sociedade reagiu a esse novo regime de união o que levou as autoridades, por meio de grandes celebrações a incentivarem o Casamento Civil.²⁸²” Nesse sentido, o Jornal *O Povo* noticiou o primeiro casamento civil celebrado em Caicó, no dia 11 de agosto de 1890 como uma grande festa, destacando que:

Às 3 horas da tarde desceu da rua da Independência o 1º juiz de paz coronel Ezequiel de Araújo Fernandes, acompanhado de uma banda de música, dirigindo-se ao lugar designado [no salão da sociedade Amor e União]. Grande massa do povo (...) atraída pela novidade convergiu para o ponto, ficando o grande salão, a tribuna e o calçamento do edifício repletos. A [banda de] música postada no edifício, executou após a chegada dos noivos, o hino nacional, que foi por todos ouvidos de pé. Em seguida feita a leitura recomendada pela lei, foi celebrado com todo o cerimonial o casamento. (...) Findas as cerimônias civis ao som da Marselhesa, dirigiam-se os nubentes à Matriz, onde o ver.mo Vigário os uniu pelo sacramento do matrimônio²⁸³.

Além disso é pertinente destacar que apesar do Brasil ser um Estado laico, as pessoas continuavam optando em casar na Igreja. Essa contradição pode ser justificada pelo fato dos princípios da Igreja católica em vários aspectos se aproximarem dos sugeridos pelas idéias liberais, autoras da laicização do país. Nesse sentido, podemos verificar as uniões que continuavam existindo entre a Igreja e o Estado.

Ainda no tocante, ao noivo Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira ele nasceu em 16 de agosto de 1879, em Caraúbas e

(...) foi matriculado no Ateneu Norte-Riograndense em Natal, e conquistou (...) o seu Diploma de Aluno Mestre, na vigência do Decreto nº 21 de 04 de abril de 1893. Foi nomeado Professor Público da cidade de Caicó e aqui chegou aos 05 de março de 1899²⁸⁴.

²⁸¹ ARISTON, Eunice. *Op.Cit*, 2010, p.35.

²⁸² Idem, *ibidem*, p.35.

²⁸³ Primeiro Casamento Civil. *Jornal O Povo*, Seridó, 17 de agos. de 1890. In: MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Op. Cit*, p.104

²⁸⁴ MELO, Gleiber Dantas de. Família Dantas das Oiticicas. *Op.Cit.*, p.04.

Regina Abreu ao discutir a passagem de Miguel Calmon pela Escola Politécnica, no final do século XIX, destacou a relação que o processo de modernização gerou na individualização dos sujeitos, enfatizando que na Europa medieval não existiam escolas para crianças e o processo de socialização e de aprendizagem se dava durante a execução dos ofícios em conjunto com os adultos. Daí o aparecimento das escolas ser considerado um marco de intenção individualizante.

Elas vão constituir o espaço público onde crianças – indivíduos em formação – passariam a travar contato, se relacionar num mundo de indivíduos. Sob esse prisma, a escola foi se opondo à casa- espaço da hierarquia, onde a criança se encontra subordinada a uma ordem predeterminada (...) Nas sociedades modernas, a escola configura o primeiro passo para a longa trajetória dos indivíduos, fornecendo as chaves, introduzindo o aprendiz nas novas regras de um mercado onde indivíduos autônomos e livres terão que transacionar e disputar. No individualismo, a concepção de público foi cada vez mais distanciando-se (...) à de privado, e associando-se à idéia de um amplo mercado de circulação de indivíduos²⁸⁵.

Neste sentido, a partir do discurso da modernidade, a tarefa das escolas foi reformulada e designada a veicular valores tais como a condição própria de cidadão brasileiro, a disciplina, a força física, o trabalho, a moderação na alimentação e a moralidade, bem como ensinar assuntos usuais, a exemplo da matemática e da língua francesa, demonstrando, assim, que as escolas tinham a missão de preparar tanto profissionais habilidosos, como sujeitos capazes de pôr os interesses da nação acima dos seus próprios interesses pessoais, necessários ao desenvolvimento da economia e à segurança da nação, ou seja:

Cabe às escolas formarem crianças fortes, sadias, esportivas, bem preparadas em matemática, francês, aptas a se tornarem engenheiros, técnicos, capitães da indústria, suficientemente inteligentes para transformarem o Brasil num grande país industrial, comercial, de ‘homens práticos’. Emerge uma nova cartografia de saber baseada nos ‘modos de produção capitalista’, nos valores da ordem do capital, das ‘semióticas monetárias’, funcionando mediante um **modo de subjetivação**²⁸⁶ (grifos do autor).

Referindo-se à educação feminina, devemos destacar que as escolas eram um significativo espaço no procedimento de assujeitamento das moças a um padrão de comportamento feminino. Desta forma, as moças passaram a ser educadas tanto para exercerem os papéis de mãe/ dona-de-casa/esposa; como para exercerem uma profissão em

²⁸⁵ Discute como Alice da Porciúncula Calmon du Pin e Almeida, esposa de Miguel Calmon du Pin e Almeida tentou imortalizar seu marido após a morte dele no ano de 1936. Nesse sentido, uma relação hierárquica entre o público e o privado é utilizado como fio condutor à construção do imortal. ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégia de consagração no Brasil*, p.89-90.

²⁸⁶ OLIVEIRA, Iranilson Buriti. *Façamos a família a nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. Tese, Recife, 2002.

uma casualidade, a exemplo, das viúvas ou solteiras. Já que nesse período é veiculada a “(...) idéia de incompatibilidade entre casamento e trabalho remunerado para as mulheres, ou entre a constituição biológica do corpo feminino para certas profissões e cursos de profissionalização (...)”²⁸⁷. Entretanto, certas profissões eram vistas como indispensáveis ao ‘progresso social’ a exemplo, da profissão de professora que passou a ser considerada a mais apropriada para as mulheres. Nesse sentido, a mulher passou a ser considerada como meio potencial para o progresso, e como a grande responsável em aperfeiçoar a mais ilustre tarefa de sua vida: educar o indivíduo. Compreensão esta que vinha da forte necessidade de ordenar o Brasil. Nesse contexto, a Escola²⁸⁸ Normal desenvolveu uma influente função na constituição e profissionalização feminina. Conforme Marta Maria de Araújo, a Escola Normal estava vinculada à questão do ensino primário, em razão do interesse pela democratização da cultura e pela preocupação com o elevado índice de analfabetismo da população. Nesse sentido, a autora, ao estudar a educação do Rio Grande do Norte, chama nossa atenção para

O estado deplorável em que se encontrava a Instrução Pública no começo do século [que] continuará a clamar por medidas do Poder Estadual. Elas serão autorizadas pela Lei nº 249, de 22 de novembro de 1907. Culmando-se a falta de preparação dos professores pelo descabimento reinante, apontava-se como necessidade prioritária a criação de uma escola normal. O Decreto nº 178, de 29 de abril de 1908, (...), criará essa escola, anexa ao Atheneu, tendo por finalidade instruir candidatos de ambos os sexos ao magistério primário²⁸⁹.

Compreendemos, desse modo, que a Escola Normal foi instituída com a finalidade de melhorar as questões educacionais, produzindo formas para solucionar a questão da necessidade de formação de professores, criando assim probabilidades das mulheres agirem no campo educacional. Deste modo, as professoras educadas nestes estabelecimentos de ensino, iriam desempenhar seu papel nas escolas primárias públicas.

Ainda é importante ressaltar que atuação da mulher no ensino primário só se deu em razão da docência ser vista como uma continuidade das funções domésticas. Ou seja, a atividade estava vinculada ao estereótipo instituído pela sociedade que era a de ser boa mãe, carinhosa e imaculada. Nessa perspectiva, em Caicó:

²⁸⁷ MAIA, Cláudia de Jesus. *Op.Cit.* p.24

²⁸⁸ Diante do abandono em que se encontrava a educação nas províncias brasileiras surgiram em meados do século XIX, as primeiras Escolas Normais. “Ao serem criadas as escolas normais, a pretensão era formar professores e professoras que pudessem atender a um esperado aumento na demanda escolar. Mas tal objetivo não foi alcançado exatamente como se imaginava: pouco a pouco, os relatórios iam indicando que, curiosamente, as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres que homens.” LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*, p.449

²⁸⁹ ARAÚJO, Maria Marta de. *Origens e Tentativas de Organização da Rede Escolar: Da colônia a primeira República*, Tese, Campinas, 1979, p.163.

Por volta de 1909, moçoilas que já tinham concluído o curso primário no Grupo Escolar Senador Guerra começavam a alfabetizar os filhos e as filhas dos trabalhadores rurais que não tinham condições de frequentarem a escola urbana. Muitas ensinavam em um cômodo de sua própria casa, pois geralmente eram filhas do fazendeiro²⁹⁰.

O primeiro diretor do Grupo Escolar Senador Guerra foi Pedro Gurgel do Amaral e Oliveira, ele esteve na direção “(...) desde a sua fundação, em março de 1909, até 28 de fevereiro de 1918 (...)”²⁹¹. Conforme destacou Guacira Lopes Louro, apenas as escolas religiosas destinadas à educação do sexo feminino possuíam mulheres exercendo as funções de diretoras e inspetores. Assim, as escolas repetiam e reiteravam

(...) a hierarquia doméstica: as mulheres ficavam nas salas de aulas, executando as funções mais imediatas do ensino, enquanto os homens dirigiam e controlavam todo o sistema. A eles se recorria como instância superior, referencia de poder, sua presença era vista como necessária exatamente por se creditar à mulher menos firmeza nas decisões (...)”²⁹²

Também Generina Vale e Júlia Medeiros se relacionaram com essa escola. A primeira foi aluna do Grupo Escolar Senador Guerra e nasceu em Caicó em 30 de outubro de 1897, filha de Belmira Benigna Vale e Manoel Gonçalves de Medeiros Vale. A mesma fazia parte da quarta geração da família Vale. Conforme Eunice Ariston, parafraseando Afonso Eduardo M. Zúquete, a família:

VALE é uma linhagem antiga que provém de Gonçalo Rodrigues da Maia, o Velho, de Palmesãos. Do seu casamento com D. Sancha Gonçalves Barbudo nasceram Gonçalo Rodrigues Balião, Gil Gonçalves e Fernão Gonçalves. Este último, casou-se com D. Estevainha Martins. Um dos seus filhos Pedro Fernandes, chamado Pedro Vale, casou com Maria Pires, resultando deste casamento, a geração que continuou o apelido Vale²⁹³.

Deste modo, no início do século XIX, aportaram na cidade de Natal vindos de Lisboa, João Maria Vale, agrimensor por profissão e, sua esposa, Maria Joaquina de Aguiar. Tendo sido levados para Caicó pelo padre Francisco de Brito Guerra, o mesmo foi escolhido como primeiro escrivão, exercendo a função de 1835 a 1857, quando foi “(...) substituído por seu filho Ignácio Gonçalves Vale, no 1º cartório, até fevereiro de 1898.”²⁹⁴ João Maria Vale e Maria Joaquina de Aguiar se tornaram um casal bem-querido na cidade, tendo dado origem à

²⁹⁰ MACEDO, M. K.; Garcia, Tânia Cristina Meira ; BRITO, P. S. ; MEDEIROS, M. D. ; FELIX FILHO, F. *Op. Cit.*, p.72

²⁹¹ MELO, Gleiber Dantas de. Família Dantas das Oiticicas. *Op. Cit.*, p.04.

²⁹² LOURO, Guacira Lopes. *Op. Cit.*, p.460.

²⁹³ ARISTON, Eunice. *Olegário Vale: o idealista*, p.21.

²⁹⁴ MEDEIROS, José Hélio. *Breve Genealogia da Família Vale*, p.19.

família Vale. O casal teve vários filhos, entre eles Manuel Gonçalves Vale, que casou com Guilhermina Brasileira de Medeiros, do qual nasceu Olegário Gonçalves de Medeiros Vale²⁹⁵, em 06 de março de 1858. O mesmo casou-se em 01 de setembro de 1880, com a filha de Joaquim Apolinar Pereira de Brito.

Manoel Gonçalves de Medeiros Vale (Neco Vale), pai de Generina Vale, era irmão de Olegário Vale. E era filho do segundo casamento de Manuel Gonçalves Vale que contraiu segunda núpcias com Joaquina Virgolina de Medeiros, irmã da primeira esposa. Manoel Gonçalves Medeiros Valle nasceu em 1870 e casou-se em 1892 com Belmira Benigna Valle, conhecida por todos por D. Sinhá Vale e tiveram quatro filhos Maria Vale, Generina Vale, Olegário Gonçalves Vale Sobrinho e Rossini Vale. Manoel Gonçalves de Medeiros Vale fazia propaganda, no Jornal *O Povo*, do seu comércio a Casa Apolo e dos serviços prestados pelo mesmo, já que o mesmo, além de comerciante também era advogado, sendo incumbido “(...) de preparar todos os documentos precisos para o levantamento de empréstimos sob hipoteca de prédios urbanos e rurais, perante o Banco Emissor de Pernambuco. Podendo para isso ser procurado em sua casa de residência a Praça do Mercado nesta cidade²⁹⁶”. Também é oportuno destacar que o mesmo além de comerciante e advogado era político. Encontramos no Jornal *A Folha*, uma nota transcrita pelo seu filho, Olegário Gonçalves Vale Sobrinho. Nessa nota intitulada “O Seridó e seus patriarcas”, ele homenageia seu pai. Para isso, ao fazer uma biografia do pai ele destaca que:

José Bernardo ausente, no Rio de Janeiro, velho e sentindo já os primeiros sintomas da moléstia que o vitimou, achava-se o Caicó sem chefe que o congregasse todos os elementos políticos, embora contasse com muitos homens de real prestígio mas em nenhum em condição ou com capacidade de se fazer centro de uma grande força partidária quando surgiu Neco Vale, moço, inteligente, cheio de vida e com uma larga simpatia no meio comercial e social de Caicó. Não demorou que se fossem congregado, em torno de sua pessoa (...) os melhores elementos do Município²⁹⁷.

Seu filho ainda relatou que possuía “(...) uma carta de Pedro Velho, fazendo as mais honrosas referências ao ‘leal e boníssimo Neco Vale’²⁹⁸.” No entanto, Manoel Gonçalves Medeiros Vale morreu em 1906 e a viúva, precisando sustentar seus quatro filhos, passou a trabalhar nos correios, como também transformou sua casa em uma hospedaria, além de

²⁹⁵ O qual já apresentamos no capítulo anterior. E cujo nome foi atribuído a biblioteca municipal de Caicó.

²⁹⁶ MEDEIROS, José Hélio. *Op. Cit.* p. 173.

²⁹⁷ VALE, Olegário Gonçalves. O Seridó e seus patriarcas. *Jornal A Folha*. Caicó. 16 de maio de 1964. Ano III. Número 162.

²⁹⁸ VALE, Olegário Gonçalves. O Seridó e seus patriarcas. *Jornal A Folha*. Caicó. 16 de maio de 1964. Ano III. Número 162.

fornecer refeições a vultos destacados da cidade, a exemplo do padre e do Juiz de Direito da Comarca. E foi desse modo, que o Juiz de Direito Augusto Carlos de Vasconcelos Monteiro, conheceu a jovem Maria Vale, irmã mais velha de Generina Vale, casando-se com ela no dia 30 de março de 1911, antes mesmo dela completar 16 anos. Em 1912, Augusto Monteiro foi eleito deputado federal e em 1914 foi transferido para o Acre para assumir o poder executivo daquele estado. Entretanto, em 09 de março de 1919 ele morre em uma viagem de Manaus com destino a Natal, vítima da gripe espanhola. Sua esposa que se encontrava em Goianinha, conforme o senhor Francisco de Assis Medeiros nos relatou “(...) enfrentou a tragédia de vir para Caicó como uma pessoa viúva (...)”²⁹⁹ e foi morar com sua mãe e os irmãos Olegário Vale e Generina Vale. Viúva e com duas filhas para criar, a exemplo de sua mãe, a mesma organizou-se para desempenhar o ofício de modista, chegando a ir “(...) a Recife exclusivamente fazer um curso de corte e costura”³⁰⁰ e instalou um ateliê de alta costura em casa, sendo Generina Vale a responsável pelo trabalho burocrático.

Edivalma Cristina Silva, ao investigar “(...) as múltiplas experiências subjetivas femininas e a participação das mulheres na produção de suas subjetividades, de forma a desnaturalizar as representações de feminilidade/masculinidade tecidas pela Justiça e pelos jornais (...)”³⁰¹ nos informa que entre os anos de 1900 a 1945, na cidade de Caicó, o trabalho feminino era algo “(...) inevitável perante a instabilidade econômica, o desemprego masculino e o real abandono ou morte do cônjuge.”³⁰² Nesse sentido, é possível afirmar que a morte do pai e do cunhado de Generina Vale gerou dificuldades financeiras para a família. Ainda devemos afirmar que o fato da mãe de Generina Vale ter transformado sua casa em uma hospedaria e restaurante fazia com que elas mantivessem relações com pessoas fora do seu círculo familiar, chegando mesmo Maria Vale iniciar namoro e posterior casamento com o juiz da cidade, que era freguês de sua mãe.

Ainda é importante mencionar que Generina Vale teve uma educação baseada no recato, como falar baixo, vestir-se elegantemente, servir-se bem à mesa, sentar com as pernas juntas e não cruzá-las na igreja. Assim, a senhora Maria do Rosário Araújo Vale, afilhada de Generina Vale, lembra que quando ela tinha por volta de 12 anos a senhora Generina Vale dizia a ela que:

²⁹⁹ MEDEIROS, Francisco de Assis. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Acari, 06 de abril de 2011.

³⁰⁰ NETO, Manoel Pereira da Rocha. *A Educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930)*. Tese, Natal, 2005, p.106.

³⁰¹ SILVA, Edivalma Cristina. *Dos Atos Confessos aos Afetos Não-Ditos: Um olhar sob as múltiplas experiências femininas a partir da análise dos discursos jurídicos, jornalísticos e orais. Caicó-RN (1900-1945)*, Dissertação, Natal, 2009, p.21.

³⁰² Idem, *ibidem*, p.107.

(...) [eu]tinha que sentar direito, que moça não era para ficar gritando na praça pois, eu já estava ficando uma mocinha . Eu dizia tia Generina é que eu estou brincando de barra bandeira. Aí a gente tem que gritar. Mas, ela dizia: ‘É muito feio, não grite mais não!’ Aí, eu dizia então eu vou parar de brincar barra bandeira. Aí, justamente quando eu brincava na praça eu não gritava que era para ela não me ver gritando³⁰³.

A partir desse relato constatamos que, apesar da senhora Maria do Rosário Araújo Vale ter nascido no ano de 1958, sua madrinha queria que sua afilhada possuísse a mesma educação que ela teve nas primeiras décadas do século XX. É importante destacar que Generina Vale nasceu em 1897 e cresceu no momento em que a República se estabelecia no Brasil, e com ela um padrão que ainda inseria uma moral que se baseava nos antigos conhecimentos e atitudes que colocavam a mulher no que seria o seu “devido lugar”.

Devemos ainda enfatizar que apesar desse modelo de educação ser representado como o correto, ele não era o único que existia nesse período pois, como demonstra Edivalma Cristina da Silva, ao analisar um processo-crime do ano de 1928, de uma jovem de 16 anos, solteira e de serviços domésticos, que morava com sua avó paterna enfatiza que a jovem “(...) cresceu transitando livremente pelas ruas, participando de bailes, sambas, carnavais e de festejos (...)”³⁰⁴.” Aos 15 anos de idade ela começou um namoro com o barbeiro Tomás Ferreira, logo ele passou a visitar a casa da avó da jovem, adquirindo o direito de acompanhar a jovem a vários lugares. Entretanto, a jovem adoeceu de sífilis, doença sexualmente transmissível, sendo o barbeiro acusado como responsável pelo defloramento e transmissão da doença para a jovem. Conforme a jovem, seu namorado há muito tempo vinha lhe aliciando com namoros e juras de casamento, e um dia resolveu manter relações sexuais com ele sob advertências de que se não cedesse aos seus desejos, sairia espalhando pelas ruas da cidade que a havia desvirginado. Ela diante da ameaça e das promessas de casamento acabou aceitando dormir com ele, tendo sido deflorada nessa ocasião. Ainda conforme a jovem a mesma só teve mais uma relação sexual com o namorado, já que ela recusou as demais tentativas por esse se encontrar doente.

Já o barbeiro afirmou que quando começou namorá-la, essa não era mais virgem e depois de ter mantido relações sexuais com ela constatou que ela namorava com outros rapazes os quais apareceram como responsáveis por sujarem a honra e perverterem a jovem. Ainda conforme, Edivalma Cristina da Silva “(...) o caso ainda foi levado a Júri Popular e os réus foram absolvidos por os jurados entenderem que a vítima não era considerada uma

³⁰³ MONTEIRO, Eldi. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Caicó, 16 de março de 2012.

³⁰⁴ SILVA, Edivalma Cristina. *Op. Cit*, p.78.

‘mulher honesta’, merecedora da tutela estatal.³⁰⁵”. A partir desse processo-crime analisado por Edivalma Cristina da Silva, é possível afirmar, como já discutimos no primeiro capítulo, que durante a primeira república a cidade de Caicó vivenciava um processo de transformações urbanas as quais vão delinear novos espaços de socialização, a exemplo do teatro, bailes, festas, cinemas, etc. No entanto, apesar da sociedade está se transformando, as relações sociais ainda se orientavam em um intenso moralismo, demonstrando um preconceito com a moralidade das mulheres; existindo uma diferença no tocante à moralidade das mulheres da elite e das classes médias, pois essas eram pensadas como as futuras mães dos cidadãos do país, enquanto as mulheres pobres eram condenadas e relacionadas a idéias de perdição moral, de deterioração e de meretrício. Além do mais, é importante enfatizar que naquele período aos olhos da

(...) Justiça uma mulher seria reconhecida como honesta se vivesse recatadamente com a família; não fosse vista envolvida em *namoricos*, mas de preferência com ‘namoros sérios’; que estivesse em vigilância constante, ou seja, jamais saindo de casa sozinha, independente da ocasião; que apresentasse um bom comportamento dentro e fora do lar; e que não freqüentasse com assiduidade diversões como bailes ou sambas³⁰⁶.

Também devemos frisar que a jovem analisada por Edivalma Cristina da Silva foi criada circulando livremente nas ruas de Caicó. É preciso ainda enfatizar que a rua continuava sendo um espaço familiar na vida das meninas pobres. Entretanto, “no discurso normativo, a circulação das mulheres pela esfera pública constituía-se em ameaça à ordem, à saúde geral, e aos ‘bons costumes’³⁰⁷.” Ou seja, o processo-crime analisado nos demonstra que continuava sendo propagada a idéia de que a rua para a mulher era um lugar de perigo e de desordem.

No entanto, é preciso levar em consideração que algumas mulheres transgrediram essas idéias e transformaram o espaço urbano em lugar de vários usos e contatos sem serem estigmatizadas. Uma dessas mulheres será Júlia Medeiros, a mesma se tornou professora no Grupo Escolar Senador Guerra, a partir de 01 de julho de 1926. Ainda é importante destacar que Júlia Medeiros provém da família Medeiros, uma família de prestígio e poder, no Seridó, que como já discutimos no primeiro capítulo, é composta por membros como o Cel. José Bernardo de Medeiros e seus netos José Augusto Bezerra de Medeiros e Dinarte Medeiros de Mariz .

³⁰⁵ Idem, *ibidem*, p.80

³⁰⁶ Idem, *ibidem*, p.36.

³⁰⁷ Idem, *ibidem*, p.108.

Acrescentemos também que seu tio o Padre Sebastião Constantino Medeiros, ingressou na Companhia de Jesus em 1878 e entre 1882 e 1883, foi professor de português no Colégio Pio Latino Americano de Roma, vindo a falecer em 1886. O padre era irmão do pai de Júlia Medeiros, ele se chamava Antônio Cesino de Medeiros, mas era conhecido como Tonho de Umari³⁰⁸. Ele casou-se três vezes: sua primeira esposa chamava-se Ana Filgueira de Araújo Medeiros, a segunda Ana Amélia de Araújo Medeiros, e sua última esposa foi Otávia Benigna de Medeiros. Desses três matrimônios foram gerados 16 filhos. Júlia Medeiros é filha do segundo casamento, e nasceu em 31 de agosto de 1896. Sua mãe morreu em 1902, proveniente de problemas na hora do parto.

Desde cedo, Júlia Medeiros teve uma educação de qualidade, seu aprendizado iniciou-se na própria casa que nasceu, por meio de um mestre-escola, espécie de professor particular o qual ensinava geralmente as crianças do sexo masculino, já que as meninas não possuíam acesso à educação. Entretanto, seu pai não fazia diferenciação de sexos. Para o fazendeiro Antônio Cesino de Medeiros era importante que tanto o menino como a menina aprendessem a ler, escrever e contar. Pensamento diferente da maioria das famílias do começo do século XX, que criavam e educavam as meninas para o matrimônio. Visando ampliar seus estudos, Júlia Medeiros foi para Natal, por volta do ano de 1910, estudar no colégio Imaculada Conceição e posteriormente visando se tornar uma professora foi aprovada na Escola Normal de Natal, tendo obtido o certificado de conclusão do curso em 30 de janeiro de 1926.

Assim, a partir do discutido acima podemos afirmar que Joaquina Clementina Dantas, Generina Vale e Júlia Medeiros viveram em um período em que desenhava-se o papel de uma nova mulher, também nesse momento as pessoas viviam e assistiam à urbanização, à expansão industrial, ao consumismo e à produção de novas subjetividades, necessárias para a afirmação da sociedade capitalista. Ou seja, no mesmo momento em que as máquinas, bondes elétricos, ruas, escritórios, casas comerciais, cinemas e casas dançantes dinamizam o país.

Diante de tantas mudanças, as mulheres da elite não estavam mais circunscritas à representação da coesão familiar das mulheres do século XIX. Elas agora passam a circular pelas ruas sozinhas, possuem aspirações intelectuais, ou seja, a República, como pública que era, lentamente ia seduzindo as mulheres a penetrarem no campo social, e adotarem seus modos em prol de uma condição de vida que consentisse aos anseios das mulheres, sendo visto pelos conservadores como algo não admissível socialmente. Conforme Iranilson Buriti de Oliveira

³⁰⁸ LAMARTINE, Pery. *Op. Cit.*, p.65.

A modernidade é descrita como uma mulher pervertida e pervertedora; é puta tal qual a mulher que adota os seus estilos. A mulher despudorada traz consigo as marcas do pecado, da doença, da anormalidade, das práticas que subvertem a ordem e provocam a desordem, que formam sujeitos desconstrutores, rebeldes à regra, à ação disciplinada. Propicia, também, a emergência de novos mapeamentos na geografia feminina³⁰⁹.

No nosso país, as inquietações em nome dos direitos das mulheres só vieram aparecer em meio aos grupos anarquistas das primeiras décadas do século XX, os quais exigiam, do mesmo modo como em outros países, melhores condições de trabalho e de vida. Neste sentido, as mulheres das primeiras décadas do século XX vão ganhando espaço e prestígio nas ruas, nas fábricas, nos escritórios e no comércio; o trabalho fazia com que elas conquistassem autonomia individual, autonomia esta que no século XIX era quase impossível de ser vivida, pois a mulher estava ainda “presa aos grilhões” masculinos. Entretanto, conforme Margareth Rago, essa autonomia não era tão fácil assim de ser conquistada no início do século XX, já que:

As barreiras enfrentadas pelas mulheres para participar do mundo dos negócios eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial a intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre de lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido – pelos homens – como ‘naturalmente masculinos’. Esses obstáculos não se limitavam ao processo de produção; começavam pela própria hostilidade com que o trabalho feminino fora do lar era tratado no interior da família. Os pais desejavam que as filhas encontrassem um ‘bom partido’ para casar e assegurar o futuro, e isso batia de frente com as aspirações de trabalhar fora e obter êxito em suas profissões³¹⁰.

Entretanto, nesse contexto é patente uma maior participação e conseqüente prestígio das mulheres diante da necessidade de modernização da sociedade. Todavia, a modernidade trouxe suas contradições, pois, ao mesmo tempo em que se buscava libertar a sociedade, o indivíduo e a cultura de restrições e tradições, fez funcionar meticulosas engrenagens e micro-poderes que passaram a operar sobre os sujeitos. Para muitos intelectuais, a educação feminina não poderia ser imaginada sem uma concreta formação cristã. É ainda importante destacarmos que a referência para a sociedade brasileira naquele momento, era o catolicismo.

A família conjugal foi entendida como o lugar de formação das mulheres, as quais deveriam ser submissas, exercendo os papéis de filhas, mães e esposas dedicadas. A elas cabia a função de produzir e educar os filhos, que seriam os futuros cidadãos da Nação, os quais deveriam ser sujeitos dóceis e produtivos. Desse modo, a família garantia uma maneira

³⁰⁹ OLIVEIRA, Iranilson Buriti. *Op. Cit*, p.204.

³¹⁰ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *Op.Cit*, p.581-582.

de conservar as vantagens, as hierarquias e as diferenças. Ou seja, a família se transformou em canal essencial do Estado, à medida que satisfazia às suas novas questões; por isso, ela foi entendida como lugar estratégico para instaurar a ordem e difundir o progresso. Segundo Manoel Pereira da Rocha Neto³¹¹, nas primeiras décadas do século XX, várias mulheres buscaram realizar uma revolução nas atitudes, exigindo a participação no espaço público, assim a luta feminina começando a ganhar força com o movimento das sufragistas. Na realidade, Bertha Lutz e suas companheiras deram continuidade às exigências que vinham se exprimindo desde 1830, a partir do protesto de Nísia Floresta, a mesma nos deixou um texto intitulado *Opúsculo humanitário* na qual a mesma dizia :

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado
 – emancipação da mulher-, nossa débil voz se levanta
 na capital do império de Santa Cruz, clamando:
 educai as mulheres!
 Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo,
 que vos dizeis liberal!
 Onde está a doação mais importante dessa civilização,
 desse liberalismo?³¹²

Precursora em seu momento, com a escola para meninas sem diferenciação, ela defendia uma educação qualificada, igualitária para ambos os sexos, a qual possibilitaria o ingresso às atividades profissionais. Ainda conforme Câmara Cascudo, Nísia Floresta defendia “(...) o ideal republicano, igualdade política dos sexos , liberdade aos escravos, federação das províncias, fraternidade dos povos.³¹³”. É importante também destacar que ela nasceu em 1810, na região de Papary, e foi batizada com o nome de Dionísia Pinto Lisboa, mas quando adulta adotou o nome Nísia Floresta Brasileira Augusta. NÍSIA, de Dionísia; FLORESTA; sítio em que nasceu; BRASILEIRA; uma referência nacionalista; AUGUSTA; uma homenagem ao marido. Na Europa, Nísia Floresta conheceu vários intelectuais entre eles, o filósofo francês, Auguste Comte, considerado o pai do positivismo³¹⁴. Ela morreu em 1885, na França. E em homenagem a sua filha ilustre a Vila de Papary, passou no ano de 1948 a se chamar Nísia Floresta.

Devemos ainda trazer à baila que o final do século XIX e início do século XX, foi caracterizado pela “(...) passagem das relações sociais senhoriais às relações sociais do tipo

³¹¹ NETO, Manoel Pereira da Rocha. *Op. Cit.*, 2005

³¹² LOURO, Guacira Lopes. *Op. Cit.*, p.448.

³¹³ CASCUDO, Câmara. *Op. Cit.*, p.220.

³¹⁴ “Na escala dos valores positivistas, em primeiro lugar vinha a humanidade, seguida pela pátria e pela família. A república era a forma ideal de organização da pátria. A mulher representava idealmente a humanidade. Comte julgava que somente o altruísmo (palavra por ele criada) poderia fornecer a base para a convivência social na nova sociedade sem Deus. A mulher era quem melhor representava esse sentimento, daí ser ela o símbolo ideal para a humanidade.” CARVALHO, José Murilo de. *Op. Cit.* p.87

burgueses. A cidade burguesa teria sistematicamente de lutar contra comportamentos, atitudes e expressões tradicionais que eram considerados inadequados para a nova situação³¹⁵”. Também devemos enfatizar que no período da Primeira República os ideais de progresso e modernização moveram as elites intelectual, econômica e política; as quais se julgavam responsáveis pela nova sociedade, e objetivavam executar melhorias saneadoras visando formar um país moderno. Nessa perspectiva

(...) a modernidade trouxe consigo novas formas de governar as cidades, os espaços, a vida das pessoas, seus corpos e seus movimentos. Ela trouxe também sua inconsistência entre os princípios de liberdade – igualdade e controle-conformação, pois, ao mesmo tempo em que pretendia liberar a sociedade, o indivíduo e a cultura de vínculos e tradições, fez funcionar minuciosas engrenagens e micro-poderes que passaram a agir sobre os sujeitos assujeitando-os segundo um modelo socialmente definido e aceito, a partir de várias instituições (...)³¹⁶.

É também significativo registrar que nas primeiras décadas do século XX, os homens e as mulheres caicoenses defendiam a idéia de que as diferenças que se verificavam nas condutas de homens e mulheres estavam condicionadas ao “sexo”. Desse modo, ao pai competia à assistência material dos filhos, enquanto à mãe era conferida a empreitada de preparar as crianças fisicamente, intelectualmente e moralmente para servir a humanidade. Dessa maneira, a família conjugal era compreendida como o *locus* principal da mulher, em que todas as mulheres deveriam ser subjugadas, assumindo os papéis de administradoras racionais da esfera doméstica, mães perspicazes, responsáveis pela formação e educação das crianças.

Devemos lembrar que nessa época as elites brasileiras movidas pelas teorias eugenistas formuladas em países como França, Inglaterra e Estados Unidos “(...) acreditavam (...) que o trabalho fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância das mães.³¹⁷”. No entanto, as feministas defendiam um discurso contrário ou seja, as mesmas pregavam a liberdade e a igualdade da mulher em relação à figura masculina. Conforme Vanuza Souza da Silva:

O discurso feminista se constitui como uma ‘nova’ forma de dizer o feminino e o masculino de pensar as relações de gênero. Dentro dessa

³¹⁵ D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *Op. Cit.*, p.226.

³¹⁶ MAIA, Cláudia de Jesus. *Op. Cit.* p.05

³¹⁷ RAGO, Margareth. *Op. Cit.* p.585.

formação discursiva é possível ver diferentes maneiras de definir a mulher e o seu outro, geralmente, o masculino³¹⁸.

Ou seja, a feminilidade e a masculinidade não são determinadas naturalmente por relações biológicas, pois como nos lembra Michel Foucault³¹⁹, a sexualidade é um ‘dispositivo histórico’, ou seja, a sexualidade é uma criação social, que se forma historicamente por meio de muitos discursos sobre o sexo; discursos que têm o poder de estabelecer normas, de regular e de organizar saberes, produtores/construtores de “verdades”. Desse modo, questionamos: como as mulheres eram vistas pelo discurso feminista?

Segundo a historiografia, o discurso feminista exige que homens e mulheres possuam exatamente os mesmos direitos no trabalho, na família e na política. Para isso, há o combate à concepção de que a mulher é um ser inferior e submisso ao homem, ou seja, o discurso feminista defendia a liberdade e a igualdade com o homem; para isso, elas enfrentavam a segurança pública, e defendiam:

(...) uma mulher profissionalmente ativa e politicamente participante, comprometida com os problemas da pátria, que debatia questões nacionais [e que] certamente teria melhores condições de desenvolver seu lado materno³²⁰

No entanto, apesar de todas essas transformações, ainda predominavam na sociedade os valores masculinos. Então, para os homens da mesma época as mulheres deveriam ser libertadas da categoria de escravas do lar, entretanto o seu campo de ação estaria restringido a este espaço, como esposa, mãe e dona-de-casa. No que diz respeito aos direitos legais, o primeiro código civil republicano, propagado no ano de 1890, idealizava como um direito natural a hegemonia masculina. Competia ao marido todas as resoluções do casal, pois era ele quem comandava a família, e também era responsável pela sua vida pública, conservação e direção dos bens, incluindo aqueles que a esposa apresentara como ‘dote’, técnica ainda comum naquele período.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior também ressalta como as transformações ocorridas no país, no início do século XX, restringiram o espaço de ação dos homens da região Nordeste, ao mesmo tempo que os limites do mundo se abriam para as mulheres. Segundo o autor, nesse processo de mudanças sociais “(...) as mulheres começavam a ocupar

³¹⁸SILVA, Vanuza Souza. *O teatro de Lourdes Ramalho e a invenção da autoria nordestina*. Tese, Campina Grande, 2005, p.108.

³¹⁹FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*, 2003.

³²⁰RAGO, Margareth. Op. Cit., p.590.

lugares que antes não eram a elas destinados³²¹”. Ou seja, nas primeiras décadas do século XX, as mulheres passaram a ser mais reconhecidas por parte da sociedade. Nesse sentido, também na cidade de Caicó, condutas, costumes, valores e procedimentos tradicionais enraizados no patriarcalismo se transformaram ao sabor de um conflito entre o antigo e o moderno. Desse modo, em um período marcado pela tentativa de se formar uma identidade feminina, em oposição à identidade masculina nos questionamos através da vida de Joaquina Dantas Gurgel, Júlia Medeiros e Generina Vale quais as possibilidades profissionais das mulheres caicoenses? E qual a relação das mulheres caicoenses com os espaços público e privado?

É importante lembrar que a exemplo da mãe e irmã de Generina Vale, também Joaquina Dantas Gurgel ficou viúva. Ela sepultou seu esposo no Cemitério Público São Vicente de Paulo, no dia 31 de março de 1918. Vítima de uma pneumonia, ele deixou sua esposa com três filhos em sua companhia. “Zózimo, primeiro filho, com 17 anos; Polisia, a terceira filha com 11 anos; e Walfredo, o caçula, com apenas 9 anos. Sinhazinha, segunda filha, já era casada (...)”³²². Daí em diante, Joaquina Dantas Gurgel, preocupada com a manutenção e a educação de seus filhos passou a costurar, fazer flores de diferentes cores e tamanhos, doces de fruta, chapéus tanto para homens quanto para mulheres, bordar e fazer “(...) echarpe (...) com máquina de fazer cairel, fruto da Revolução Industrial Inglesa.”³²³ Nesse sentido, podemos afirmar que Joaquina Dantas Gurgel, ao ter se inserida numa situação em que buscava conseguir uma determinada fonte de renda, passa a desempenhar as atividades de costureira, bordadeira e doceira de forma comercial. Margareth Rago, destaca que no início do século XX

Com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. (...) Para muitos médicos e higienistas, o trabalho feminino fora do lar levaria à desagregação da família. (...) As trabalhadoras pobres eram consideradas profundamente ignorantes, irresponsáveis e incapazes, tidas como mais irracionais que as mulheres das camadas médias e altas, as quais, por sua vez, eram consideradas menos racionais que os homens. (...) Desde a famosa ‘costureirinha’, a operária, a lavadeira, a doceira, a empregada doméstica, até a florista e a artista, as

³²¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no nordeste do começo do século. *História: Questões & Debates*, p.97.

³²² MELO, Gleiber Dantas de. *Op. Cit*, p.05

³²³ DINIZ, Elizabete. *Op. Cit*, p.49.

várias profissões femininas eram estigmatizadas e associadas a imagens de perdição moral, de degradação e de prostituição³²⁴.

Portanto, com a morte do Professor Pedro Gurgel, o Coronel Bembém, com medo de que sua filha passasse a ser estigmatizada, quis levá-la com os netos para morarem com ele e a esposa na fazenda Oiticicas. Conforme afirmou Elizabete Diniz, ela logo abominou a idéia de seu pai, pois a mesma não queria prejudicar os estudos dos filhos. No entanto, “ficou combinado que viriam da fazenda para serem vendidos: bananas, batatas, jerimums, açúcar refinado, peixe e outros eventuais produtos.³²⁵ Seu filho, Walfredo Gurgel estudava no Grupo Escolar Senador Guerra, e durante as “(...) folgas escolares (...) fazia a distribuição das bananas e demais produtos para colaborar com a manutenção de sua família³²⁶.” Assim, contando com o apoio indireto do pai e do filho, Joaquina Dantas Gurgel tornou-se chefe da casa, ou seja, ela foi se tornando independente e passou a exercer também o papel masculino, no momento que passou a suprir material e moralmente sua casa. Mencionamos também que Walfredo Gurgel desejava ser padre, vindo a ingressar no Seminário de Natal, no ano de 1921 e em 1926 ganhou uma bolsa de estudos para cursar filosofia e teologia em Roma, no Colégio Pio –Latino Americano.

Joaquina Dantas Gurgel também exerceu a profissão de parteira por aproximadamente meio século, recebendo carinhosamente o cognome de Mãe Quininha. Esse ofício de parteira ela aprendeu com sua avó Maria José, chamada de Mãe Dondon, e também de sua mãe Enedina. Devemos lembrar que em um período de difícil controle da natalidade a parteira realizava uma função significativa, e muitas vezes era a única pessoa que auxiliava a mulher na hora do parto. Nessas circunstâncias, o saber da parteira se constituía em um legado feminino passado de geração para geração.

Conforme Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira³²⁷, “ser parteira pressupunha estar disponível a qualquer hora do dia ou da noite. Doar-se como em sacerdócio.” Assim, Mãe Quininha, a exemplo, das demais parteiras do Nordeste “(...) viajava a pé, a cavalo, de burro ou de barco para chegar aonde tinha sido chamada, com o objetivo de salvar a vida da mãe e do nascituro³²⁸.” Quando a parturiente era pobre, Mãe Quininha, além de não cobrar nada, ainda levava lençóis e, em várias ocasiões, também levava algumas roupas para o recém nascido. Segundo Elizabeth Diniz,

³²⁴ RAGO, Margareth. *Op. Cit*, p.588.

³²⁵ MELO, Gleiber Dantas de. *Op. Cit*, p.05.

³²⁶ Idem, *ibidem*, p.05

³²⁷ SILVEIRA, Maria Claurênia Abreu de Andrade. *Samarica Parteira – Uma das Mulheres de Luiz Gonzaga*, p.2.

³²⁸ DINIZ, Elizabete. *Op. Cit*, p.77.

Mãe Quininha não tinha grandes pretensões econômicas. Como parteira dedicava seu tempo à mulher que estava parindo. Não tinha pressa para fazer o parto. Com prudência, deixava a mãe natureza agir por si mesma. Estava ali cumprindo uma missão. Portanto, a ela interessava o bem-estar da mãe e do seu rebento, não se preocupando com conta bancária ou algo similar que lhe proporcionasse vantagens pecuniárias³²⁹

De acordo com Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira, as parteiras, sem um médico que pudesse socorrê-las em partos mais complicados, se valiam do poder das orações a Deus e Nossa Senhora do Parto, ou outros Santos e Anjos. No entanto, nem sempre as parteiras conseguiam salvar a vida da parturiente ou do recém nascido, a exemplo da mãe de Júlia Medeiros, que como já citamos anteriormente, morreu na hora do parto.

A morte da mesma pode ser vista aqui como um motivo que propiciou Júlia Medeiros posteriormente a buscar autonomia. Como já foi discutido anteriormente, ela teve acesso a amplos conhecimentos, além dos permitidos no período às mulheres. É importante ainda lembrar que, quando Júlia Medeiros deixa o Seridó e vai morar em Natal, ela assume “(...) as suas próprias despesas, graças à herança deixada pela mãe³³⁰.” Desta forma, podemos afirmar que a orfandade de Júlia Medeiros se constituiu no primeiro degrau, da longa escada, que a mesma teve que subir em busca da sua constituição como sujeito independente.

Segundo Adauto Guerra Filho³³¹, em um artigo presente no Correio do Seridó, ela foi uma mulher que se destacou pelo pioneirismo. Já outro artigo, apresentado no X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, na cidade de São Luís – MA, em junho de 2008, Júlia Medeiros é apresentada como uma mulher a frente do seu tempo. Mas, que elementos permitiram Júlia Medeiros ser apresentada pelos autores destes artigos desta forma? De acordo, com Manoel Pereira da Rocha Neto

Júlia Medeiros enveredou para o magistério com o objetivo de se desvencilhar das estruturas sociais das mulheres no Seridó, as prendas domésticas. O magistério era permitido à mulher, sendo uma das poucas alternativas para enveredar na vida pública, mesmo considerada pela sociedade patriarcal como uma profissão de extensão das atividades domésticas³³².

³²⁹ Idem, ibidem, p. 78-79.

³³⁰ FELIX, Ezequiel; MOREIRA, Aldo; FREIRE, Francisca Daise Galvão. *Júlia Medeiros, peso na tradição, desejo de liberdade*. Monografia, Caicó, 1997, p.21

³³¹ GUERRA, Adauto. Professora Júlia Medeiros. Caicó, (Artigo). *Correio do Seridó*.2006.

³³² NETO, Manoel Pereira da Rocha. *Op. Cit*, 2005, p.61.

Ainda conforme Manoel Pereira da Rocha Neto, “Júlia Medeiros conciliava seus estudos com as atividades culturais e de lazer em Natal³³³.” Ela tinha o hábito de frequentar, durante os finais de semana, as praias da Redinha e a Praia do Meio “(...) acompanhada de amigos conterrâneos residentes na capital, como Salviano Gurgel, Nelson Nóbrega e Mário Gurgel, entre outros.³³⁴” Essas praias se constituíam em “(...) locais de convivência de uma elite intelectual e econômica de Natal.³³⁵”. Também quando vinha a Caicó, Júlia Medeiros tinha uma vida social agitada. Conforme nota do jornal *O Juvenil* de 11 de junho de 1918, o casamento da senhorita D. Maria Braúlia Dantas e Joaquim Vicente Júnior iniciou às 17 horas do dia 04 de junho de 1918 e “(...) foi testemunhado por Dr. João Vicente e Olegário Valle, havendo em seguida o religioso na Matriz desta Cidade, sendo testemunhado pelos mesmos cidadãos e senhoritas Generina Vale e Júlia Medeiros³³⁶.”

É importante lembrar que a mulher transformou-se em uma preocupação social na República. Ou seja, para as autoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott a família não é uma coisa relacionada à natureza, mas sim uma instância de controle do Estado constituído historicamente. E esse controle recaiu fortemente sobre a família e à mulher, nas primeiras décadas do século XX, a qual deveria representar “(...) o papel de ‘rainha do lar’, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa³³⁷.”

Esse controle foi exercido fazendo-se uso das leis, da imprensa, da escola, entre outros, os quais construía, por meio de seus textos, imagens e falas, os papéis a serem desempenhados pelas mulheres. Isto é, os juristas, os médicos e jornalistas, detendo alguns instrumentos de formação, como jornais e revistas exercem o poder, organizando e colocando em trânsito um conjunto de saberes.

A nova sociedade urbano-industrial tramava continuamente difíceis papéis a ser representados pela mulher-esposa. [...] Ilustrativos deste contorcionismo imposto às mulheres foram os inúmeros concursos promovidos pelas revistas de variedades ao longo das três primeiras décadas do século XX, cujos temas foram, entre outros: Qual a mais bonita? E a mais culta? Qual delas fala melhor em público? E qual delas melhor cultivava a difícil arte de conversar? Tais disputas não apenas punham na ordem do dia o papel do consumo e a questão dos novos sinais urbanos de distinção e prestígio sociais como

³³³ Idem, ibidem, p.70.

³³⁴ Idem, ibidem, p.71.

³³⁵ Idem, ibidem, p.72

³³⁶ Enlace entre Junior – Dantas. *O Juvenil, Caicó*. 11 de maio de 1918. Numero 26. In: ARISTON, Eunice, *Op.Cit*, 2010, p.40.

³³⁷ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil* (República: da Belle Époque a era do Rádio), 2001, p.371-372.

evidenciavam o quanto tinha sido aberto o leque de exigências feitas às mulheres³³⁸.

Em Caicó a imprensa caicoense vinha promovendo concursos de beleza desde o ano de 1916. Assim, foi noticiado no dia 30 de julho de 1916 no Jornal *O Binóculo*³³⁹, a vitória da senhorita Maria Nóbrega no *Concurso de Sympathia*, ela concorreu com 17 moças entre elas Generina Vale. A primeira colocada teve 42 votos enquanto, a segunda colocada conseguiu 17 votos.

É interessante destacar que o concurso era restrito às moças solteiras, e essas eram escolhidas pelos leitores do Jornal, através de chapas publicadas nas folhas do Jornal *O Binóculo* e depositadas em uma urna localizada na redação do jornal, tendo os votos computados e publicados no último domingo da festa. Então, ao noticiar a vitória da senhorita Maria Nóbrega a mesma foi apresentada como uma graciosa e gentil senhorita.

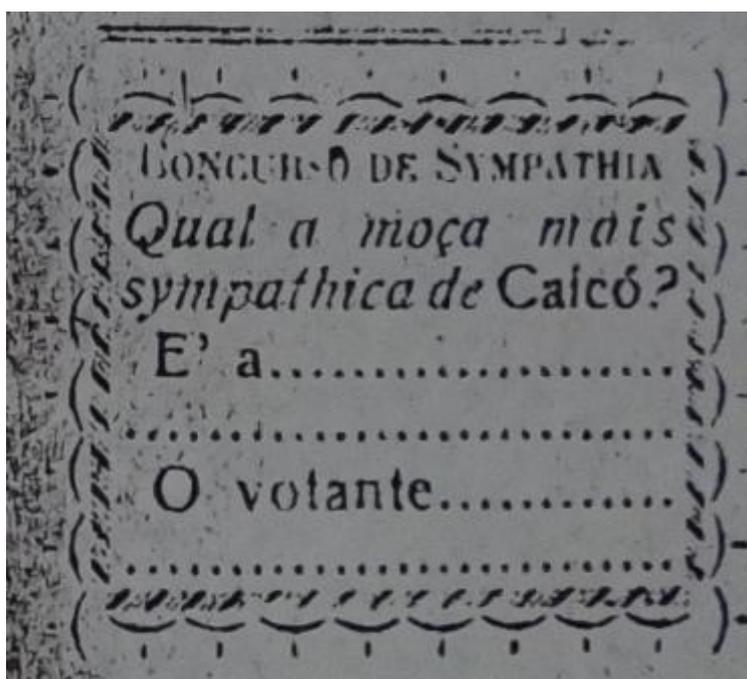


Figura 4 - Chapa do Concurso de Sympathia

Fonte: Jornal *O Binóculo*. Caicó, 23 de julho de 1916

No ano seguinte, a moça escolhida mais bonita de Caicó foi a senhorita Delmira Araújo, com 203 votos e a segunda colocada, com 160 votos. Nesse concurso houve um número maior de concorrentes, 27 moças, e conseqüentemente de votos, 696 votantes.

³³⁸ Idem, *ibidem*, p.396

³³⁹ (Sem Autoria). *Jornal O Binóculo*. Caicó, 23 de julho de 1916. Sem I. Número 11.

Sucederam-se outros concursos organizados pelo Jornal da Festa sempre no período dos festejos de Senhora Sant´Ana: no ano de 1926, Theresa Dantas foi a ganhadora e, em 1927, a jovem considerada a mais linda da Festa foi Generosa Araújo. De todos os concursos até então realizados, o que mais mobilizou os caicoenses, inclusive as autoridades do município, as quais foram indicadas para a comissão apuradora de votos, foi o “certame” para a escolha da Rainha da Festa de 1930. O Jornal da Festa justificou a realização desse evento, alegando que “todos os países do mundo civilizado têm feito concursos, inclusive o nosso Brasil com o fim de escolher a sua Miss. Com apenas quatorze anos de idade, a jovem Severina Dantas (sobrinha da professora e feminista Júlia Medeiros) foi a grande vitoriosa, sendo coroada no salão nobre da Prefeitura Municipal³⁴⁰

Esses concursos, ao mesmo tempo que apontavam o lugar que se estabelecia e se designava para as mulheres, neste caso, as das famílias tradicionais, como mulheres bonitas, carinhosas, as ‘verdadeiras rainhas dos homens’ também se constituíam na probabilidade das moças das famílias abastadas de Caicó

(...) romperem com a imagem idealizada e simplória de mulher recatada, aparentemente restrita ao ambiente doméstico. Em oposição à mentalidade conservadora de certos setores desse universo sertanejo, os intelectuais da cidade aclamavam a nova imagem de mulher – sofisticada, culta, bela, profissional e feminista – condizente com o alargamento da esfera pública em detrimento da esfera íntima³⁴¹.

Devemos lembrar que foi no ano de 1926 que Júlia Medeiros concluiu o curso e retornou a Caicó, com o projeto de fundar um externato para crianças. “Não tendo concretizado o seu desejo, tornou-se inicialmente professora particular na residência da irmã Julieta Medeiros, onde havia se hospedado³⁴²”. Meses depois, foi aprovada no exame de admissão e entra para o quadro pedagógico do Grupo Escolar Senador Guerra, e começa a ensinar em 01 de julho de 1926. Juntamente com a professora Maria Leonor Cavalcante – co-autora do *Jornal das Moças* (1926-1932)³⁴³. Conforme Célia Santos, “a professora chegou inovando, deixando de lado o material didático mais usado na época, a palmatória. Aos alunos, repassava os acontecimentos e as notícias vinculadas à Nação e ao Estado, uma visão de mulher conectada com a vida social e política do país.³⁴⁴”

³⁴⁰ BRASIL. Ministério da Cultura. *Op. Cit.* p.33.

³⁴¹ Idem, *ibidem*, p.33-34.

³⁴² ROCHA NETO, Manoel Pereira da. Júlia Medeiros: praticas múltiplas de uma mestra. In: ARAÚJO, Ausônio Tércio; DANTAS, Maria; MEDEIROS, Maria das Dores, MACEDO, Muirakytan K. de. *Mestres do Seridó: memórias*, 2006, p.54.

³⁴³ Fundado em 07 de fevereiro de 1926, se voltava para o público feminino.

³⁴⁴ SANTOS, Célia. Júlia Medeiros Professora. *Jornalista. Política*. In: ARAÚJO, Lidiane, LUCENA, Lindomar Vale (Coords.). *Rastos Caicoenses V*, 2012, p.76.

Em novembro de 1926, ela assume a redação do *Jornal das Moças (1926-1932)*. Esse periódico circulou cinco anos, de 1926-1932, e se constituiu em um veículo de comunicação inovador por possibilitar as mulheres irem além das fronteiras do território masculino. Conforme Manoel Pereira da Rocha Neto o *Jornal das Moças* começou a circular em 07 de fevereiro de 1926 “(...) numa época em que a configuração social de sua comunidade reservava à mulher, apenas o domínio do espaço privado.³⁴⁵” O jornal era semanal e era

(...) editado pela professora Georgina Pires e gerenciado por Dolores Diniz, o periódico contava também com as redatoras Júlia Medeiros, Santinha Araújo, Maria Leonor Cavalcante, Julinda Gurgel, como também várias moças da sociedade caicoense. Esse grupo de mulheres se propunha escrever sobre literatura, humorismo e críticas com relação à condição da mulher na sociedade norte-rio-grandense. Colaboravam também para o jornal os senhores Renato Dantas, Janúncio Bezerra da Nóbrega e José Gurgel de Araújo³⁴⁶.

Devemos destacar que Júlia Medeiros era amiga pessoal de Luís da Câmara Cascudo, Palmira Wanderley e da feminista Bertha Lutz. A exemplo de Nísia Floresta, Bertha Lutz também morou na Europa. Lá ela entrou em contato com as sufragistas, as quais lutavam contra os valores machistas da época. Ainda é importante destacar que a:

(...) primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As *sufrajetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918³⁴⁷.

No Brasil, a luta pelo direito ao voto feminino ganhou eficácia sob a liderança de Bertha Lutz, quando retornou da Europa em 1918. Nesse sentido, quatro anos depois é fundada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, vinculada ao feminismo norte americano. Por meio da Federação, buscava-se reconhecer os direitos das mulheres e as sufragistas acharam no senador norte-rio-grandense, Juvenal Lamartine, um aliado na batalha pelo voto.

Em Caicó podemos assegurar que as mulheres passaram aos poucos a modificar a paisagem da cidade e ocupar esses espaços ‘definidos naturalmente como masculinos’, nas

³⁴⁵ ROCHA NETO, Manoel Pereira da. *Op. Cit*, 2002, p.07.

³⁴⁶ Idem, *ibidem*, p.10.

³⁴⁷ PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, História e Poder. Rev. Sociol. Polít.*, p.15.

primeiras décadas do século XX. Assim, elas além de povoarem as páginas dos jornais, sejam como escritoras, sejam como participantes de concursos de beleza, também passaram a frequentar durante a festa de Sant’Ana chás dançantes, concursos de beleza, quermesses e bailes que só admitiam

(...) a participação (...) da elite. A população menos favorecida economicamente [só] tinha acesso aos eventos religiosos, como as novenas, as missas e a procissão pelas ruas da cidade. Para coibir a participação de pessoas fora das altas rodas sociais, era nomeada uma comissão de recepção, que ficava à porta de acesso das festas, juntamente com uma banda de música, anunciando a chegada de cada família³⁴⁸.

Ainda segundo Edivalma Cristina da Silva, as mulheres de classes populares vivenciavam a festa de Sant’Ana

(...) através de variadas táticas: os passeios ao redor da praça com a família, amigas ou namorado; as brincadeiras no parque Lima; a participação na procissão; a vivificação de novas e antigas amizades ou ainda de encontros amorosos esporádicos ou informais (...) A festa, embora fosse experimentada através de práticas ordinárias e cotidianas, era o momento do extraordinário, vivido de forma única e original³⁴⁹.

Nesse sentido, podemos afirmar que a festa de Sant’Ana pode ser vista como um espaço de sociabilidade e de religiosidade, que se penetram mutuamente, ajustando o espaço sagrado ao profano, da fé e da diversão, como também da afirmação de conexões com o sobrenatural e o mundano. Destacamos também que a festa de Sant’Ana é um dos eventos mais importantes de Caicó, o qual se constitui ao mesmo tempo em fonte de lazer, exibição da elite caicoense e de segregação social. Tal festejo, mesmo sendo religioso, abrangia um conjunto de ações que se realizavam ao mesmo tempo, aptas de produzirem uma vigorosa economia sazonal com barracas, feiras de caridades, bailes, músicas tocadas pela banda Recreio Caicoense. Esses eventos sociais excludentes e privatizados eram organizados pelas senhoras da sociedade e realizados em proveito da Matriz e de obras sociais da cidade, a exemplo de um chá dançante, organizado por Júlia Medeiros, na Festa de Sant’Ana do ano de 1926 e apresentado como um “(...) gesto digno, em benefício do Hospital do Seridó.³⁵⁰” Conforme Márcia Maria da Silva Barreiros, a filantropia e o assistencialismo social eram

³⁴⁸ NETO, Manoel Pereira da Rocha. *Op. Cit.*, 2005, p.113.

³⁴⁹ SILVA, Edivalma Cristina. *Op. Cit.*, p.60.

³⁵⁰ Chronica da festa. *Jornal das Moças, Caicó*. 25 de julho de 1926. Ano I. Numero 23.

(...) uma área de atuação culturalmente designada às mulheres, por estar de acordo com suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais. A despeito do seu valor social, o trabalho caritativo reforçava estereótipos construídos por uma visão tradicional dos papéis femininos³⁵¹.

Desse modo, a Festa de Sant'Ana se constituía na ocasião propícia à prática da filantropia, pois a festa da Padroeira transformava de modo radical o monótono cenário urbano, inclusive em termos populacionais, já que muitas famílias hospedavam em suas casas parentes, amigos visitantes e festeiros. Além do mais, muitas pessoas que viviam na zona rural vinham para festa de Sant'Ana; as famílias "(...) costumava[m] forrar com tecidos as carroças puxadas a boi, com o objetivo de transportar as filhas.³⁵²" Nesse sentido, podemos afirmar que Caicó no período da festa

(...) não conserva o aspecto de sempre. Não só pela limpeza das ruas, feita a tempo pela Municipalidade, como pelo acrescido movimento de transeuntes nas principais artérias. Contudo, espera se ainda muito maior movimento e animação dos últimos dias³⁵³.

Devemos lembrar que nessas ocasiões, as mulheres caicoenses submetiam-se à apreciação e julgamento dos outros. Bem trajadas e se comportando com recato eram vistas na Pracinha, apreciando as retretas e em reuniões elegantes, como o baile da festa, realizado no salão da Prefeitura Municipal de Caicó. Esse baile era frequentado por visitantes ilustres e pelas famílias da elite caicoense e se constituíam na oportunidade das moças demonstrarem suas capacidades, ostentarem sua beleza e elegância nos comportamentos e nas roupas. Era também a oportunidade delas manterem contatos, falarem a respeito de vários temas, formarem novas amizades, promoverem o início de namoros e confirmarem noivados. Conforme Cláudia de Jesus Maia, ao discutir o surgimento do celibato feminino censurado e da solteirona no Brasil, no período de 1890 a 1948, nos informa que "(...) foram criados espaços públicos específicos mais distantes do olhar vigilante dos pais para que os enamorados pudessem vivenciar suas emoções românticas (...) É o caso dos bailes (...) as horas dançantes, o (...) cinema, o passeio na praça, (...) festas religiosas.³⁵⁴" Para o elemento feminino esses espaços proporcionavam um processo de socialização.

Margareth Rago, nos informa que a preocupação com a modernização dos comportamentos difundida pela imprensa enfocavam tanto os enfoques morais da vida

³⁵¹ LEITE, Márcia Maria da Silva B. *Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890- 1930*. Dissertação, Salvador, 1997, p.112.

³⁵² NETO, Manoel Pereira da Rocha. *Op. Cit*, 2005, p.110.

³⁵³ Chronica da festa. *Jornal das Moças, Caicó*. 25 de julho de 1926. Ano I. Numero 23.

³⁵⁴ MAIA, Cláudia de Jesus. *Op. Cit*, p.128.

cotidiana, como os modelos de relacionamento entre os gêneros. Nessa perspectiva “(...) homens e mulheres permaneciam sempre separados nos bailes, saraus, nas praças, nas recepções e nos teatros. Nos bailes, (...) os homens só se aproximavam das mulheres para dançar³⁵⁵”. Em Caicó, também não era muito diferente já que as moças se sentavam “(...) em torno do salão, [e] esperavam seus pares de dança.³⁵⁶”. Esses bailes iniciavam por volta das 21h e terminava às 02 h da madrugada. As mulheres não ingeriam bebida alcoólica e para entrar no prédio “(...) exigia-se a boa procedência. Logo, não bastava o dinheiro. O ‘status’ de família pesava mais.³⁵⁷” No baile da festa

(...) cada família primava pela boa apresentação de seus membros – todos muito bem trajados: as mães em suas galas de jóia, rendas e leques, as moças com luvas e flores; era um convite à boa educação dos rapazes, de prestigiar sua dama com cuidado de nem amassar a flor da cintura³⁵⁸.

Devemos lembrar que nessas ocasiões as caicoenses passam a ser vistas com saias e vestidos mais curtos, com o pescoço e os braços descobertos, cabelos mais curtos e a silhueta mais delgada, seguindo, assim, as regras da moda francesa; elas encarnavam a figura da mulher moderna. Iranilson Buriti de Oliveira nos lembra que após a década de 1920, as mulheres em Recife começaram a realizar verdadeiras corridas “(...) às modistas, aos estilistas e aos magazines, obedecendo aos frêmitos do tempo presente e registrando o último sucesso em Londres ou Paris (...)”³⁵⁹. Em Caicó, como já mencionamos, Maria Vale, irmã mais velha de Generina Vale, atuou no campo da moda. Conforme destacou Eldy Monteiro de Araújo, Maria Vale “foi a modista do século em Caicó e extra- fronteiras, pois seu prestígio na costura atingiu vários estados, não se limitou ao Rio Grande do Norte, mulher de fibra longa do Seridó!”³⁶⁰.

O surgimento do sistema de moda ocorre no processo de passagem do antigo regime para o capitalismo industrial, no qual o Estado–Nação ocupou um lugar significativo, suscitando a necessidade de atrair mercados mundiais, gerando uma forte circulação de traços culturais, que procediam dos países centrais, condutores do processo, e consequentemente possuidores de forte prestígio e ímpeto nas culturas locais.

³⁵⁵ RAGO, Margareth. *A Invenção do Cotidiano na Metrópole: Sociabilidade e Lazer em São Paulo, 1900-1950*, p.20.

³⁵⁶ DINIZ, Pedro. Os bailes do Caicó antigo. In.: LUCENA, Lindomar Vale (Coord.). *Rastos Caicoenses*. 1982, p.53.

³⁵⁷ Idem, *ibidem*, p.53.

³⁵⁸ TRINDADE, Iracema. O baile da festa. In.: LUCENA, Lindomar Vale (Coord.). *Op. Cit.*, p.33.

³⁵⁹ OLIVEIRA, Iranilson Buriti. *Op. Cit*, 2002, p.67.

³⁶⁰ ARAÚJO, Eldy Monteiro. Dona Maria Vale. In.: ARAÚJO, Lidiane, LUCENA, Lindomar Vale (Coords.). *Op.Cit*, 2012, p.59.

Primar por um estilo adequado no vestuário significava adequá-lo a sua individualidade. Atentar a essa regra básica ditada pelos padrões elegantes, algumas jovens talentosas confeccionavam suas próprias roupas, mesmo não sendo esse um traço tão freqüente entre as elites locais. A montagem de um pequeno atelier no espaço doméstico – com máquinas de costura, as cadeiras e a pequena mesa de apoio para o estojo de agulhas, alfinetes e linhas – proporcionava um ambiente adequado para a execução das atividades artísticas de bordar, de costurar e de fazer labirinto³⁶¹

Para as autoras Maria das Dôres Medeiros e Marta de Araújo a Festa de Sant’Ana no ano de 1930 mostrou “(...) as transmutações da cultura feminina pelo traço do corte do vestir-se bem, de acordo com o estilo *sport*. Exemplo, em Caicó de metamorfose feminina teria sido a professora Júlia Medeiros.³⁶²”. Nesse ano, com 14 anos de idade, Severina Dantas foi escolhida

(...) a mais bela jovem da Festa de Sant’Ana de 1930 [sendo] coroada no salão nobre da Prefeitura Municipal. Em sua homenagem, a sociedade caicoense ofereceu-lhe um baile com a orquestra regida pelo Maestro Manoel Vitoriano de Fontes (Bedé), que proporcionou um belo espetáculo musical em compasso com esse novo estilo de vida em expansão³⁶³.

É importante ressaltar que Severina Dantas era filha do casal Joel Adonias Dantas³⁶⁴ e Julieta de Medeiros Dantas³⁶⁵, sobrinha de Júlia Medeiros. Ainda conforme as autoras ela apareceu descrita nas páginas do *Jornal da Festa* trajando: “(...) um lindo vestido gênero *sport* de seda listada. Estava muito alegre e conversando sempre com um distinto bacharel paraibano [Dr. Inácio Maia]³⁶⁶”. Já a sua sobrinha trajava um

(...) vestido (...) curto, confeccionado em crepe, deixando o colo e os braços expostos. O decote em formato ‘V’ era realçado por um bordado em motivos florais, que também se apresentavam no turbante. O corte ajustado na cintura e as saias sobrepostas, levemente largas na altura dos quadris alongavam a sua delicada silhueta. As meias de seda e os sapatos finos com detalhes em cetim e pedraria davam o toque finesse e graça à vestimenta. Os cabelos curtos (ao estilo *la garçonne*) acompanhavam a tendência da moda. Arrematando a toilette, as jóias (colar e anel) eram condizentes com a posição social de Severina no contexto da sociedade caicoense³⁶⁷.

³⁶¹ MEDEIROS, Maria das Dôres; ARAÚJO, Marta Maria. As celebrações da Festa da Gloriosa Senhora Sant’Ana de 1930 (Caicó-RN). In: MORAIS, Grinaura Medeiros de; DANTAS, Eugênia. *Op.Cit.*, p.201.

³⁶² Idem, *ibidem*, p.205.

³⁶³ Idem, *ibidem*, p.212.

³⁶⁴ Grande fazendeiro e industrial de Caicó

³⁶⁵ Irmã de Júlia Medeiros

³⁶⁶ MEDEIROS, Maria das Dôres; ARAÚJO, Marta Maria. As celebrações da Festa da Gloriosa Senhora Sant’Ana de 1930 (Caicó-RN). In: MORAIS, Grinaura Medeiros de; DANTAS, Eugênia. *Op. Cit.* 2006 p.205.

³⁶⁷ Idem, *ibidem*, p.204.

Gilles Lipovetsky³⁶⁸, ao longo da sua obra, nos mostra que a moda pode ser pensada como um espaço de exposição das idéias de grupos muito restritos que possuem o poder de ação e de criação. Assim, ao analisarmos a descrição dos trajes de Júlia Medeiros e sua sobrinha, podemos afirmar que ambas estavam ligadas, diretamente, aos ideais de liberdade de uma nova geração que lutava pela emancipação feminina; mas, ao mesmo tempo, se diferenciavam e se distanciava das mulheres menos afortunadas, características do individualismo exibicionista.

Conforme sua sobrinha Maria Julieta Dantas de Faria revelou em entrevista, Júlia Medeiros ia ao Rio de Janeiro com certa frequência visitar suas duas irmãs que moravam lá e possivelmente a sua amiga Bertha Lutz, com quem a mesma sempre se comunicava por cartas. Sua sobrinha ainda lembra que uma dessas irmãs era modista e quando esta voltava do Rio de Janeiro sempre trazia roupas muito bonitas confeccionadas pela sua irmã, além de bolsas e sapatos de couro revestido com um tecido “diferente” para os padrões da época na cidade. Vestida assim, Júlia Medeiros ia ministrar suas aulas no Grupo Escolar Senador Guerra, frequentava o Cine-Theatro Avenida, o Café Commercial, as praças públicas da cidade, recebia autoridades como a feminista Bertha Lutz e o presidente Getúlio Vargas, discursava em público e viajava.

Diante desse quadro, podemos dizer que Júlia Medeiros era uma mulher melindrosa. Mas, o que é ser uma mulher melindrosa? Conforme, Iranilson Buriti de Oliveira mulher melindrosa é aquela “(...) mulher em dia com últimos ditames da moda (...)”³⁶⁹. Conforme, Manoel Pereira da Rocha Neto em conversa com uma ex-aluna de Júlia Medeiros a mesma informou que a professora “(...) andava sempre na moda. Todas as meninas da turma eram loucas para se vestirem iguais a ela.”³⁷⁰ Também é importante destacar que, conforme relatos do Monsenhor Antenor Salvino de Araújo, Júlia Medeiros foi a primeira mulher em Caicó a usar costas nuas e usar cor preta simbolizando luxo. Ou seja, ela pactuava com os deslumbramentos modernos de veneração ao físico, ajudada pelos feitos de independência empregados pelo discurso feminista.

Devemos mencionar que a primeira vitória das feministas que lutavam pela emancipação veio em 1927, quando o governador do Estado do Rio Grande do Norte, José Augusto Bezerra de Medeiros, mandou inserir o direito de voto sem distinção de sexo na

³⁶⁸ LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero* : a moda e seu destino nas sociedades modernas, 2009.

³⁶⁹ OLIVEIRA, Iranilson Buriti. *Op. Cit*, 2002, p.119.

³⁷⁰ ROCHA NETO, Manoel Pereira da. *Op. Cit*, 2006, p.57.

Constituição Estadual. A primeira vitória das feministas pelo direito ao voto, foi divulgado nas páginas da Revista Cigarra a qual destaca o registro do voto das norte-rio-grandenses.

Figura 5- Primeiro voto das norte-rio-grandenses



Fonte: ROCHA NETO, M. P. da. *A Educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930)*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005, (Tese de Doutorado em Educação).

Devemos registrar que entre as eleitoras do Rio Grande do Norte se destacam o nome de duas seridoenses, Marta Maria de Medeiros e Júlia Medeiros. A primeira residia em Acari e era filha do fazendeiro e coronel nomeado da Guarda Nacional Joaquim Paulino de Medeiros e de Maria Florentina de Medeiros. Ela conforme Rostand Medeiros³⁷¹, com 24 anos, se tornou a quarta eleitora do Estado e a primeira eleitora oficial do Seridó, tendo sido publicado oficialmente seu alistamento no dia 10 de dezembro de 1927. Entretanto, a primeira mulher seridoense a concretizar o ato de depositar um voto em uma urna eleitoral na região, na presença dos representantes dos partidos, do Juiz e ter este episódio registrado em fotografia, foi a caicoense Júlia Medeiros.

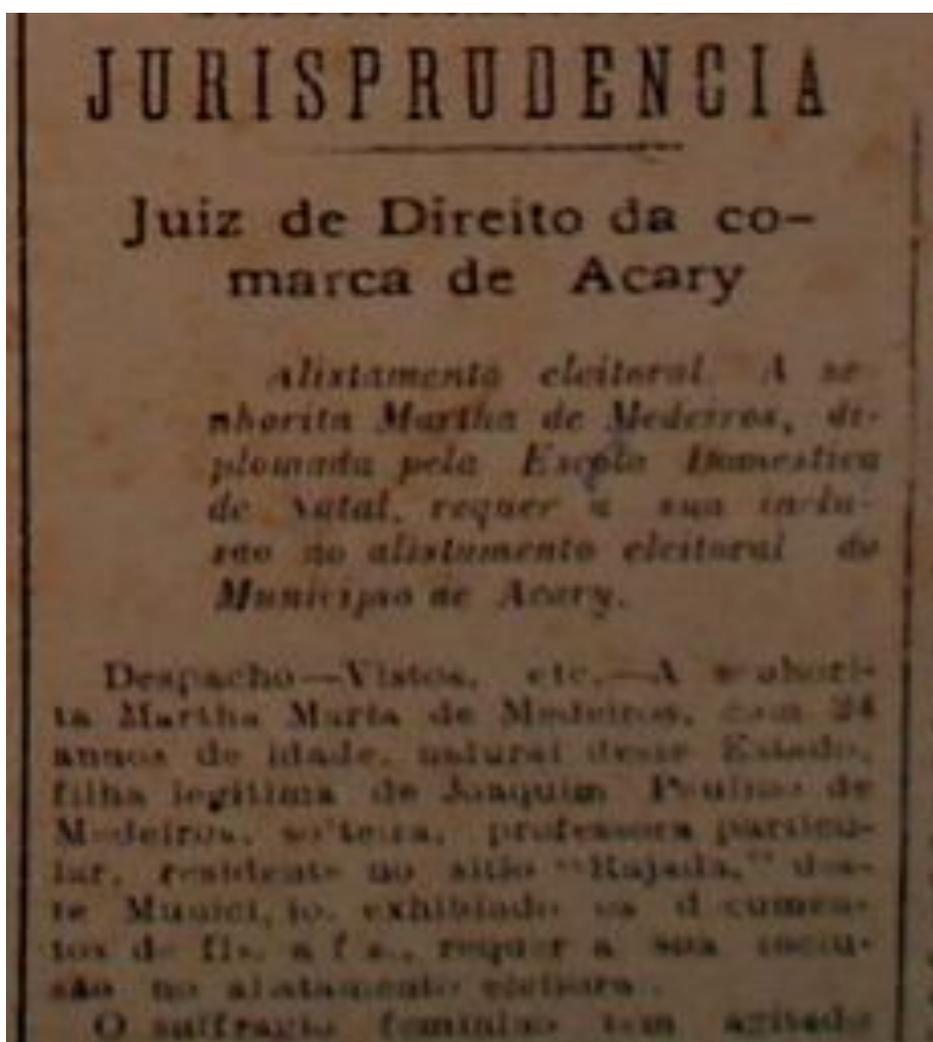


FIGURA 6- Alistamento eleitoral de Martha de Medeiros

Fonte: Jornal *O Seridoense* 23/12/1927. Disponível em: <http://tokdehistoria.wordpress.com/2011/05/11/marta-medeiros-a-primeira-eleitora-do-serido-potiguar/>

³⁷¹ MEDEIROS, Rostand. A Primeira Eleitora do Seridó Potiguar. Disponível em: <http://tokdehistoria.wordpress.com/2011/05/11/marta-medeiros-a-primeira-eleitora-do-serido-potiguar/>



FIGURA 7- Júlia Medeiros votando em Caicó

Fonte: ROCHA NETO, Manoel Pereira da. *A Educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930)*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005, (Tese de Doutorado em Educação).

Nesse sentido, fazemos coro com as autoras Maria das Dores Medeiros e Marta de Araújo ao enfatizarem que “(...) Caicó não ficou à margem do movimento pelo voto feminino, pois teve na professora Júlia Medeiros a sua mais ardorosa militante (...)”³⁷².

³⁷²MEDEIROS, Maria das Dôres; ARAÚJO, Marta Maria. As celebrações da Festa da Gloriosa Senhora Sant’Ana de 1930 (Caicó-RN). In: MORAIS, Grinaura Medeiros de; DANTAS, Eugênia. *Op. Cit.*, 2006, p.221.

Republica dos Estados Unidos do Brazil

TÍTULO DE ELEITOR

(Lei n. 3.139, de 2 de agosto de 1916, e decreto n. 12.193, de 6 de setembro de 1916)

NUMERO 24131

Estado do Rio Grande do Norte

Comarca de Caicó

Município de Caicó

NOME DO ELEITOR
Júlia Medeiros

Numero de ordem no alistamento
1082

QUALIFICATIVOS

Idade: *31 annos*

Filiação: *Antônio Cyrino da Medeiros*

Estado civil: *solteira*

Profissão: *Professora Pública*

Assignatura do eleitor
Júlia Medeiros

Assignatura de escrivão
Espiridiano Vayta Moreira

Assignatura do juiz
Manuel Siqueira Moreira Dias

FIGURA 8- Título de eleitor de Júlia Medeiros
Fonte : Acervo particular de Maria Julieta Dantas

Conforme o Jornal Mossoroense³⁷³, a primeira mulher a solicitar a sua inclusão no alistamento eleitoral foi a professora Júlia Alves Barbosa, docente da Escola Normal de Natal, em 24 de novembro de 1927. Entretanto, seu deferimento foi adiado dada à condição de solteira da solicitante, somente expedido e publicado pelo Diário Oficial do Estado em data de 1º de dezembro. Desse modo, coube a Celina Guimarães Viana, em 25 de novembro de 1927,

³⁷³ Informação encontrada em MEDEIROS, Rostand. *Op. Cit.*

tirar o primeiro título eleitoral na cidade de Mossoró, tendo a mesma se tornado a primeira eleitora da América Latina.

Em 09 de agosto de 1928, em homenagem ao aniversário de Juvenal Lamartine foi fundada a Associação das Eleitoras norte-riograndenses, a qual fazia parte integrante da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. As norte-riograndenses já tinham conquistado o direito ao voto e agora buscavam, conforme ata de fundação da Associação, voltar seus olhares para

(...) os problemas que se relacionam com a vida social moderna não só em relação aquelles que interessam directamente a mulher, mas ainda os que dizem respeito de toda a vida social actual. Nada havemos de esquecer, desde as questões menos gerais de educação cívica e de elevação de nível de instrução e de cultura da mulher, até os problemas mais graves de assistência social e jurídica à mãe e a mulher proletária³⁷⁴.

Em relatório de 30 de agosto de 1930, a secretária da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, escreve à Secretária geral da Associação das Eleitoras Norte-riograndenses que “convem que faça parte da directoria a Sra. Alzira Soriano, prefeita de Lages e parece muito conveniente que também façam parte da directoria as Sras. Júlia Medeiros e Carolina Wanderley. Caso haja alguma forte objeção, queira fazer a comunicação.”³⁷⁵ Todavia, em carta de 15 de junho de 1931 Júlia Medeiros escreve para Carmem Portinho as seguintes palavras

Desde o dia 5 deste que estou isolada em uma fazenda distante da nossa cidade muitos quilômetros. É lamentável que o meu estado de saúde não permita trabalhar pois o meu médico proíbe a leitura até dos próprios jornais. Que fazer, pois? É me resignar com os destinos da providencia! Aguardo uma outra oportunidade em que possa ser mais útil as minhas boas e dedicadas amigas.

Fico na expectativa de nosso triumpho. Confio que as boas amigas conheçam de minha boa vontade e de minha sympattias pela Federação.³⁷⁶

A Associação das Eleitoras norte-riograndenses defendia além da obtenção de garantias legislativas, a promoção da educação doméstica social e cívica da mulher, a elevação do nível de educação feminina, proteger as mães e a infância, trabalhar em favor das

³⁷⁴ Fundo/Coleção: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Q0)-Notação: Q0.ADM.EFI.AEN.1/1-4-5- Documentos sobre a Associação de Eleitoras Norteriograndenses-4 folhas.

³⁷⁵ Fundo/Coleção: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Q0)-Notação: Q0.ADM.EFI.AEN.1/1-3- Relatórios e bases para reforma do estatuto da Associação de Eleitoras Norteriograndenses-15 folhas.

³⁷⁶ Fundo/Coleção: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Q0)-Notação: Correspondência 1931.77- Carta de Júlia Medeiros para Carmem Miranda.

associações e obras femininas de caridade e de assistência social e orientá-las na escolha de uma carreira ou profissão.

Devemos lembrar que no ano de 1916 foi proclamado um novo código civil, trazendo novas regras, obrigações e comprometerimentos, objetivando garantir a ordem familiar. O marido era responsável pela manutenção da família, já a mulher, como esposa e mãe, era incumbida pelas funções domésticas. Desse modo, o Código Civil de 1916, ao mesmo tempo que fortaleceu a atitude subalterna da esposa, trouxe como inovação o fato da sustentação da família ser responsabilidade do casal.

Para poder trabalhar fora de casa a mulher casada estava sujeita à resolução de seu marido ou, em caso, de confronto, de deliberação judicial. Entre outros motivos, o trabalho remunerado feminino denotava que o esposo não era capaz de manter a família, o que desonrava e arranhava sua imagem. Nesse sentido, o trabalho feminino fora de casa e a consequente busca da concretização profissional estavam fora de cogitação para as mulheres brancas, casadas e da elite.

O casamento era defendido como algo que deveria ser aspirado por todas as mulheres e aquelas que fugissem a essa regra se tornariam mulheres aborrecidas e intrigantes. Ou seja, o casamento era apresentado como o único caminho para felicidade. No entanto, as obrigações econômicas e as regras sociais em mutação permitiram cada vez mais às mulheres novas chances de educação e profissionalização. A educação feminina possibilitou que as mulheres alargassem seus horizontes e, aos poucos fossem rejeitando os papéis tradicionais atribuídos a elas. Essa negação das funções tradicionais vai desde a consciência até a transgressão total. Nesse sentido, é importante lembrar que as mulheres como Júlia Medeiros buscaram alternativas para assegurar sua condição de sujeito, de pessoa consciente de seu tempo e espaço, demonstrando que uma mulher solteira pode possuir uma vida produtiva.

É significativo indicar que desde a época da Colônia existiram no Brasil mulheres solteiras, as quais eram chamadas de “celibatárias”, “mulher solteira”, “mulher que jamais se casou”, “mulher que não possui marido”, “mulher pública”, quase sinônimo de prostituta, entretanto sem o significado profissional. Porém o nome de “solteirona” no Brasil só passa a existir com mais eficácia apenas no final do século XIX, quando as brasileiras passam a ocupar de modo mais ativo no mundo do trabalho remunerado, espaço até então masculino. Assim, elas passaram a exercer as funções de secretárias, funcionárias públicas, enfermeiras, vendedoras, datilógrafas, farmacêuticas entre outras.

Ainda conforme Manoel Pereira da Rocha Neto, Júlia Medeiros é uma mulher à frente de seu tempo, que muitas vezes não foi compreendida e taxada de “louca”. Mas, o que tanto

ela fez especificamente para ser considerada “louca”? Bem, podemos falar que o comportamento dela era bem diferente do padrão social da mulher de Caicó e começou a chamar a atenção da sociedade caicoense. Em primeiro lugar, podemos afirmar que ela defendia que era possível a mulher ser igual aos homens ocupando“(...) todos os cargos da vida pública, e até mesmo excedê-lo.³⁷⁷”

É também significativo afirmar que Júlia Medeiros contrariou a idéia tradicional de solteirona como uma mulher sem instrução, dependente de alguém ou forçada a trabalhar fora de casa em troca de baixos salários. É importante lembrar que é só a partir dos anos 20, do século XX, que a chance das mulheres serem admitidas em cursos superiores proporciona as mulheres exercerem as funções de médica, advogada, engenheira, promotora e professora.

Assim, graças a sua profissão remunerada de professora e o patrimônio da família, sua sobrinha Maria Julieta nos relatou em entrevista, que sua tia foi a primeira mulher em Caicó a comprar e dirigir automóvel. Conforme palavras de sua sobrinha naquela época, décadas de 1930-1940, “Caicó devia ter meia-dúzia de carros ou coisa parecida e um deles era o dela.” Ainda conforme sua sobrinha, isso se constituiu em um fato inusitado e sua tia espantou e agitou a cidade ao se tornar a primeira mulher de Caicó a comprar e dirigir um automóvel pelas ruas da cidade, chegando até mesmo viajar nele para Natal. A partir desse evento surgiu o seguinte versinho cantado nas ruas de Caicó: “Júlia Medeiros, no seu carro Ford, virou a princesa do caritó³⁷⁸”. “Caritó” era uma espécie de prateleira presente nas residências sertanejas, onde eram guardados pequenos objetos, passando a ser visto no imaginário popular como o local onde ficavam as mulheres que não casavam. Desta forma, esse versinho pode ser visto como o preço que Júlia Medeiros teve que pagar por não ter casado já que a sociedade da época cobrava que “(...) toda mulher deveria se casar, caso contrário, ficaria no ‘caritó’³⁷⁹”.

No entanto, devemos lembrar que o casamento era visto como um ideal de felicidade da mulher. Um ideal ao mesmo tempo sugerido e assegurado por lei. Nessas circunstâncias, nos questionamos por que Júlia Medeiros optou por não casar? Em primeiro lugar, é importante destacar que convites não faltaram, já que segundo Ezequiélda Félix, Aldo Freire e Francisca Daise, Galvão Freire, a mesma chegou a ser pedida em casamento pelo farmacêutico José Gurgel de Araújo, entretanto, a mesma recusou. Também o Monsenhor Antenor Salvino de Araújo nos relatou que quando seu pai, o comerciante Odilon Salvino de Araújo, ficou viúvo, apareceram quatorze candidatas para casar com ele, sendo uma delas

³⁷⁷ *Revista Pedagogium*, n. 21, set/out.1925.

³⁷⁸ FELIX, Ezequiélda; MOREIRA, Aldo; FREIRE, Francisca Daise Galvão. *Op. Cit*, p.32.

³⁷⁹ ROCHA NETO, Manoel Pereira da. *Op. Cit*, 2002, p.66.

Júlia Medeiros. Ainda segundo o Monsenhor, que foi aluno de Júlia Medeiros no Grupo Escolar Senador Guerra ela era “(...) uma mulher inteligente, preparada, sabida, desenvolvida, uma mulher que não mandava recado ... ía. Então ela queria casar com alguém do seu nível (...) Os grandes que vinham por aqui e os daqui, também (...) não resolveram gostar dela nesse sentido. E ela não se casou³⁸⁰”.

É ainda importante lembrar que Júlia Medeiros ocupou o cargo de diretora do Hospital do Seridó, apesar da ausência de fontes e de nossos entrevistados não lembrarem quando a mesma assumiu o cargo e nem como assumiu. Levantamos aqui a hipótese de que, pelo fato dela transitar pelos meios políticos com muita facilidade, tenha surgido um convite para que a mesma ocupasse o cargo de diretora do Hospital.

Além disso, podemos destacar que Júlia Medeiros encontra na profissionalização, na busca por aventuras a sua realização uma vez que ela foi a primeira mulher de Caicó a viajar de avião e conhecer outras paisagens. É também conveniente notar que o Rio de Janeiro, naquele momento, era a capital do Brasil e naquele período reunia de modo pleno o papel de metrópole, sede do governo, núcleo cultural, foco da civilização, irradiadora dos modernos usos e estilos. Com isso, podemos dizer que Júlia Medeiros observou nas ruas da cidade do Rio de Janeiro um processo de busca das mulheres pelo espaço público como *locus* de vivência social e de valorização das atividades de lazer. Assim, ela registrou no *Jornal das Moças*:

No Brasil, máxime na Capital Federal, já se vão se sentindo a influência da mulher carioca em todos os ramos das realizações práticas (...) Quando rica completa seu ideal em possuir um lindo carro de passeio, ir aos teatros e ler um pouco de literatura que esteja no rigor da evolução social. E isto não exagero³⁸¹.

De acordo com sua sobrinha, nas horas vagas sua tia gostava de ficar lendo e preparando doces e licor para presentear os amigos e parentes. A senhora Eldy Monteiro de Araújo, que era vizinha de Júlia Medeiros, também nos lembra que sua vizinha cozinhava muito bem, e às vezes presenteava o bispo de Caicó, Dom José Delgado, com bolos. Ainda segundo senhora Eldy Monteiro de Araújo “(...) quando ela queria fazer um bolo pra Dom Delgado; daqui de casa ouvia o batido ‘taco-taco-taco’; ela estava batendo pra fazer um bolo,

³⁸⁰ ARAÚJO, Monsenhor Antenor Salvino. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Caicó, 20 de março de 2012.

³⁸¹ *Jornal das Moças*, Caicó 15 de julho de 1927. In: ROCHA NETO, Manoel Pereira da. *Op. Cit*, 2005, p. 173.

e não tinha hora, era de madrugada ela batendo; e de manhãzinha ela aparecia com o bolo (...) pra entregar a Dom José Delgado³⁸²».

O senhor Aduino Guerra Filho também nos relatou que Júlia Medeiros foi a primeira mulher de Caicó a falar em público. Ela era considerada uma ótima oradora e por isso era sempre convidada para receber pessoas ilustres, a exemplo da feminista Bertha Lutz e do presidente Getúlio Vargas. Ela também discursava “(...) nas festas cívicas do Grupo Escolar Senador Guerra, com palavras vibrantes e eloquentes, destacando a importância dessas datas, valorizando os símbolos nacionais como a Bandeira Nacional e o amor à Pátria.³⁸³” Sobre isso, sua sobrinha nos relatou que antes dessas ocasiões sua tia ficava em casa decorando o discurso.

Um outro ponto que chamou a atenção em nossas pesquisas e entrevistas é que Júlia Medeiros parece sentir uma necessidade política de ocupar espaços que antes eram considerados “naturalmente” do sexo masculino. Daí Júlia Medeiros ter concorrido a uma vaga na Câmara Municipal de Caicó, exercendo dois mandatos consecutivos de vereadora (1950-1957).

É importante lembrar que nesse período, em nível nacional, Getúlio Vargas volta ao poder. Já no tocante à política local, como já discutimos no capítulo anterior, esse período foi marcado pela atuação de Dinarte Mariz. É importante destacar que Maria Julieta Dantas de Faria, sobrinha de Júlia Medeiros, ao casar com um dos sobrinhos de Dinarte Mariz, passaram a morar em uma casa localizada na Praça da Liberdade, que pertencia a Dinarte Mariz. Então, quando ele vinha em campanhas políticas com as comitivas se hospedavam nessa casa. E nessas ocasiões, Júlia acabava mantendo contatos com essas pessoas influentes.

É significativo mencionar que, apesar da historiografia local e memória oral apresentarem Júlia Medeiros como a primeira mulher a ocupar um lugar na Câmara Municipal de Caicó, na década 1950 nos deparamos nas atas da Câmara Municipal referente aos anos de 1951-1953 com a existência de uma outra vereadora chamada Eutália Leitão Vilar. No entanto, apesar da existência de duas vereadoras não encontramos menção a nenhum projeto voltado a atender aos anseios femininos. Ao voltarmos nosso olhar para os projetos de lei apresentados por Júlia Medeiros, percebemos que a mesma se preocupou muito mais em agradar amigos e autoridades civis e eclesíásticas, a partir de homenagens. Assim, no dia 09 de novembro de 1954, Júlia Medeiros propôs que fosse apresentado um voto de pesar pelo

³⁸² MONTEIRO, Eldi. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Caicó, 16 de março de 2012.

³⁸³ ROCHA NETO, Manoel Pereira da. *Op.Cit*, 2005, p.158.

falecimento do ex-prefeito Rui Mariz, o qual foi aprovado. Permanecendo a Câmara em silêncio por um minuto. Lembramos também que o ex-prefeito era irmão de Dinarte Mariz.

Com o término do mandato, ela decide ir morar em Natal e conforme Euza Monteiro, ex-vizinha de Júlia Medeiros, nesse período ela já vinha apresentando lapsos de memória e problemas mentais. Chegando em Natal, Júlia Medeiros passou a morar sozinha em uma casa localizada na rua da Misericórdia, situada às margens do rio Potengi. Seu quadro de saúde foi se agravando e ela começou a perambular diariamente a pé entre os bairros Rocas e Quintas, sendo por isso apelidada de Rocas-Quintas.

Suja e maltrapilha, ela passava o dia a catar lixo e acabou se envolvendo em situações constrangedoras. Conforme a senhora Euza Monteiro nos relatou em entrevista, um dia Júlia Medeiros parou diante da vitrine de uma loja de roupas e ficou observando os vestidos, logo os proprietários do estabelecimento comercial pensando se tratar de uma mendiga chamaram a polícia para levá-la. Nessa ocasião ia passando um caicoense que havia se mudado para Natal e logo a reconheceu e confirmou que ela não era mendiga e explicou para os policiais que ela era uma pessoa importante em Caicó. O caicoense a colocou dentro do carro e foi deixá-la em casa. Posteriormente a família teve que interná-la em uma casa de descanso e na madrugada do dia 29 de agosto de 1972, aos 76 anos, ela faleceu.

Devemos notar aqui que no mesmo ano que Júlia Medeiros morreu também nossa última homenageada morreu, mais especificadamente no dia 30 de janeiro de 1972. No entanto, além de terem morrido e sido homenageadas com nomes de ruas no mesmo ano, podemos dizer que Generina Vale se aproxima de Júlia Medeiros por serem amigas, por também ter optado em não casar e por ter ocupado um espaço visto como pertencente ao mundo masculino. Mas, quem foi Generina Vale? Como já discutimos acima quando Maria Vale, irmã mais velha de Generina Vale, enviuvou, ela retornou para casa de sua mãe e instalou um ateliê de costura em casa. Auxiliada por um grupo de costureiras e por sua irmã, o ateliê começou a ganhar notoriedade e importância e conquistou, rapidamente uma significativa clientela na região do Seridó e em Natal.

A casa de Maria Vale se localizava na Praça da Liberdade e as duas irmãs tinham facilidade de se relacionar com pessoas influentes da Igreja e do meio político do estado a exemplo de José Augusto Bezerra de Medeiros, Juvenal Lamartine, Dinarte Mariz, Monsenhor Walfredo Gurgel (afilhado de Maria Vale). A casa em que elas moravam ainda é lembrada como

(...) um ponto de encontro de amigos e parentes. Todos eles tinham entrada franca nas suas grandes salas de visita e jantar; não perdiam o hábito de se

reunir à noitinha, sentados na calçada, para olhar o movimento da pracinha e se divertir com o sabor das conversas animadas com a participação de Maria Vale, Micaela, Júlia (Lulu), Chiquinha e Laura estavam sempre, entre os amigos, prestando serviços e recebendo de todos uma saudação afetuosa. Em temporada de férias, as portas da casa de Maria Vale estavam sempre abertas para acolher os familiares mais próximos que vinham visitá-la.³⁸⁴

Em Caicó, ainda hoje, se cultiva o hábito dos amigos, parentes e vizinhos no fim do dia, colocarem cadeiras nas calçadas para ficarem batendo papo, os quais se estendem no disse-não-disse, nas fofocas, em risos e até em namoros. Nesse sentido, podemos afirmar que a calçada da casa de Generina Vale se constituía em uma sutil fronteira entre o espaço público e o privado isso porque, por meio da calçada a casa e a rua se interpenetravam constantemente.

Já a casa, além de se constituir como um espaço de convivência social, ainda que circunscritos a amigos e familiares, também se constituía em um espaço de produção cujas relações de trabalho se sustentavam muito mais em vínculos de lealdade do que em embates reivindicatórios. Desse modo, “o ateliê de Maria Vale, no seu ritmo incessante de trabalho, formava com a casa antiga e acolhedora, um espaço familiar e sobretudo, agradável.”³⁸⁵

Ainda de acordo com Eldy Monteiro de Araújo, Generina Vale além de auxiliar sua irmã no ateliê também passou a trabalhar no Banco Rural de Caicó, no ano de 1943. O Banco Rural de Caicó foi fundado em 05 de maio de 1929 por um conjunto de caicoenses, sendo o gerente o Coronel Celso Dantas e sua filha Yolanda Dantas, responsável por atenderem ao público e fazer a contabilidade. O Banco, segundo relatos de Eudy Monteiro de Araújo, foi fundado dentro do regime cooperativista cujo capital era constituído por quotas-partes que os agricultores subescreviam e por

(...) depósitos que o povo fazia. O depósito tanto era de conta-corrente como era um depósito chamado a prazo fixo. O depósito da conta-corrente dava uns ‘jurozinho’ pequeno; que hoje em dia o depósito em conta-corrente o banco não paga juros nenhum. Nós pagávamos 3%. E o depósito a prazo fixo pagava uns bons juros de 8%. Faziam muitos depósitos para criança porque era um dinheiro que não ia ser movimentado. Chamava a prazo fixo porque não ia ser movimentado. (...) Era uma espécie de poupança porque hoje em dia se chama poupança, era isso: depósito a prazo fixo. Eu me lembro que um dos mais assíduos para crianças lá era Dr. Jofre Ariston porque ele tinha duas filhas, Eugênia e Eunice, e fazia depósitos pra elas, pra o futuro³⁸⁶.

³⁸⁴ Livro da Missa em Homenagem a Maria Vale, 2000

³⁸⁵ Ibidem.

³⁸⁶ MONTEIRO, Eldi. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Caicó, 16 de março de 2012.

É importante ressaltar que o regime cooperativista já vinha sendo aplicado pelo governo paulista desde 1927 e no ano de 1928 passou a ser também apoiado, “(...) pelos pecuaristas gaúchos, a criação de um Banco Central de Crédito Rural no Rio Grande do Sul, como já fizera o governo paulista, (...) para apoiar a principal produção agrícola deste Estado que era o café³⁸⁷”. Ainda conforme Áurea Tomatis Petersen, na década de 1930 o Brasil e, conseqüentemente o Rio Grande do Sul, passaram a apresentar dificuldades econômicas e políticas, as quais refletiram sobre o campo financeiro. Entretanto, a situação se modificou nos primeiros anos da década seguinte, pois com a “(...) Segunda Guerra Mundial principalmente depois que o Brasil declarou-se em guerra e começou a preparar a força expedicionária, criou novas possibilidades para a mulher entrar no mercado de trabalho³⁸⁸”.

De acordo com relatos de Eudy Monteiro de Araújo, sua mãe pediu para o cunhado, que era muito amigo do Coronel Celso Dantas, interceder juntamente a ele para que ela [Eudy Monteiro de Araújo], passasse a estagiar no banco, já que a mesma vinha fazendo o curso de Contabilidade no Colégio Santa Teresinha³⁸⁹. Prontamente o pedido foi aceito e ela no dia 04 de janeiro de 1943, com apenas 16 anos, passou a trabalhar atendendo o público e colaborando com Yolanda Dantas em diversas ocupações de natureza interna. E em março de 1943, na Assembléia Ordinária Anual o Coronel Celso Dantas e Yolanda Dantas pediram afastamento e foram substituídos por José Inácio Camboim e Generina Vale, também tendo sido contratada a senhora Eldy Monteiro de Araújo. Mas, foi a partir de julho de 1943, que várias moças começaram a ser contratadas, constituindo-se desse modo um grupo de predominância feminina, sendo do sexo masculino apenas o presidente.

Áurea Tomatis Petersen destacou que no decorrer da História, o trabalho nos bancos era exercido, exclusivamente por homens, pois estava presente no imaginário da época que o mundo do dinheiro era apreendido como “um mundo masculino”, pois esse trabalho exigia “racionalidade” e “responsabilidade”, características culturalmente atribuídas ao sexo masculino. No entanto, chamou a atenção de Áurea Tomatis Petersen, o fato de mulheres terem ingressado em quatro bancos do Rio Grande do Sul a partir da década de 1920. Então,

³⁸⁷ PETERSEN, Áurea Tomatis. *Trabalhando no Banco: Trajetória de Mulheres Gaúchas desde 1920*. Tese, Porto Alegre, 1999, p.185-186.

³⁸⁸ Idem, *ibidem*, p.161.

³⁸⁹ “Entre 1932 a 1935 (...) o Colégio Santa Teresinha já estava consolidado como educandário de ensino primário. A consolidação da educação escolar primária feminina corroborou para que as famílias caicoenses das camadas sociais economicamente privilegiadas solicitassem das Filhas do Amor Divino do Colégio Santa Teresinha a abertura de outros níveis de ensino [...]” BRITO, Paula Sônia de. *O Programa Escolar e Extra-Escolar do Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus (Caicó-RN, 1925-1928)*.

buscando entender os motivos que as levaram ingressar no banco, a autora reconstituiu a história das trabalhadoras de quatro bancos gaúchos, no período que se estende de 1920 a 1945, e observou que elas “(...) eram, geralmente, bastante jovens, tendo entre 18 e 25 anos e a ampla maioria era solteira. Constatou-se, com as informações possíveis em vários casos que muitas trabalhadoras mantiveram-se solteiras³⁹⁰”.

Em Caicó também observamos que muitas das bancárias continuaram solteiras entre elas, a própria Generina Valle e Eudy Monteiro de Araújo. Já no que se refere à hegemonia feminina no Banco Rural, esta deveu-se em parte a existência do curso de Contabilidade para as moças no Colégio Santa Teresinha. É também significativo destacar que não havia nenhuma forma de concurso para o ingresso nessa instituição e quando o banco precisava aumentar o número de funcionários surgia logo o nome de uma das moças do Curso de Contabilidade. Devemos ressaltar que, em março de 1954, falece o Coronel José Inácio Camboim, sendo substituído por Hermínio Gomes de Oliveira e um ano depois houve uma Assembléia Geral na qual

Presidiu à reunião o Diretor – Presidente Hermínio Gomes de Oliveira. A escriturária Iara Diniz fez a leitura do relatório e dos balancetes que foram aprovados. O associado Dr. José Gurgel de Araújo propôs à assembléia a efetivação da gerente Generina Vale, o que foi aprovado sob vibrante salva de palmas³⁹¹.

Muito religiosa, Generina Vale assistia à missa todos os dias e sempre estava envolvida nas atividades de organização das festas religiosas. Assim, no ano de 1955 foi noticiado no *Jornal A Folha*, a celebração da Festa de Santa Teresinha do Menino Jesus. Nessa festa, após a missa vespertina do dia 04 de dezembro de 1955, haveria leilão. E a nota do Jornal ainda enfatizava que “as prendas para o leilão deverão ser entregues à tesoureira, D. Generina Vale, na Praça da Liberdade.³⁹²” É ainda importante ressaltar que com a morte de Hermínio Gomes de Oliveira há uma nova eleição e Generina Vale é eleita Presidente e Eldy Monteiro de Araújo é escolhida para o cargo de gerente para o triênio de 1965 /1968. Logo depois, Generina Vale se aposentou e quatro anos depois morreu.

Nesse sentido, podemos dizer que Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale são mulheres que nasceram e viveram em um momento de mudanças sociais marcado pela ascensão de valores burgueses. É necessário enfatizar que Mãe Quininha e Júlia Medeiros,

³⁹⁰ PETERSEN, Áurea Tomatis. *Op. Cit*, p,148.

³⁹¹ (Sem Autoria). Banco Rural. *Jornal A Folha*. Caicó. 26 de maio de 1955. Ano II. Numero 56.

³⁹² (Sem Autoria). Festa de Santa Teresinha. *Jornal A Folha*. Caicó. 26 de Nov. de 1956. Ano II. Numero 91.

apesar de terem nascido no ambiente privado da vida rural, migraram para a cidade em um momento que a mesma passa a ser redesenhada e valorizada por meio de reformas, novas construções, novos ambientes de circulação, novas sociabilidades. Já Júlia Medeiros e Generina Vale têm em comum o fato de nunca terem casado ou seja, além de terem rejeitado o papel tradicional atribuído à mulher, que é de esposa, mãe e dona-de-casa, também contrariaram a função tradicional da solteirona submissa à ordem do pai ou dos irmãos mais velhos, costurando, bordando e envolvida com os serviços domésticos.

Enfim, podemos caracterizar as três como mulheres modernas, fruto da dissolução de suas famílias patriarcais e da elite. Devido à morte de pais e esposo, elas tiveram que se construir ou a partir da orfandade, a exemplo de Generina Vale e Julia Medeiros e ou se reconstruir a partir da viuvez, a exemplo de Mãe Quininha

Capítulo III

*O Lugar de Mãe Quininha,
Generina Vale e Júlia
Medeiros na Toponímia
Caicoense*

Capítulo III

O Lugar de Mãe Quininha, Generina Vale e Júlia Medeiros na Toponímia Caicoense

Como já discutimos no capítulo anterior, a primeira caicoense que teve sua memória perpetuada no espaço urbano de Caicó foi Joaquina Dantas Gurgel, a qual se tornou patrona em 1966, da Maternidade da cidade de Caicó. Já Júlia Medeiros e Generina Vale tiveram suas memórias eternizadas em duas ruas da cidade no ano de 1973. E dois anos depois, Júlia Medeiros também se tornou patrona de uma escola localizada no bairro Paraíba.

É importante também destacar que um antropônimo revela a visão de mundo de quem nomeia o espaço. Isso porque quem denomina os espaços é fruto de um padrão cultural transpassado por opiniões, mitos, idéias e estereótipos que incorporam a percepção da sociedade. Ou seja, o nomeador volta-se para o seu entorno procurando aspectos que fazem parte da sua cultura, da sua história. Assim, podemos afirmar que os antropônimos femininos Mãe Quininha, Julia Medeiros e Generina Vale se relacionam com a história local por meio de uma operação historiográfica

Nesse sentido, buscaremos debater no primeiro tópico intitulado *A ausência das mulheres na toponímia urbana de Caicó*, os motivos que explicam a ausência das mulheres caicoenses na toponímia urbana de Caicó até o ano de 1966.

Já no segundo tópico denominado *Topônimos femininos de Caicó: suas interconexões e relações com o contexto histórico e cultural*, discutiremos o contexto histórico em que Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale foram homenageadas. Também analisaremos como se comportavam as mulheres caicoenses da geração 1960 e 1970, período em que surgiram os primeiros antropônimos femininos em Caicó. E por último, buscaremos analisar a importância e localização dos espaços que foram batizados com os nomes Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale.

Enfim, no tópico denominado *A presença das mulheres na toponímia urbana da cidade de Caicó*, discutiremos a partir dos nomes de Joaquina Dantas, Júlia Medeiros e Generina Valle os valores que elas monumentalizam, o que elas representavam e que imagens de gênero estão presentes nessas homenagens.

A ausência das mulheres caicoenses na toponímia urbana de Caicó

A partir do século XX, as mulheres vêm conquistando espaço como provedoras da casa, vêm sendo incorporadas ao mercado de trabalho, no mundo todo, o dia 8 de março é consagrado a elas. No ano de 2011, o Brasil escolheu uma mulher para ocupar a Presidência da República e a Lei Maria da Penha passou a representar a luta contra a violência de gênero. Entretanto, as mulheres caicoenses não estão com tanta credibilidade assim. Pelo menos não para terem seus nomes perpetuados nas ruas da cidade. Conforme dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Tributação e Finanças, no ano de 2006, Caicó possuía 616 logradouros públicos, sendo 89 com denominação feminina. Assim sendo, apesar do aumento do número de logradouros públicos com denominação feminina ter se acentuado enormemente, em relação ao ano de 1973, quando a cidade de Caicó só possuía duas ruas com nomes de mulher, não podemos deixar de destacar a partir dessa diferença numérica, que a toponímia da cidade continua sendo um lugar de discriminação contra as mulheres. Ressalta-se também que a parte central da cidade de Caicó é composta por seis avenidas: a Avenida Seridó, Avenida Coronel Martiniano, Avenida Rio Branco, Avenida Celso Dantas, Avenida Carlindo Dantas e Avenida Ruy Mariz. Dessas todas, com exceção da Avenida Seridó, homenageiam personalidades do sexo masculino. Nesse sentido, percebemos na toponímia urbana de Caicó vantagens para o masculino, em detrimento do feminino, tanto na quantidade quanto na importância dos logradouros.

No que diz respeito às relações de gênero e toponímia, Letícia Alves Corrêa de Oliveira e Aparecida Negri Isquerdo, destacaram que ao longo da história a toponímia não tem registrado números expressivos de nomes femininos. Também Penha Maria Fernandes Nader, ao investigar a relação existente entre a discriminação de gênero e os nomes dos logradouros públicos da cidade de Vitória, no período que se estende de 1970 a 2000, constatou “(...) uma pequena representatividade de nomes de mulheres nos logradouros de Vitória, antes de 1970 (...)”³⁹³.

Realidade não muito distante da nossa, pois conforme o senhor Francisco de Assis Medeiros³⁹⁴, ex- prefeito de Caicó, nos relatou em entrevista que até o ano de 1972 não existia nenhuma rua com nome feminino. Devemos destacar que só existia na cidade de Caicó, com denominação feminina, a Maternidade de Caicó, que no ano de 1966 teve seu nome alterado para Maternidade Mãe Quininha. Diante dessa realidade, o ex-prefeito resolveu

³⁹³ NADER, Penha Mara Fernandes. *A sutileza da discriminação de gênero na nomenclatura dos logradouros públicos. Vitória (ES). 1970–2000*. Dissertação, Vitória, 2007, p.73.

³⁹⁴ Prefeito de Caicó entre os anos de 1968 a 1972.

nomear a primeira rua com nome feminino, para isso ele resolveu alterar o nome da Rua São José para Rua Generina Valle. Também uma outra rua que teve seu nome alterado foi a Rua 6 de Julho, passando a se chamar Rua Júlia Medeiros. Assim, a partir desses três antropônimos femininos indagamos que motivos explicam a ausência das mulheres caicoenses na toponímia urbana de Caicó até o ano de 1966?

Conforme já discutimos no capítulo anterior, meninas e meninos ao nascerem são socializados de modo diferente, sendo considerado “normal” que quando cheguem à fase adulta, tenham atitudes, papéis e comportamentos distintos. Assim, as meninas aprendiam a serem doce, obedientes, passivas, dependentes sendo educadas para se tornarem mãe-esposadona-de-casa, ficando assim confinadas ao espaço doméstico. Já os meninos eram educados para serem sujeitos agressivos, competitivos, e independentes sendo o espaço público destinado a sua realização profissional e ao sustento da sua família.

Um outro fator que ajuda a explicar a ausência de topônimos femininos é que a exemplo da cidade de Vitória-ES, a questão de gênero nunca foi objeto de consideração dos legisladores. Isso é compreensível pelo fato dos políticos que formavam o poder municipal serem em sua grande maioria do sexo masculino, vendo assim em outros homens, os méritos que validassem a homenagem. Vale também destacar que durante muito tempo a rua foi considerada um espaço masculino, espaço onde os homens circulavam, realizavam trocas comerciais, conversavam com outros homens. Nesse sentido, havia uma lógica em batizar esses espaços com nomes de homens ou seja, por esses “(...) serem locais públicos, culturalmente seriam, de forma simbólica, representados mais adequadamente por nomes de homens. Afinal, seriam eles a personificação do mundo público e do poder.³⁹⁵”

É válido ainda destacar que durante muito tempo a política era um espaço masculino e as poucas mulheres que chegaram adentrar esse espaço, ocupando uma vaga na Câmara Municipal de Caicó, a exemplo, das primeiras vereadoras Júlia Medeiros e Eutália Leitão Vilar, não viram as mulheres como dignas de homenagens. Ao voltarmos nosso olhar para os projetos de lei apresentados por Júlia Medeiros, percebemos que a mesma se preocupou muito mais em agradar amigos e autoridades civis e eclesiásticas a partir de homenagens. A respeito disso, no dia 02 de abril de 1952, a vereadora Júlia Medeiros requereu “(...) a designação de uma comissão para tratar com o prefeito em exercício relativamente à homenagem da ‘Praça Dom José Delgado’³⁹⁶”. Bem como também em relação à terraplanagem da mesma Praça. No

³⁹⁵ NADER, Penha Mara Fernandes. *Op. Cit*, p.73

³⁹⁶ Ata da Segunda Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas*. (manuscrito). Caicó. 02de abril de 1952.

tocante à estátua de Dom José Delgado, a vereadora Júlia Medeiros solicitou no dia 01 de agosto de 1952 a inclusão na proposta orçamentária do ano vindouro

(...) a consignação de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) à verba Encargos Diversos – Subvenções, Contribuições e Auxílios – Despesas Diversas Código 8.984, como contribuição da Prefeitura ao movimento popular para aquisição de uma estátua em homenagem ao primeiro bispo da Diocese de Caicó : - aprovada por maioria de votos (...)³⁹⁷

Devemos lembrar que há a tradição em homenagear cidadãos que de maneira suposta tenham exercido uma “boa ação” a favor da cidade, do país ou do mundo. No entanto, é preciso destacar que “até o golpe militar de 1964, a noção de cidadania permanece vinculada ao emprego estável, assalariado e urbano (...)”³⁹⁸. Nesse sentido, as pessoas dignas de homenagens eram coronéis, políticos, religiosos, empresários e proprietários de terras. Atividades que foram durante séculos, vedadas às mulheres.

É importante destacar que até a segunda metade do século XX, as mulheres não almejavam participar da vida pública ou ingressarem no mercado de trabalho. Nesse sentido, o mercado de trabalho era um espaço de preeminência masculina, pois como já discutimos no capítulo anterior, os obstáculos encarados pelas mulheres para fazerem parte do mercado de trabalho eram sempre muito grandes, independente da classe social as quais fizessem parte. Assim, no que diz respeito à divisão sexual do trabalho, devemos sublinhar que, durante muito tempo, as preferências e as chances profissionais eram definidas por prescrições biológicas. Portanto, as pessoas do sexo masculino com pouca escolaridade exerciam as funções de trabalhadores rurais, motoristas, policiais, militares, vendedores ambulantes. Já as moças com o mesmo nível de escolaridade ocupavam os cargos de telefonistas, secretárias, lavadeiras de roupas, domésticas, babás, copeiras, faxineiras entre outros. Já entre aqueles que alcançavam um maior nível de escolaridade, podemos dizer que, enquanto os homens aderiam a carreiras de médicos, políticos, empresários e eclesiásticos; as mulheres escolhiam profissões voltadas para o ensino e o cuidado do outro, predados vistos como femininos.

Ressalta-se ainda que as discriminações sofridas pelas pessoas do sexo feminino, no mercado de trabalho, são fruto de uma educação sexista a qual defende que as mulheres devem escolher profissões no campo do ensino, da prestação de serviços sociais ou de saúde, como se conjectura serem tais tarefas uma extensão para o espaço público das tradicionais ocupações que as mulheres já desenvolviam no espaço doméstico. Desse modo, defendia-se

³⁹⁷ Ibidem.

³⁹⁸ GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In_: DEL PRIORE, Mary (org.). *Op. Cit.*, p.641.

que ao escolherem essas profissões era possível as mulheres conciliarem melhor a atuação profissional e as responsabilidades da maternidade e do zelo pela família. Desse modo, é possível frisar que essas diferenças no decorrer da história têm privilegiado as pessoas do sexo masculino, na medida em que a sociedade não tem proporcionado as mesmas chances de inclusão social e exercício de cidadania a pessoas de ambos os sexos. Mesmo com as mudanças dos costumes e valores que vêm acontecendo nas últimas décadas, ainda perduram várias discriminações de gênero que se encontram nas mais diferentes esferas da vida social brasileira, e por vezes de forma sutil a exemplo da toponímia.

No tocante à toponímia, é oportuno sublinhar que quando um espaço é nomeado, ele acaba recebendo nomes de pessoas consideradas, pelo poder público, dignas de tributos, identificadas como sujeitos que se comportaram de forma exemplar e cujas condutas servem de modelo privilegiado para as novas gerações. Assim, a exemplo do que já discutimos no primeiro capítulo, a cidade se constitui em um lugar onde se exprimem temporalidades diferentes. Nesse sentido, o ato de batizar os lugares com nomes de pessoas, além de se constituírem em referências também se constitui em um gesto em prol da formação do cidadão; isso porque os antropônimos urbanos se impunham como recurso didático, ou seja, esses nomes se constituem em utensílios pedagógicos, os quais demonstram o reconhecimento desses indivíduos que representariam dados valores. Dessa maneira, é possível afirmar que Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale, ao serem homenageadas, passaram a servir de exemplo para as mulheres caicoenses.

É significativo também ressaltar que os antropônimos estão em constante diálogo com a época de sua nomeação. Nesse sentido, nos questionamos em que contexto histórico Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale foram homenageadas? Como se comportavam as mulheres caicoenses da geração 1960 e 1970, período em que Caicó ganhou seus primeiros locais com denominações femininas?

Topônimos femininos de Caicó: suas interconexões e relações com o contexto histórico e cultural

Com o fim da Segunda Guerra Mundial o mundo passou a viver rápidas mudanças econômicas e culturais. No que se refere à economia, as potências capitalistas seguiram o “American way of live”. Este modelo defendia a idéia da "superioridade" da democracia, estabelecida num mercado de trabalho competitivo. A superficial democratização dos bens de produção aconteceu de forma paralela ao estabelecimento de indústrias em países do Terceiro Mundo. Assim, buscando aumentar os lucros das empresas multinacionais, indústrias

passaram a ser instaladas nesses países incentivadas pelas leis trabalhistas, isenção de impostos para importação de máquinas, fornecimento de créditos do governo federal, facilidades de infra-estrutura e outras vantagens.

O Brasil, no período que se estende entre os anos de 1945 e 1964, obteve uma vida política democrática agrupada a planos modernizadores, apesar de continuar ocupando uma posição de insegurança institucional, política e social. Esse momento foi caracterizado por fatos conflitantes, como a manutenção de eleições democráticas que foram seguidas pela inconstância política e pelo fortalecimento do populismo. Além do mais, nesse período sucederam ações modernizadoras que tinham o objetivo de retirar o país do "subdesenvolvimento". E o governo de Juscelino Kubitschek refletiu bem esse quadro histórico. Eleitos pelo voto popular, Juscelino Kubitschek e seu vice, João Goulart, deram garantias à maioria dos brasileiros da viabilidade de um plano modernizador e desenvolvimentista. Cinco anos depois, Jânio Quadros, um político de oposição, também eleito democraticamente, assume o poder. Entretanto, Jânio renunciou poucos meses depois e precipitou o país numa sequência de crises, culminando no golpe de 1964.

Essa conjuntura política refletiu-se profundamente no Nordeste e não obstante o crescimento de sua produção industrial, sua participação no produto total do país caía a índices significativos em relação a outras regiões do Brasil. Como resultado do processo de industrialização, desenvolveram-se os núcleos urbanos, e ao mesmo tempo elevou-se o êxodo rural. No que diz respeito, à região do Seridó, a pecuária e a produção do algodão se estabeleceram como os elementos que dinamizaram, incentivaram e mantiveram o espaço regional até os anos de 1960 e 1970. É importante destacar que apesar do algodão ser cultivado no espaço rural, ele foi capaz de promover o desenvolvimento regional, organizando o espaço urbano de modo bem expressivo. Isso porque, além do processo de produção no espaço rural, existia o beneficiamento e comercialização no espaço urbano acarretando o desenvolvimento de uma economia que unia o campo à cidade.

Nesse sentido, o município de Caicó, a partir da década de 1950, já evidenciava o crescimento urbano ocasionado pela migração do campo para a cidade. E os motivos que nos ajudam a entender o porquê desse processo migratório foi o fato das cidades circunvizinhas não serem capazes de deterem a população local, de disponibilizarem emprego e de proporcionarem à população melhores condições de educação, saúde, habitação e lazer.

Ainda é válido destacar que as décadas de 1960 e 1970 são avaliadas como uma época de grande significância na economia de Caicó e da região do Seridó, como consequência da produção e beneficiamento do algodão. Conforme Ione Rodrigues Diniz Moraes, as usinas de

beneficiamento de algodão funcionaram como pólos dinamizadores, tanto no que diz respeito à economia, oferta de emprego e circulação, quanto no tocante à expansão urbana caracterizada pelo surgimento de novos bairros e o crescimento dos que já existiam.

Desta maneira, o crescimento de Caicó acarretou uma expansão do seu sítio urbano e conseqüentemente um aumento populacional gerado por um processo migratório, tanto da população rural para a cidade, como de outras cidades circunvizinhas. Ainda é válido destacar que nesse período Caicó contava na década de 1950 com uma população urbana de 7.755, na década de 1960 possuía 16.233 habitantes e nos anos de 1970 possuía 24.594 habitantes. Assim, com o beneficiamento e comercialização do algodão, a região passou a ser vista de um lugar que apresentava más condições de vida; para um lugar suscetível à modernidade. Conforme Douglas Araújo, no ano de

(...) 1964, sob a jurisdição do Banco do Brasil, agencia de Caicó, existiam seis (06) usinas de beneficiamento de algodão em caroço. A diversão e o lazer da cidade não se restringia às festas e aos bares. Estavam sediadas ali três (03) casas de cinema. Através das películas exibidas ao público, o fantástico mundo hollywoodiano da América do Norte chegava até o Seridó potiguar urbano, embalando o seu sonho de progresso. A cidade tinha um Jornal e era servida por quatro representações de montadoras de automóveis³⁹⁹.

Já no que diz respeito à condição das mulheres brasileiras, começou a passar por mudanças entre os anos de 1930 e 1940, período em que as exigências das mulheres começaram a ser atendidas, a exemplo, do direito de poderem votar e ser votadas, de ingressar nas instituições escolares e de participarem do mercado de trabalho.

O sistema social e político (tanto o capitalista quanto o socialista) absorvera, de alguma forma, estas conquistas, que implicaram no reconhecimento de sua cidadania.

Nestas décadas ocorre um refluxo na organização das mulheres. Nos países em que ocorre o nazifacismo este refluxo pode ser também compreendido pelo forte esquema repressivo que abafava quaisquer outras formas de contestação social. Este período é marcado pela preparação e pela eclosão de uma nova guerra mundial. Assim, a afirmação da igualdade entre os sexos vai confluir com as necessidades econômicas daquele momento. Valoriza-se (...) a participação das mulheres na esfera do trabalho, no momento em que se torna necessário liberar a mão –de- obra masculina para as frentes de batalha⁴⁰⁰.

Segundo Bianca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy, com o término da Segunda Guerra Mundial

³⁹⁹ ARAÚJO, Douglas. *Op.Cit*, p.282.

⁴⁰⁰ ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*, p.49-50.

(...) e o retorno da força de trabalho masculina, (...) a ideologia que valoriza a diferenciação de papéis por sexo, atribuindo a condição feminina o espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirar a mulher do mercado de trabalho para que ceda seu lugar aos homens. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da ‘rainha do lar’, exacerbando-se a mistificação do papel de dona de casa, esposa e mãe. Novamente o trabalho externo da mulher é desvalorizado, tido como suplementar ao do homem⁴⁰¹.

Entretanto, desde a década de 1950, as feministas começaram a lutar pela conquista de novos direitos ou pela ampliação dos existentes, buscando obterem total igualdade dos gêneros. Se destacando nessa batalha, a filósofa francesa Simone de Beauvoir, ao publicar no ano de 1949 “O segundo sexo”, defendeu que a idéia de “feminino” é uma invenção dos homens, os quais conferiam algumas condições próprias às mulheres, com o objetivo de atribuir a elas determinadas funções sociais, como a de mãe ou esposa amorosa. Nesse sentido, a filósofa denunciou as profundas raízes da opressão feminina, considerando “(...) o desenvolvimento psicológico da mulher e os condicionamentos que ela sofre durante o período de sua socialização, condicionamentos que, ao invés de integrá-la a seu sexo, tornam-na alienada (...)”⁴⁰². Com isso, o trabalho de Simone de Beauvoir se transformará em um símbolo, na medida em que esboça os alicerces da reflexão feminista, que ressurgirá a partir da segunda metade da década de 1960. Desse modo, Betty Friedan, baseando-se nas idéias de Simone Beauvoir, publicou em 1963, nos Estados Unidos, a obra “A mística feminina”, denunciando a opressão da mulher que, na sociedade industrial, sofre do “mal que não tem nome” “(...) que se traduziria por uma frustração constante e indefinida. (...) Para Friedan, é o papel tradicional da mulher que esta insatisfação questiona⁴⁰³”.

Partindo dessas novas idéias, o movimento feminista ressurgiu nos EUA, e logo se difundiu pelos países do Ocidente, defendendo a libertação da mulher, e não somente a emancipação. Ou seja, se nas primeiras décadas do século XX as mulheres lutavam para serem iguais aos homens no tocante aos direitos jurídicos, políticos e econômicos, a partir dos anos 1960 elas almejam ir mais adiante, marcar a diferença, ressaltar as condições que regulam a diferença nas relações de gênero, de forma a assegurar a mulher como indivíduo livre, dotado de perfeição humana e tão sujeito quanto o homem. Assim, o movimento feminista será responsável por grandes transformações na vida das mulheres, a partir da segunda metade do século XX. Este movimento foi suscetível de revelar à sociedade que as

⁴⁰¹ Idem, ibidem, p.50

⁴⁰² Idem, ibidem, p.51.

⁴⁰³ Idem, ibidem, p.53.

discriminações sucediam sobre as mulheres desde a dependência feminina, aos desígnios do domínio masculino. Também devemos destacar que o movimento feminista permitiu discutir a divisão sexual do trabalho; além de ter aumentado as oportunidades de suplantar os habituais empecilhos que dificultavam as mulheres de adquirir autonomia.

Portanto, as feministas dos anos 1960 chamam atenção para assuntos até então compreendidos como exclusivos do privado, desfazendo com a dicotomia público-privado, base de todo o pensamento liberal sobre as especificidades da política e do poder político. Desse modo, ao utilizar essa bandeira de luta, o movimento feminista ressurgiu a partir do ano de 1965. Segundo Céli Regina Pinto, esse movimento se caracterizou

(...) como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher-no trabalho na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo⁴⁰⁴.

Já no que diz respeito à mulher brasileira, Carla Bassanezi defende que apesar do período pós-Segunda Guerra Mundial ter sido um momento considerado expressivo pela transformação dos costumes e pela participação mais intensa da mulher no cenário urbano, a diferença entre as funções sexuais continuou visível. Além disso, no campo das relações sociais os modelos dominantes foram decisivos na tentativa de dominar os papéis femininos, no transcorrer da década de 1950, período no qual algumas práticas passaram por mudanças provenientes, sobretudo, da modernização do país. Assim, o trinômio mãe, esposa e dona-de-casa tendia a prosseguir por muito tempo em um Estado de ideologia machista e conservador; sendo a organização familiar entendida como parte imprescindível da disposição social, fazendo com que qualquer mudança no tocante ao feminino fosse compreendida como prejudicial à estrutura existente, cabendo à mulher a obrigação do casamento como forma de realização pessoal. O casamento era então recomendado como a concretização da vida de uma mulher, devendo esta, abdicar de suas pretensões em benefício da formação de uma família.

Nesse sentido, todo o cuidado deveria ser tomado pela mulher, ou seja, só dependia dela a possibilidade de um casamento modelo e a consideração da sociedade. Daí qualquer falha da parte dela poderia levar o homem a desistir de casar. Nesse sentido, elas eram “(...) aconselhadas a comportarem-se de acordo com os princípios morais aceitos pela sociedade, mantendo-se virgens até o matrimônio (...)”⁴⁰⁵. Ainda conforme Carla Bassanezi, o grande temor das jovens era ficar solteira. A questão não era simplesmente a solidão, já que

⁴⁰⁴ PINTO, Céli Regina Jardim. *Op.Cit*, p.16.

⁴⁰⁵ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In_: DEL PRIORE, Mary (org.). *Op. Cit*, p.610.

(...) às mulheres de família não era permitido amenizá-la com aventuras ocasionais, teriam que se preocupar também com seu sustento já que, sem marido, iriam se tornar um peso à família e sofreriam com o estigma de não terem cumprido com o destino feminino.

Uma mulher com mais de 20 anos de idade sem a perspectiva de um casamento corria o risco de ser vista como *enclalhada*, candidata a *ficar pra titia*. Aos 25 anos, considerada uma *solteirona*, já era fonte de constrangimentos. Um homem de 30 anos, solteiro, com estabilidade financeira, ainda era visto como *um bom partido* para mulheres bem mais jovens⁴⁰⁶.

Desse modo, é importante sublinhar que as mulheres continuavam sem poder dispor livremente de sua sexualidade, daí elas precisarem conservar-se virgens, enquanto solteiras e fiéis, quando casadas. Já os homens continuavam sendo estimulados a dispor livremente da sexualidade, signo de virilidade. Dessa forma, o senhor Francisco de Assis Medeiros nos relatou, em entrevista, que a vida sexual dos jovens da cidade de Caicó eram iniciadas, com o incentivo do pai, nos cabarés da cidade. Nessa época os mais frequentados eram os localizados na Rua 13 de Maio, na Rua Cel. Francisco Pinto e na Rua Manoel Joaquim. Ainda conforme Teresinha Dias de Araújo, que morava nas proximidades da Rua Cel. Francisco Pinto, nos anos 1950 a 1960, relatou que lá

(...) todos os meninos aprendiam a dançar e namorar. Alta madrugada, silêncio absoluto, adormecíamos acalentados por Nelson Gonçalves, Núbia Lafayette, Ângela Maria, Silvio Caldas, Noel Rosa, Pixinguinha, etc. e outros grandes seresteiros. Os homens buscavam ali, o complemento de suas diversões, hoje autoestima, que lhes proporcionavam alegria e prazer. (...) Nossa diversão mais ousada era espiar a zona. Era grande a curiosidade, porque nos era proibido. Havia alegria e bebedeira. (...) Havia muitas brigas e até mortes por causa dos ‘inadimplentes’ e ciúmes. (...) Realizavam-se bailes com orquestra e mulheres de lindos vestidos compridos. Só tínhamos o direito de dar uma espiadela porque era proibido⁴⁰⁷.

Segundo Marcos Antônio Alves de Araújo, entre os anos de 1950 e 1960, Caicó “(...) se encontrava bifurcada entre o velho e o novo, o tradicional e o moderno, o padrão e o desvio, enfim, entre a norma e a transgressão.⁴⁰⁸” E esse contexto de transformações repercutiu na vida das mulheres caicoenses de diferentes formas. Assim, no Jornal *A Folha* encontramos anúncios dirigidos às donas de casa, de famílias abastadas, convidando-as a se dirigirem à Casa Cleofas, localizada na Avenida Coronel Martiniano, e comprar geladeiras,

⁴⁰⁶ Idem, ibidem, p.619.

⁴⁰⁷ ARAÚJO, Teresinha Dias de. A Rua da Cadeia Velha dos Anos 50 a 60. ARAÚJO, Lidiane, LUCENA, Lindomar Vale (Coords.). *Op. Cit*, 2012, p. 22-23.

⁴⁰⁸ ARAÚJO, Marcos Antônio Alves. Caicó/RN em papel e tinta: representações da cidade no jornal *A Fôlha* (1954-1958). *Rev. Espacialidades [online]*, p.01.

fogão a gás, máquinas de costura facilitadores para suas atividades cotidianas fruto das ações modernizadoras, que tinham o objetivo de retirar o país do “subdesenvolvimento”. Além disso é válido ressaltar que as mulheres caicoenses apreciavam o divertimento e o cuidado com a aparência, características de uma época de libertação de algumas prescrições religiosas, racionais e morais.

Assim, o cinema em Caicó se constituía em uma das alternativas que as pessoas disponham para se divertir e num meio de comunicação que reforçava nas pessoas os modos de atuar apreciados como mais modernos e civilizados, estimulando à aquisição de objetos atuais e contemporâneos, os quais juntamente com a modernização dos costumes, transformaram a forma de viver das pessoas, notadamente das mulheres.

Elas passaram a apresentar novos modelos comportamentais em uma cidade que buscava normatizar as condutas, travando com isso duelos ininterruptos entre as ideais condutas seculares, e o moderno modo de vida demonstrado pelos meios de comunicação; a exemplo do cinema, que passou a incentivar a mudança de hábitos das mulheres caicoenses, as quais eram ainda fortemente impulsionadas pela Igreja Católica, determinando as condutas ideais, que a mulher deveria adotar, em todas as fases da vida. Nesse sentido,

(...) as moças caicoenses eram puros reflexos do próprio protótipo de mulher moderna construído nos grandes centros urbanos brasileiros a partir de alguns movimentos reivindicatórios organizados por grupos feministas em luta dos direitos iguais entre homens e mulheres⁴⁰⁹.

Levemos em consideração que as salas de cinema sediadas no espaço urbano, de Caicó na década de 1960, “(...) eram o Pax, o Alvorada, o São Francisco e o Rio Branco, estes três últimos fundados respectivamente, nos anos de 1960, 1964 e 1966⁴¹⁰”. Destacaremos aqui o cinema Alvorada, por esse ter se localizado na antiga Rua São José, a qual, como discutiremos abaixo, será renomeada e passará a ser chamada de Rua Generina Vale, esta sala cinematográfica se constituiu no primeiro espaço de apresentação cinematográfica alinhado da cidade, sendo um sucesso no início dos anos 1960. Marcos Antônio Alves de Araújo, ainda nos lembra que na ocasião da estréia do filme *Sexo e vida*, por ser considerado como um enredo de caráter e teor científico, ela foi “(...) exibida a partir da presença do então diretor, o médico Henrique Meyer, que a vinha apresentando em algumas cidades brasileiras⁴¹¹”. Também a atriz norte-americana Muriel Smith veio ao Cinema Alvorada, fazer o lançamento

⁴⁰⁹ ARAÚJO, Marcos Antônio Alves. *Op. Cit*, 2008, p.40.

⁴¹⁰ Idem, ibidem, p.228.

⁴¹¹ Idem, ibidem, p.235.

do filme *A Experiência Culminante*. Entretanto, nem tudo se resumia à exibição dos filmes e às visitas de diretores e atrizes por ocasião das estréias

O algo a mais era a frente do cinema. Esta era a grande atração, o grande palco da noite caicoense. A massificante televisão não tinha chegado ainda para trancar as pessoas em casa. Tudo era marcado para a frente do cinema. A luz das placas luminosas era um convite aos bate-papos, aos namoros, as paqueras, aos amantes, as discussões do clássico do domingo entre Caicó e Corinthians no estádio Walfredo Gurgel, no José Avelino. Ao redor do cinema, acabava-se namoro, começavam paixões. Era o grande 'Point' da época⁴¹².

Conforme lembra a senhora Maílde Medeiros, os flertes e namoros eram feitos por meio de regras e se desenvolviam de forma lenta e a praça da Liberdade, também conhecida como Praça do Coreto, se constituía como um espaço de transformação da antiga prática de namoro, já que nas primeiras décadas do século XX, o namoro se realizava na esfera privada e sob os cuidados dos pais da moça. Assim, ao analisarmos as práticas de namoro, lembradas pela autora Maílde Medeiros na cidade de Caicó, podemos afirmar que nessa época

(...) para casar, as jovens teriam que conhecer rapazes – já estava fora de moda casar *sem afeto*, apenas pela vontade dos pais – então a ênfase na educação para o autocontrole das moças tornou-se ainda mais uma preocupação social. Os pais já não poderiam ser tão rígidos e as jovens deveriam aprender a controlar-se a si mesmas, distinguir o *certo do errado* de forma a conservar suas virtudes e a conter sua sexualidade em limites bem estreitos *dando-se ao respeito*⁴¹³.

Além dos cinemas e da Praça do Coreto, acrescentamos que a casa de Mãe Quininha também se transformou no espaço para algumas moças iniciarem seus namoros. Conforme Elizabete Diniz, ela e suas primas iam toda noite à residência de Mãe Quininha receber os telefonemas e marcarem encontros com os internos do Ginásio Diocesano Seridoense. As jovens se reuniam “(...) na sala onde havia a grande biblioteca do Monsenhor Walfredo, com exemplares valiosos da cultura universal. Como meninas do interior, não tínhamos lá a intenção de ler os clássicos da Literatura.⁴¹⁴” E os encontros marcados durante a semana aconteciam durante os fins de semana no campo de futebol do Ginásio Diocesano Seridoense.

Também é válido lembrar que a casa de Mãe Quininha localizava-se na Praça da Catedral, tendo seu nome alterado no ano de 1971 para Praça Monsenhor Walfredo Gurgel.

⁴¹² SANTOS, Oberdan Damásio. Retratos da vida. In: ARAÚJO, Lidiane, LUCENA, Lindomar Vale (Coords.). *Rastos Caicoenses V*, p.102.

⁴¹³ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In_: DEL PRIORE, Mary (org.). *Op. Cit*, p. 610.

⁴¹⁴ DINIZ, Elizabete. *Op. Cit*, p.49

Destaca-se que além da Praça ter sido rebatizada com o nome do Monsenhor Walfredo, também foi erigida na mesma praça uma estátua do homenageado. Nesse sentido, é importante notar que nessa homenagem verificamos uma contiguidade entre o nome do Monsenhor Walfredo Gurgel e o logradouro, já que o mesmo morou com sua mãe (Mãe Quininha) e seus irmãos, em uma casa localizada no largo da Matriz de Sant'Ana, onde hoje é a Praça Monsenhor Walfredo Gurgel.

Já no tocante ao nível de escolaridade feminina, Douglas Araújo nos informa que no ano de “(...) 1941, entraram em funcionamento seis novas escolas particulares, o índice de matrícula em Caicó atingiu o número de 1.911 alunos (...) desse total de estudantes, cerca de 54,5% era do sexo feminino, ou seja, 1.042 alunas⁴¹⁵.” Já no ano de 1943, foi fundada

a Escola Doméstica Popular “Darci Vargas” – denominação em homenagem à esposa do Presidente Getúlio Vargas, a qual era, à época Presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA) – (...) Foi idealizada por Dom Delgado, com a colaboração das freiras do Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus, de Caicó (...) ⁴¹⁶”

A Escola Doméstica Popular Darci Vargas funcionava no próprio prédio do Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus e foi criada com o objetivo de transmitir e socializar as jovens caicoenses e seridoenses conhecimentos a respeito da língua portuguesa, cálculos matemáticos, conhecimentos e princípios básicos de economia doméstica, higiene, horticultura, puericultura, jardinagem, nutrição e princípios morais, cívicos, religiosos e físicos. Para a disciplina teórico-prática Puericultura, Dom Delgado construiu uma Casa Pupileira, como se fosse uma creche e local onde as alunas da Escola Doméstica Popular Darci Vargas estagiavam a disciplina puericultura. Essas crianças possuíam entre 0 e 6 anos e eram filhas de empregadas domésticas, lavadeiras de roupas e prostitutas as quais deixavam seus filhos às 6 h da manhã e só vinham buscá-los às 17 h 30 m. Ainda conforme, Paula Sônia de Brito

(...) a cultura educativa transmitida e socializada pela Escola Domestica Popular ‘Darci Vargas’, no período de 1943 a 1951, proporcionou a inserção da mulher caicoense e seridoense num mercado de trabalho em expansão, que requeria profissionais com competências técnicas e práticas, no ramo da economia doméstica em geral, e com uma pequena base teórica humanista. Talvez as atividades de bordadeira, costureira, ao lado das de professora e secretaria, tenham sido a profissão que mais despertou interesse entre as ex-

⁴¹⁵ ARAÚJO, Douglas. *Op. Cit*, p.251

⁴¹⁶ BRITO, Paula Sônia de. *Op. Cit*, p.411.

alunas da Escola Domestica ‘Darci Vargas’, que estudaram de 1943 a 1951⁴¹⁷.

E na década de 1950, Caicó possuía cinquenta e nove unidades escolares do ensino primário e três do ensino secundário⁴¹⁸. Já na década de 1960, foi fundado o Colégio Estadual de Caicó (1960), o Ginásio Estadual Joaquim Apolinar começou a ser construído no ano de 1963, vindo a funcionar na gestão do Monsenhor Walfredo Gurgel e no ano de 1964 foi criado o Ginásio Noturno João XXIII. “Considerado como a maior escola na preparação do magistério em todo o Seridó, o Colégio Normal de Caicó, desenvolve suas atividades desde 1960 (...)”⁴¹⁹. E no ano de 1972, foi fundado a Escola Mons. Walfredo Gurgel. Sendo no ano seguinte criado o Núcleo Avançado de Caicó, com a finalidade de aperfeiçoar e especializar os conhecimentos da população do Seridó.

As atividades foram iniciadas com os seguintes cursos da Área Humanística: Administração, Assessor, Secretário Executivo, Ciências Econômicas, Direito, Estudos Sociais, Geografia, História, Letras, Pedagogia e Serviço Social.

Elevado a Centro Regional de Ensino Superior do Seridó – CERES, pela Resolução nº 59/77 – CONSUNI de 21 de dezembro de 1977, [...] dividido em dois Departamentos: Formação Básica e Profissional, além de oito Coordenadorias.

Segundo informações do Departamento de Formação Profissional, a maioria dos alunos formados no CERES, são absorvidos pelo mercado de trabalho local, principalmente no magistério, isso porque a maioria dos cursos são da área de educação⁴²⁰.

Conforme o Censo demográfico do ano de 1970, existiam em Caicó 17.476 pessoas do sexo masculino e 19.045 do sexo feminino. Nesse sentido, podemos afirmar que um dos motivos para esse aumento do número de pessoas do sexo feminino está relacionado à implantação do ensino universitário e à construção das novas escolas com cursos de magistério. É válido ainda ressaltar que muitas dessas jovens eram ‘naturais’ do campo e de cidades circunvizinhas e para estudarem só restavam a opção de morarem na casa de um parente que residia em Caicó ou conseguir uma vaga na Casa da Estudante. No tocante a essa casa, encontramos na ata do dia 05 de novembro de 1964, “(...) a concessão da doação de um

⁴¹⁷ Idem, ibidem, p.98.

⁴¹⁸ ARAÚJO, Douglas. *Op.Cit*, p.256.

⁴¹⁹ (Sem Autoria).Educação.In_:Caicó. Fundação José Augusto. Centro de Pesquisas ‘Juvenal Lamartine’, 1982,p.66.

⁴²⁰ Idem, ibidem, p.70

terreno destinado à construção de uma casa para alojamento das estudantes das cidades circunvizinhas⁴²¹».

Além disso, o aumento do nível de escolaridade feminina estimulou as mulheres a ingressarem no mercado de trabalho, tendo muitas dessas jovens exercido as funções de professora, funcionárias públicas, tarefas que de certa forma eram vistas como uma continuidade dos ofícios tradicionalmente femininos. Entretanto, conforme o discurso do prefeito Francisco de Assis Medeiros, na Câmara Municipal de Caicó, percebemos que as relações de gênero são um fator decisivo para o exercício de certas funções e que as mulheres, por ocuparem espaços diferentes daqueles ocupados pelos homens, são mal remuneradas. Ao falar do magistério primário ele

(...) apresentou um mapa discriminativo do magistério primário do município, e disse que, quando assumiu a Prefeitura, as subvenções das professoras, mensalmente, era de Cr\$ 25,00. A Câmara fez votar um aumento, para Cr\$ 36,00, que não era a metade do salário-mínimo da época. Depois, em 1971, passaram a perceber um salário de Cr\$ 151,20 – salário-mínimo, que a professora MP-2, intermediária percebe Cr\$ 92,00. Das 101 professoras do município, poucas ganham menos do salário mínimo da região⁴²².

Percebemos aqui que o magistério primário da cidade de Caicó era exercido exclusivamente por mulheres. Além do magistério, as pessoas do sexo feminino na cidade de Caicó eram maioria entre as empregadas domésticas, lavadeiras, vendedoras ambulantes, artesãs e funcionárias públicas; enquanto as pessoas do sexo masculino exerciam as funções de médicos, advogados, juízes de direito, dentista, empresários, militares, entre outras. Nesse sentido, com a maior presença das mulheres no espaço público encontramos vários projetos de lei solicitando a construção de novos espaços destinados às mulheres, a exemplo de lavanderias localizadas nos bairros periféricos da cidade, um sanitário público feminino no Mercado Público, construção de uma escola de Jardim da Infância, de Costura, bordados, aplicação, clube das Mães, entre outros. Ainda conforme Francisco de Assis Medeiros, a prefeitura não possuía secretarias.

A prefeitura era um prefeito e um secretário geral. Uma pessoa que fazia tudo... Eu quando cheguei criei Secretaria de Finanças, criei Secretaria de Educação, criei Secretaria de Serviço Social (educação e serviço social eram duas mulheres: Maria das Neves Medeiros, e outra que casou e mora em

⁴²¹Ata da Terceira Sessão Ordinária da Quinta Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas*. (manuscrito). Caicó. 05 de Nov. de 1964.

⁴²²Ata da Décima e Quarta Sessão Legislativa Ordinária da Sétima Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas*. (manuscrito). Caicó. 20 de abril de 1972.

Recife), a Secretária de Saúde era mulher ...as mulheres tiveram grande oportunidade, eu abri, apesar de ser uma inovação eu ter criado aquelas secretarias que ainda hoje estão de pé na prefeitura. Eu pus as mulheres dentro da prefeitura⁴²³.

Além disso, é válido destacar que no momento que as mulheres caicoenses estavam deixando a esfera privada, seja em busca de diversão, conhecimento ou trabalho, Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Valle tiveram seus nomes gravados no espaço urbano da cidade. E como já citamos anteriormente, esses espaços tiveram antes outras denominações e a exemplo de outros logradouros da cidade, tiveram suas denominações alteradas. É também significativo destacar que a prática de nomear e renomear os espaços públicos é uma atitude comum do Poder Municipal, prefeito e vereadores, escolhidos tanto por pessoas do sexo masculino, como pessoas do sexo feminino, para representá-los.

Devemos destacar também, que a substituição de vários topônimos assinalam os sinais de uma outra cidade. Assim, em busca dessa nova cidade, encontramos o caso em que o ex-prefeito de Caicó, Francisco de Assis Medeiros (1969-1973), tendo como pretexto facilitar o trabalho dos carteiros e impedir danos aos destinatários, que muitas vezes recebem suas correspondências com atraso, pelo fato delas irem parar em cidades cujos nomes coincidem com as ruas de Caicó, alterou o nome da rua Serra Negra para Avenida Carlindo Dantas que acabou levando, na época, o prefeito da cidade de Serra Negra a retirar o nome Rua Caicó da cidade de Serra Negra. Acresce a esse fato que o vereador Joaquim Gaspar Filho, ao defender que seja sugerido ao representante do Poder Executivo municipal

(...) a campanha ‘Mantenha sua cidade mais limpa’ um slogan, em colaboração com a imprensa caicoense, dando-se um melhor aspecto a nossa cidade, dentro do período consagrado as festividades do Natal e dia de ano. E, para que se concretize essa idéia, deverá o Chefe do Executivo providenciar a aposição de depósitos, com legendas alusivas à campanha, em número suficiente, em frente as casas comerciais e nas principais artérias públicas da cidade, quais sejam, Avenidas Seridó, Cel. Martiniano e Dr. Carlindo Dantas, consideradas o cartão de visita, e ainda por darem acesso ao visitante da nossa terra, e que os mesmos tenham uma boa impressão quanto à limpeza das artérias públicas de nossa cidade⁴²⁴.

Desse modo, devemos destacar que o senhor Francisco de Assis Medeiros ao alterar o nome da Rua Serra Negra, buscou imortalizar seu amigo pessoal Carlindo Dantas⁴²⁵, para isso rebatizou uma das principais vias de Caicó com o seu nome. Salientamos que

⁴²³ MEDEIROS, Francisco de Assis. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Acari, 06 de abril de 2012

⁴²⁴ Ata da Décima e Quarta Sessão Legislativa Ordinária da Sétima Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas*. (manuscrito). Caicó. 24 de Nov. de 1971.

⁴²⁵ Carlindo Dantas foi médico e deputado estadual, tendo sido assassinado no ano de 1967

a maternidade de Caicó foi fundada em 1947, tendo sua denominação alterada para Maternidade Mãe Quininha em 1966. Suas instalações, apesar das reformas pelas quais passou ao longo dos anos, permanecem no mesmo local de sua fundação atual Avenida Carlindo Dantas⁴²⁶.

É importante lembrar que as denominações dos espaços públicos podem ser consideradas tanto como pontos de referência, como uma analogia entre a representação e o que ele representa. Nesse sentido, uma das principais ruas de Caicó, onde se localizava um hospital, recebeu o nome de um médico. Nesse sentido, o ex-prefeito ao homenagear Carlindo Dantas, com o nome de uma das principais ruas de Caicó, buscou ao mesmo tempo exaltar o seu amigo e fazer alusão à medicina, profissão exercida pelos médicos nos hospitais.

Já no tocante à Mãe Quininha, é preciso destacar que ela era mãe do Monsenhor Walfredo Gurgel e que, no ano da renomeação da maternidade, o seu filho, Walfredo Gurgel, ocupava o cargo de governador do Estado. Nesse sentido, Mãe Quininha teve seu nome materializado em uma das mais importantes instituições da cidade, situada em uma rua de grande visibilidade deste local. Ainda é possível destacar que ao renomearem a Maternidade buscou-se mediar o local, hospital onde partos eram realizados, com a função de parteira, exercida pela homenageada.

Como já mencionamos acima, a Rua São José e a Rua Seis de Julho tiveram também seus nomes substituídos por Rua Generina Vale e Rua Júlia Medeiros, conforme projeto de Lei nº 23/73, proposto pelo ex-prefeito Francisco de Assis Medeiros. Ainda é possível afirmar que o ex-prefeito, buscando que a primeira rua de Caicó com denominação feminina fosse um logradouro de grande visibilidade, escolheu a Rua São José. Essa rua era uma via importante da cidade, pois como já discutimos no primeiro capítulo, nela se encontrava a usina de beneficiamento Exportadora Dinarte Mariz S.A, fundada por volta do ano de 1944, localizando-se na esquina da antiga Rua São José com a Avenida Seridó. Também devemos lembrar que na década de 1960, o Cine Alvorada se localizava nesse logradouro.

Fazendo referência à Rua 6 de Julho que passou a se chamar Rua Júlia Medeiros devemos frisar que essa era uma rua pequena e estreita que está voltada para as margens do Rio Seridó e meses antes de ser rebatizada foram realizados serviços de alargamento com a finalidade de possibilitar a passagem de veículos. Ainda é significativo lembrar que essa rua por ser estreita e curta teve suas casas construídas praticamente coladas umas as outras facilitando com isso a prática dos mexericos entre os vizinhos daí esse logradouro público ser

⁴²⁶ MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Op.Cit.* p.130.

também conhecido como Rua do Peido pois, dizia-se que bastava que um morador da primeira casa soltasse um peido para que o morador da ultima casa o escutasse.

Lembremos que o surgimento dos primeiros antropônimos femininos coincide com o período no qual as mulheres caicoenses vão começar a receber outros tipos de homenagem. Portanto, encontramos freiras, professoras, diretoras, Assessora da Secretaria de Educação, Secretaria de Educação e Cultura e a própria irmã de Generina Vale sendo agraciadas com títulos de Cidadãs caicoenses. Conforme Danilo César Souza Pinto

Tudo se passa como se no processo de homenagem, muitas vezes por intermédio do homenageado, aquele que oferece a honraria atingisse um público ainda maior- algo muito semelhante a uma extensão pretensamente metonímica, já que uma homenagem a uma pessoa tem a capacidade de atingir, por extensão (retórica, que seja), um grupo⁴²⁷.

Nesse sentido, o homenageado ou o propositor da homenagem estende a honraria, e a parte (homenageada) aciona um todo - grupo que também se sente considerado. Assim, os vereadores ao escolherem homenagear uma freira, uma professora, uma diretora, a Assessora da Secretaria de Educação, a Secretaria de Educação e Cultura e a própria irmã de Generina Vale, estavam buscando agradar não só a essas mulheres mas também à Igreja, às professoras, costureiras e familiares dessas personalidades.

Enfim, podemos afirmar que em Caicó o surgimento dos primeiros logradouros e equipamentos urbanos (maternidade e escola) com nomenclatura feminina está associado ao período de modernização e urbanização que transformaram de forma significativa o aspecto econômico, social, político e cultural da sociedade caicoense. Também vale frisar que esse momento é marcado pelo retorno do movimento feminista, o qual influenciou mudanças na vida das mulheres caicoenses, entre elas o ingresso no mercado de trabalho, consequência do aumento da escolaridade das mulheres. Nesse sentido, após termos discutido os fatores que motivaram o surgimento dos primeiros antropônimos femininos nos questionamos a partir dos nomes de Joaquina Dantas, Júlia Medeiros e Generina Vale; Que valores elas monumentalizam? O que elas representavam?

A presença das mulheres na toponímia urbana da cidade de Caicó

Partimos da idéia de que os espaços batizados com os nomes Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale são biografias monumentalizadas as quais fixam as memórias

⁴²⁷ PINTO, Danilo César Souza. Homenagens do Legislativo: uma etnografia dos processos simbólicos do estado. Tese, São Carlos, 2013, p. 118.

coletivas dessas mulheres. Nesse sentido, a escolha dos nomes dos lugares sinalizam que elas foram imortalizadas. Abordando a imortalidade, Regina Abreu destaca que

Para o culto do eu, a memória é vital. É preciso salvar do esquecimento, do esfumaçamento provocado pela morte, individualidades tão ricamente elaboradas. O sujeito busca então a eternização na memória dos outros sujeitos, guardando e arquivando testemunhos evocativos de suas obras e realizações. Desse modo, acredita-se poder superar, ao menos em parte, a tragédia da mortalidade humana. A questão da imortalidade adquire sentido plenamente laico. Pois, durante muito tempo, a memória permanecia impregnada de um sentido religioso. Atribuía-se a imortalidade não aos indivíduos, mas, sim, às almas individuais. Estas podiam sobreviver indefinidamente após a morte. Agora, não. Mais do que tudo, é o indivíduo em, sua realização após a morte. Agora, não. Mais do que tudo, é o indivíduo em sua realização terrena, material que é preciso salvar⁴²⁸.

Também devemos afirmar que Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale, ao serem imortalizadas, tornaram-se modelos e exemplos, passaram a ser mais veneradas, imaginadas do que conhecidas, esfera de uma monumentalidade que as distanciou da realidade mundana, convertendo-as em obra da imaginação criadora. É importante ainda destacar que elas foram escolhidas pelo Poder Público Municipal como forma de transmitirem de modo simplista e homogêneo o ideal feminino proposto aos cidadãos caicoenses. Desse modo, precisamos ressaltar que a escolha dos nomes de Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale não foi uma ação ingênua, aleatória, já que os nomes dos lugares sempre trazem uma mensagem. Em alguns casos eles representam aquilo que os grupos sociais privilegiados pensam da história e do mundo.

Segundo Carlo Ginzburg⁴²⁹, que discute a origem do termo representação, a origem do mesmo remonta ao século XIII, denominando-se *representátion* aos bonecos de cera mostrados com o corpo dos reis franceses e ingleses, quando eles morriam. Enquanto o rei era velado, a presença do boneco se constituía em um tipo de testemunho à transcendência e sua presença no mundo dos mortos. O boneco objetivava lembrar aos presentes que o rei tinha adquirido outra forma e uma outra vida começava para o soberano. Desta forma, o rei continuava apesar de morto, presente.

Desta maneira, desde a sua origem a expressão representação, está relacionada a um modo contemplativo de narração do mundo. O autor traz a dupla definição da representação, que constitui ausência e visibilidade de algo recorrendo aos séculos XIII e XIV, para apontar como imagens de cera eram empregadas como representação, que ao mesmo tempo

⁴²⁸ ABREU, Regina. *Op.Cit.* p.100.

⁴²⁹ GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*, 2001.

asseguravam a ausência do rei já falecido e sua presença, já que o boneco é como se o rei permanecesse ali. Neste sentido, o ato de homenagear figuras distintas que se destacaram entre tantos, por suas ações nomeando bairros, ruas, praças e levantando estátuas se constitui numa prática de rememorar aos moradores pessoas que apesar de mortas (ausentes), continuam presentes (visíveis).

Sandra Jatahy Pesavento⁴³⁰, ainda destaca que a representação do mundo é parte concebida da realidade, sendo capaz de adquirir uma força maior para a existência que o real concreto e que permanece, pois, mergulhados num ‘mundo que se parece’ mais real que a própria realidade. Também Roger Chartier, destaca que “(...) a representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; de outro, é a apresentação de uma presença, a apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa.⁴³¹”

Nesse sentido, podemos afirmar que a exemplo dos bustos de mulheres analisados pela historiadora Mariana Pereira Nunes Varzêa, os antrotopônimos também apresentam

(...) uma dupla dimensão biográfica. A primeira remete à vida, as memórias–experiências de cada uma destas mulheres. A segunda remete a um discurso normativo, a bronzificação da memória. Surge então uma dupla temporalidade do feminino. A da vida vivida e a vida desta mulheres para a sociedade que as transformou em símbolo. Neste sentido, a biografia monumental se assemelha à hagiografia, que também tem um caráter de dupla memória⁴³².

Márcia Pereira dos Santos e Teresinha Maria Duarte, ao analisarem a memória católica que veio da Europa para o Brasil, a partir da colonização e das posteriores missões, por meio das biografias de santos e santas, nos informam que a hagiografia é um gênero literário o qual possui como objeto, a vida dos santos e

(...) se constituiu como meio de elaboração e preservação da memória de santos e santas católicos. Escritas segundo um padrão narrativo que atendia à normatividade do que era ser santo ou santa para a Igreja Católica, a narrativa hagiográfica pode ser tomada como expressão de deveres de memória: a) da Igreja em relação aos santos e santas, pois eram a garantia que seus exemplos de vida não seriam esquecidos, aliás seriam imitados e, portanto, perpetuados; b) da comunidade de fiéis em relação a santos e santas, pois o acesso às histórias de vidas santificadas, impunha aos fiéis, modelos de comportamento que deveriam reger suas vidas; e, c) da comunidade de fiéis em relação à Igreja, pois a hagiografia era, também,

⁴³⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário. In_: *Revista Brasileira de História*, 1995.

⁴³¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Op. Cit., p.184.

⁴³² VÁRZEA, Mariana Nunes Pereira. Op. Cit, p.41.

uma narrativa que adequava a vida do santo ou santa às normas e regras eclesiásticas, sendo assim, uma forma de educar o povo no catolicismo⁴³³.

As vidas dos santos, contadas pela hagiografia, é a consolidação das concepções de uma consciência coletiva. Ainda podemos lembrar que a partir de um olhar histórico e sociológico é possível projetar as fases, considerar o funcionamento e precisar a situação cultural desse gênero literário. Desse modo, a partir das reflexões de Márcia Pereira dos Santos e Teresinha Maria Duarte, a respeito da hagiografia, é possível interpretar as biografias monumentais como um discurso, que ora se apõe, ora se distancia, do discurso hagiográfico. Já que esse último pode ser pensado como um ‘lugar de memória’, mobilizado por um dever de memória, que diz respeito não aquilo que aconteceu, mas ao que é exemplar.

Isso se dá, na medida em que a vida do santo ou santa deve ser tida como modelo a ser seguido tanto pelos fiéis quanto pela própria instituição. Ambos devem inspirar-se nas vivências, lições, sofrimentos, oblações e milagres para reger suas vidas. Logo, as hagiografias podem ser entendidas como o lugar onde se busca ajuda quando alguém se perde do caminho da vida cristã. Dessa forma, a Igreja, ao tentar reger a escrita hagiográfica toma para si o dever de memória para com o santo ou santa, tornando-os esteio de sua vivência. Esse dever, consagrando-se na ritualística própria que lembra o santo – institucionalização de um dia do santo, por exemplo –, mas também em práticas prosaicas como nomeação de igrejas e paróquias – Igreja de São Paulo, Paróquia de São Francisco, Mosteiro de São Bento, entre outros – tornam-se meio de cristalizar esses santos e santas como marcos do passado cristão e que, portanto, não devem jamais ter seus nomes esquecidos⁴³⁴.

Michel de Certeau⁴³⁵ ainda destacou que a vida dos santos é registrada na vida da igreja, de uma comunidade ou de um grupo. Entretanto, devemos enfatizar que apesar do grupo já existir, a vida dos santos é capaz de moldar a consciência que o grupo tem de si mesmo ao associar sua imagem a um lugar. Já no tocante às biografias monumentais, essas são caracterizadas pela singularidade. Nesse sentido, os antropônimos podem ser vistos aqui como símbolos, cujo homenageado é aquela pessoa que vê o mundo de um modo diferente, que se faz unânime e livre dos obstáculos impostos pela estratificação social.

Além do mais, devemos destacar que a virtude, é uma característica comum tanto às hagiografias quanto às biografias monumentais, daí ser possível falar em discursos de virtudes. Na hagiografia,

(...) a virtude se aproxima do extraordinário e do maravilhoso, designando o exercício de poderes sobrenaturais. A virtude se alia ao milagre. No segundo

⁴³³ SANTOS, Márcia Pereira dos; DUARTE, Teresinha Maria. *A escrita hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos*, 2010, p.01

⁴³⁴ Idem, *ibidem*, p.03-04.

⁴³⁵ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*, 2011, p.268.

caso o discurso da virtude tem um fundamento moral, ligado ao momento da comunidade e à conjuntura sócio-cultural. A virtude se alia à política⁴³⁶.

Nesse sentido, buscaremos discutir a partir da imprensa, de atas e de entrevistas, quais virtudes foram atribuídas à Mãe Quininha, Júlia Medeiros e Generina Vale, que justificam elas terem sido homenageadas? Para uma melhor análise de cada homenagem, elas serão distribuídas seguindo a inserção cronológica da nomeação dos espaços urbanos da cidade de Caicó. Assim, iniciaremos investigando as homenagens a Mãe Quininha.

Mãe Quininha

A ‘Associação de Manutenção da Maternidade e Proteção à Infância de Caicó: Maternidade de Caicó’ criada no ano de 1947, foi transformada em meados do ano de 1966 em Maternidade ‘Mãe Quininha’. Entretanto, apesar da Maternidade ter sido renomeada com o nome de Mãe Quininha, no ano de 1966, encontramos nas páginas do Jornal *A Folha*, a seguinte nota ‘Mãe Quininha, o símbolo da ternura’. Nessa nota o jornalista defende que Mãe Quininha deveria ter seu nome fixado na toponímia urbana de Caicó. E ele ainda defende que a mesma deve ser homenageada em vida, pois

(...) ela de corpo vivo e presente verá que aquela gente lhe soube ser grata por tudo quando ela fez pela sua cidade, pela sua terra, pelo seu povo. Agora, que se dê a três por dois, a troco de bolo o nome de qualquer avenida ou a qualquer outra coisa, não isso eu discordo⁴³⁷.

Lembremos pois, que em relação à denominação dos logradouros, essas homenagens só devem ser realizadas após a morte do cobiçado homenageado e a exemplo da “(...) Igreja Católica prescreve um tempo para a beatificação também acho natural que se espere um tempo para reconhecer publicamente uma pessoa com nome de rua.⁴³⁸” É importante destacar que a não aceitação de se homenagear pessoas vivas com nomes de logradouros públicos se dá em razão de nada impedir que essa pessoa de conduta exemplar venha cometer antes de morrer algum ato infame. Entretanto, desconsiderando essa idéia, o jornalista defendeu que ela deveria receber o tributo em vida pois, “uma homenagem (...) ‘post mortem’ só tem valor para terceiros e quando muito, para a família do homenageado⁴³⁹”. Entretanto, a mesma só foi homenageada depois de sua morte, pois como atesta o jornalista

⁴³⁶ VÁRZEA, Mariana Nunes Pereira. *Op. Cit*, p.45.

⁴³⁷ MONTEIRO, Erildo L’Eraistre. Mãe Quininha, o símbolo de ternura. *Jornal A Folha*, Caicó. 14 de novembro de 2011. Ano VI. Numero 298.

⁴³⁸ PINTO, Danilo César Souza. *Op.Cit*, p.143-144.

⁴³⁹ Idem, ibidem.

Existem certas Câmaras no País em que seus vereadores votaram que certas pessoas por mais que se projetassem em prol de um trabalho em benefício da comuna, por mais que se tornassem criaturas merecedoras de homenagens mais justas da terra, não poderiam ter seus nomes em praças ou ruas, avenidas ou prédios públicos, enquanto elas ainda estivessem vivas. Pessoalmente, acho que isso é a coisa mais absurda do mundo. Em Caicó, por exemplo! temos a praça Dr. José Augusto, ainda vivo, que no meu modo de pensar, foi a coisa mais justa e honesta que o meu povo [...] fez. Perguntaríamos: de que nos serviria a praça com este nome se porventura o Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros não existisse mais?⁴⁴⁰

O jornalista ainda afirmou que Mãe Quininha deveria ser homenageada por ter sido parteira e ajudado muitas mulheres na hora do parto. Entretanto, é importante lembrar que ela não era a única parteira da cidade mas, para o jornalista ela deveria ser homenageada pelo fato de apesar de ter enviuvado

(...) continuou a erguer a sua própria personalidade, traçando sob as bases da cristandade e do verdadeiro sentido da maternidade a sua vida. Educou a sua própria prole e graças aos seus santos ensinamentos, a sua perene bondade e à sua ternura forjou homens que se projetam fora dos limites de nossa terra e porque não dizer, até mesmo no além mar, como foi o caso do menino Walfredo Gurgel, o brioso, culto e exemplar seminarista que o Rio G. do Norte, o Brasil e particularmente Caicó mandou para o Seminário Brasileiro em Roma, na Itália⁴⁴¹.

Vemos pelo relato acima que uma forma utilizada pelo jornalista para reforçar o valor de Mãe Quininha foi acrescentar a viuvez, as qualidades relativas da maternidade, fazendo menção aos filhos, citando o nome de um deles. Ainda conforme Moacy Cirne⁴⁴², no dia 26 de fevereiro de 1966, o diretor do *Jornal A Folha*, Padre Itan Pereira, escreveu dias depois da morte de Mãe Quininha

Há pessoas no mundo que não se pertencem. São patrimônio comum de uma gente, de uma geração, de uma sociedade, de uma história. E por quê? Porque pela sua missão se tornaram símbolos. Tornaram-se representantes. Tornaram-se síntese⁴⁴³.

Nesse sentido, podemos perceber que havia um interesse do *Jornal A Folha* em fixar o nome Mãe Quininha na toponímia urbana da cidade. Mas, por quê? Bem inicialmente, ressaltamos que o *Jornal A Folha* era uma produção da Diocese, que circulou entre os anos de 1954 a 1967, fundado pelo Monsenhor Walfredo Gurgel, (filho de Mãe Quininha). Ainda conforme Marcos Antônio Alves de Araújo, o *Jornal A Folha* buscava consolidar e fortalecer

⁴⁴⁰ Idem, ibidem.

⁴⁴¹ Idem, ibidem.

⁴⁴² CIRNE, Moacy. *A invenção de Caicó*, p.80.

⁴⁴³ Idem, ibidem.

a estereotípiia positiva instituída pela elite da cidade, formada pela classe econômica e politicamente dominante de Caicó, a qual estava preocupada em agenciar o desenvolvimento da cidade nos anos de 1950 e 1960. Assim, encontramos em suas folhas notícias da política local, do país, do mundo, propagandas, crônicas e colunas sociais publicadas por membros da Igreja, intelectuais e profissionais liberais, os quais buscavam construir as representações da cidade, constituindo anseios e aspirações do ser moderno, como também fazendo censuras à modernidade, na medida que buscavam estabelecer exemplos e regras a serem seguidos. Desse modo, “(...) a mulher caicoense, [era] representada (...) com papel e tinta de uma moral católica, teria que ser disciplinada e domesticada para a casa, para o marido e para os filhos, investida de elementos para o bem-casar.”⁴⁴⁴,

Com isso, permite-se afirmar que os articulistas do Jornal *A Folha*, ao defenderem a monumentalização de Mãe Quininha, tinham dois objetivos: 1º) afirmar por meio do antropônimo de Mãe Quininha o modelo da esposa exemplar, boa-mãe, caridosa, viúva perfeita, chefe da família, a qual, para alcançar a sua autêntica autoridade diante da família e da comunidade precisou se invalidar enquanto mulher, abrir mão de seus prazeres, de sua beleza, de sua juventude, de sua sexualidade; 2º) prestar um tributo à mãe de Walfredo Gurgel “(...) legítimo representante de uma elite político-religiosa da cidade (...)”⁴⁴⁵. No entanto, a mesma só foi monumentalizada pelo Poder Público depois de morta, vendo-se a Maternidade como local ideal para que esse vulto feminino fosse cultuado.

É significativo ainda lembrar que a figura de Mãe Quininha foi lembrada na comemoração solene do dia das Mães, realizada no Instituto de Educação, no ano de 1960. Conforme o Jornal *A Folha*, ela foi lembrada “(...) como exemplo da mãe caicoense. Usou da palavra o Mons. Walfredo Gurgel, com eloquência, enaltecendo a data da nossa mais querida.”⁴⁴⁶ Ainda devemos advertir que antes desses tributos à Mãe Quininha, o seu esposo também já tinha sido homenageado, passando a figurar na toponímia urbana de Caicó desde 1949, pois como já discutimos no primeiro capítulo, o Abrigo construído no bairro Paraíba recebeu a denominação de Abrigo Dispensário Prof. Pedro Gurgel. Já o seu filho Walfredo Gurgel, como já discutimos anteriormente, também foi imortalizado ao ter se tornado o patrono de um bairro, de uma escola e de uma praça com o seu nome.

⁴⁴⁴ ARAÚJO, Marcos Antônio Alves. *Sobre pedras, entre rios: Modernização do Espaço urbano de Caicó* (1950/1960), p.116.

⁴⁴⁵ Idem, *ibidem*, p.32.

⁴⁴⁶ (Sem Autoria). Dia das Mães, no Instituto de Educação. *Jornal A Folha*. Caicó 14 de maio 1960, Ano VII. Número 323.

Generina Vale

No que diz respeito à renomeação da Rua São José para Rua Generina Vale, o ex-prefeito Francisco de Assis Medeiros nos relatou, em entrevista, que teve o cuidado de evitar trocar o nome de uma rua, que já homenageava uma pessoa para homenagear a senhorita Generina Vale. Isso porque o ex-prefeito, sabendo que a troca do nome de um logradouro público que homenageia uma pessoa por outra é problemática, pois os topônimos são convertidos em monumentos cuja função é rememorar pessoas e práticas exemplares, tendo em vista o domínio de um grupo sobre a coletividade, falou de forma engraçada “(...) botei o nome que tinha sido de São José, e São José nunca reclamou”

Entretanto, conforme a Senhora Maria do Rosário Vale, afilhada da homenageada, nos relatou em entrevista que certa vez presenciou um morador da atual Rua Generina Vale se posicionar contrário à mudança do nome da rua. Diante de tal acontecimento, ela perguntou ao morador se ele sabia quem tinha sido Generina Vale. Ele, desconhecendo o grau de parentesco dela com a homenageada, respondeu: ‘Deve ter sido alguma rapariga⁴⁴⁷’. A partir desse acontecimento é possível perceber o tom de indignação do morador, pois esses nem sempre eram informados do motivo da mudança da denominação do logradouro e nada a respeito da vida do homenageado. Existindo assim, uma espécie de agressão à memória, à identidade e à história de Caicó isso porque uma das funções dos antropônimos é enaltecer os mortos, para lisonjear ou ferir os vivos. Nesse sentido, podemos afirmar que os feridos foram principalmente os domiciliados no logradouro.

Já no tocante aos vivos que foram lisonjeados, o ex-prefeito Francisco de Assis Medeiros, ao justificar o tributo à senhorita Generina Vale, destaca que um dos motivos que o levou homenageá-la foi o fato dela ter sido a primeira mulher do Rio Grande do Norte a ser presidente de um Banco. Ou seja, o senhor Francisco de Assis Medeiros, ao homenageá-la faz menção a uma mulher moderna, independente e voluntariosa para a época que presidiu o banco; ela aventurou-se no mundo da razão, transitando em um espaço reconhecido como masculino. Desse modo, ao homenagear Generina Vale o ex-prefeito de Caicó buscou agradar ao mesmo tempo às mulheres e aos servidores do banco.

O ex-prefeito ainda em entrevista, lembrou-se da família de Generina Vale. Para isso, ele destacou que a homenageada era cunhada do ex-juiz de direito de Caicó, Augusto

⁴⁴⁷ Prostituta

Monteiro e que D. Maria Vale- irmã de Generina Vale - enfrentou dois grandes dramas na vida: a morte do marido e posteriormente da filha que morreu em um acidente automobilístico

entre Jardim do Seridó e Caicó e matou Eunice (ela assistiu Eunice morrer, e morreu pedindo socorro,e ela no meio da estrada com o motorista sem pode fazer nada). Foi a maior tragédia que eu vi, porque eu era vizinho, eu era menino; e lembro o choro, a agonia de dona Maria Vale (...)⁴⁴⁸

Desse modo, ratifica-se a homenagem à Generina Vale, agradando-se seus parentes, às mulheres e servidores do Banco. Além disso é importante destacar que, conforme já discutimos no primeiro capítulo, o cunhado⁴⁴⁹, o pai⁴⁵⁰ e o tio⁴⁵¹ de Generina Vale além de terem sido políticos, também já tinham sido imortalizados na toponímia urbana de Caicó. Partindo-se dessa observação e da entrevista do ex-prefeito de Caicó podemos destacar que Generina Vale foi homenageada pelo pioneirismo, ou seja, pelo fato de ter sido a primeira mulher à frente de um Banco, lugar reconhecido como masculino; por ser membro de uma família importante da cidade e pelo fato dela ter sido vizinha do ex-prefeito quando ele ainda era uma criança.

Júlia Medeiros

Conforme nos relatou em entrevista, Adauto Guerra Filho, quando ele migrou, no ano de 1971, de Cruzeta para Caicó foi morar com os pais na Rua 6 de Julho, mas no ano de 1973 trocaram o nome da via para rua Julia Medeiros. A homenageada tinha sido lembrada meses antes pelo vereador Severino Fernandes, em sessão da Câmara Municipal de Caicó, ao tomar conhecimento do falecimento da mesma, na cidade de Natal, como

(...) uma das primeiras professoras do Grupo Escolar Senador Guerra, ministrando com abnegação o ensino primário naquele estabelecimento, e ainda com muita influência política-social na nossa terra, tendo exercido o mandato de vereadora por duas, legislatura desta Câmara, prestando assim, relevantes serviços a Caicó, não podia deixar de registrar nos anais desta Casa, o desaparecimento daquela que foi educadora e legisladora, sempre com o maior desprendimento que lhe era peculiar. E, por estas

⁴⁴⁸ MEDEIROS, Francisco de Assis. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Acari, 06 de abril de 2012

⁴⁴⁹ Augusto Monteiro

⁴⁵⁰ Manoel Vale

⁴⁵¹ Olegário Vale

considerações, peço aos meus nobres colegas que se faça um minuto de silêncio, em homenagem póstuma a D. Júlia Medeiros, o que foi cumprido⁴⁵².

Acrescentou o senhor Aduino Guerra Filho, que seu tio que era pedreiro e construiu várias casas dessa rua, ao mencionar a alteração da nomenclatura da rua, dizia ao sobrinho: “Se eu fosse rico, essa rua ia ter meu nome”. Ou seja, essa frase dita pelo tio do Sr. Aduino Guerra Filho expressa que o poder econômico se destaca na toponímia caicoense. É importante ainda destacar que economia e política andam de mãos dadas, ou seja, na maioria das vezes, os políticos de Caicó são grandes proprietários rurais e/ou comerciantes. Nesse sentido, nos é permitido afirmar que o tributo demonstra ao mesmo tempo, pertencimento e proximidade com o poder político. E esse poder excede a política e a economia, alcança a cultura do lugar, estabelecendo, deste modo, um elemento bastante vigoroso na constituição da identidade cultural.

Devemos evidenciar que o ex-prefeito Francisco de Assis Medeiros, ao ser questionado a respeito de Júlia Medeiros, nos informa que quando criança morava próximo à casa dela e que a mesma era freguesa da mercearia do senhor José Adelino de Medeiros (pai do ex-prefeito), chegando ao ponto de interferir na escolha do nome da mercearia, fato já discutido no primeiro capítulo. Ele ainda destaca que ela era uma pessoa calma, culta, afinada com as novas teorias. Entretanto, ela não possuía o entusiasmo de sair pelas ruas de Caicó em passeatas exigindo a libertação da mulher, a exemplo das mulheres participantes da segunda onda do movimento feminista. Recordemos que o movimento feminista difundiu-se pelo mundo; com isso, sutiãs passaram a ser queimados nas ruas; passando-se a exigir libertação sexual. Nesse sentido, se multiplicaram frases como: “Diferentes, mas não desiguais!”, “Direito ao prazer!”, “Nosso corpo nos pertence!”, “O privado também é político!” Desse modo, as feministas sempre foram vistas com certa suspeita e qualquer tipo de manifestação era encarada como políticas e moralmente inconvenientes.

Também um outro lugar que será batizado com o nome Júlia Medeiros será a Escola Profissionalizante Júlia Medeiros localizada na Avenida Coronel Bembém, bairro Paraíba. Ressalvemos ainda que no ano de 1972 começou a tramitar na Câmara Municipal o projeto de criação da Escola Profissional de Caicó. E no dia 16 de abril de 1975, a mesma foi inaugurada com o nome de Escola Profissionalizante Júlia Medeiros; sendo uma prática comum batizarem as escolas com nomes de educadores, ainda que estes não possuíssem nenhuma relação com a escola batizada. É significativo ainda enfatizar que a escola não se

⁴⁵² Ata da Vigésima Sessão Legislativa Ordinária da Sétima Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas*. (manuscrito). Caicó. 29 de agosto de 1972.

localiza em uma das nossas principais artérias públicas. E dois dias depois da inauguração da escola que tem Júlia Medeiros como patrona, o vereador caicoense Joaquim Gaspar Filho

(...) pronunciou-se favorável a uma moção de aplauso à mulher caicoense, assinalando a participação do legislativo numa homenagem merecida, no momento em que se comemora o Ano Internacional da Mulher, congratulando-se com a presença aos trabalhos, da mulher caicoense tida como ‘a expressão maior da harmonia, da paz e sinceridade que todos nós almejamos’⁴⁵³

É importante lembrar que a I Conferencia Internacional da Mulher foi realizada no ano de 1975, no México. A Organização das Nações Unidas (ONU) proferiu os próximos dez anos como a década da mulher. Também no Brasil, no ano de 1975, houve uma semana de discussões denominada ‘O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira’, com o apoio do Centro de Informações da ONU.

Enfim, a toponímia da cidade de Caicó é assinalada pelo processo de nomeação e renomeação dos logradouros públicos. Além disso, percebemos que a ausência das mulheres caicoenses na toponímia urbana de Caicó, até o ano de 1966, demonstra que a mulher não era vista como responsável pela formação dos valores locais, nem como força construtiva do poder local. E por fim, devemos mencionar que o modelo de mulher a ser seguido pelas jovens caicoenses eram de mulheres católicas, caridosas, emancipadas intelectualmente e/ou profissionalmente, mas não sexualmente.

⁴⁵³ Ata da Décima Terceira Sessão Legislativa Ordinária da Oitava Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas*. (manuscrito). Caicó. 18 de abril de 1975.

Considerações Finais

Considerações Finais

Como já foi discutido anteriormente, a cidade de Caicó no ano de 2006 possuía 616 logradouros públicos, sendo 89 com denominação feminina. Ainda é oportuno destacar que além da superioridade numérica de espaços com nomes de pessoas do sexo masculino, também os locais e logradouros públicos de evidência na paisagem urbana de Caicó possuem nomes masculinos. E por último, descobrimos que a cidade só ganhou seus primeiros locais e logradouros públicos com nomes de mulheres caicoenses entre o final da década de 1960 e início dos anos 1970. Nesse sentido, notamos de modo inconfundível, na toponímia de Caicó, uma notória discriminação contra as mulheres. Assim, buscando compreender porque a cidade de Caicó só instituiu seus primeiros locais e logradouros públicos com nomes de mulheres, entre o final da década de 1960 e início dos anos 1970, optamos por começar discutindo as mudanças espaciais na cidade de Caicó, desde sua formação como vila, até os anos 1970. Neste sentido, ao discutirmos os significados e a função dos topônimos na formação e modificação da urbe, constatamos que as designações dos primeiros logradouros da cidade eram atribuídas pela população e muitos desses nomes foram escolhidos tendo como referência elementos da natureza, (Rua do Sol), prédios públicos, (Rua da Cadeia), igrejas, (Praça do Rosário), ou morador ilustre (Rua dos Medeiros).

Entretanto, com o passar do tempo muitos desses nomes foram substituídos, visando construir uma memória relacionada aos episódios sociais, políticos e econômicos de um período. Então, vamos encontrar na cidade de Caicó, durante o Império, a Rua Sete de Setembro, a Praça da Independência e a Rua da Independência. E com a conseqüente mudança do sistema político do Império para a República, as cidades brasileiras passaram a sofrer mudanças urbanas e as elites passaram a defender que o Brasil carecia se modernizar e buscar o progresso segundo o padrão europeu. Desse modo, os ideais de progresso e civilização inspiraram a elite de Caicó, as quais passaram a modificar a configuração urbana da cidade, a partir da edificação de prédios públicos.

Além disso, verificamos que a nomenclatura dos locais e logradouros públicos de épocas anteriores foi modificada. E os novos locais e logradouros públicos passaram a ser batizados com nomes de representantes do poder nacional (Praça Washington Luís), do poder local (Praça José Augusto) e do poder religioso (Praça D. José Delgado). Portanto, os locais e logradouros públicos de Caicó se tornaram recanto de homenagens aos detentores do poder secular do Estado e do poder religioso. Ainda é significativo destacar que muitos desses

homenageados pertenciam a famílias tradicionais que ocuparam o poder político, econômico e religioso na cidade e no Estado. Ou seja, a existência de tributos a representantes do poder político e religioso e a indivíduos reconhecidos da comunidade local, nos leva a compreender que nomear é dotar certas pessoas de prestígio social e fazer delas modelos para a construção da identidade coletiva da cidade.

Também é válido frisar que a maioria dos locais e logradouros públicos possui nomes de homens que exerceram as funções de coronéis, capitães, intendentes, padres e bispos. Assim sendo, apesar do número de logradouros públicos com denominação feminina ter se acentuado enormemente a partir do ano de 1973, quando a cidade de Caicó só possuía duas ruas com nomes de mulher, não podemos deixar de destacar, a partir dessa diferença numérica, que a toponímia da cidade continua sendo um lugar de discriminação contra as mulheres

E as razões que explicam o fato das mulheres estarem ausentes da toponímia urbana de Caicó, até os anos de 1960, é que durante séculos predominou a idéia de que as mulheres tinham por função ficarem em casa cuidando dos filhos, sendo o trabalho realizado fora de casa relacionado com a ideia de miserabilidade. Também devemos lembrar que predomina a idéia de que a rua é um espaço caracterizado pela agressividade, infortúnio, hostilidade e combates; com isso, as pessoas do sexo feminino nas ruas eram vistas como indivíduos desprotegidos. Nesse sentido, a rua era considerada um espaço estritamente masculino, existindo assim uma lógica em batizar esses espaços com nomes de pessoas do sexo masculino. Lembremos também que durante gerações a mulher foi proibida de votar e ser votada, dessa forma, os representantes do poder público eram homens que homenageavam outros homens.

Entretanto, a partir dos anos de 1930 e 1940, as exigências das mulheres começaram a ser atendidas; a exemplo do direito de poderem votar e serem votadas, de ingressarem nas instituições escolares e de participarem do mercado de trabalho. Conforme a autora Mary Del Priore, a partir da segunda metade do século XX “(...) o país viveu um momento de ascensão da classe média. Ampliava-se, sobretudo para as populações urbanas, as possibilidades de acesso à informação, ao lazer e ao consumo⁴⁵⁴”. No tocante às transformações econômicas no Brasil, o presidente Juscelino Kubistchek programou um projeto desenvolvimentista, gerando um surto industrial, fato que contribuiu definitivamente para uma forte urbanização do Brasil. E em Caicó, as usinas de beneficiamento e comercialização de algodão estimularão o

⁴⁵⁴ DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*, p.301.

processo migratório de pessoas do campo e das cidades circunvizinhas para a cidade, em busca de novas oportunidades de trabalho, educação, saúde e lazer que acarretaram a expansão do seu sítio urbano.

Consideremos, que o aumento populacional e a expansão do sítio urbano de Caicó coincidiu com a ditadura militar e com a segunda onda do movimento feminista, o qual questionou a idéia de destino biológico reprodutor das mulheres. Para as feministas, as mulheres tinham o direito de vivenciarem sua sexualidade e afetividade. Assim, o surgimento da pílula anticoncepcional nos anos 1960, possibilitou as mulheres dissociarem a atividade sexual da reprodução, com um substancial ímpeto em suas vidas. Ou seja, a pílula anticoncepcional possibilitou que as mulheres pudessem ter uma vida sexual e escolherem ter ou não ter filhos, quando tê-los e quantos não tê-los. É ainda válido destacar que esse período será marcado pelo significativo ingresso das mulheres na escola e a sua entrada no mercado de trabalho. Entretanto, esse processo de qualificação fortaleceu a relação existente entre o gênero feminino e certas atividades profissionais vistas como atributos femininos. Portanto, vamos encontrar as mulheres caicoenses exercendo as funções de professoras, secretarias, vendedoras, lavadeiras, engomadeiras, babás e domésticas. Essas profissões são desvalorizadas socialmente por serem consideradas de menor habilidade técnica ou científica. Nesse sentido, há uma constante hierarquia de gênero destinando os melhores cargos e os maiores salários para as pessoas do sexo masculino.

As três primeiras mulheres caicoenses homenageadas e que tiveram seus nomes gravados na toponímia urbana de Caicó foram: Joaquina Dantas Gurgel, Generina Vale e Júlia Augusta de Medeiros. A partir da análise de suas trajetórias pessoais buscamos discutir as relações de gênero presentes na cidade de Caicó e suas transformações ao longo dos últimos cinquenta anos. Para isso, articulamos uma série de questionamentos visando orientar a pesquisa. Nesse sentido, as primeiras questões levantadas aqui foram as seguintes. - Quem eram essas três caicoenses? - Que lugares e espaços elas ocuparam em Caicó?

É importante lembrar que essas mulheres nasceram e vivenciaram muitas das alterações econômicas, sócio-culturais e políticas, conectadas com a ocorrência da Segunda Guerra Mundial, a qual teria promovido a abertura de espaços para as mulheres. Também é importante destacar que a Segunda Guerra Mundial e seus principais desdobramentos geraram importantes alterações na cidade de Caicó. Entre elas, as melhorias urbanas e o desenvolvimento de atividades no setor secundário, (usinas de beneficiamento), e terciário (lojas, escolas, hospitais, banco), as quais motivaram a gradativa incorporação das mulheres ao mercado de trabalho. Logo, as mulheres caicoenses passaram a serem vistas fazendo

compras em lojas, indo e vindo do trabalho e se divertindo nos cinemas, bailes e praças. Também é importante lembrar que a ativa entrada das mulheres caicoenses no espaço público estava vinculada ao reconhecimento delas como sujeitos, seja dando opiniões, seja refletindo, seja participando diretamente da vida política. Devemos ainda acrescentar que a expansão econômica da cidade, instituiu a necessidade de atividades e de serviços bancários. Assim, este processo estimulou, por exemplo, a utilização do trabalho feminino no Banco Rural de Caicó, tendo sido o cargo de gerente ocupado por Generina Vale, que a levou a ter destaque na cidade. Entre as justificativas utilizadas pelo prefeito Francisco de Assis Medeiros para batizar uma das ruas de Caicó com o seu nome foi, justamente, o fato da homenageada ter ocupado um cargo de chefia no Banco, espaço que geralmente era ocupado por pessoas do sexo masculino.

Também Júlia Medeiros ocupou vários espaços públicos, ao exercer o magistério, a atividade jornalística e a atividade política. Nesse sentido, podemos afirmar que ela ao ocupar esses espaços rejeitou as funções de mãe, esposa e dona de casa que eram consideradas como “naturais” ao sexo feminino. Ainda é importante lembrar que a participação de Júlia Medeiros no magistério, sua participação na imprensa, suas práticas filantrópicas e o avanço do feminismo acabaram por abrir caminhos para que ela chegasse à Câmara Municipal, sendo a primeira mulher a ocupar o cargo de vereadora na cidade. Nesse sentido, podemos afirmar que ela representa a mulher moderna, independente e voluntariosa. Ela tinha lucidez nas determinações, aventurou-se no mundo da razão e transitou em espaços reconhecidos como masculinos.

Já Joaquina Dantas Gurgel, a Mãe Quininha, representa a imagem da viúva perfeita, segundo os princípios morais e católicos, à medida que, mesmo tendo enviuvado muito jovem, permaneceu fiel à memória de seu esposo, mantendo o recato público e devotando-se à criação de seus filhos, tendo, para isso, que assumir a tarefa de provedora do lar. Ela simboliza a líder de família que, no entanto, para manter o respeito público e a autêntica autoridade diante da família e da comunidade, precisou se anular enquanto mulher, abrir mão de seus prazeres, de seus encantos físicos, de sua mocidade, de sua sexualidade.

Também devemos ressaltar que ela exerceu profissões que eram entendidas, naquele período, como as mais apropriadas ao sexo feminino, como a de costureira, artesã, doceira e parteira, atividades que no imaginário social do período, eram apreciadas como profissões apropriadas às mulheres. Nos papéis sociais que exerceu em vida encontram-se as justificativa para que a mesma tivesse seu nome perpetuado na toponímia da cidade. Sua vida simbolizaria valores como o cuidado com o próximo, a bondade, a caridade, o recato, o sacrifício, o

pioneirismo, a maternidade e a religiosidade, vistos socialmente como associados ao feminino. Ela representaria valores e possuía qualidades que deveriam ser seguidas pelas novas gerações de mulheres da cidade.

Nesse sentido, é pertinente aqui destacar que mulheres como Mãe Quininha, Generina Vale e Júlia Medeiros não temeram o seu presente, cheio de convencionalismos, incoerências e limitações. Enfim, devemos frisar aqui que essas três mulheres são fruto de seu tempo. Além de terem nascido e vivido no mesmo período, também foram contemporâneas no tocante às homenagens. A presença de seus nomes na toponímia urbana de Caicó marcou e simbolizou um processo de mudanças que vinha ocorrendo, no que se refere às relações de gênero e ao lugar ocupado pelas mulheres socialmente. Suas trajetórias de vida bastante singulares deixam perceber que já era possível às mulheres não apenas dar nome a espaços, mas ocuparem espaços e lugares antes proibidos para elas. Se foram pioneiras em ter seus nomes imortalizados na toponímia da cidade é porque souberam e tiveram coragem de ser pioneiras também em suas vidas.

Acervos, Fontes e Referências

Acervos, Fontes e Referências

ABREU, Regina. *A Fabricação do Imortal: memória, história e estratégia de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

ALBUM Fotográfico – Caicó, Ontem e Hoje. Caicó, 1994.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 3. Ed – Recife: FJN, Ed. Massagana, 2006.

_____. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no nordeste do começo do século. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 34, p. 89-103, 2001. Editora da UFPR.

ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ANDRADE, J. B. F. *Caicó, RN: Uma cidade entre a recusa e a sedução*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007, (Dissertação de Mestrado em História).

ARAÚJO, Douglas. *A Morte do Sertão Antigo no Seridó: o desmoroamento das fazendas agropecuárias em Caicó e Florânia (1970-1990)*. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006.

ARAÚJO, Marcos Antonio Alves. *Sobre pedras, entre rios: Modernização do Espaço urbano de Caicó (1950/1960)*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010, (Dissertação de Mestrado em Geografia).

_____. Caicó/RN em papel e tinta: representações da cidade no jornal A Fôlha (1954-1958). *Rev. Espacialidades [online]*. 2010, vol. 3, n. 2. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/espacialidades/v3n2/marcos.pdf>>

ARAÚJO, Maria Marta de. *Origens e Tentativas de Organização da Rede Escolar: Da colônia a primeira República*, Campinas, 1979. Tese (Doutoramento em Educação) - Universidade Estadual de Campinas.

ARAÚJO, Marta Maria. Padre Francisco de Brito Guerra: um educador ilustrado em Caicó no começo do século XIX. ARAÚJO, Ausônio Tércio; DANTAS, Eugênia Maria; MEDEIROS, Maria das Dôres; MACÊDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Mestres do Seridó: Memórias*. volume 1, Natal, RN:Uma, 2006

ARAÚJO, Maria Marta de; MEDEIROS, Maria das Dôres. Investigando a história da festa da Senhora Sant'Ana de Caicó (1695-1968). In: Encontro Regional da ANPUH-RN, 1., 2004, Natal. *Anais...* Natal: ANPUH/RN, 2004. 1. CD-ROM.

ARAÚJO, Radilson Costa. Praça da Liberdade ou Praça Senador Dinarte Mariz. In: MACEDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Caicó: uma viagem pela memória seridoense*, UFRN, SEBRAE, Natal: SEBRAE/RN, 2003.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

ARISTON, Eunice. *Olegário Vale: o idealista*. Natal: Editora RN Econômico, 2004.

_____. *Nesgas de uma cidade*: Caicó. Natal: RN/Econômico, 2010.

ASSIS, Sandra Maria de. Mulheres da Vila, Mulheres da Vida Vila do Príncipe (1850 – 1900). In: *Mneme- Revista de Humanidades*, Caicó, v. 03. n. 05, abr./mai. de 2002. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme>

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Unesp, 2011.

BASTOS, Gelyce Ramos. *Microtoponímia de Santa Maria da Vitória: os logradouros públicos*. Barreiras, 2010, (Monografia de Conclusão de Licenciatura em Letras) - Universidade do Estado da Bahia.

BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLACK, Jeremy. *Mapas e História: construindo imagens do passado*. Bauru: Edusc, 200

BORGES, Cláudia Cristina do Lago. A Cor da Oração: Uma Irmandade Negra no Sertão do Seridó no Século XVII. Anais do II Encontro Internacional de História Colonial. *Mneme-Revista de Humanidades*, Caicó, v. 9, n. 24, Set/Out. 2008. Disponível em: <www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais>

BRASIL. Ministério da Cultura. *Dossiê IPHAN [Festa de Sant'Ana]*. Brasília: Iphan, 2010. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=1866>>

BRITO, Anderson Dantas da Silva; MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. Em Nome(s) de Caicó: a toponimização espacial sob os olhares da República e dos republicanos. XXVI *Simpósio Nacional de História*. 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300872496_ARQUIVO_ARTIGOANP_UH2011.pdf>

BRITO, Anderson Dantas da Silva. *Em Nome(s) dos Interesses: Imaginários toponímicos do Rio Grande do Norte na Primeira República*. Natal, 2012, Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BRITO, Paula Sônia de. *A luta do Bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos (Caicó-RN, 1941-1951)*. Natal, 2004, Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

_____. O Programa Escolar e Extra-Escolar do Colégio Santa Teresinha do Menino Jesus (Caicó-RN, 1925-1928). Disponível

em:<<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo03/Paula%20Sonia%20de%20Brito%20-%20Texto.pdf>>

BRITO, Thaís Fernandes Sales de. *Bordados e bordadeiras: Um estudo sobre a produção artesanal de bordados em Caicó/RN*. São Paulo, 2010, Tese (Doutoramento em Antropologia Social).

BUENO; Almir de Carvalho; PEREIRA; Ariane de Medeiros. Processos-crime e micro-história: perspectivas e limitações um estudo de caso. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

Caicó. Fundação José Augusto. Centro de Pesquisas ‘Juvenal Lamartine’, 1982.

CALLIPO, Daniela Mantarro. Espaço e Memória nas “Balas de Estalo” de Machado de Assis. *Revista TriceVersa*. Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Linguísticos e Culturais, Assis, v.2, n.2, nov.2008-abr.2009. Disponível em : <www.assis.unesp.br/cilbelc>

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano I*. Petrópolis, Vozes, 1994, p.169-220.

_____. *A escrita da história*. 2ª edição. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CIRNE, Moacy. *A Invenção de Caicó*. Sebo Vermelho. Natal, 2004.

CÔRREA, Roberto Lobato. Formas simbólicas espaço algumas considerações. *Geographia*. nº 17, v. 9, 2007. Disponível em:<<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/212/204>>

COSTA, Ana Alice Alcantara. *As donas no poder: Mulher e política na Bahia*. Salvador: NEIM/UFBA -Assembléia Legislativa da Bahia. 1998. (Coleção Bahianas; 02).

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. *História do amor no Brasil*. 2ª ed – São Paulo: Contexto, 2006

D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Unesp, 2011.

DIAS, Reginaldo Benedito. A História além das placas: os nomes de ruas de Maringá (PR) e a memória histórica, Londrina: *Hist. Ensino*, v. 6, p. 103-120, out. 2000

DICK, Maria Vicentina P. do Amaral. *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo (1554-1897)*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

DICK, Maria Vicentina P. do Amaral. *Aspectos de etnolingüística a toponímia carioca e paulistana contrastes e confrontos*. *Revista USP*, São Paulo, n.56, p. 180-191, dezembro/fevereiro 2002-2003.

DINIZ, Elizabeth. *Mãe Quininha: a poderosa mulher do Seridó*, 1ª edição, (Editora: Particular da Autora), 2006.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordeste. In_: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Unesp, 2011

FARIA, Carlos Eugênio. *Eventos geográficos e a expansão urbana de Caicó: Desigualdades e coexistências na urbe*. Natal, 2010, Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FARIA, Erivan Ribeiro .Memória de Italianos na Vila do Príncipe. In:MORAIS,Grinaura Medeiros de; DANTAS Eugenia Maria. (Org.). *Livro de Memórias*. João Pessoa: IDEIAS, 2006. v. 01.

FELIX, Ezequiel; MOREIRA, Aldo; FREIRE, Francisca Daise Galvão. *Júlia Medeiros, peso na tradição, desejo de liberdade*. Caicó, 1997, Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

FELIPE, José Lacerda. A (re)invenção do lugar: Os Rosados e o “país de Mossoró”. In_: *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano VI, nº 10, p.33-49, jan/jun 2001.

FOOT HARDMAN, Francisco *A vingança da Hileia: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. Editora: Editora da Unesp, 2009

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 15 ed. Rio de Janeiro: Graal. 2003.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão – São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In_: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/Unesp, 2011.

GRUZINSKI, Serge, *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner*. São Paulo, Companhia das Letras, 2006

GUERRA FILHO, Adauto. *O Seridó na memória de seu povo*. Natal (RN): Departamento Estadual de Imprensa, 2001.

KNAUSS, Paulo. Estudo da imaginária urbana. In.: *Encontro Regional de História. ANPUH-RJ-julho/1998.* (Comunicação). Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org/conteudo/view?ID_CONTEUDO=307>

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC Rio, 2006.

LAMARTINE, Juvenal. *Velhos costumes do meu sertão*. Editora: Sebo Vermelho/Coleção Mossoroense, 2010.

LAMARTINE, Pery. *Coronéis do Seridó*. Sebo Vermelho, Natal, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994, p. 423-483.

LEITE, Márcia Maria da Silva B. *Educação, Cultura e Lazer das Mulheres de Elite em Salvador, 1890- 1930*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1997, (Dissertação de Mestrado em História).

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa, 1953.

LIMA, Jailma Maria. *Partidos, Candidatos e Eleitores: O Rio Grande do Norte em Campanha Política (1945-1955)*. Niterói, 2010, Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Fluminense.

LIPOVETSKY, Gilles .*O Império do Efêmero* : a moda e seu destino nas sociedades modernas ; tradução Maria Lucia Machado. São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In.: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LUCENA, Lindomar Vale (Coord.). *Rastos Caicoenses*. Caicó: Coleção Mossoroense, 1982.

MACEDO, Helder de Alexandre de Medeiros. *Ocidentalização, territórios e populações indígenas no sertão da Capitania do Rio Grande*. Natal, 2007, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

_____. Percepções dos colonos a respeito da natureza no sertão da Capitania do Rio Grande. *Revista Topoi* . n. 14, v. 8, jan.-jun. 2007

_____. Freguesia da Gloriosa Senhora Santa Ana do Seridó: historicidade e produção do território. *Revista Espacialidades*, v. 01, nº 0, 2008, Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/espacialidades/v1n0/helder.pdf>>

MACEDO, M. K. *A Penúltima Versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense*, Natal: Edições Sebo Vermelho, 2005.

MACEDO, M. K.; Garcia, Tânia Cristina Meira ; BRITO, P. S. ; MEDEIROS, M. D. ; FELIX FILHO, F. . *Colégio Diocesano Seridoense: imagens do tempo e do espaço escolares*. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Sebo Vermelho, 2012. v. 1.

MAIA, Cláudia de Jesus. *A Invenção da Solteirona: Conjugalidade moderna e terror moral Minas Gerais (1890-1948)*, Brasília, 2007, Tese (Doutoramento em História) - Universidade de Brasília.

MALUF, M; MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In.: SEVCENKO, N. (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

MEDEIROS, Francisco Canindé. *O Arco do Triunfo- Um Tributo à Nossa Senhora de Fátima*. In_: MACEDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Caicó: uma viagem pela memória seridoense*, UFRN, SEBRAE, Natal: SEBRAE/RN, 2003.

MEDEIROS, José Augusto Bezerra. *Seridó*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980.

MEDEIROS, José Hélio. *Breve Genealogia da Família Vale*, 2009,

MEDEIROS, Maria das Dôres; ARAÚJO, Marta Maria. As celebrações da Festa da Gloriosa Senhora Sant'Ana de 1930 (Caicó-RN). In: MORAIS, Grinaura Medeiros de; DANTAS, Eugênia. *Livro de Memórias*. João Pessoa: Idéia, 2006.

MEDEIROS, Maria das Dores. O Grupo Escolar Senador Guerra e a Praça Dr. José Augusto de Medeiros. In_: MACEDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Caicó: uma viagem pela memória seridoense*, UFRN, SEBRAE, Natal: SEBRAE/RN, 2003.

MEDEIROS, José Lucena. *Capital Social e Igreja Católica: expressões e práticas no sertão do Seridó*. Natal, 2007, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de. Francisco de Brito Guerra e a Vila do Príncipe (Rio Grande do Norte, Século XIX). In: *XXV Simpósio Nacional de História ANPUH – Fortaleza*, 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0509.pdf>>

_____. *Cidade, sociabilidades e educabilidades (Príncipe, Rio Grande do Norte século XIX)*. Natal, 2011, Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

_____. Uma pedagogia da cidade e seus sentidos: o Príncipe (Rio Grande do Norte) e suas posturas municipais no século XIX. In: *VI Congresso Brasileiro de História da Educação - Invenção, tradição e escritas da História da Educação no Brasil*. Vitória: SBHE, 2011.

MEDEIROS, Rostand. A Primeira Eleitora do Seridó Potiguar. Disponível em: <<http://tokdehistoria.wordpress.com/2011/05/11/marta-medeiros-a-primeira-eleitora-do-serido-potiguar/>>. Acesso em: 20 dez. 2012.

MORAIS, Grinaura Medeiros. Pedro Gurgel do Amaral Oliveira: o professor e seus múltiplos ofícios. In_: ARAÚJO, Ausônio Tércio; DANTAS, Eugênia Maria; MEDEIROS, Maria das

Dôres; MACÊDO, Muirakytan Kennedy (Org.). *Mestres do Seridó :Memórias*. Natal, Uma, 2006.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Desvendando a cidade: Caicó em sua dinâmica espacial*. Brasília: Senado Federal, 1999.

_____. *Seridó Norte-rio-grandense: uma geografia da resistência*. Caicó: Ed.Autor, 2005.

MONTEIRO, Pe. Eymard L'E. *Caicó* (Subsídios para a história complementar do município). Recife, Escola Sales de Artes Gráficas, 1945.

NADER, Penha Mara Fernandes, *A sutileza da discriminação de gênero na nomenclatura dos logradouros públicos. Vitória (ES). 1970–2000*. Vitória, 2007, Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Espírito Santo.

NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. In: *Rev. Projeto História*. São Paulo: 1993. n. 10.

OLIVEIRA, Leticia Alves Corrêa. ISQUERDO, Aparecida Negri. *A figura da mulher na toponímia sul-mato-grossense: questões histórico-ideológicas*. Disponível em: <<http://www.propp.ufms.br/gestor/titan.php?target=openFile&fileId=612>>

OLIVEIRA, Iranilson Buriti. *Façamos a família a nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife moderno (décadas de 20 e 30)*. Recife, 2002, Tese (Doutoramento em História) - Universidade Federal de Pernambuco.

OLIVEIRA, Patrícia Cristina. *Lendo o Masculino pelo feminino: A construção de gênero Masculino no “Jornal das Moças”*. Caicó, 2003, Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ORIÁ, Ricardo. *A História em Praça Pública: os monumentos históricos de Fortaleza (1888-1929)*. Disponível em : <http://www.historia.uff.br/primeirosescritos/sites/www.historia.uff.br.primeirosescritos/files/p_e07-3.pdf>

PEIXOTO, Renato Amado. *Cartografias Imaginárias: estudos sobre a construção do espaço nacional brasileiro e a relação História & Espaço*. Natal: EDUFRN, 2011. v. 1.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário. In.: *Revista Brasileira de História*, v.15, n.29, São Paulo, 1995.

PETERSEN, Áurea Tomatis. *Trabalhando no Banco: Trajetória de Mulheres Gaúchas desde 1920*. Porto Alegre, 1999, Tese (Doutoramento em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário. In.: *Revista Brasileira de História*, v.15, n.29, São Paulo, 1995.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PINTO, Danilo César Souza. Homenagens do Legislativo: uma etnografia dos processos simbólicos do estado. São Carlos, 2013, Tese (Doutoramento em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos.

Plano de Desenvolvimento Sustentável da Região do Seridó do Rio Grande Do Norte. Volume 1: Diagnóstico. Caicó-RN, 30 de setembro de 2000.

RAGO, Margareth. *A Invenção do Cotidiano na Metrópole: Sociabilidade e Lazer em São Paulo, 1900-1950*, Disponível em <www.ufscar.br/~cec/arquivos/referencias/texto%20refeito%202004.doc>

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011

RAMOS, Jânia Martins & VENÂNCIO, Renato Pinto. Topônimos mineiros: uma fonte para a história social da língua portuguesa. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & CALLOU, Dinah (Orgs.). *Para a história do português brasileiro: notícias de corpora e outros estudos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002, vol. 4, p. 112-123.

RAMOS, Ricardo Tupiniquim. *Toponímia dos municípios da Bahia: descrição, história e mudanças*. Tese de Doutorado. Salvador: UFBA, 2006.

ROCHA NETO, Manoel Pereira da, MORAIS, Maria Arisnete Câmara. *Práticas de uma professora, sonho de um ideal: a contribuição de Júlia Medeiros na educação norte-rio-grandense* Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo6/386.pdf>>

ROCHA NETO, M. P. da. Júlia Medeiros: praticas múltiplas de uma mestra. In: ARAÚJO, Ausônio Tércio; DANTAS, Maria; MEDEIROS, Maria das Dores, MACEDO, Muirakytan K. de. *Mestres do Seridó: memórias*, volume 1, Natal, RN:Uma, 2006

_____. Júlia Medeiros: uma mulher a frente do seu tempo. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luis, MA – 12 a 14 de junho de 2008*.

_____. *Jornal das Moças (1926-1932): educadoras em manchete*. Natal, 2002, Dissertação (Mestrado em educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

_____. *A Educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930)*. Natal, 2005, (Tese de Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RONCAGLIO, Cynthia. *Pedidos e Recusas: mulheres, espaços, espaço público e cidadania*. (Curitiba, 1890-1934). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1994, Dissertação (Mestrado em História).

SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. Cemitérios Seridoenses: culto e memória. *Inter-legere*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 9, 2011.

SANTOS, Cláudio João Barreto dos. *Geonímia do Brasil: a padronização dos nomes geográficos num estudo de caso dos municípios fluminenses*. Rio de Janeiro, 2008. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SANTOS, Márcia Pereira dos; DUARTE, Teresinha Maria. *A escrita hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos*. Fazendo Gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010, Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf>

SANTOS, Maria Emília Vasconcelos dos. “*Moças honestas*” ou “*meninas perdidas*”: um estudo sobre a honra e os usos da justiça pelas mulheres pobres em Pernambuco imperial (1860-1888). Recife, 2007, Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do Espaço Habitado, Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia*. Hucitec.São Paulo 1988

_____. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

_____. *Espaço e Método*. 4ª edição, São Paulo: Nobel, 1997 (Coleção Espaços).

_____. *A Natureza do Espaço*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, Rosenilson da Silva. *O desejo, o relato e a prática da cidade: de como são produzidos territórios marginais na Cidade do Príncipe (1880-1900)*. Natal, 2011, Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: dom Pedro II, um monarca nos trópicos*.São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Sobre semelhanças e diferenças. In_: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SILVA, Edivalma Cristina. *Dos Atos Confessos aos Afetos Não-Ditos: Um olhar sob as múltiplas experiências femininas a partir da análise dos discursos jurídicos, jornalísticos e orais. Caicó-RN (1900-1945)*, Natal, 2009, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SILVA, Vanuza Souza. *O teatro de Lourdes Ramalho e a invenção da autoria nordestina*. Campina Grande, 2005, Dissertação(Mestrado em Sociologia da Cultura)- Universidade Federal de Campina Grande.

SILVA, Helenice Rodrigues. “*Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória*. Disponível em :<<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14006.pdf>>

SILVEIRA ,Maria Claurênia Abreu de Andrade. *Samarica Parteira – Uma das Mulheres de Luiz Gonzaga*.Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/1/GT02/28.pdf>>

SOIHET Rachel.História das Mulheres .In.:CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOUSA, Alexandre Melo. *Aplicação dos estudos toponímicos no Ensino Fundamental e Médio: propostas teórico-metodológicas*. 2007. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/764150>>

SOUZA, Célia Ferraz de. O sentido das palavras nas ruas da cidade. Entre as práticas populares e o poder do Estado (ou público). In.: BRESCIANI, Stella (org.). *Palavras da Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

SPINELLI, José Antonio. *Coronéis e oligarquias na Primeira República*, 2002.Disponível em: < http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/spinelli_05.pdf>

TEIXEIRA, Rubenilson Brazão; TRIGUEIRO ,Edja Bezerra Faria. A igreja, a casa de câmara e a praça: símbolos e relações de poder no espaço urbano colonial. *Mneme- Revista de Humanidades*. v. 9, n. 24, set/out. 2008. Disponível em:<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pdf_st3/rubenilson_st3.pdf>

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

_____. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

VÁRZEA, Mariana Nunes Pereira. *Mulheres de bronze*, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1995, (Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura)

Acervo do Arquivo Nacional

Fundo/Coleção: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Q0) – Notação: Correspondência 1931.77 – Carta de Júlia Medeiros para Carmen Portinho – 2 folhas

Fundo/Coleção: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Q0) – Notação: Correspondência 1929.69 –Telegrama de Bertha Lutz para Júlia Medeiros– 1 folha

Fundo/Coleção: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Q0) – Notação: Q0.ADM.EFI.AEN.1/1-3 – Documentos sobre a fundação da Associação de Eleitoras

Norteriograndenses

–

21

folhas

Fundo/Coleção: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Q0)–Notação: Q0.ADM.EFI.AEN.1/4-5 – Documentos sobre a Associação de Eleitoras Norteriograndenses –4folhas

Fundo/Coleção: Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (Q0) – Notação: Q0.ADM.EFI.AEN.1/1-3 – Relatórios e bases para reforma do estatuto da Associação de Eleitoras Norteriograndenses – 15 folhas

Acervo particular

Livro da Missa em Homenagem a Maria Vale, 2000

Título de eleitor de Júlia Medeiros

Arquivo da Câmara Municipal de Caicó

Ata da Primeira Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 01 de abril de 1952

Ata da Segunda Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 02 de abril de 1952

Ata da Décima Quarta Sessão Ordinária da Quinta Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 18 de julho de 1963.

Ata da Terceira Sessão Ordinária da Quinta Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 05 de Nov. de 1964.

Ata da segunda Sessão Ordinária da Quinta Legislatura Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 04 de novembro de 1965.

Ata da Sexta Sessão Ordinária da Sexta Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 08 de julho de 1970.

Ata da Décima e Quarta Sessão Legislativa Ordinária da Sétima Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 24 de Nov. de 1971.

Ata da Décima e Quarta Sessão Legislativa Ordinária da Sétima Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 20 de abril de 1972.

Ata da Vigésima Sessão Legislativa Ordinária da Sétima Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 29 de agosto de 1972.

Ata da Décima Terceira Sessão Legislativa Ordinária da Oitava Legislatura da Câmara Municipal de Caicó. *Livro de Atas.* (manuscrito). Caicó. 18 de abril de 1975.

Crônicas

ARAÚJO, Eldy Monteiro. Dona Maria Vale. In__: ARAÚJO, Lidiane, LUCENA, Lindomar Vale. *Rastos Caicoenses V*. Caicó: Coleção Mossoroense, 2012.

ARAÚJO, José Tadeu. As irmãs do Abrigo. In__: ARAÚJO, Lidiane, LUCENA, Lindomar Vale (Coords.). *Rastos Caicoenses III*. Caicó: Coleção Mossoroense, 1997.

ARAÚJO, Teresinha Dias de. A Rua da Cadeia Velha dos Anos 50 a 60. In__: ARAÚJO, Lidiane, LUCENA, Lindomar Vale. *Rastos Caicoenses V*. Caicó: Coleção Mossoroense, 2012.

DINIZ, Pedro. Os bailes do Caicó antigo. In__: LUCENA, Lindomar Vale (Coord.). *Rastos Caicoenses*. Caicó: Coleção Mossoroense, 1982.

SANTOS, Oberdan Damásio. Retratos da vida. In: ARAÚJO, Lidiane, LUCENA, Lindomar Vale (Coords.). *Rastos Caicoenses V*. Caicó: Coleção Mossoroense, 1997

TRINDADE, Iracema. O baile da festa. In__: LUCENA, Lindomar Vale (Coord.). *Rastos Caicoenses*. Caicó: Coleção Mossoroense, 1982.

Entrevistados

ARAÚJO, Monsenhor Antenor Salvino. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Caicó, 20 de março de 2012.

FILHO, Adauto Guerra. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Caicó, 06 de março de 2012.

MEDEIROS, Francisco de Assis. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Acari, 06 de abril de 2012.

MONTEIRO, Eldi. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Caicó, 16 de março de 2012.

MONTEIRO, Euza. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Caicó, 16 de março de 2012.

VALE, Maria do Rosário Araújo. Entrevista concedida a Cláudia Medeiros de Araújo. Caicó, 10 de julho de 2012.

Jornais e Revistas

(Sem Autoria). A Inauguração do Itans e as homenagens do Seridó ao governador do Estado. *Jornal A República*. Natal. 06 de fevereiro de 1936. In__: ARISTON, Eunice. *Nesgas de uma cidade: Caicó*. Natal: RN/Econômico, 2010.

(Sem Autoria). A ponte. *Jornal A Folha*. Caicó. 09 de fevereiro de 1957. Ano III. Número 154.

(Sem Autoria). ALSECOSA: uma força no desenvolvimento de Caicó. *Revista Caicó*, Natal: Clima Artes Gráficas Publicidade LTDA, 1978.

(Sem Autoria). Banco Rural. *Jornal A Folha*. Caicó. 26 de maio de 1955. Ano II. Numero 56.

(Sem Autoria). Campanha pró-Monumento de N.S. de Fátima. *Jornal A Folha*. Caicó. 17 de agosto de 1957. Ano IV. Número 18.

(Sem Autoria). Dia das Mães, no Instituto de Educação. *Jornal A Folha*. Caicó 14 de maio 1960, Ano VII. Numero 323.

(Sem Autoria). Festa de Santa Teresinha. *Jornal A Folha*. Caicó. 26 de Nov. de 1956. Ano II. Numero 91.

(Sem Autoria). *Jornal das Moças*. Caicó. 07 de março de 1926.

(Sem Autoria). *Jornal das Moças*, Caicó 15 de julho de 1927. In__ : *A Educação da mulher norte-rio-grandense segundo Júlia Medeiros (1920-1930)*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005, (Tese de Doutorado em Educação).

(Sem Autoria). *Jornal O Binóculo*. Caicó, 23 de julho de 1916. Sem I. Número 11.

(Sem Autoria). *Jornal O Povo*, Seridó, 12 de out. de 1889. In__ : MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

(Sem Autoria). *Jornal O Povo*, Seridó, 30 de mar. de 1890. In__ : MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

(Sem Autoria). Mais mulheres do que homens. *Revista Caicó*, Natal: Clima Artes Gráficas Publicidade LTDA, 1978.

(Sem Autoria). Saudade não tem idade. *Revista Caicó*, Natal: Clima Artes Gráficas Publicidade LTDA, 1978.

(Sem Autoria). *Revista Pedagogium*, n. 21, set/out. 1925.

Dr. Washington Luis. *Jornal das Moças*, Caicó, 15 ago. 1926.

DANTAS, Celso. Açude Itans. *Jornal Seridoense*, Caicó. 09 de março de 1920. In: ARISTON, Eunice. *Nesgas de uma cidade: Caicó*. Natal: RN/Econômico, 2010.

Enlace entre Junior – Dantas. *O Juvenil, Caicó*. 11 de maio de 1918. Numero 26. In: ARISTON, Eunice. *Nesgas de uma cidade: Caicó*. Natal: RN/Econômico, 2010.

Fórum, *Jornal O Povo*. Seridó, 7 de dez. de 1890.

MELO, Gleiber Dantas de. Família Dantas das Oiticicas. *Revista Monsenhor Walfredo Gurgel: 100 anos. Edição Comemorativa*, 2008.

MONTEIRO, Erildo L'Eraistre. Mãe Quininha, o símbolo de ternura. *Jornal A Folha*, Caicó. 14 de novembro de 2011. Ano VI. Numero 298.

Primeiro Casamento Civil. *Jornal O Povo*, Seridó, 17 de agos. de 1890. In: MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

Rapto. *Jornal O Povo*, Seridó, 24 de agost. de 1890. In: MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

Tinturaria. *Jornal O Povo*, Seridó, 02 de nov. de 1890. In: MEDEIROS FILHO, Olavo de. *Caicó, cem anos atrás*, Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

VALE, Júnior. Curiosidades: A Praça Dr. José Augusto. *Caicó: Revista Diga X Magazine*. Caicó. 02. Julho de 2007. Ano I

VALE, Olegário Gonçalves. O Seridó e seus patriarcas. *Jornal A Folha*. Caicó. 16 de maio de 1964. Ano III. Número 162.